

**“FILOSOFIA ESPÍRITA”**  
**AMOR DA SABEDORIA**  
**E**  
**FILOSOFIA GERAL**  
  
**VOLUME II DE IV**  
**de**  
**TALES DE MILETO a IBN KHALDUN**  
*(Evidenciando a atualidade e perpetuidade*  
*Da Filosofia Espírita)*

**Estruturado por**

*José Fleurí Queiroz*

*Com o objetivo de vincular*

**ALLAN KARDEC**

**J. HERCULANO PIRES**

*(O Filósofo para o século XXI)*

*e*

**EMMANUEL (Espírito)**



**LICEU ALLAN KARDEC – BURI-SP  
CENTRO ESPÍRITA “SINHANINHA”**

**“QUÊQUÊQUÊ – QUEIROZ”  
EDITORA**

(Querer para os outros o que queremos para nós)

**José Fleuri Queiroz**

Rua Inácio Xavier Luiz, n. 10. Vila Sene.

BURI-SP – CEP 18.290.000

Tel. (15) 3546-1191

E.m. [jose.fleuri@telefonica.com.br](mailto:jose.fleuri@telefonica.com.br)

## **AGRADECIMENTOS**

Reitero meus agradecimentos a todos que direta, ou indiretamente, motivam-me a continuar divulgando a maravilhosa Doutrina Espírita.

**FILOSOFIA ESPÍRITA**  
**AMOR DA SABEDORIA**  
**E**  
**FILOSOFIA GERAL**  
**(VOLUME II de IV – de TALES DE MILETO a IBN KHALDUN)**

**INTRODUÇÃO E AUTO-APRESENTAÇÃO**

Relembramos, aqui, a nossa proposta de elaboração de quatro volumes, com o título acima, conciliando, na medida do possível, a Filosofia Espírita e a Filosofia Geral, procurando demonstrar a superioridade, a atualidade e perpetuidade da primeira. Para esse fim, estamos recorrendo, principalmente, às obras de J. Herculano Pires (O Filósofo para o Século XXI) e de Emmanuel (psicografadas por Francisco Cândido Xavier), comprovando que a Doutrina Espírita, elaborada por ALLAN KARDEC, é “A FILOSOFIA”.

Como já afirmado no Volume I – Existencialismo e Interexistencialismo -, esta iniciativa é dirigida, preliminarmente, ao meio acadêmico em geral, ou seja, Faculdades de Filosofia, Direito e congêneres, onde detectamos a necessidade de um novo dinamismo no conteúdo programático das matérias escolares de suas responsabilidades. Por extensão, pretendemos lembrar ao leitor espírita a figura extraordinária de J. Herculano Pires que porfiou bravamente pela pureza doutrinária do Espiritismo, enfatizando seu caráter filosófico, como atestam seus inúmeros livros, principalmente os que foram escritos após ter galgado o título de Mestre em Filosofia, pela Universidade de São Paulo (USP).

Nosso primeiro volume (Existencialismo e Interexistencialismo) demonstrou a parcial identidade da Filosofia Existencial Contemporânea com a Filosofia Espírita, sendo que esta não só corrige aquela, quando necessário, como, também, a extrapola demonstrando e comprovando as relações interexistenciais, isto é, entre os Planos Físico e Espiritual.

Este trabalho parte do início da História da Filosofia, com Tales de Mileto chegando até Ibn Khaldun, sendo intercalados textos de vários autores e, dentre eles, como já dito, de J. Herculano Pires, Emmanuel e Allan Kardec. Tendo por alvo principal a divulgação da Filosofia Espírita, não tecemos nenhum comentário, deixando esse mister para os autênticos escritores e filósofos do futuro.

Pretendemos, nos demais volumes, III e IV, manter o mesmo critério, seguindo a cronologia Histórica da Filosofia: Moderna e Contemporânea.

Na qualidade de Mestre em Filosofia do Direito e do Estado (PUC-SP, 1998), Pós-graduado em Direito Penal – Especialização – (FMU-SP, 1996), Advogado Criminalista, Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil (aposentado, 1991), espírita atuante desde 1975 (de 1975 a 1990, junto à Federação Espírita do Estado de São Paulo, na capital paulista), dirigente do Liceu Allan Kardec (ainda embrião) e do Centro Espírita ‘Sinhaninha’, ambos em Buri-SP, e

tendo já lançado os seguintes livros: 1) A Educação Como Direito e Dever à Luz da Filosofia e do Direito Natural (Dissertação de Mestrado – 2.003); 2) Código de Direito Natural Espírita (2.006); 3) Suicídio É Ou Não É Crime? (2.007); 4) Ciência Médica e Medicina Espírita – Mediunidade Curadora (2.009); 5) Pena de Duração Indeterminada (2.009), todos pela mesma Editora Mundo Jurídico, Leme-SP, colocamo-nos sob o dever peremptório de dar prosseguimento à divulgação da maravilhosa Doutrina Espírita, através dos expoentes já fartamente mencionados, que sublimaram a figura incomparável de ALLAN KARDEC, cuja obra, tendo por fundamento os ensinamentos de JESUS CRISTO, jamais será superada.

Buri, 16 de Outubro de 2.009.

José Fleurí Queiroz.

**FILOSOFIA ESPÍRITA**  
**“AMOR DA SABEDORIA”**

**E**

**FILOSOFIA GERAL**

**ÍNDICE**

**PRIMEIRA PARTE**

**GENERALIDADES**

- 1) Filosofia. Revista Espírita. Fevereiro de 1860. ....12  
O Espiritismo se dirige aos que não crêem ou que duvidam (A. Kardec. Revista Espírita, 1863). O que os Professores de Filosofia Clássica ensinam sobre a “Alma”, e o que diz a Filosofia Espírita. O Espiritismo é, ao mesmo tempo, Ciência Experimental e Doutrina Filosófica. Credo Espírita. J. Herculano Pires (Livro os Filósofos – Preliminares).
- 2) História da Filosofia. Os Pensadores.....23  
Apresentação. A Jornada Inicial (O Pensamento Oriental). A Mesopotâmia, da Deusa-Mãe a Zoroastro. A Índia Antes de Buda. Os Mundos Complementares da China.
- 3) O Nascimento da Filosofia. A Revolução Grega.....27  
Micênios, dórios e a “idade das trevas”. O desenvolvimento da pólis. O mundo do mito e o mundo do logos. O que é o destino? Os homens abandonados à própria sorte. Democracia e filosofia. Os primeiros filósofos. Os pré-socráticos. O Movimento. A Physis.
- 4) A Grécia e a Missão de Sócrates (livro A Caminho da Luz). Nas Vésperas da Maioridade Terrestre.....33  
Atenas e Esparta. Experiências Necessárias. A Grécia. Sócrates. Os Discípulos. Provação Coletiva da Grécia.
- 5) Filosofia. (Livro O Consolador). Vida. Aprendizado. Experiência. Transição. Morte.....37

**SEGUNDA PARTE**

**OS FILÓSOFOS E SUAS DOCTRINAS**

- 1) Tales.....50
- 2) Anaximandro.....52
- 3) Anaxímenes de Mileto.....54
- 4) Pitágoras.....55
- 5) Pitágoras (livro Os Filósofos, J. Herculano Pires).....58  
Samos e Mileto. Egito e babilônia. Nasce a Filosofia. Os Mistérios da Vida. O Universo Matemático. A Estranha Morte.

6) Dois Caminhos Para a Filosofia. Heráclito. Parmênides. Zenão. Empédocles. Anaxágoras. Leucipo Demócrito.....	74
7) Heráclito.....	75
8) Parmênides.....	77
9) Zenão e os Paradoxos.....	78
10) O Movimento e o Átomo. Empédocles e Anaxágoras. Leucipo e Demócrito.....	79
11) Empédocles.....	79
12) Anaxágoras.....	80
13) Leucipo.....	81
14) Demócrito (Os Pensadores).....	82
15) Demócrito (Os Filósofos. J. Herculano Pires).....	84
O Escritor. Atomização do Mundo. A Construção Atômica. Os Fantasmas de Demócrito. Psicologia Moral. Hospedeiro da Morte.	

### **TERCEIRA PARTE**

#### **OS SOFISTAS**

1) A Relativização da Verdade.....	98
2) Protágoras (Livro. Manoel S. Marcos).....	99
3) Protágoras (Livro Os Filósofos. J. Herculano Pires).....	101
O Caçador de Homens. O Mercador e a Sabedoria. O Inventor e o Legislador. Condenação. Fuga e Morte. Ceticismo relativista. Filosofia e Sofística. Combate à Tradição. Gênese do Humanismo.	
4) Górgias (Livro. Manoel S. Marcos).....	117

### **QUARTA PARTE**

#### **SÓCRATES, PLATÃO E ARISTÓTELES**

1) Sócrates (Livro Os Filósofos. J. Herculano Pires).....	120
Loucura e Catalepsia. Difusão da Loucura. O Escultor e a Parteira. O Saber e a Virtude. O Homem do Povo. Condenação e Morte.	
2) Platão (Livro Os Filósofos. J. Herculano Pires).....	135
Platão e a Realidade (O Mito da Caverna). A Utopia Platônica.	
3) Aristóteles (Livro Os Filósofos. J. Herculano Pires).....	144
Aristóteles e a Substância. O Inventor da Lógica. A Ciência do Ser. A Última Viagem.	
4) A Filosofia Espírita. Precursores (Livro O Evangelho Segundo o Espiritismo). Princípios e regras Socráticos (Carlos Toledo Rizzi- ni).....	152

## QUINTA PARTE

### EPICURO. A CULTURA HELÊNICA. O DESENVOLVIMENTO DAS CIÊNCIAS. A CONTRIBUIÇÃO DE ROMA. PLOTINO

- 1) Epicuro (Livro Os Filósofos. J. Herculano Pires).....161  
Os Filósofos do Jardim. A Ataraxia. O Exílio dos Deuses. A Morte do Deus.
- 2) A Cultura Helênica.....175  
Cinismo e Ceticismo. Epicuro e a Medicina da Alma. O Estoicismo e a Vida Sem Paixões.
- 3) O Desenvolvimento das Ciências.....180  
Euclides e Aristarco. Eratóstenes e Arquimedes. A Medicina investiga o corpo. Ptolomeu (o “erro” de Ptolomeu).
- 4) A Contribuição de Roma. O desenvolvimento do Império.....185  
A Filosofia de Cícero. Marco Túlio Cícero. O surgimento do Direito. O Estoicismo Moral do Império. Sêneca e a arte de bem viver. Epicteto – O ex-escravo e o Imperador. Marco Aurélio Antonino.
- 5) Plotino (Livro Os Filósofos. J. Herculano Pires).....190  
A Trindade Universal. O Círculo da Justiça. A Luta Contra o Cristianismo.

## SEXTA PARTE

### ROMA O POVO ETRUSCO. PRIMÓRDIOS DE ROMA

#### LIVRO “A CAMINHO DA LUZ” – EMMANUEL

- 1) Roma. O Povo Etrusco. Primórdios de Roma.....201  
Influências Decisivas. Os Patrícios e os Plebeus. A Família Romana. As Guerras e a Maioridade Terrestre. Nas Vésperas do Senhor.
- 2) A Vinda de Jesus. A Manjedoura.....204  
O Cristo e os Essênios. Cumprimento das Profecias de Israel. A Grande Lição. A Palavra Divina. Crepúsculo de Uma Civilização. O Exemplo do Cristo.
- 3) O Império Romano e seus desvios.....208  
Os Abusos da Autoridade e do Poder. Os Chefes de Roma. O Século de Augusto. Transição de uma Época. Provações Coletivas dos Judeus e dos Romanos. Fim da Vaidade Humana.
- 4) Entre a Fé e a Razão. Clemente de Alexandria. Santo Agostinho. O Verbo em cada um. As cidades dos homens e de Deus.....212
- 5) A Edificação Cristã. Os Primeiros Cristãos.....218



A Propagação do Cristianismo. A Redação dos Textos Definitivos. A Missão de Paulo. O Apocalipse de João. Identificação da Besta Apocalíptica. O Roteiro de Luz e de Amor.

6) A Evolução do Cristianismo.....222

Penosos Compromissos Romanos. Culpas e Resgates dolorosos do Homem Espiritual. Os Mártires. Os Apologistas. O Jejum e a Oração. Constantino. O Papado.

7) A Igreja e a Invasão dos Bárbaros.....225

Vitórias do Cristianismo. Primórdios do Catolicismo. A Igreja de Roma. A Destruição do Império. A Invasão dos Bárbaros. Razões da Idade Média. Mestres do Amor e da Virtude.

## **SÉTIMA PARTE**

### **A IDADE MEDIEVAL**

#### **O IMPÉRIO BIZANTINO. O CRISTIANISMO. O ISLAMISMO. O FEUDALISMO. A INQUISIÇÃO**

1) Os Mensageiros de Jesus. O Império Bizantino.....231

O Islamismo. As Guerras do Islã. Carlos Magno. O Feudalismo. Razões do Feudalismo.

2) Os Abusos do Poder Religioso. Fases da Igreja Católica.....234

Gregório VII. As advertências de Jesus. Francisco de Assis. Os Franciscanos. A Inquisição. A Obra do Papado.

3) A Filosofia na Idade Média. Uma Nova Era Se Anuncia.....238

O nascimento da escolástica. Alcuíno. João Escoto Erígena. O nome da rosa (a “querela dos universais”). Santo Anselmo e Abelardo. Abelardo e Heloísa.

4) Abelardo (Livro Os Filósofos. J. Herculano Pires).....242

A Conquista do Mundo. Sic Et Non. O Desafio de Porfírio. Vício e Pecado. A Nova Teologia.

5) A Rica Cultura Islâmica. O valioso conhecimento árabe.....253

O Saber como obrigação. Avicena, médico e filósofo. Averróis e o direito à distância.

6) Santo Tomás de Aquino.....257

Um Caminho Até Deus. Absoluta e eterna perfeição. Um vida dedicada ao ensino. O homem, dono de seus atos.

7) A Escolástica chega do Fim. Boaventura e Lúlio.....260

S. Boaventura (franciscano). Raimundo Lúlio. A ciência de Grosseteste e Roger Bacon. A fé de Scot e Ockham.

8) IBN KHALDUN (Livro: Os Filósofos. J. Herculano Pires).....266

O Eterno e o Percível. Estágios da Vida Social.

9) As Cruzadas e o Fim da Idade Média (A Caminho da Luz. Emmanuel).....279

As primeiras Cruzadas. Fim das Cruzadas. O Esforço dos Emissários do Cristo. Pobreza Intelectual. Renascimento. Transmigração de Povos. Fim da Idade Medieval.

\*

BIBLIOGRAFIA.....283

**LICEU ALLAN KARDEC**  
**CENTRO ESPÍRITA “SINHANINHA”**  
**BURI-SP – SETEMBRO DE 2.009.**

**FILOSOFIA ESPÍRITA**  
**AMOR DA SABEDORIA**  
**E**  
**FILOSOFIA GERAL**  
*De Tales de Mileto até Ibn Khaldun*

**PRIMEIRA PARTE**

**GENERALIDADES**

## GENERALIDADES

**Revista Espírita. Tradução de Júlio Abreu Filho. EDICEL, SP, Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, 3 de fevereiro de 1860 – Médiun: Sr. Colin. Págs. 130/1.**

### 1) - FILOSOFIA

Escrevei isto: O homem! Que é ele? De onde veio? Aonde vai? Deus? A Natureza? A Criação? O mundo? Sua eternidade no passado, no futuro! Limite da Natureza, relações do ser infinito com o ser particular? Passagem do Infinito ao finito? – Perguntas que devia fazer o homem, criança ainda, quando viu pela primeira vez, com sua razão acima da cabeça, a marcha misteriosa dos astros; sob seus pés, a terra, alternativamente revestida com roupas de festa, sob o tépido sopro da primavera, ou coberta de um manto de luto, debaixo do sopro gelado do inverno; quando ele próprio, pensando, sentindo, se viu por um instante lançado nesse imenso turbilhão vital entre o ontem, dia de seu nascimento, e o amanhã, dia de sua morte. Perguntas que foram propostas a todos os povos, em todas as idades e em todas as suas escolas. E que, entretanto, não deixaram de ficar como enigmas para as gerações seguintes. Contudo, questões dignas de cativar o espírito investigador do vosso século e o gênio do vosso país. Se, pois, houvesse entre nós um homem, dez homens, com a consciência da alta importância da missão apostólica e vontade de deixar um traço de sua passagem aqui, para vos servir de ponto de referência à posteridade, eu lhes diria: Durante muito tempo transigistes com os erros e preconceitos da vossa época; para vós, a fase das manifestações materiais e físicas é passada; aquilo a que chamais de *evocações experimentais* já não vos pode ensinar grandes coisas, porque, na maioria dos casos, apenas a curiosidade está em jogo. Mas a era filosófica da doutrina se aproxima. Não vos demoreis mais tempo montados nas franquias do pórtico, em breve carcomidas, e penetrai corajosamente no santuário celeste, levando com firmeza a bandeira da filosofia moderna, na qual inscrevei sem medo: *misticismo, racionalismo*. Fazei ecletismo no ecletismo moderno; fazei-o como os Antigos, apoiando-vos na tradição filosófica, mística e legendária, sempre, porém, com o cuidado de não sair da *revelação*, facho que nos faltou a todos, recorrendo às luzes dos Espíritos superiores, votados missionariamente à marcha do espírito humano. Esses Espíritos, por mais elevados que sejam, não sabem tudo; só Deus o sabe; além disso, de tudo quanto sabem, nem tudo podem revelar. Onde ficaria, então, o livre arbítrio do homem, sua responsabilidade, o mérito e o demérito? E, como sanção, o castigo e a recompensa?

Contudo, podemos balizar o caminho que vos mostramos, com alguns princípios fundamentais. Portanto, escutai isto:

1. A alma tem o poder de retirar-se da matéria;
2. De elevar-se muito acima da inteligência;
3. Esse estado é superior à razão;
4. Ele pode colocar o homem em relação com aquilo que escapa às suas faculdades;

5. O homem pode provocá-lo pela prece a Deus, por um esforço constante da vontade, reduzindo a alma, por assim dizer, ao estado de *pura essência*, privada da atividade sensível e exterior; pela abstração, numa palavra, de tudo o que há de diverso, de múltiplo, de indeciso, de turbilhonamento, de exterioridade na alma;
6. Existe no *Eu* concreto e complexo do homem uma força completamente ignorada até hoje. Procurai-a, portanto.

Moisés, Platão, depois Juliano (Juliano, o Apóstata. Constantinopla, 331-Mesopotâmia 363, imperador romano (361-363). Embora cristão, foi instruído nas tradições pagãs e na filosofia neoplatônica. Apoiou o renascimento do paganismo).

\*

**Allan Kardec, em respeito à liberdade de consciência de cada um, assim se pronuncia na Revista Espírita, 1863, pág. 367:**

**O ESPIRITISMO SE DIRIGE AOS QUE NÃO CRÊM OU QUE DUVIDAM.**

“O Espiritismo se dirige aos que não crêm ou que duvidam, e não aos que têm fé, e a quem essa fé é suficiente; ele não diz a ninguém que renuncie às suas crenças para adotar as nossas, e nisto é conseqüente com os princípios de tolerância e de liberdade de consciência que professa. Por esse motivo não poderíamos aprovar as tentativas feitas por certas pessoas para converter às nossas idéias o clero, de qualquer comunhão que seja. Repetiremos, pois, a todos os espíritos: acolhei com solicitude os homens de boa-vontade; ofereci a luz aos que a procuram, porque com os que crêm não sereis bem sucedidos; não façais violência à fé de ninguém, muito mais quanto ao clero que aos seculares, porque semeareis em campos áridos; ponde a luz em evidência, para que a vejam os que quiserem ver; mostrai os frutos da árvore e deles dai de comer aos que têm fome e não aos que se dizem saciados.”

**O QUE OS PROFESSORES DE FILOSOFIA CLÁSSICA ENSINAM SOBRE A “ALMA”, E O QUE DIZ A FILOSOFIA ESPÍRITA.**

No livro “O Que é o Espiritismo” (Ed. FEB, 18<sup>a</sup>. edição, 1977, págs.188-190), Allan Kardec discorrendo sobre as “Conseqüências do Espiritismo”, destaca: “(...) Com a certeza do futuro, o homem espera e se resigna; com a dúvida perde a paciência, porque nada espera do presente. O exame daqueles que já viveram, provando que a soma da felicidade futura está na razão do progresso moral efetuado e do bem que se praticou na Terra; que a soma de desditas está na razão dos vícios e más ações, imprime em quantos estão bem convencidos dessa verdade uma tendência, assaz natural, para fazer o bem e evitar o mal. Quando a maioria dos homens estiver convencida dessa idéia, quando ela professar esses princípios e praticar o bem, este, impreterivelmente, triunfará do mal aqui na Terra; procurarão os homens não mais se molestarem uns aos outros, regularão suas instituições sociais – tendo em vista o bem de todos e não o proveito de alguns; em uma palavra, compreenderão que a lei de caridade ensinada pelo Cristo é a fonte da felicidade, mesmo neste mundo, e assim basearão as leis civis sobre as leis da caridade.

“A demonstração da existência do mundo espiritual que nos cerca e de sua ação sobre o mundo corporal, é a revelação de uma das forças da Natureza e, por conseqüência, a chave de grande número de fenômenos até agora incompreendidos, tanto na ordem física quanto na moral. Quando a Ciência levar em conta essa nova força até hoje desconhecida, retificará imenso número de erros provenientes de atribuir tudo a uma única causa: *a matéria*. O conhecimento dessa nova causa, nos fenômenos da Natureza, será uma alavanca para o progresso, produzirá o efeito da descoberta de um agente inteiramente novo. Com o auxílio da lei espírita, o horizonte da Ciência se alargará, como se alargou com o da lei da gravitação.

“Quando do alto de suas cátedras os sábios proclamarem a existência do mundo espiritual e sua participação nos fenômenos da vida, eles infiltrarão na mocidade o contraveneno das idéias materialistas, em vez de predispor-la à negação do futuro. Nas lições de FILOSOFIA CLÁSSICA, os professores ensinam a existência da alma e seus atributos, segundo as diversas escolas, mas sem apresentar provas materiais. Não parece estranho que, quando se lhes fornecem as provas que não tinham, eles as repilam e classifiquem de superstições? Não será isso o mesmo que confessar a seus discípulos que eles lhes ensinam a existência da alma, mas que de tal fato não têm prova alguma? Quando um sábio emite uma hipótese, sobre um ponto de ciência, procura com empenho e colhe com alegria tudo o que possa demonstrar a veracidade dessa hipótese; como, pois, um professor de Filosofia, cujo dever é provar a seus discípulos que eles têm uma alma, despreza os meios de lhes fornecer uma patente demonstração?

“Suponhamos que os Espíritos sejam incapazes de ensinar-nos alguma coisa além do que já sabemos, ou do que por nós mesmos poderemos saber; vê-se que só a demonstração da existência do mundo espiritual conduz forçosamente a uma revolução nas idéias; ora, uma revolução nas idéias não pode deixar de produzir outra na ordem das coisas. É esta revolução que o Espiritismo prepara. Os Espíritos, porém, fazem mais que isso; se as suas revelações são rodeadas de certas dificuldades, se elas exigem minuciosas precauções para se lhes comprovar a exatidão, não é menos real que os Espíritos esclarecidos – quando sabemos interrogá-los e quando lhes é permitido – podem revelar-nos fatos ignorados, dar-nos a explicação do que não compreendemos e encaminhar-nos para um progresso mais rápido. É nisto, sobretudo, que o estudo sério e completo da ciência espírita é indispensável, a fim de só se lhe pedir o que ela pode dar e do modo por que o pode fazer; ultrapassando esses limites é que nos expomos a ser enganados.

“As menores causas podem produzir grandes efeitos; assim como de um grãozinho pode brotar uma árvore imensa, a queda de um fruto fez descobrir a lei que rege os mundos; as rãs, saltando num prato, revelaram a potência galvânica; também do fenômeno vulgar das mesas girantes saiu a prova da existência do mundo invisível, e, desta, uma doutrina que, em alguns anos, fez a volta do mundo e pode regenerá-lo pela verificação da realidade da vida futura.

“O Espiritismo ensina poucas verdades absolutamente novas, ou mesmo nenhuma, em virtude do axioma – *nada há de novo debaixo do sol*. Só as

verdades eternas são absolutas; as que o Espiritismo prega, sendo fundadas sobre leis naturais, existiram de todos os tempos, pelo que encontraremos, em todas as épocas, esses germens que, mediante estudo mais completo e mais atentas observações, conseguiram desenvolver. As verdades ensinadas pelo Espiritismo são antes conseqüências que descobertas. O Espiritismo não descobriu nem inventou os Espíritos, como não descobriu o mundo espiritual, no qual se acreditou em todos os tempos; todavia, ele o prova por fatos materiais e o apresenta em sua verdadeira luz, desembaraçando-o dos preconceitos e idéias supersticiosas, filhos da dúvida e da incredulidade.

“O ESPIRITISMO É, AO MESMO TEMPO, CIÊNCIA EXPERIMENTAL E DOUTRINA FILOSÓFICA. COMO CIÊNCIA PRÁTICA, TEM A SUA ESSÊNCIA NAS RELAÇÕES QUE SE PODEM ESTABELECEM COM OS ESPÍRITOS. COMO FILOSOFIA, COMPREENDE TODAS AS CONSEQÜÊNCIAS MORAIS DECORRENTES DESSAS RELAÇÕES. Pode ser definido assim: *O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, da origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal*”. (Idem, idem, págs. 9/10).

\*

**Allan Kardec, no livro “Obras Póstumas” (Editora FEB, RJ, tradução de Guillon Ribeiro, 16ª. edição, 1977, págs. 383-389), traz-nos, em síntese, alguns dos princípios do Espiritismo.**

#### CREDO ESPÍRITA

**A questão social e a felicidade do gênero humano dependem do melhoramento moral dos indivíduos e das massas.** “Os males da Humanidade provêm da imperfeição dos homens; pelos seus vícios é que eles se prejudicam uns aos outros. Enquanto forem viciosos, serão infelizes, porque a luta dos interesses gerará constantes misérias. Sem dúvida, boas leis contribuem para melhorar o estado social, mas são impotentes para tornar venturosa a Humanidade, porque mais não fazem do que comprimir as paixões ruins, sem as eliminar. Em segundo lugar, porque são mais repressivas do que moralizadoras e só reprimem os mais salientes atos maus, sem lhes destruir as causas. Aliás, a bondade das leis guarda relação com a bondade dos homens; enquanto estes se conservarem dominados pelo orgulho e pelo egoísmo, farão leis em benefício de suas ambições pessoais. A lei civil apenas modifica a superfície; somente a lei moral pode penetrar o foro íntimo da consciência e reformá-lo”.

“Reconhecido, pois, que o atrito oriundo do contato dos vícios é que faz infortunados os homens, o único remédio para seus males está em se melhorarem eles moralmente. Uma vez que nas imperfeições se encontra a causa dos males, a felicidade aumentará na proporção em que as imperfeições diminuirão. Por melhor que seja uma instituição social, sendo maus os homens, eles a falsearão e lhe desfigurarão o espírito para a explorarem em proveito próprio. Quando os homens forem bons, organizarão boas instituições, que serão duráveis, porque todos terão interesse em conservá-las. A questão social não tem, pois, por ponto de partida a forma de tal ou qual instituição; ela está toda no melhoramento moral dos indivíduos e das massas. Aí é que se acha o princípio, a verdadeira chave da felicidade do gênero humano, porque então os

homens não mais cogitarão de se prejudicarem reciprocamente. Não basta se cubra de verniz a corrupção, é indispensável extirpar a corrupção.

**É pela Educação, mais do que pela Instrução, que se transformará moralmente a Humanidade.** “O princípio do melhoramento está na natureza das crenças, porque estas constituem o móvel das ações e modificam os sentimentos. Também está nas idéias inculcadas desde a infância e que se identificam com o espírito; está ainda nas idéias que o desenvolvimento ulterior da inteligência e da razão podem fortalecer, nunca destruir. É pela EDUCAÇÃO, MAIS DO QUE PELA INSTRUÇÃO, que se transformará a Humanidade. O homem que se esforça seriamente por se melhorar assegura para si a felicidade, já nesta vida. Além da satisfação que proporciona à sua consciência, ele se isenta das misérias materiais e morais, que são a consequência inevitável das suas imperfeições. Terá calma, porque as vicissitudes só de leve o roçarão. Gozará de saúde, porque não estragará o seu corpo com os excessos. Será rico, porque rico é sempre todo aquele que sabe contentar-se com o necessário. Terá a paz do espírito, porque não experimentará necessidades fictícias, nem será atormentado pela sede das honrarias e do supérfluo, pela febre da ambição, da inveja e do ciúme. Indulgente para com as imperfeições alheias, menos sofrimentos lhe causarão elas, antes, lhe inspirarão piedade e não cólera. Evitando tudo o que possa prejudicar o seu próximo, por palavras e por atos, procurando, ao invés, fazer tudo o que possa ser útil e agradável aos outros, ninguém sofrerá com o seu contato.

“Garante a sua felicidade na vida futura, porque, quanto mais ele se depurar, tanto mais se elevará na hierarquia dos seres inteligentes e cedo abandonará esta terra de provações, por mundos superiores, porquanto o mal que haja reparado nesta vida não terá que o reparar em outras existências; porquanto, na erraticidade, só encontrará seres amigos e simpáticos e não será atormentado pela visão incessante dos que contra ele tenham motivos de queixa. Vivam juntos alguns homens, animados desses sentimentos, e serão tão felizes quanto o comporta a nossa Terra. Ganhem assim, passo a passo, esses sentimentos todo um povo, toda uma raça, toda a Humanidade e o nosso globo tomará lugar entre os mundos ditosos.

“Será isto uma utopia, uma quimera? Sê-lo-á para aquele que não crê no progresso da alma; não o será, para aquele que crê na sua perfectibilidade indefinita. O progresso geral é a resultante de todos os progressos individuais; mas, o progresso individual não consiste apenas no desenvolvimento da inteligência, na aquisição de alguns conhecimentos. Nisso mais não há do que uma parte do progresso, que não conduz necessariamente ao bem, pois que há homens que usam mal do seu saber. O progresso consiste, sobretudo, no melhoramento moral, na depuração do Espírito, na extirpação dos maus germens que em nós existem. Esse o verdadeiro progresso, o único que pode garantir a felicidade ao gênero humano, por ser o oposto mesmo do mal. Muito mal pode fazer o homem de inteligência mais cultivada; aquele que se houver adiantado moralmente só o bem fará. É, pois, do interesse de todos o progresso moral da Humanidade”.



**A Doutrina do Nadismo (Materialismo) é a paralisia do progresso humano.** “Mas, que importam a melhora e a felicidade das gerações futuras, àquele que acredita que tudo se acaba com a vida? Que interesse tem ele em se aperfeiçoar, em se constringer, em domar suas paixões inferiores, em se privar do que quer que seja a benefício de outrem? Nenhum. A própria lógica lhe diz que seu interesse está em deliciar-se na vida, depressa e por todos os meios possíveis, visto que amanhã, talvez, nada mais será. A doutrina do nadismo é a paralisia do progresso humano, porque circunscreve as vistas do homem ao imperceptível ponto da presente existência; porque lhe restringe as idéias e as concentra forçosamente na vida material. Com essa doutrina, o homem nada sendo antes, nem depois, cessando com a vida todas as relações sociais, a solidariedade é vã, a fraternidade uma teoria sem base, a abnegação em favor de outrem mero embuste, o egoísmo, com a sua máxima – cada um por si -, um direito natural; a vingança, um ato de razão; a felicidade, privilégio do mais forte e dos mais astuciosos; o suicídio, o fim lógico daquele que, baldo de recursos e de expedientes, nada mais espera e não pode safar-se do tremedal. Uma sociedade fundada sobre o nadismo traria em si o gérmen de sua próxima dissolução.

**A crença na vida futura é elemento de progresso.** “Outros, porém, são os sentimentos daquele que tem fé no futuro; que sabe que nada do que adquiriu em saber e em moralidade lhe estará perdido; que o trabalho de hoje dará seus frutos amanhã; que ele próprio fará parte das gerações porvindouras, mais adiantadas e mais ditosas. Sabe que, trabalhando para os outros, trabalha para si mesmo. Sua visão não se detém na Terra, abrange a infinidade dos mundos que lhe servirão um dia de morada; entrevê o glorioso lugar que lhe caberá, como o de todos os seres que alcançam a perfeição. Com a fé na vida futura, dilata-se-lhe o círculo das idéias; o porvir lhe pertence; o progresso pessoal tem um fim, uma utilidade **real**. Da continuidade das relações entre os homens nasce a solidariedade; a fraternidade se funda numa lei da Natureza e no interesse de todos. A crença na vida futura é, pois, elemento de progresso, porque estimula o Espírito; somente ela pode dar ao homem coragem nas suas provas, porque lhes fornece a razão de ser dessas provas, perseverança na luta contra o mal, porque lhe assinala um objetivo. A formar essa crença no espírito das massas é, portanto, o em que devem aplicar-se os que a possuem.

**A crença na vida futura é inata no homem; todas as religiões a proclamam; por que não deu, até hoje, os resultados que se deviam esperar?** “Entretanto, ela é inata no homem. Todas as religiões a proclamam. Por que, então, não deu, até hoje, os resultados que se deviam esperar? É que, em geral, a apresentam em condições que a razão não pode aceitar. Conforme a pintam, ela rompe todas as relações com o presente; desde que tenha deixado a Terra, a criatura se torna estranha à Humanidade: nenhuma solidariedade existe entre os mortos e os vivos; o progresso é puramente individual; cada um, trabalhando para o futuro, unicamente para si trabalha, só em si pensa e isso mesmo para uma finalidade vaga, que nada tem de definido, nada de positivo, sobre que o pensamento se firme com segurança; enfim, porque é mais uma esperança que uma certeza material. Daí resulta, para uns, a indiferença, para outros, uma exaltação mística que, isolando da Terra o homem, é essencialmente prejudici-

al ao progresso real da Humanidade, porquanto negligencia os cuidados que reclama o progresso material, para o qual a Natureza lhe impõe o dever de contribuir.

“Todavia, por muito incompletos que sejam os resultados, não deixam de ser efetivos. Quantos homens não se sentiram encorajados e sustentados na senda do bem por essa vaga esperança! Quantos não se detiveram no declive do mal, pelo temor de comprometer o seu futuro! Quantas virtudes nobres essa crença não desenvolveu! Não desdenhemos as crenças do passado, por imperfeitas que sejam, quando conduzem ao bem: elas estavam em correspondência com o grau de adiantamento da Humanidade.

**O progresso da Humanidade reclama crenças em harmonia com as novas idéias.** “Mas, tendo progredido, a Humanidade reclama crenças em harmonia com as novas idéias. Se os elementos da fé permanecem estacionários e ficam distanciados pelo Espírito, perdem toda influência; e o bem que hajam produzido, em certo tempo, não pode prosseguir, porque aqueles elementos já não se acham à altura das circunstâncias. Para que a doutrina da vida futura doravante dê os frutos que se devem esperar, é preciso, antes de tudo, que satisfaça completamente à razão; que corresponda à idéia que se faz da sabedoria, da justiça e da bondade de Deus; que não possa ser desmentida de modo algum pela Ciência. É preciso que a vida futura não deixe no espírito nem dúvida, nem incerteza; que seja tão positiva quanto a vida presente, que é a sua continuação, do mesmo modo que o amanhã é a continuação do dia anterior. É necessário seja vista, compreendida e, por assim dizer, tocada com o dedo. Faz-se mister, enfim, que seja evidente a solidariedade entre o passado, o presente e o futuro, através das diversas existências.

**A Doutrina Espírita é o mais poderoso elemento de moralização, por se dirigir simultaneamente ao coração, à inteligência e ao interesse pessoal bem compreendido.** “Tal a idéia que da vida futura apresenta o Espiritismo. O que a essa idéia dá força é que ela absolutamente não é uma concepção humana com o mérito apenas de ser mais racional, sem, contudo, oferecer mais certeza do que as outras. É o resultado de estudos feitos sobre os testemunhos oferecidos por Espíritos de diferentes categorias, nas suas manifestações, que permitiram se explorasse a vida extra corpórea em todas as suas fases, desde o extremo superior ao extremo inferior da escala dos seres. As peripécias da vida futura, por conseguinte, já não constituem uma simples teoria, ou uma hipótese mais ou menos provável: decorrem de observações. São os habitantes do mundo invisível que vêm, eles próprios, descrever os seus respectivos estados e há situações que a mais fecunda imaginação não conceberia, se não fossem patenteadas aos olhos do observador.

“Ministrando a prova material da existência e da imortalidade da alma, iniciando-nos em os mistérios do nascimento, da morte, da vida futura, da vida universal, tornando-nos palpáveis as inevitáveis conseqüências do bem e do mal, a Doutrina Espírita, melhor do que qualquer outra, põe em relevo a necessidade da melhoria individual. Por meio dela, sabe o homem donde vem, para onde vai, por que está na Terra; o bem tem um objetivo, uma utilidade prática. Ela não se limita a preparar o homem para o futuro, forma-o também para o

presente, para a sociedade. Melhorando-se moralmente, os homens prepararão na Terra o reinado da paz e da fraternidade.

“A Doutrina Espírita é, assim, o mais poderoso elemento de moralização, por se dirigir simultaneamente ao coração, à inteligência e ao interesse pessoal bem compreendido.”

\*

**Livro “Os Filósofos”. J. Herculano Pires, Edições FEESP, 1ª. Edição, págs. 13-16.**

### **PRELIMINARES**

A Filosofia é um ato de contrição e um exame de consciência. Quando o Homem se sente cansado das solicitações exteriores, volta-se para si mesmo, procurando beber novas forças e nova luz, na fonte oculta do coração. Mergulhar em si mesmo, esquadrihar os próprios pensamentos, sondar os anseios que disfarçam intenções secretas, para descobrir no fundo de si, como no fundo do poço, a pureza da verdade nua, isso é filosofar. E todos o fazem, todos são obrigados a fazê-lo. A Filosofia, dizia o nosso filósofo Farias Brito, é uma atividade permanente do espírito.

Mas assim como para andar precisamos de uma fase de exercício e aprendizado, para pensar precisamos de um critério de clareza, para sentir devemos orientar o coração, assim, também, para filosofar precisamos aprender a ciência do mergulho em nós mesmos. E como aprendê-la melhor, se não pelo exemplo daqueles que a praticam, e se possível até mesmo no seu convívio? Daí o interesse de livros em que a Filosofia é apresentada na dinâmica do seu processo histórico, marcando seus próprios rumos através da ação e do sofrimento dos homens. Por falhas ou débeis que se apresentem, estas tentativas de mostrar a Filosofia em ação contribuem sempre para aguçar e orientar o nosso espírito.

As definições de Filosofia são muitas, e não raro contraditórias. A melhor e a mais profunda, segundo cremos, é ainda a da resposta de Pitágoras a Leonte (tirano governante grego): *amor da sabedoria*. Em sentido moderno, dentro das exigências de precisão do nosso tempo, diremos que *a Filosofia é a crítica do conhecimento*. Embora a restrição pareça excessiva, não damos à expressão o sentido kantiano, mas um sentido mais amplo. Desde que começou a pensar, o Homem sentiu a necessidade de criticar, de tempos a tempos, o conhecimento do mundo, que elaborava em sua mente. Esse é o processo da Filosofia, a sua função, o seu sentido, a sua natureza.

O leitor pode ver isso nos primeiros capítulos deste livro, pelo exemplo histórico. A filosofia grega é um processo completo, um mundo inteiro, que nos proporciona a visão integral do desenvolvimento do pensamento numa grande civilização. Vemos nela, a partir de Pitágoras, como a reflexão filosófica renova sem cessar as formas do conhecimento. Dos filósofos da Escola de Mileto, já libertados do orfismo (dogmas, mistérios, princípios e poemas filosóficos atribuídos a Orfeu) pitagórico, até o episódio dos sofistas, há um verdadeiro desenrolar dialético da história do pensamento, através da Crítica. Sócrates, Platão e Aristóteles completam esse processo, que por fim

se dilui na fase helenística, esmaecendo no tempo, como os lampejos cada vez mais tênues de um entardecer.

Por sua função e por sua natureza, portanto, a Filosofia se distingue da Ciência. Ao contrário desta, não tem objeto exterior. Ela mesma é o seu objeto. Quando os cientistas se debruçam sobre os fenômenos, para investigar a Natureza, estão operando no exterior. Mas quando os filósofos se debruçam sobre o próprio pensamento, operam no interior de si mesmos. Seu processo de pesquisa é o monólogo, e seu método de exposição é o diálogo. Não se pense, porém, que o monólogo filosófico possa ser um solilóquio inconseqüente. Ao monologar sobre as suas próprias concepções, as suas experiências, o seu conhecimento do mundo e da vida, e inclusive de si mesmo, o Homem opera sobre os resultados não só das suas relações íntimas e externas, mas também do processo histórico que o envolve. Foi por isso que Dilthey (Wilhelm Dilthey, filósofo alemão, 1833/1911) conclui que a Filosofia é ciência do real.

Procuramos, neste livro, conduzir o leitor através da História da Filosofia, e não apenas contar-lhe a vida e expor-lhe a obra isolada de alguns filósofos. Para isso, nosso critério de escolha não foi pessoal, mas histórico, recaindo em nomes que representam períodos, e nos quais, segundo supusemos, poderíamos centralizar a visão desses períodos. Assim, em vez de uma simples coleção de vidas e doutrinas, tentamos dar ao leitor um esboço, embora linear, da vasta e profunda epopéia do pensamento, que é a História da Filosofia. Como não podia deixar de ser, não nos limitamos à exposição, mas tecemos também os nossos comentários, filosofamos à margem de fatos e doutrinas, sempre com o cuidado de não exagerar, para não furtar ao leitor o seu próprio prazer de filosofar.

Tratando-se de um livro que se destina ao grande público, evitamos o quanto pudemos a terminologia técnica e usamos um processo que nos parece muito útil neste caso especial: o jogo de imagens e comparações, para ajudar o leitor a fixar, no tumulto das idéias e das teorias, alguns momentos importantes. Nem por isso deixamos de analisar alguns pontos controversos.

Não sendo, embora, um compêndio escolar, este livro pretende auxiliar os que estudam; não sendo uma obra de debate, pretende colocar alguns problemas; não sendo livro de simples leitura ociosa, deseja servir para alguns momentos de distração; e não sendo uma história completa da Filosofia, aspira a oferecer ao leitor um panorama da mesma. Em certos casos, estendemo-nos mais no trato da vida do filósofo do que da doutrina, porque aquela nos pareceu mais fecunda para a visualização dos problemas em questão. Noutros, fizemos o contrário, e noutros, ainda, demos preferência, ou carregamos mais, na análise da época. O objetivo foi sempre o de dar ao conjunto a possibilidade de descortinar para o leitor as mais úteis perspectivas. Esperamos ter conseguido o nosso intento, mas só o público poderá responder se acertamos.

Alguns leitores poderiam estranhar que não tivéssemos centralizado a Idade Média em Tomás de Aquino, ou que tenhamos iniciado a nossa história por Pitágoras e não por Tales. É que Pitágoras, apesar ou justamente

por sua impregnação órfica, representa melhor o nascimento da Filosofia. E quanto à Idade Média, nenhuma figura nos parece melhor representá-la e centralizá-la, do que a de Abelardo, não só pelo seu imenso conteúdo dramático que nos oferece toda a gama do colorido medieval, como também pela sua importância na querela dos Universais, e ainda pelo sentido de antecipação histórica da sua posição, em face do Renascimento. Para centralizar as influências árabes e judaicas desse período, escolhemos um filósofo mais conhecido como sociólogo, e no geral desconhecido entre nós, Ibn Khaldun, cuja obra começa a ser divulgada em nosso país, graças ao belo trabalho de tradução realizado pelo casal José e Angelina Khoury. Note-se que escrevemos centralizar, o que vale dizer que tomamos Khaldun como peão. Mas estamos quase confessando que ele nos absorveu de tal maneira, pela grandeza de sua obra, que giramos pouco ao seu redor.

A questão da Filosofia Brasileira, que desejávamos abordar, na figura e na obra de Farias Brito, tivemos de deixar para outra oportunidade, por falta de espaço. É possível que no correr de alguns capítulos tenhamos pisado inadvertidamente em canteiros alheios. Nesse imenso Jardim de Epicuro que é a História da Filosofia, nem sempre conseguimos andar pelos passeios. Caso isso tenha acontecido, pedimos aos nossos leitores que não nos acussem precipitadamente. Às vezes, podemos coincidir com opiniões alheias, e de outras, é possível que as tenhamos endossado, a ponto de confundi-las com as nossas.

Escrever sobre questões de Filosofia é hoje uma temeridade. Porque a filosofia tornou-se de tal maneira complexa, um mar profundo e amplo, que nenhum nadador, por mais experiente, consegue dominar as suas vagas em toda a extensão da superfície. Isso não impede que tentemos as nossas braçadas. Se as grandes profundidades nos são interditas, e se o mar largo oferece perigos que não podemos enfrentar, resta-nos o remanso das praias, com postos de salva-vidas à vista. De qualquer maneira, podemos assim tomar o gosto da água salgada, experimentar a força das ondas, tocar com a ponta dos pés a areia fina e movediça dos lugares menos perigosos. E é sempre melhor esse exercício, do que ficar em casa e olhar o mar pela janela.

Aos grandes eruditos, que podem nadar sozinhos em meio aos tubarões do mar alto, agradecemos o olhar de condescendência que lançarem a estas páginas. Há pessoas que, pelo hábito do julgamento próprio, olhamos sempre do alto. São mais ou menos como aqueles homens “mais do que homens”, de que falava Descartes. Pedimos-lhes encarecidamente não pensarem que estamos querendo emparelhar-nos com elas. Esta obra não pretende elevar-se às alturas, mas correr entre os homens do povo, de mão em mão.

Aos jovens estudantes ou apenas estudiosos, que não encontrarem nestas páginas muitas novidades, ou todas as explicações que desejam, lembremos as palavras do Eclesiastes do sábio rei de Israel (possivelmente, Salomão):

“Todas as coisas são difíceis; o Homem não as pode explicar com palavras. O olho não se farta de ver, nem o ouvido se enche de escutar. Que é o que foi? É o mesmo que o que há de ser. Que é o que se fez? É o mesmo que o que se há de fazer. Não há nada que seja novo debaixo do sol, e ninguém pode dizer: Eis aqui está uma coisa nova. Porque ela já houve nos séculos que passaram, antes de nós.”

Assim entendido, assim esclarecido o nosso propósito e prevenido qualquer despropósito – pois se um homem prevenido vale por dois, um leitor ou um crítico prevenidos são pelo menos mais dóceis -, passemos aos nossos filósofos e às suas idéias. E como a história é longa e difícil, procuremos amenizá-la com um tom romanesco, de quando em quando. Mesmo porque, se uma coisa não falta, nessa epopéia do pensamento, é o colorido humano de suas fases.

Ainda uma advertência: para permitir a maior fluência do texto, não indicamos as páginas das citações de frases e trechos, e às vezes nem mesmo os livros, já referidos no desenrolar do assunto. Não quisemos fazer, também, as habituais remissões de pé de página, nem as de fim de volume. Juntamos, porém, a indicação da bibliografia utilizada, de maneira que os leitores interessados poderão esclarecer qualquer dúvida quanto às citações.

\*

## 2) – HISTÓRIA DA FILOSOFIA

**Livro “História da Filosofia”. Os Pensadores. Editora Nova Cultural. Organizado e redigido por: Bernadette Siqueira Abrão. Revisto por: Mirtes Ugeda Coscodai. 1999 – págs.5 a 23.**

**Apresentação. Das Origens à Idade Média. A Jornada Inicial: O Pensamento Oriental. O Nascimento da Filosofia: A Revolução Grega.**

### APRESENTAÇÃO:

Há no mundo um mistério, que nem mesmo a voracidade do cotidiano consegue tragar. Os desenvolvimentos técnicos e científicos, as descobertas e invenções que dia após dia despertam fascínio e polêmica não nos afastam – ao contrário, nos aproximam – desse encantamento. Quem, diante do universo que as sondas espaciais hoje revelam, já não se indagou de onde veio tudo isso? De onde viemos nós?

Essas são perguntas que de há muito acompanham o ser humano. Muita gente, ao longo dos séculos, tem procurado responder a elas. De tentativa em tentativa, o leque dos interesses humanos foi ampliando. Matemática, geometria, física, química, biologia, astronomia, ética, política, sociologia, economia, tudo derivou de uma curiosidade inicial, à qual alguns homens da Grécia Antiga procuraram satisfazer usando a razão. Deixaram de lado a explicação de que os deuses eram os responsáveis pela vida e pelos fenômenos que a constituíam para buscar respostas neles mesmos. E criaram aquilo que hoje conhecemos por filosofia, termo oriundo do grego e que significa amor ao conhecimento.

### A JORNADA INICIAL: O Pensamento Oriental.

É difícil precisar o instante – se é que houve um – em que a história do pensamento começou. Poder-se-ia considerar, talvez, os mitos e as lendas que nos chegaram como primeiras tentativas de explicação do mundo e de seus fenômenos, mas essa seria uma empresa arriscada. Essa fase da aventura humana perdeu-se em milênios de caminhada, e hoje, envolta em mistérios, pouco ajuda a elucidar como o homem iniciou a jornada que o acabaria levando à filosofia e à ciência.

Para resolver esse impasse, estudiosos e especialistas elegeram como ponto de partida os séculos VI e V antes de Cristo. Nesse período, testemunha do surgimento de homens como Sócrates (Grécia), Buda (Índia) e Lao-tsé (China), toma forma um pensamento mais aberto à nossa compreensão, o qual, herdeiro das tradições culturais de um passado ainda mais remoto, è também marco de uma etapa que levaria o homem a procurar o sentido do mundo e da vida na própria realidade, na própria natureza. É o momento em que os deuses vão perdendo seu papel como origem de todas as coisas, e que o raciocínio passa a ocupar o espaço antes destinado ao mito. É o que fazem, por exemplo, os pensadores que viviam nas colônias gregas da Jônia, em meados do século VI a.C. E a partir daí nasce o que mais tarde seria conhecido como filosofia ocidental.

No Oriente, o panorama é outro. Lá, filosofia, mito e religião entrecruzam-se por muito tempo. Enquanto os gregos tentavam descobrir o que é o homem, o pensamento oriental avançava no sentido de sistematizar doutrinas. Na Mesopotâmia, em 4000 a.C. assírios e caldeus estruturaram uma visão de mundo que perdurou até Zoroastro propor um deus único e fazer uma reforma religiosa, no atual Irã. Na Índia, os textos dos *Vedas* (Livros do Saber) já influenciavam as mentes em 1500 a.C., e o hinduísmo, o bramismo e o budismo vieram à tona até o século VI a.C. A China, onde a dinastia Chang introduziu transformações culturais em 1600 a.C., mais tarde assistiu à expansão do misticismo do Tao e à sistematização religioso-político-familiar de Confúcio, que moldou a sociedade chinesa dos séculos seguintes.

### **A Mesopotâmia, da Deusa-Mãe a Zoroastro.**

A primeira escrita de que se tem notícia — a suméria — apareceu nessa região da Ásia, situada entre os rios Tigre e Eufrates (partes, hoje, do Iraque e do Irã). A roda, a organização da agricultura e a engenharia hidráulica foram outras inovações surgidas ali. Além disso, cidades como Nippur, Uruk e Eridu já existiam em 3000 a.C., com um comércio de crescimento regular e uma cultura que se estendeu a povos vizinhos, alcançando terras distantes como a Índia e a China.

Nessas primeiras células de vida urbana, numa área que depois viu florescer Nínive e Babilônia, tem origem um pensamento elaborado. A antiga crença na Deusa-Mãe, que no período Neolítico personificava a fertilidade da terra, desdobra-se em inúmeros cultos a divindades ou entes sobrenaturais que correspondem às forças da natureza.

Anu, a abóbada celeste, simboliza a água e sua fertilidade. Ishtar representa o amor e as relações sexuais. Os deuses, que comandam os fenômenos da natureza, aos poucos assumem o papel de causadores dos acontecimentos humanos: a guerra, a paz, o sucesso, a desgraça. Por volta de 2000 a.C., Hamurabi, soberano da Babilônia, estabelece o culto a Marduk (ou Baal), reverenciado como o mais importante dos deuses.

O complexo sistema de deuses e crenças é depurado no século VIII a.C., por Zoroastro (ou Zaratustra), que numa nação ao sul, a Pérsia (atual Irã), ensina existir um único deus, princípio do Bem: Ahura Mazda. Presente na mente de cada homem, ele luta constantemente contra Arimã, o princípio do Mal. Cabe a cada um agir corretamente para a vitória final do Bem. O pensamento, nessa fase, dispensa a ira dos deuses ou os fenômenos naturais. A busca de explicações já pede mais ordem e clareza e um maior grau de abstração.

### **A Índia antes de Buda.**

Muito da cultura indiana se perdeu no tempo. Os registros que servem como material de estudo iniciam-se com os arianos, que chegaram ali a partir de 1500 a.C. Rudimentar no início, essa cultura amplia-se, aprofunda-se e cristaliza-se numa coleção de obras em sânscrito, os livros dos *Vedas*. Em hinos épicos como o *Rigveda* emergem idéias poderosas, como a exis-



tência de uma ordem no universo, nos níveis físico (*rita*) e moral (*darma*) e a necessidade de sacrifícios para conservá-la. Uma complexa liturgia, da qual se encarrega a casta dos sacerdotes (os brâmanes), auxilia nessa tarefa controlando a energia cósmica (*brâman*), princípio de todas as coisas e da qual dependem todos os acontecimentos do mundo.

*Os Brâmanas*, livros dos mais importantes da literatura védica, ajudam a entender a evolução doutrinária na Índia antiga, preenchendo um período que vai pelo menos até 850 a.C. e no qual tudo se faz sob o manto generoso e dominador do deus Varuna. Numa fase posterior, até aproximadamente 700 a.C., o pensamento indiano vai mais fundo em suas abstrações e compõe outra grandiosa elaboração filosófico-religiosa, os *Upanichades*. Esse termo significa “comunicações confidenciais” e sugere que boa parte dos muitos textos ali contidos é de difícil acesso a não-iniciados. Os *Upanichades* rompem com as idéias originais de divindade e vêem o *brâman* como espírito único da Realidade, presente em tudo. Cabe ao homem purificar o seu *atmã* (“Este Eu”, alma) para se identificar com esse real eterno. Isso se faz por meio de sucessivas reencarnações, que se definem e se dirigem por uma “linha” ou “regra”, o *carma*. Uma ardente convocação para essa ascensão espiritual está no *Bhagavad-Gita* (Canto do Bem-Aventurado), o mais famoso livro sagrado do hinduísmo, que por sua vez é apenas um episódio de um grande texto épico de 250 mil versos, o *Mahabharata* (Grande Índia).

Esse fulcro de idéias, em que se menosprezam práticas e no qual a salvação individual consiste em abandonar o ego e mergulhar numa Essência universal, constitui a base do jainismo (fundado por Mahavira) e do budismo, ensinado por um ex-príncipe, Sidartha Gautama, nascido em 556 a.C. num reino ao norte da Índia, junto à atual fronteira com o Nepal. Meditando, Gautama atingiu a Iluminação e tornou-se Buda (Iluminado). Até morrer, com 86 anos, em 470 a.C. (ano em que, na Grécia, nascia Sócrates), Buda propunha o esforço de cada um para livrar-se dos desejos, das ilusões e do individualismo a fim de chegar ao Nirvana – cortando desse modo a cadeia de reencarnações que levaria de novo a enfrentar doenças, sofrimento e morte.

### **Os mundos complementares da China.**

A idéia de que o mundo é regido por forças misteriosas e de que cabe ao imperador intermediar entre o homem e Shang-Ti, a divindade celeste, surge na China do século XVI a.C. A felicidade depende da sabedoria desse soberano e das corretas consultas da *Ching* – O Livro das Mutações. No cerne de cada situação, ou de cada ato, atuam duas forças opostas (e, quando bem entendidas, complementares): o yin e o yang. Longe de pólos opostos que representariam bem e mal, luz e trevas, certo e errado, em eterna luta, eles são, na verdade, a ação e a reação inerentes à natureza e ao homem. O universo contém o que é móvel e o que é imóvel. Relativo e absoluto, masculino e feminino, céu e terra, ação e repouso são algumas das infinitas combinações que se devem apreender para captar a realidade.

Esse conjunto de idéias está presente em duas correntes que, embora adversárias, têm raízes comuns na tradição chinesa: confucionismo e taoís-

mo. O primeiro, fundado por Confúcio (c. 551-479 a.C.), é uma sistematização ético-filosófica destinada a manter a estabilidade (e, portanto, a felicidade) da nação. O imperador deve ser sábio e dar exemplos edificantes, assim como o pai aos filhos. O homem digno deve trabalhar muito, contentar-se com pouco, ter paciência nas desventuras, respeitar sempre os superiores.

O taoísmo despreza sumariamente valores sociais, família ou governo. Tudo isso, mais desejos e egoísmo, são artifícios passageiros, como prega Lao-tsé (em português, Velho Mestre), que se supõe ter vivido de 604 a 531 a.C. Em seu *Tao Te Ching* (Livro do Sentido da Vida), ele fala do “indefinível”, o Tao, ao mesmo tempo meta e caminho, algo que contém o yin e o yang, mas que os transcende numa harmonia superior.

De intenso conteúdo místico, o taoísmo propõe renunciar aos atos de vontade, ignorar o sucesso e a desgraça, contemplar o curso natural das coisas e saber quando convém agir ou abster-se. Pode-se, assim, aderir placidamente ao ritmo da vida e identificar-se, em cada pequeno gesto, com o que se chama de “realidade impenetrável”.

\*

### 3) - O NASCIMENTO DA FILOSOFIA. - A REVOLUÇÃO GREGA.

Uma nova maneira de pensar e de conceber o mundo origina-se e se desenvolve na Grécia clássica, um mosaico de pequenas comunidades independentes que se espalhava junto ao Mediterrâneo – da Jônia, na Ásia Menor, até o sul da Itália. No centro estava a Grécia propriamente dita. Essa dispersão resultou das muitas invasões de povos em busca de terras cultiváveis. Ali tomam corpo, no século VI a.C., as primeiras idéias sobre as quais vai se erigir o pensamento ocidental.

Apesar de geograficamente dispersa, a Grécia Antiga tem uma vida cultural relativamente homogênea, que se expressa na língua comum, em formas de organização política, em crenças religiosas semelhantes. Essa unidade – a civilização helênica – resultou da fusão e da difusão das diversas culturas trazidas por povos variados, que sucessivamente invadiram a Grécia, misturando-se aos habitantes mais antigos.

#### Micênios, dórios e a “idade das trevas”.

Em 1600 a.C., aproximadamente, a Grécia passou a ser ocupada por povos que o poeta Homero, mais tarde, denominaria de aqueus. Esses povos ergueram grandes fortificações em Micenas, Tirinto, Pilos, fundando comunidades que guerreavam entre si. Micenas saiu-se como a grande vencedora dessas lutas, irradiando para toda a Grécia o seu modo de vida. A sociedade micênica tinha uma organização bastante hierarquizada em torno da família real e da aristocracia – o que se refletia na hierarquia de suas divindades. O povo dedicava-se ao comércio e à pilhagem de guerra. Seu raio de ação compreendia Tróia, Sicília, península Itálica e até mesmo o Oriente.

A partir de 1150 a.C. (data aproximada), os dórios, vindos do norte, começaram a invadir a Grécia, estabelecendo-se em Epiro, Etólia, Acarnânia, Peloponeso, Creta e Anatólia. Outros povos, como os beócios, os tessálios e os trácios também entraram em terras gregas. A civilização micênica foi destruída e a cultura, de certa maneira, retraiu-se: o comércio cedeu à economia agrícola e a escrita desapareceu, para só ser reencontrada no final do século IX a.C. Vivia-se no isolamento das aldeias, como formas de vida tribais. Por isso, esse período, que vai até o início do século VIII a.C., é conhecido como “idade das trevas”.

Transformações decisivas dão-se no plano político: a realeza desaparece e o poder político passa a ser controlado por uma aristocracia de ricos proprietários de terras. O resultado é o fim da unidade política que o rei encarnava. Sem essa unidade, a sociedade passa a ser vista como lugar de desordem, de conflitos entre os variados grupos sociais: das famílias aristocráticas entre si e entre a aristocracia e as camadas mais pobres da população. Como recuperar a ordem e a harmonia perdidas? Como preservar a unidade e a coesão da comunidade se não existe rei? A organização da polis impõe-se, aos poucos, como resposta a essas perguntas.

#### O desenvolvimento da pólis.

Na origem da pólis, porém, encontram-se outros fatores. A partir do século VIII a.C., o renascimento do comércio – que ganha impulso ainda maior com a invenção da moeda cunhada – acaba com o isolamento das aldeias. Isso leva a uma união que acaba por dissolver as antigas linhagens tribais. A sociedade torna-se mais complexa. Deixa de ser um aglomerado de agricultores e artesãos - o demos - reunidos em torno do palácio central.

Também o centro da cidade sofre uma mudança radical. Passa a ser a ágora, a praça pública, onde acontecem as transações comerciais e as discussões sobre a vida da cidade, a começar por sua defesa. O acesso à ágora torna-se cada vez maior, estendendo-se, com a instituição da democracia, a todos os que têm direito à cidadania, ou seja, habitantes do sexo masculino, adultos e que não sejam estrangeiros ou escravos.

Essa nova forma de organização social e política é a pólis, cujas características, segundo o historiador francês Jean-Pierre Vernant, são: 1) a supremacia do logos (que significa “palavra”, “discurso”, e “razão”), pois a decisão sobre os assuntos públicos depende apenas da força das palavras dos oradores, cuja condição social e econômica não é mais levada em conta; 2) o caráter público das discussões políticas, que deixam de ser privilégio de grupos (as leis são elaboradas em conjunto e depois escritas, para que todos possam conhecê-las); 3) a ampliação do culto, uma vez que a religião já não é um saber secreto de reis e sacerdotes, mas sim algo afeito ao Estado, público, acessível a todos.

Essa revolução política foi fundamental para o desenvolvimento do pensamento humano. Na pólis, com os cidadãos em pé de igualdade, vence quem sabe convencer. É preciso valer-se exclusivamente do raciocínio e da correta exposição de idéias – em suma, do logos. Essa fórmula de raciocinar, de falar e até de polemizar não se limita à política, porém. Passa a ser o critério para pensar qualquer coisa.

### **O mundo do mito e o mundo do logos.**

Esse novo modo de pensar, racional e filosófico, é considerado oposto ao pensamento mítico. É como se na Grécia do século VI a.C. o homem tivesse se libertado das fantasias da mitologia e da religião para se afirmar e se desenvolver racionalmente. Na verdade, porém, a relação entre o mito e o logos é muito mais complexa. Como aponta Jean-Pierre Vernant, os “filósofos não precisaram inventar um sistema de explicação do mundo: acharam-no pronto”.

Tome-se como exemplo a descrição da origem do universo feita por Hesíodo, no poema *Teogonia*. Os primeiros filósofos, assim como Hesíodo, buscam uma explicação para a relação entre o caos e a ordem do mundo. A maneira de entender essa relação é que muda. Enquanto o poeta vê os deuses como os responsáveis por tudo o que há, os antigos pensadores preferem partir das formas da natureza que esses deuses representam (terra, água, ar) para entender a vida.

Há, porém, uma diferença fundamental entre o pensamento mítico e o pensamento racional dos primeiros filósofos. A mitologia exprime na

forma divina e celestial todo o conjunto de relações, quer dos homens entre si, quer entre o homem e a natureza. Assim como os deuses são criadores do mundo, o rei é o criador da ordem social, o regulador do ciclo da natureza. O universo divino, as relações sociais e o ritmo da natureza confundem-se submetidos todos ao comando do rei. Por isso, a mitologia apenas narra a sucessão de fenômenos divinos, naturais e humanos. Ela não os explica, pois a explicação já está dada pelo poder real.

O desaparecimento do “rei divino” altera esse cenário. A pólis surge como criação da vontade humana. Os acontecimentos do mundo antes considerados realizações do rei (e dos deuses) perdem a base de compreensão. Tornam-se problemas. Para resolvê-los, o homem deve servir-se do meio que ele próprio desenvolveu ao criar a pólis: o logos, a razão.

### **O que é o destino?**

Muito antes do nascimento da pólis, porém, a Grécia já era marcada por uma vida cultural intensa, da qual Homero é o representante – embora a existência real desse poeta seja controversa. Os poemas atribuídos a ele narrram as últimas guerras troianas, que, supõe-se, ocorreram entre 1260 e 1250 a.C. *Ilíada* conta a fase final dos combates, em que o guerreiro Aquiles envolve-se em uma série de aventuras contra os troianos. Derrotada Tróia, o herói Ulisses (Odiseu) parte para Ítaca, sua terra natal, onde a esposa Penélope o espera. *Odisséia* descreve essa longa viagem (de dez anos) através dos mares.

Nos dois poemas, história, ficção, lenda, mitos e deuses se confundem. Os deuses e os mitos presentes nos relatos, por sinal, não são os dos povos em guerra. São os dos dórios, que, vindos do norte séculos depois das guerras troianas, instituíram uma sociedade aristocrática e consolidaram o que seria a civilização grega ou helênica propriamente dita.

Assim como Homero narra fatos anteriores a seu tempo, a difusão de sua obra pela Grécia também se faz muito depois da época em que teria vivido. Seus poemas só chegam a Atenas por volta do século V a.C., em tudo diferente do período homérico. O modo de vida e a cultura são outros. A sociedade aristocrática que esbanjava luxo havia cedido à vida comedida do regime democrático. Os deuses já não bastavam para explicar o mundo.

Essa época consagra Homero como “pai da cultura helênica”. E se assim o faz é porque herda do poeta uma idéia arraigada nesse novo modo de viver e de pensar: a idéia de fado, ou fatalidade, o destino implacável que comanda a vida não só do homem, mas também dos próprios deuses. O que é essa força que está acima dos deuses? Esta pergunta é uma das raízes do pensamento ocidental.

### **Os homens, abandonados à própria sorte.**

Outra idéia também inspira os gregos a não mais recorrer aos deuses para entender o mundo: a sensação de que os deuses abandonaram os homens, que aparece já no final do século VIII a.C., na obra do poeta Hesíodo.

Em *Teogonia*, ele descreve a criação do mundo e dos deuses a partir de Caos, Gaia (Terra) e Eros (Amor). Sucedem-se outras divindades, que com caprichos quase humanos amam, mentem, traem e lutam umas com as outras. Finalmente, com a vitória de Zeus, os deuses instalam-se no Olimpo. Nesse relato, Hesíodo ordena vários mitos contraditórios, explicando também os fenômenos da natureza e a história. Mais que isso, mostra que, após a vitória de Zeus, o homem está livre das cruéis maquinações dos deuses. Zeus, que faz reinar a justiça, apenas castiga ou premia os mortais, de acordo com os atos pelos quais são responsáveis.

Em *Os Trabalhos e os Dias*, escrito para pedir a punição de um irmão desonesto, Hesíodo defende a necessidade do trabalho árduo como condição humana. O ser humano, segundo narra, teria passado por cinco idades: a de ouro, a de prata, a de bronze, a dos semideuses e a de ferro. Na primeira, convive com os deuses, não conhece nem o trabalho nem a morte. Seguem-se fases intermediárias que terminam com a idade de ferro, a fase atual, em que o homem, após ter recebido o fogo roubado por Prometeu, foi separado dos deuses e condenado a trabalhar, a procriar, por conta própria. A procriação é possibilitada por Pandora, mulher que os deuses enviam aos homens como vingança pelo roubo do fogo. Dela – ou da caixa que carrega – nascem todos os dons e todos os males da Terra. O homem está abandonado, mas já é livre para fazer valer a sua justiça e para pensar.

### **Democracia e filosofia.**

Na Grécia, entre os séculos VIII e V a.C., empreende-se a busca pela construção de uma sociedade justa e de um pensamento racional, livre de preconceitos. Dessa procura originam-se, de um lado, a democracia e, de outro, a filosofia.

A democracia grega, principalmente a de Atenas, é o resultado de lutas sucessivas. Primeiro, entre os ricos comerciantes sem acesso ao poder e a aristocracia hereditária, que o monopoliza; em seguida, entre essas duas camadas, que já compartilham o poder, e as classes mais pobres. A democracia representa um frágil e tenso equilíbrio entre as várias camadas sociais. E, apesar das divergências que as separam, adquirem todas, o direito de participação política.

Diante da democracia, a filosofia mantém uma postura nem sempre favorável, mesmo porque na Grécia o pensamento alcança um grau maior de elaboração quando esse regime já havia entrado em decadência. A despeito disso, uma e outra têm raízes comuns: as condições históricas do mundo grego.

A sociedade grega, ao contrário de outras civilizações de seu tempo, desconhece castas sacerdotais que tenham o monopólio dos livros sagrados e da verdade revelada. Tampouco a escrita é segredo de governantes e escribas. Ao contrário, é de domínio comum, e isso possibilita a ampla difusão e a discussão de idéias.

O livre desenvolvimento do pensamento também é facilitado pela ausência, quer na religião olímpica quer nas crenças mais místicas, de uma

teologia elaborada que forneça explicações coerentes do mundo. Os deuses gregos, ao contrário, têm características humanas e muito pouco servem de inspiração para um pensamento mais elaborado.

De uma perspectiva política, uma religião tão frágil em fundamentos é ineficiente como instrumento de poder. Dessa maneira, já no período homérico, a idéia de rei divino desaparece, cedendo espaço para que a política e o governo se tornem cada vez mais um assunto e uma atividade essencialmente humanos. (O homem seria definido, mais tarde, por Aristóteles, como *zoón politikón*, isto é, animal político).

A reduzida dimensão das unidades políticas do mundo grego contribuiu para o surgimento dessa concepção dessacralizada de política. A Grécia Antiga não é um império cujo domínio se estende a vastas regiões e a diversas comunidades. Ao contrário, cada comunidade é uma cidade-Estado autônoma, com dimensões de um pequeno município.

É bem provável, porém, que cada pólis tivesse sua organização própria, embora oficialmente todas seguissem o modelo de Atenas. De fato, é em Atenas que o *zoón politikón* de Aristóteles aparece em sua plenitude, e disso o ateniense se orgulha, como característica que o distingue de outros povos. Ele, ao contrário dos bárbaros, que despreza, não está submetido ao mando de um rei. Tem consciência de viver em sociedade; sabe que é ateniense porque é cidadão, e que é cidadão porque participa da vida pública da cidade. Os destinos da pólis são de responsabilidade de todos os cidadãos, acima dos quais não há nada a não ser as leis que eles mesmos elaboraram. Até mesmo os espartanos em vários aspectos tão diferentes dos atenienses, imitaram-nos quando enviaram embaixadores aos persas: “Não temos outro senhor a não ser a lei”.

A idéia de que a soberania é da lei – não dos deuses ou de algum rei – constitui o fundamento da democracia grega. Até chegar a ela, os atenienses passaram por vários sistemas de governo. Diante de sérios conflitos entre grupos sociais que disputavam o poder, chegaram mesmo a escolher tiranos (que então significavam “árbitros”) para servir de mediadores dos diversos interesses, encarnando a autoridade da lei. Por fim, na democracia, a lei tornou-se impessoal, obra coletiva, resultado da decisão tomada por todos, reunidos em assembléia pública. Mas bem entendido: todos menos mulheres, crianças, estrangeiros e escravos – aos quais era negado o direito à cidadania.

Essa organização política, até então inédita, possibilitou o desenvolvimento, em um modo sistemático de pensamento, de concepções difusas, presentes na cultura helênica desde os tempos de Homero e de Hesíodo. O governo da cidade como esforço coletivo e exclusivo dos cidadãos é a tradução política da idéia de que os deuses abandonaram os homens. E a fatalidade, superior aos deuses, tem seu equivalente na visão democrática de que a lei está acima dos indivíduos. Nesse ambiente iria desenvolver-se a filosofia, um modo de pensar que busca uma lei universal, acima de todas as coisas, e que as explique sem recorrer a forças místicas e divinas.

### Os primeiros filósofos. Os Pré-Socráticos. O Movimento. A *Physis*.

A noite segue o dia. As estações do ano sucedem-se umas às outras. As plantas e os animais nascem, crescem e morrem. Diante desse espetáculo cotidiano da natureza, o homem manifesta sentimentos variados – medo, resignação, incompreensão, espanto e perplexidade. E são precisamente esses sentimentos que acabam por levá-lo à filosofia. O espanto inicial traduz-se em perguntas intrigantes: o que é essa natureza, que apresenta tantas variações? Ela possui uma ordem ou é um caos sem nexos? Em suma: o que é a *physis*?

A palavra grega *physis* pode ser traduzida por natureza. Mas seu significado é mais amplo. Refere-se também à realidade, não aquela pronta e acabada, mas a que se encontra em movimento e transformação, a que nasce e se desenvolve. Nesse sentido, a palavra significa gênese, origem, manifestação. Saber o que é a *physis*, assim, levanta a questão da origem de todas as coisas que constituem a realidade, que se manifesta no movimento. Procura saber se há um princípio único (*arkhé*, que também quer dizer “comando”) que dirija e ordene todas as coisas do mundo, em seus diversos e contraditórios aspectos. É desses temas que vão se ocupar os primeiros filósofos.

Pouco se sabe a respeito dos pioneiros do pensamento ocidental. De seus textos restaram apenas fragmentos. Suas idéias chegaram a nós por intermédio das versões apresentadas pelos pensadores que vieram depois, e que os apresentam como “primeiros filósofos”. Não fosse isso, eles talvez ficassem conhecidos como escritores com pretensões vagamente científicas, com suas investigações peculiares sobre a natureza.

Esses pioneiros surgiram na Jônia, colônia fundada na costa asiática da Grécia por antigos micênios, que ali se refugiaram das invasões dóricas. Enquanto parte dos gregos mergulhava na “idade das trevas”, os jônios desenvolveram intensas atividades artesanais e comerciais, que favoreceriam o surgimento de novos valores sociais, baseados menos na tradição, mais na iniciativa dos indivíduos. A vida cultural floresceu, e disso a obra de Homero é testemunha. A astronomia e a matemática desenvolveram-se sob a influência de contatos com os povos do Oriente. Em meio a esse fervilhar, a cidade de Mileto foi se impondo como principal centro da Jônia.

Tales, Anaximandro e Anaxímenes – que receberam o nome de pré-socráticos por ter surgido antes de Sócrates, o grande marco da filosofia ocidental –, os primeiros filósofos, formam a chamada Escola de Mileto. Apesar das diferentes idéias que elaboraram, une-os o fato de ter inaugurado a filosofia com a mesma pergunta: o que é a *physis*? Por esse motivo, Aristóteles, mais tarde, iria denominá-los *physiologoi*, “fisiólogos”, isto é, estudiosos da *physis*.



#### 4) – A GRÉCIA E A MISSÃO DE SÓCRATES

**Livro: A Caminho da Luz (Emmanuel)**

**Editora FEB-RJ, 20ª. Edição. 1994**

##### NAS VÉSPERAS DA MAIORIDADE TERRESTRE

Examinando a maioria espiritual das criaturas humanas, enviou lhes o Cristo, antes de sua vinda ao mundo, numerosa coorte de Espíritos sábios e benevolentes, aptos a consolidar, de modo definitivo, essa maturação do pensamento terrestre.

As cidades populosas do globo enchem-se, então, de homens cultos e generosos, de filósofos e de artistas, que renovam, para melhor, todas as tendências da Humanidade.

Grandes mestres do cérebro e do coração formam escolas numerosas na Grécia, que assumia a direção intelectual do orbe inteiro. A maioria desses pensadores, que eram os enviados do Cristo às coletividades terrestres, trazem, do círculo retraído e isolado dos templos, os ensinamentos dos grandes iniciados para as praças públicas, pregando a verdade às multidões.

Assim como a organização do homem físico exigira as mais amplas experiências da natureza, antes de se fixarem os seus caracteres biológicos definitivos, a lição de Jesus, que representa o roteiro seguro para a edificação do homem espiritual, deveria ser precedida pelas experiências mais vastas no campo social.

É por essa razão que observamos, nos cinco séculos anteriores à vinda do Cordeiro, uma aglomeração de inúmeras escolas políticas, religiosas e filosóficas dos mais diversos matizes, em todos os ambientes do mundo.

##### ATENAS E ESPARTA

Muitas teorias científicas, que provocam o sensacionalismo dos vossos dias como inovações ultra modernas, foram conhecidas da Grécia, em cujos mestres têm os seus legítimos fundamentos.

Em matéria de doutrinas sociais, grandes ensaios foram realizados, divulgando-se a mais farta colheita de ensinamentos; e quando meditamos no conflito moderno entre os Estados totalitários, fascistas ou comunistas e as repúblicas democráticas, devemos volver os olhos ao passado, revendo Atenas e Esparta como dois símbolos políticos que nos fazem pensar na plena atualidade da Grécia antiga.

Os espartanos, sob o regime atribuído a Licurgo, nome que constitui apenas uma representação simbólica dos generais da época, vivendo a existência absoluta do Estado, não expressaram a mesma fisionomia da Alemanha e da Rússia atuais? A legislação de Esparta proibia o comércio, condenava a cultura; cerceando o gosto pessoal em face das bagatelas encantadoras da vida e do sentimento, decretou medidas de insulamento, maltratando os estrangeiros; instituiu a uniformidade dos vestuários, incumbiu-se da educação das crianças através dos órgãos do Estado, mas não cultivava a parte intelectual, abalando todo o edifício sagrado da família e criando, muitas ve-

zes, o regime do roubo e da delação, em detrimento das mais nobres finalidades da vida.

Por essa razão, Esparta passou à história como um simples povo de soldados espalhando a destruição e os flagelos da guerra, sem nenhuma significação construtiva para a Humanidade.

Atenas, ao contrário, é o berço da verdadeira democracia. Povo que amou profundamente a liberdade, sua dedicação à cultura e às artes iniciou as outras nações no culto da vida, da criação e da beleza. Seus legisladores, que, como Sólon, eram filósofos e poetas, reformaram todos os sistemas sociais conhecidos até então, protegendo as classes pobres e desvalidas, estabelecendo uma linha harmônica entre todos os departamentos da sociedade, acolhendo os estrangeiros, protegendo o trabalho, fomentando o comércio, as indústrias, a agricultura.

Lá começou o verdadeiro regime de consulta à vontade do povo, que decidia, em assembléias numerosas, todos os problemas da cidade venerável. E é fácil reconhecer aí o início das democracias modernas, que agora se organizam, nas transições do século XX, para a repressão de todas as doutrinas nefastas da força e da violência.

#### EXPERIÊNCIAS NECESSÁRIAS

Semelhantes experiências, no campo sociológico, foram incentivadas e acompanhadas de perto pelos prepostos de Jesus, respeitadas as grandes leis da liberdade individual e coletiva.

O mundo precisava conhecer a boa e a má semente, nas grandes transformações da sua existência. A exemplificação do Cristo necessitava de elevada compreensão no seio da cultura e da experiência de todos os séculos transcorridos e, sem embargo das lutas renovadoras que a antecederam no orbe, há dois milênios que o Evangelho do Mestre espera a floração do perfeito entendimento dos homens.

#### A GRÉCIA

Ao influxo do coração misericordioso do Cristo, toda a Grécia se povoava de artistas e pensadores eminentes, no quadro das filosofias e das ciências. É lá que vamos encontrar as escolas Itálica e Eleática, à frente do fervoroso idealismo de Pitágoras e Xenófanos, sem esquecermos, igualmente, as escolas Jônica e Atomística com Tales e Demócrito, nas expressões do mais avançado materialismo.

O século de Péricles, chegando a um apogeu de beleza e de cultura com os elevados princípios recebidos da civilização egípcia, espalha os mais soberbos clarões espirituais nos horizontes da Terra. Poucas fases da evolução européia se aproximaram desse século maravilhoso.

O Salvador contempla, das Alturas, essa época de elevadas conquistas morais, cheio de amor e de esperança. O planeta terrestre aproximava-se da sua maioridade espiritual quando, então, poderia Ele nutrir o coração humano com a sementeira bendita da sua palavra. Envia, então, às sociedades do globo o esforço de auxiliares valorosos, nas figuras de Ésquilo, Eurípe-

des, Heródoto e Tucídides, e por fim a extraordinária personalidade de Sócrates, no intuito de realizar o coroamento do esforço decidido de tantos mensageiros.

### SÓCRATES

É por isso que, de todas as grandes figuras daqueles tempos longínquos, somos compelidos a destacar a grandiosa figura de Sócrates, na Atenas antiga.

Superior a Anaxágoras, seu mestre, como também imperfeitamente interpretado pelos seus três discípulos mais famosos, o grande filósofo está aureolado pelas mais divinas claridades espirituais, no curso de todos os séculos planetários. Sua existência, em algumas circunstâncias, aproxima-se da exemplificação do próprio Cristo. Sua palavra confunde todos os espíritos mesquinhos da época e faz desabrochar florações novas de sentimento e cultura na alma sedenta da mocidade. Nas praças públicas, ensina à infância e à juventude o formoso ideal da fraternidade e da prática do bem, lançando as sementes generosas da solidariedade dos pósteros.

Mas Atenas, como cérebro do mundo de então, apesar do seu vasto progresso, não consegue suportar a lição avançada do grande mensageiro de Jesus.

Sócrates é acusado de perverter os jovens atenienses, instilando-lhes o veneno da liberdade nos corações.

Preso e humilhado, seu espírito generoso não se acovarda diante das provas rudes que lhe extravasam do cálice de amarguras. Consciente da missão que trazia, recusa fugir do próprio cárcere, cujas portas se lhe abrem às ocultas pela generosidade de alguns juizes.

Os enviados do plano invisível cercam-lhe o coração magnânimo e esclarecido, nas horas mais ásperas e agudas da provação; e quando a esposa, Xantipa, assoma às grades da prisão para comunicar-lhe a nefanda condenação à morte pela cicuta, ei-la exclamando no auge da angústia e desesperação:

- "Sócrates, Sócrates, os juizes te condenaram à morte..."

- "Que tem isso? - responde resignadamente o filósofo – eles também estão condenados pela Natureza."

- "Mas essa condenação é injusta..." - soluça ainda a desolada esposa.

E ele a esclarece com um olhar de paciência e de carinho:

- "E quererias que ela fosse justa?"

Senhor do seu valoroso e resignado heroísmo, Sócrates abandona a Terra, alçando-se de novo aos páramos constelados, onde o aguardava a bênção de Jesus.

### OS DISCÍPULOS

O grande filósofo que ensinara à Grécia as mais belas virtudes, como precursor dos princípios cristãos, deixou vários discípulos, dos quais se des-

tacaram Antístenes, Xenofonte e Platão. Falaremos, apenas, deste último, para esclarecer que nenhum deles soube assimilar perfeitamente a estrutura moral do mestre inesquecível. A História louva os discursos de Platão, mas nem sempre compreendeu que ele misturou a filosofia pura do mestre com a ganga das paixões terrestres, enveredando algumas vezes por complicados caminhos políticos. Não soube, como também muitos dos seus companheiros, conservar-se ao nível de alta superioridade espiritual, chegando mesmo a justificar o direito tirânico dos senhores sobre os escravos, sem uma visão ampla da fraternidade humana e da família universal.

Contudo, não deixou de cultivar alguns dos princípios cristãos legados pelo grande mentor, antecipando-se ao apostolado do Evangelho, antes de entregar a sua tarefa doutrinária a Aristóteles, que ia também trabalhar pelo advento do Cristianismo.

### PROVAÇÃO COLETIVA DA GRÉCIA

A condenação de Sócrates foi uma dessas causas transcendentais de dolorosas e amargas provações coletivas, para todos os espíritos que participaram dela, na medida justa das responsabilidades pessoais entre si.

E é em razão disso que, mais tarde, vemos o povo nobre e culto de Atenas fornecendo escravos valorosos e sábios aos espíritos agressivos e enérgicos de Roma. Eles iam nas galeras suntuosas, humilhados e oprimidos, sem embargo das suas elevadas noções da vida, do amor, da liberdade e da justiça.

É verdade que iam instaurar um novo período de progresso espiritual para as coletividades romanas, com os seus luminosos ensinamentos, mas o processo evolutivo poderia ladear outros caminhos, longe do morticínio e da escravidão. Todavia, sobre a frente de muitos gregos ilustres, pairava o sanguinolento labéu daquela injusta condenação, labéu ignominioso que a Grécia deveria lavar com as lágrimas dolorosas da compunção e do cativo.

\*

## 5) - Livro: O CONSOLADOR (Emmanuel)

Edições FEB – RJ. 19ª. Edição. 1998

### FILOSOFIA.

115. *É a Filosofia a interpretação sintética de todas as atividades do espírito em evolução na Terra?* – A Filosofia constitui, de fato, a súpula das atividades evolutivas do Espírito encarnado na Terra. Suas equações são as energias que fecundam a Ciência, espiritualizando-lhe os princípios, até que unidas uma à outra, indissolivelmente, penetrem o átrio divino das verdades eternas.

### VIDA

#### APRENDIZADO: Questões 116 a 130

116. *O homem físico está sempre ligado ao seu pretérito espiritual?* – Como a maioria das criaturas humanas se encontra em lutas expiatórias, podemos figurar o homem terrestre como alguém a lutar para desfazer-se do seu próprio cadáver, que é o passado culposo, de modo a ascender para a vida e para a luz que residem em Deus. Essa imagem temo-la na semente do mundo que, para desenvolver o embrião, cheio de vitalidade e beleza, necessita do temporário estacionamento no seio lodoso da terra, a fim de se desfazer do seu envoltório, crescendo, em seguida, para a luz do Sol e cumprindo sua missão sagrada, enfeitada de flores e frutos.

117. *A inteligência, julgada pelo padrão humano, será a súpula de várias experiências do Espírito sobre a Terra?* - Os valores intelectivos representam a soma de muitas experiências, em várias vidas do Espírito, no plano material. Uma inteligência profunda significa um imenso acervo de lutas planetárias. Atingida essa posição, se o homem guarda consigo uma expressão idêntica de progresso espiritual, pelo sentimento, então estará apto a elevar-se a novas esferas do Infinito, para a conquista de sua perfeição.

118. *Como se registram as experiências do Espírito em sua encarnação, para servirem de patrimônio evolutivo nas encarnações subseqüentes?* – É no próprio patrimônio íntimo que a alma registra as suas experiências, no aprendizado das lutas da vida, acerca das quais guardará sempre uma lembrança inata nos trabalhos purificadores do porvir.

119. *Como devemos proceder para dilatar nossa capacidade espiritual?* - Ainda não encontramos uma fórmula mais elevada e mais bela que a do esforço próprio, dentro da humildade e do amor, no ambiente de trabalho e de lições da Terra, onde Jesus houve por bem instalar a nossa oficina de perfectibilidade para a futura elevação dos nossos destinos de espíritos imortais.

120. *Pode existir inteligência sem desenvolvimento espiritual?* – Diremos melhor: inteligência humana sem desenvolvimento sentimental, porque nesse desequilíbrio do sentimento e da razão é que repousa atualmente a dolorosa realidade do mundo. O grande erro das criaturas humanas foi entronizar apenas a inteligência, olvidando os valores legítimos do coração nos caminhos da vida.

121. *O meio ambiente influi no espírito?* – O meio ambiente em que a alma renasceu, muitas vezes constitui a prova expiatória; com poderosas influências sobre a personalidade, faz-se indispensável que o coração esclarecido coopere na sua transformação para o bem, melhorando e elevando as condições materiais e morais de todos os que vivem na sua zona de influência.

122. *Que se deve fazer para o desenvolvimento da intuição?* – O campo do estudo perseverante, com o esforço sincero e a meditação sadia, é o grande veículo de amplitude da intuição, em todos os seus aspectos.

123. *Deve o crente criar imposições absolutas para si mesmo, no sentido de alcançar mais depressa a perfeição espiritual?* – O crente deve esforçar-se o mais possível, mas, de modo algum, deve nutrir a pretensão de atingir a superioridade espiritual completa, de uma só vez, porquanto a vida humana é aprendizado de lutas purificadoras e, no cadinho do resgate, nem sempre a temperatura pode ser amena, alcançando, por vezes, ao mais alto grau para o desiderato (aspiração) do acrisolamento (purificação). Em todas as circunstâncias, guarde o cristão a prece e a vigilância: prece ativa, que é o trabalho do bem, e vigilância, que é a prudência necessária, de modo a não trair novos compromissos. E, nesse esforço, a alma estará preparada a estruturar o futuro de si mesma, no caminho eterno do espaço e do tempo, sem o desalento dos tristes e sem a inquietação dos mais afoitos.

124. *Qual a importância da palavra humana para as conquistas evolutivas do espírito?* – A palavra é um dom divino, quando acompanhada dos atos que a testemunhem; e é através de seus caracteres falados ou escritos que o homem recebe o patrimônio de experiências sagradas de quantos o antecederam no mecanismo evolutivo das civilizações. É por intermédio de seus poderes que se transmite, de gerações a gerações, o fogo divino do progresso na escola abençoada da Terra.

125. *Reconhecendo que os nossos amigos do plano espiritual estão sempre ao nosso lado, em todos os trabalhos e dificuldades, a fim de nos inspirar, quais os maiores obstáculos que a sua bondade encontra em nós, para que recebamos o seu socorro indireto, afetuoso e eficiente?* – Os maiores óbices psíquicos, antepostos pelo homem terrestre aos seus amigos e mentores da espiritualidade, são oriundos da ausência de humildade sincera nos corações, para o exame da própria situação de egoísmo, rebeldia e necessidade de sofrimento.

126. *As vibrações relativas ao bem e ao mal, emitidas pela alma encarnada no seu aprendizado terrestre, persistem no Espaço para exame e ponderação do futuro?* – Haveis de convir conosco que existem fenômenos físicos, transcendentem em demasia, para que possamos examiná-los devidamente, na pauta exígua dos vossos conhecimentos atuais. Todavia, em se tratando de vibrações emitidas pelo Espírito encarnado, somos compelidos a reconhecer que essas vibrações ficam perenemente gravadas na memória de cada um; e a memória é uma chapa fotográfica, onde as imagens jamais se confundem. Bastará a manifestação da lembrança, para serem levadas a efei-

to todas as ponderações, mais tarde, no capítulo das expressões do mal e do bem.

127. *O preceito do “corpo são, mentalidade sadia”, poderá ser observado tão-somente pelo hábito dos esportes e labores atléticos?* – No que se refere ao “corpo são”, o atletismo tem papel importante e seria de ação das mais edificantes no problema da saúde física, se o homem na sua vaidade e egoísmo não houvesse viciado, também, a fonte da ginástica e do esporte, transformando-a em tablado de entronização da violência, do abastardamento (degeneração) moral da mocidade, iludida com a força bruta e enganada pelos imperativos da chamada eugenia (raça pura) ou pelas competições estranhas dos grupos sectários (fanáticos), desviando de suas nobres finalidades um dos grandes movimentos coletivos em favor da confraternização e da saúde. Bastará essa observação para compreendermos que a “mentalidade sadia” somente constituirá uma realidade quando houver um perfeito equilíbrio entre os movimentos do mundo e as conquistas interiores da alma.

128. *A vida do irracional está revestida igualmente das características missionárias?* – A vida do animal não é propriamente missão, apresentando, porém, uma finalidade superior que constitui a do seu aperfeiçoamento próprio, através das experiências benfeitoras do trabalho e da aquisição, em longos e pacientes esforços, dos princípios sagrados da inteligência.

129. *É um erro alimentar-se o homem com a carne dos irracionais?* – A ingestão das vísceras dos animais é um erro de enormes conseqüências, do qual derivaram numerosos vícios da nutrição humana. É de lastimar semelhante situação, mesmo porque, se o estado de materialidade da criatura exige a cooperação de determinadas vitaminas, esses valores nutritivos podem ser encontrados nos produtos de origem vegetal, sem a necessidade absoluta dos matadouros e frigoríficos. Temos de considerar, porém, a máquina econômica do interesse e da harmonia coletiva, na qual tantos operários fabricam o seu pão cotidiano. Suas peças não podem ser destruídas de um dia para o outro, sem perigos graves. Consolemo-nos com a visão do porvir, sendo justo trabalharmos, dedicadamente, pelo advento dos tempos novos em que os homens terrestres poderão dispensar da alimentação os despojos sangrentos de seus irmãos inferiores.

130. *Operários do aprendizado terrestre, como devemos encarar o texto sagrado do “lembra-te do dia de sábado para santificá-lo”, quando as obrigações de serviço proporcionam para isso os domingos?* – O descanso dominical deve ser sagrado pelo homem, não por se tratar de um domingo, mas em virtude da necessidade de se estabelecer uma pausa semanal aos movimentos da vida física, para o recolhimento espiritual da alma em si mesma, no caminho das atividades terrestres. O repouso dominical substituiu perfeitamente o sábado antigo, salientando-se que a rigidez da sua observância foi instituída pelos legisladores hebreus, em virtude da ambição e da prepotência dos senhores de escravos, numerosos na época, e que somente desse modo, atendiam à medida de humanidade, concedendo uma trégua ao esforço exaustivo que costumava aniquilar a existência de servos fracos e

indefesos. O descanso semanal deve ser sempre consagrado pelo homem às expressões de espiritualidade da sua vida, sem se dar, porém, a qualquer excesso no domínio da letra, nesse particular, porque, após a palavra de Moisés, devemos ouvir a lição do Senhor, esclarecendo que “o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado”.

\*

### **EXPERIÊNCIA: (Questões 131 a 145).**

131. *Como adquire experiência o Espírito encarnado?* – A luta e o trabalho são tão imprescindíveis ao aperfeiçoamento do espírito, como o pão material é indispensável à manutenção do corpo físico. É trabalhando e lutando, sofrendo e aprendendo, que a alma adquire as experiências necessárias na sua marcha para a perfeição.

132. *Há o determinismo e o livre-arbítrio, ao mesmo tempo, na existência humana?* – Determinismo e livre-arbítrio coexistem na vida, entrando-se na estrada dos destinos, para a elevação e redenção dos homens. O primeiro é absoluto nas mais baixas camadas evolutivas e o segundo amplia-se com os valores da educação e da experiência. Acresce observar que sobre ambos pairam as determinações divinas, baseadas na lei do amor, sagrada e única, da qual a profecia foi sempre o mais eloqüente testemunho. Não verificais, atualmente, as realizações previstas pelos emissários do Senhor há dois e quatro milênios, no divino simbolismo das Escrituras?

Estabelecida a verdade de que o homem é livre na pauta de sua educação e de seus méritos, na lei das provas, cumpre-nos reconhecer que o próprio homem, à medida que se torna responsável, organiza o determinismo da sua existência, agravando-o ou amenizando-lhe os rigores, até poder elevar-se definitivamente aos planos superiores do Universo.

133. *Havendo o determinismo e o livre-arbítrio, ao mesmo tempo, na vida humana, como compreender a palavra dos guias espirituais quando afirmam não lhes ser possível influenciar a nossa liberdade?* – Não devemos esquecer que falamos de expressão corpórea, em se tratando do determinismo natural, que prepondera sobre os destinos humanos. A subordinação da criatura, em suas expressões do mundo físico, é lógica e natural nas leis das compensações, dentro das provas necessárias, mas, no íntimo, zona de pura influência espiritual, o homem é livre na escolha do seu futuro caminho. Seus amigos do invisível localizam aí o santuário da sua independência sagrada.

Em todas as situações, o homem educado pode reconhecer onde falam as circunstâncias da vontade de Deus, em seu benefício, e onde falam as que se formam pela força da sua vaidade pessoal ou do seu egoísmo. Com ele, portanto, estará sempre o mérito da escolha, nesse particular.

134. *Como pode o homem agravar ou amenizar o determinismo de sua vida?* – A determinação divina na sagrada lei universal é sempre a do bem e da felicidade, para todas as criaturas. No lar humano, não vedes um pai amoroso e ativo, com um largo programa de trabalhos pela ventura dos filhos? E cada filho, cessado o esforço da educação na infância, na prepara-



ção para a vida, não deveria ser um colaborador fiel da generosa providência paterna pelo bem de toda a comunidade familiar? Entretanto, a maioria dos pais humanos deixa a Terra sem ser compreendida, apesar de todo o esforço despendido na educação dos filhos.

Nessa imagem muito frágil, em comparação com a paternidade divina, temos um símile da situação. O Espírito que, de algum modo, já armazenou certos valores educativos, é convocado para esse ou aquele trabalho de responsabilidade junto de outros seres em provação rude, ou em busca de conhecimentos para a aquisição da liberdade. Esse trabalho deve ser levado a efeito na linha reta do bem, de modo que esse filho seja o bom cooperador de seu Pai Supremo, que é Deus. O administrador de uma instituição, o chefe de uma oficina, o escritor de um livro, o mestre de uma escola, têm a sua parcela de independência para colaborar na obra divina, e devem retribuir a confiança espiritual que lhes foi deferida. Os que se educam e conquistam direitos naturais, inerentes à personalidade, deixam de obedecer, de modo absoluto, no determinismo da evolução, porquanto estarão aptos a cooperar no serviço das ordenações, podendo criar as circunstâncias para a marcha ascensional de seus subordinados ou irmãos em humanidade, no mecanismo de responsabilidade da consciência esclarecida.

Nesse trabalho de ordenar com Deus, o filho necessita considerar o zelo e o amor paternos, a fim de não desviar sua tarefa do caminho reto, supondo-se senhor arbitrário das situações, complicando a vida da família humana, e adquirindo determinados compromissos, por vezes bastante penosos, porque, contrariamente ao propósito dos pais, há filhos que desbaratam os “talentos” colocados em suas mãos, na preguiça, no egoísmo, na vaidade ou no orgulho.

Daí a necessidade de concluirmos com a apologia (defesa) da Humanidade, salientando que o homem que atingiu certa parcela de liberdade está retribuindo a confiança do Senhor, sempre que age com a sua vontade misericordiosa e sábia, reconhecendo que o seu esforço individual vale muito, não por ele, mas pelo amor de Deus que o protege e ilumina na edificação de sua obra imortal.

135. *Se o determinismo divino é o do bem, quem criou o mal?* – O determinismo divino se constitui de uma só lei, que é a do amor para a comunidade universal. Todavia, confiando em si mesmo, mais do que em Deus, o homem transforma a sua fragilidade em foco de ações contrárias a essa mesma lei, efetuando, desse modo, uma intervenção indébita (indevida) na harmonia divina.

Eis o mal.

Urge recompor os elos sagrados dessa harmonia sublime.

Eis o resgate.

Vede, pois, que o mal, essencialmente considerado, não pode existir para Deus, em virtude de representar um desvio do homem, sendo zero na Sabedoria e na Providência Divinas.

O Criador é sempre o Pai generoso e sábio, justo e amigo, considerando os filhos transviados como incursos em vastas experiências. Mas, como Jesus, e os seus prepostos são seus cooperadores divinos, e eles próprios instituem as tarefas contra o desvio das criaturas humanas, focalizam os prejuízos do mal com a força de suas responsabilidades educativas, a fim de que a Humanidade siga retamente no seu verdadeiro caminho para Deus.

136 – *Existem seres agindo na Terra sob determinação absoluta?* – Os animais e os homens quase selvagens nos dão uma idéia dos seres que agem no planeta sob determinação absoluta. E essas criaturas servem para estabelecer a realidade triste da mentalidade do mundo, ainda distante da fórmula do amor, com que o homem deve ser o legítimo cooperador de Deus, ordenando com a sua sabedoria paternal. Sem saberem amar os irracionais e os irmãos mais ignorantes colocados sob a sua imediata proteção, os homens mais educados na Terra exterminam os primeiros, para a sua alimentação, e escravizam os segundos para objeto de explorações grosseiras, com exceções, de modo a mobilizá-los a serviço do seu egoísmo e da sua ambição.

137 – *O homem educado deve exercer vigilância sobre o seu grau de liberdade?* – É sobre a independência própria que a criatura humana precisa exercer a vigilância maior. Quando o homem educado se permite examinar a conduta de outrem, de modo leviano ou inconveniente, é sinal que a sua vigilância padece desastrosa deficiência, porquanto a liberdade de alguém termina sempre onde começa uma outra liberdade, e cada qual responderá por si, um dia, junto à Verdade Divina.

138 – *Em se tratando das questões do determinismo, qualquer ser racional pode estar sujeito a erros?* – Todo ser racional está sujeito ao erro, mas a ele não se encontra obrigado. Em plano de provações e de experiências como a Terra, o erro deve ser sempre levado à conta dessas mesmas experiências, tão logo seja reconhecido pelo seu autor direto, ou indireto, tratando-se de aproveitar os seus resultados, em idênticas circunstâncias da vida, sendo louvável que as criaturas abduquem a repetição dos experimentos, em favor do seu próprio bem no curso infinito do tempo.

139 – *Se na luta da vida terrestre existem circunstâncias por toda parte, qual será a melhor de todas, digna de ser seguida?* – Em todas as situações da existência a mente do homem defronta circunstâncias do determinismo divino e do determinismo humano. A circunstância a ser seguida, portanto, deve ser sempre a do primeiro, a fim de que o segundo seja iluminado, destacando-se essa mesma circunstância pelo seu caráter de benefício geral, muitas vezes com o sacrifício da satisfação egoística da personalidade. Em virtude dessa característica, o homem está sempre habilitado, em seu íntimo, a escolher o bem definitivo de todos e o contentamento transitório do seu “eu”, fortalecendo a fraternidade e a luz, ou agravando o seu próprio egoísmo.

140 – *Os astros influenciam igualmente na vida do homem?* – As antigas assertivas astrológicas têm a sua razão de ser. O campo magnético e as conjunções dos planetas influenciam no complexo celular do homem físi-

co, em sua formação orgânica e em seu nascimento na Terra; porém, a existência planetária é sinônimo de luta. Se as influências astrais não favorecem a determinadas criaturas, urge que estas lutem contra os elementos perturbadores, porque, acima de todas as verdades astrológicas, temos o Evangelho, e o Evangelho nos ensina que cada qual receberá por suas obras, achando-se cada homem sob as influências que merece.

141 – *Há influências espirituais entre o ser humano e o seu nome, tanto na Terra, como no Espaço?* – Na Terra ou no plano invisível, temos a simbologia sagrada das palavras; todavia, o estudo dessas influências requer um grande volume de considerações especializadas e, como o nosso trabalho humilde é uma apologia ao esforço de cada um, ainda aqui temos de reconhecer que cada homem recebe as influências a que fez jus, competindo a cada coração renovar seus próprios valores, em marcha para realizações cada vez mais altas, pois que o determinismo de Deus é o bem, e todos os que se entregarem realmente ao bem, triunfarão de todos os óbices do mundo.

142 – *Poderíamos receber um ensinamento sobre o número sete, tantas vezes utilizado no ensino das tradições sagradas do Cristianismo?* – Uma opinião isolada nos conduzirá a muitas análises nos domínios da chamada numerologia, fugindo ao escopo de nossas cogitações espirituais. Os números, como as vibrações, possuem a sua mística natural, mas, em face de nossos imperativos de educação, temos de convir que todos os números, como todas as vibrações, serão sagrados para nós, quando houvermos santificado o coração para Deus, sendo justo, nesse particular, copiarmos a antiga observação do Cristo sobre o sábado, esclarecendo que os números foram feitos para os homens, porém, os homens não foram criados para os números.

143 – *Deve acreditar-se na influência oculta de certos objetos, como jóias, etc., que parecem acompanhados de uma atuação infeliz e fatal?* – Os objetos, mormente os de uso pessoal, têm a sua história viva e, por vezes, podem constituir o ponto de atenção das entidades perturbadas, de seus antigos possuidores no mundo; razão por que parecem tocados, por vezes, de singulares influências ocultas, porém, nosso esforço deve ser o da libertação espiritual, sendo indispensável lutarmos contra os fetiches, para considerar tão-somente os valores morais do homem na sua jornada para o Perfeito.

144 – *Os fenômenos premonitórios atestam a possibilidade da presciência com relação ao futuro?* – Os Espíritos de nossa esfera não podem devassar o futuro, considerando essa atividade uma característica dos atributos do Criador Supremo, que é Deus. Temos de considerar, todavia, que as existências humanas estão subordinadas a um mapa de provas gerais, onde a personalidade deve movimentar-se com o seu esforço para a iluminação do porvir, e, dentro desse roteiro, os mentores espirituais mais elevados podem organizar os fatos premonitórios, quando convenham à demonstração de que o homem não se resume a um conglomerado de elementos químicos, de conformidade com a definição do materialismo dissolvente.

145 – *Que dizermos da cartomancia em face do Espiritismo?* – A cartomancia pode enquadrar-se nos fenômenos psíquicos, mas não no Espi-

ritismo evangélico, onde o cristão deve cultivar os valores do seu mundo íntimo pela fé viva e pelo amor no coração, buscando servir a Jesus no santuário de sua alma, não tendo outra vontade que não aquela de se elevar ao seu amor pelo trabalho e iluminação de si mesmo, sem qualquer preocupação pelos acontecimentos nocivos que se foram, ou pelos fatos que hão de vir, na sugestão nem sempre sincera dos que devassam o mundo oculto.

\*

### TRANSIÇÃO – MORTE. Questões 146 a 160.

146 – *É fatal o instante da morte?* – Com exceção do suicídio, todos os casos de desencarnação são determinados previamente pelas forças espirituais que orientam a atividade do homem sobre a Terra. Esclarecendo-vos quanto a essa exceção, devemos considerar que, se o homem é escravo das condições externas da sua vida no orbe, é livre no mundo íntimo, razão por que, trazendo no seu mapa de provas a tentação de desertar da vida expiatória e retificadora, contrai um débito penoso aquele que se arruína, desmantelando as próprias energias.

A educação e a iluminação do íntimo constituem o amor ao santuário de Deus em nossa alma. Quem as realiza em si, na profundidade da liberdade interior, pode modificar o determinismo das condições materiais de sua existência, alçando-a para a luz e para o bem. Os que eliminam, contudo, as suas energias próprias, atentam contra a luz divina que palpita em si mesmos. Daí o complexo de suas dívidas dolorosas.

E existem ainda os suicídios lentos e gradativos, provocados pela ambição ou pela inércia, pelo abuso ou pela inconsideração, tão perigosos para a vida da alma, quanto os que se observam, de modo espetacular, entre as lutas do mundo. Essa a razão pela qual tantas vezes se batem os instrutores dos encarnados, pela necessidade permanente de oração e vigilância, a fim de que os seus amigos não fracassem nas tentações.

147 – *Proporciona a morte mudanças inesperadas e certas modificações rápidas, como será de desejar?* – A morte não prodigaliza estados miraculosos para a nossa consciência. Desencarnar é mudar de plano, como alguém que se transferisse de uma cidade para outra, aí no mundo, sem que o fato lhe altere as enfermidades ou as virtudes com a simples modificação dos aspectos exteriores. Importa observar apenas a ampliação desses aspectos, comparando-se o plano terrestre com a esfera de ação dos desencarnados.

Imaginai um homem que passa de sua aldeia para uma metrópole moderna. Como se haverá, na hipótese de não se encontrar devidamente preparado em face dos imperativos da sua nova vida? A comparação é pobre, mas serve para esclarecer que a morte não é um salto dentro da Natureza. A alma prosseguirá na sua carreira evolutiva, sem milagres prodigiosos. Os dois planos, visível e invisível, se interpenetram no mundo, e, se a criatura humana é incapaz de perceber o plano da vida imaterial, é que o seu sensorio está habilitado somente a certas percepções, sem que lhe seja possível, por enquanto, ultrapassar a janela estreita dos cinco sentidos.

148 – *Que espera o homem desencarnado, diretamente, nos seus primeiros tempos da vida de além-túmulo?* – A alma desencarnada procura naturalmente as atividades que lhe eram prediletas nos círculos da vida material, obedecendo aos laços afins, tal qual se verifica nas sociedades do vosso mundo. As vossas cidades não se encontram repletas de associações, de grêmios, de classes inteiras que se reúnem e se sindicalizam para determinados fins, conjugando idênticos interesses de vários indivíduos? Aí, não se abraçam os agiotas, os políticos, os comerciantes, os sacerdotes, objetivando cada grupo a defesa dos seus interesses próprios?

O homem desencarnado procura ansiosamente, no Espaço, as aglomerações afins com o seu pensamento, de modo a continuar o mesmo gênero de vida abandonado na Terra, mas, tratando-se de criaturas apaixonadas e viciosas, a sua mente reencontrará as obsessões de materialidade, quais as do dinheiro, do álcool, etc., obsessões que se tornam o seu martírio moral de cada hora, nas esferas mais próximas da Terra. Daí a necessidade de encarmos todas as nossas atividades no mundo como a tarefa de preparação para a vida espiritual, sendo indispensável à nossa felicidade, além do sepulcro, que tenhamos um coração sempre puro.

149 – *Logo após a morte, o homem que se desprende do invólucro material pode sentir a companhia dos entes amados que o precederam no além-túmulo?* – Se a sua existência terrestre foi o apostolado do trabalho e do amor a Deus, a transição do plano terrestre para a esfera espiritual será sempre suave. Nessas condições, poderá encontrar imediatamente aqueles que foram objeto de sua afeição no mundo, na hipótese de se encontrarem no mesmo nível de evolução. Uma felicidade doce e uma alegria perene estabelecem-se nesses corações amigos e afetuosos, depois das amargas da separação e da prolongada ausência.

Entretanto, aqueles que se desprendem da Terra, saturados de obsessões pelas posses efêmeras do mundo e tocados pela sombra das revoltas incompreensíveis, não encontram tão depressa os entes queridos que os antecederam na sepultura. Suas percepções restritas à atmosfera escura dos seus pensamentos e seus valores negativos impossibilitam-lhes as doces venturas do reencontro. É por isso que observais, tantas vezes, Espíritos sofredores e perturbados fornecendo a impressão de criaturas desamparadas e esquecidas pela esfera da bondade superior, mas, que, de fato, são desamparados por si mesmos, pela sua perseverança no mal, na intenção criminosa e na desobediência aos sagrados desígnios de Deus.

150 – *É possível que os espiritistas venham a sofrer perturbações depois da morte?* – A morte não apresenta perturbações à consciência reta e ao coração amante da verdade e do amor dos que viveram na Terra tão-somente para o cultivo da prática do bem, nas suas variadas formas e dentro das mais diversas crenças. Que o espiritista cristão não considere o seu título de aprendiz de Jesus como um simples rótulo, ponderando a exortação evangélica – “muito se pedirá de quem muito recebeu”, preparando-se nos conhecimentos e nas obras do bem, dentro das experiências do mundo para a sua vida futura, quando a noite do túmulo houver descerrado aos seus o-

lhos espirituais a visão da verdade, em marcha para as realizações da vida imortal.

151 – *O Espírito desencarnado pode sofrer com a cremação dos elementos cadavéricos?* – Na cremação, faz-se mister exercer a piedade com os cadáveres, procrastinando por mais horas o ato de destruição das vísceras materiais, pois, de certo modo, existem sempre muitos ecos de sensibilidade entre o Espírito desencarnado e o corpo onde se extinguiu o “tônus vital”, nas primeiras horas seqüentes ao desenlace, em vista dos fluidos orgânicos que ainda solicitam a alma para as sensações da existência material.

152 – *A morte violenta proporciona aos desencarnados sensações diversas da chamada “morte natural”?* – A desencarnação por acidentes, os casos fulminantes de desprendimento proporcionam sensações muito dolorosas à alma desencarnada, em vista da situação de surpresa ante os acontecimentos supremos e irremediáveis. Quase sempre, em tais circunstâncias, a criatura não se encontra devidamente preparada e o imprevisto da situação lhe traz emoções amargas e terríveis. Entretanto, essas surpresas tristes não se verificam para as almas, no caso das enfermidades dolorosas e prolongadas, em que o coração e o raciocínio se tocam das luzes das meditações sadias, observando as ilusões e os prejuízos do excessivo apego à Terra, sendo justo considerarmos a utilidade e a necessidade das dores físicas, nesse particular, porquanto somente com o seu concurso precioso pode o homem alijar o fardo de suas impressões nocivas do mundo, para penetrar tranqüilamente os umbrais da vida do Infinito.

153 – *Se a hora da morte não houver chegado, poderá o homem perecer sob os perigos que o ameaçam?* – Nos aspectos externos da vida, e desde que o Espírito encarnado proceda de conformidade com os ditames da consciência retilínea e do coração bem-intencionado, sem a imponderação dos precipitados e sem o egoísmo dos ambiciosos, toda e qualquer defesa do homem reside em Deus.

154 – *Quais as primeiras impressões dos que desencarnam por suicídio?* – A primeira decepção que os aguarda é a realidade da vida que não se extingue com as transições da morte do corpo físico, vida essa agravada por tormentos pavorosos, em virtude de sua decisão tocada de suprema rebeldia. Suicidas há que continuam experimentando os padecimentos físicos da última hora terrestre, em seu corpo somático, indefinidamente. Anos a fio, sentem as impressões terríveis do tóxico que lhes aniquilou as energias, a perfuração do cérebro pelo corpo estranho partido da arma usada no gesto supremo, o peso das rodas pesadas sob as quais se atiraram na ânsia de desertar da vida, a passagem das águas silenciosas e tristes sobre os seus despojos, onde procuraram o olvido criminoso de suas tarefas no mundo e, comumente, a pior emoção do suicida é a de acompanhar, minuto a minuto, o processo da decomposição do corpo abandonado no seio da terra, verminado e apodrecido. De todos os desvios da vida humana o suicídio é, talvez, o maior deles pela sua característica de falso heroísmo, de negação absoluta da lei do amor e de suprema rebeldia à vontade de Deus, cuja justiça nunca se fez sentir, junto dos homens, sem a luz da misericórdia.

155 – *O receio da morte revela falta de evolução espiritual?* – Nesse sentido, não podemos generalizar semelhante definição. No que se refere a esses receios, somos obrigados a reconhecer, muitas vezes, as razões aduzidas pelo amor, sempre sublimes na sua manifestação espiritual. Todavia, não é justo que o crente sincero se encha de pavores ante a idéia de sua passagem para o plano invisível aos olhos humanos, sendo oportuno o conselho de uma preparação permanente do homem para a vida nova que a morte lhe apresentará.

156 – *Os Espíritos logo após a sua desencarnação ficam satisfeitos pela possibilidade de se comunicarem conosco?* – De um modo geral, muito reduzido é o número das criaturas humanas que se preparam para as emoções da morte, no desenvolvimento dos seus trabalhos comuns na Terra e, freqüentemente, as meditações da enfermidade não bastam para uma situação de perfeita tranqüilidade, nos primeiros tempos do além-túmulo. Eis o motivo por que tão salutares se fazem as vossas reuniões de estudo e de evangelização, às quais concorre grande número de irmãos nossos, ansiosos por uma palavra da Terra, porquanto as impressões que trazem do mundo não lhes permitem a percepção dos mentores elevados, das mais altas esferas espirituais.

157 – *Os Espíritos desencarnados podem ouvir-nos e ver-nos quando querem? Como procedem para realizar semelhante desejo?* – Isso é possível, não quando querem, mas quando o mereçam, mesmo porque, existem espíritos culpados que, somente muitos anos após o desprendimento do mundo, conseguem a permissão de ouvir a palavra amiga e confortadora dos seus irmãos ou entes amados, da Terra, a fim de se orientarem no labirinto dos sofrimentos expiatórios. O comparecimento de uma entidade recém-desencarnada, às reuniões do Evangelho, já significa uma bênção de Deus para o seu coração desiludido, porquanto essa circunstância se faz acompanhar dos mais elevados benefícios para a sua vida interior.

Quanto ao processo do seu contato convosco, precisamos considerar que os seres do Além-Túmulo, em sua generalidade, para se comunicarem nos ambientes do mundo, adaptam-se ao vosso modo de ser, condicionando suas faculdades à vossa situação fluídica na Terra; razão pela qual nesses instantes, na forma comum, possuem a vossa capacidade sensorial, restringindo as suas vibrações de modo a se acomodarem, de novo, ao ambiente terrestre.

158 – *Se uma criatura desencarna deixando inimigos na Terra, é possível que continue perseguindo o seu desafeto, dentro da situação de invisibilidade?* – Isso é possível e quase geral, no capítulo das relações terrestres, porque, se o amor é o laço que reúne as almas nas alegrias da liberdade, o ódio é a algema dos forçados, que os prende reciprocamente no cárcere da desventura. Se alguém partiu odiando, e se no mundo o desafeto faz questão de cultivar os germens da antipatia e das lembranças cruéis, é mais que natural que, no plano invisível, perseverem os elementos da aversão e da vindita implacáveis, em obediência às leis de reciprocidade, depreendendo-se daí a necessidade do perdão com o inteiro esquecimento do mal, a fim de que a

fraternidade pura se manifeste através da oração e da vigilância, convertendo o ódio em amor e piedade, com os exemplos mais santos, no Evangelho de Jesus.

159 – *No caso das perseguições dos inimigos espirituais, a ação delas se realiza sem o conhecimento dos nossos guias amorosos e esclarecidos?* – As chamadas atuações do plano invisível, de qualquer natureza, não se verificam à revelia de Jesus e de seus prepostos, mentores do homem na sua jornada de experiências para o conhecimento e para a luz. As perseguições de um inimigo invisível têm um limite e não afetam o seu objeto senão na pauta de sua necessidade própria, porquanto, sob os olhos amoráveis dos vossos guias do plano superior, todos esses movimentos têm uma finalidade sagrada, como a de ensinar-vos a fortaleza moral, a tolerância, a paciência, a conformação, nos mais sagrados imperativos da fraternidade e do bem.

160 – *Os Espíritos desencarnados se dividem, igualmente, nas esferas mais próximas da Terra, em seres femininos e masculinos?* – Nas esferas mais próximas do planeta, as almas desencarnadas conservam as características que lhes eram mais agradáveis nas atividades da existência material, considerando-se que algumas, que perambulam no mundo com uma veste orgânica imposta pelas circunstâncias da tarefa a realizar junto às criaturas terrenas, retomam as suas condições anteriores à reencarnação, então enriquecidas, se bem souberam cumprir os seus deveres no plano das dores e das dificuldades materiais. Dilatando, porém, a questão, devemos ponderar que os Espíritos, com esses ou aqueles traços característicos, estão em marcha para Deus, purificando todos os sentimentos e embelezando as próprias faculdades, a fim de refletirem a luz divina, transformando-se, então, nessas ou naquelas condições, em perfeitos executores dos desígnios do Eterno.

\*

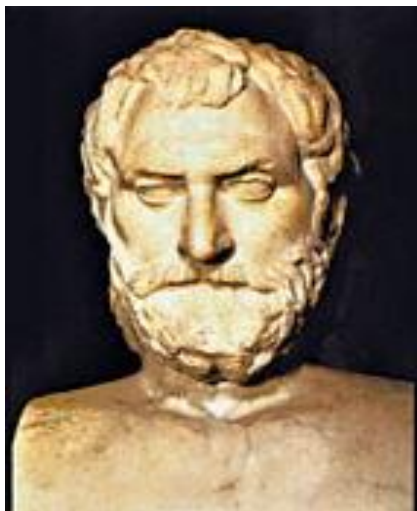


**SEGUNDA PARTE**

**OS FILÓSOFOS E SUAS DOUTRINAS**

## OS FILÓSOFOS E SUAS DOUTRINAS

### 1 - TALES



**Livro “História da Filosofia”. Os Pensadores. Editora Nova Cultural. São Paulo. 1999. Páginas 25/26.**

Tales, nascido em Mileto, é considerado, pela tradição clássica, o primeiro filósofo. Viveu provavelmente entre o final do século VII e meados do século VI a.C. Matemático e astrônomo, previu o eclipse do Sol de 585 a.C. Diz-se que, distraído teria caído num poço quando contemplava os astros. Mas comenta-se, também, que foi um hábil negociante, e que prosperou muito por causa da astúcia.

De seu pensamento só ficaram interpretações formuladas por outros filósofos, que lhe atribuíram uma idéia básica: a de que tudo se origina da água. A *physis*, então, teria como único princípio esse elemento natural, presente em tudo. Segundo Tales, a água, ao se resfriar, torna-se densa e dá origem à terra; ao se aquecer transforma-se em vapor e ar, que retornam como chuva quando novamente resfriados. Desse ciclo (vapor, chuva, rio, mar, terra) nascem as diversas formas de vida, vegetal e animal.

Não há dúvida de que esse pensamento logo esbarra em dificuldades. O que são, por exemplo, o calor e o frio de que depende o movimento da água, se é esta a origem única de todas as coisas? A busca da *arkhé*, um princípio único, conflita com outras forças que, por sua vez, precisam ser enquadradas em um princípio diferente. Essa dificuldade não é exclusiva de Tales; é da própria filosofia, que se desenvolve tentando resolvê-la. Se Tales aparece como o iniciador da filosofia, é porque seu esforço em buscar o princípio único da explicação do mundo não só constituiu o ideal mesmo da filosofia como também forneceu-lhe o impulso para desenvolver-se.

\*

**Livro: Noções de História da Filosofia. Manoel P. São Marcos. Edições FEESP. 1ª. Edição, 1993. Pág.s 28/9.**

TALES é uma das mais importantes figuras de Mileto. Viveu no último terço do século VII a.C. até meados do século VI a.C. Antigos relatos atribuem-lhe qualidades que o destacam na engenharia, na economia, na astronomia e na política, e de tal modo que é considerado um dos Sete Sábios da Grécia. A sua cultura excede o comum e, embora muito pouco haja registrado em seu favor, o fato de ser um pensador à busca da origem ou princípio das coisas é o bastante para se poder aquilatar um tanto o seu valor.

Tales é o primeiro do Trio Jônico que institui a Escola Jônica ou de Mileto, cuja metódica a envolver todo o interesse do conhecimento era a procura do **princípio e fundamento das coisas**, em sua possível abrangência.

Aristóteles é a única fonte de informação que se tem, é ele, pois, que, em sua autoridade, nos diz que Tales propôs, como elemento primeiro e fundamental das coisas, a **água**. Certamente por que ele sabia que onde há água há vida, e sem água não há vida. Deve ter lido a Bíblia e visto que ela diz que no princípio a água cobria toda a terra e o Espírito de Deus pairava sobre as águas... Essa informação cosmogônica certamente era de seu conhecimento, e há nela um sério fundamento científico. Era um homem culto, pesquisador e se valeu do melhor saber que possuía para tecer a sua filosofia. Teria dito também que o mundo estaria cheio de espíritos ou almas e muitos demônios ou deuses da concepção aristotélica.

Essa colocação talesiana chamou-se **Hilozoísmo** (Filos. Doutrina segundo a qual a matéria é dotada de vida, ou a matéria e a vida são inseparáveis) que significa “animação ou vivificação da matéria”. É considerável o fato de Tales, como jamais acontecera antes, ter tomado em consideração a totalidade de tudo o que existe, e não ter buscado a origem do mundo na acepção mítica, como era vulgar, mas querer saber com verdade o que era a **Natureza**.

\*

## 2 - ANAXIMANDRO



**Livro: História da Filosofia. Os Pensadores. Pág.26.**

Contemporâneo de Tales, Anaximandro procura um caminho diferente. Para ele, o princípio da *physis* é o *ápeiron*, que pode ser traduzido como indeterminado ou ilimitado. Eterno, o *ápeiron* está em constante movimento, e disso resulta uma série de pares opostos – água e fogo, frio e calor – que constituem o mundo. O *ápeiron* é, desse modo, algo abstrato, que não se fixa diretamente em nenhum elemento palpável da natureza. Com essa concepção, Anaximandro prossegue na mesma linha de Tales, porém dando um passo a mais na direção da independência do “princípio” em relação às coisas particulares.

\*

**Livro: Noções de História de Filosofia. Manoel S. Marcos. Pág. 29.**

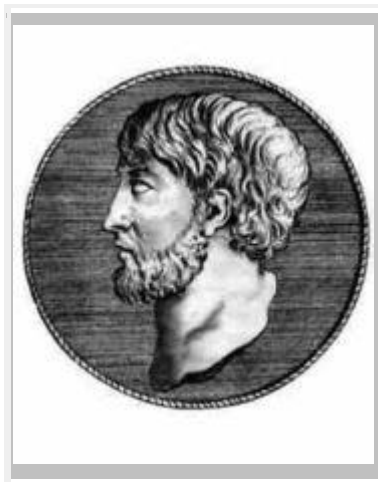
É o segundo do Trio Jônico, discípulo de Tales. Dirigiu a escola de Mileto, em meados do século VI, como sucessor de Tales. Sua obra, conhecida sob o título de “**Sobre a Natureza**” nome que a maioria dos pré-socráticos usou também, foi perdida. Nada se sabe sobre sua vida, contudo, sem certeza alguma, atribui-se-lhe diversos inventos de tipo matemático e astronômico e, com mais certeza, a confecção de um mapa. Anaximandro deu como princípio das coisas o **apeiron**. Apeiron é uma palavra grega que significa algo **indeterminado, grandioso, ilimitado**. Parece assim que a propositura tem razão de ser. Esse apeiron, como princípio, é o elemento fundamental do qual se constitui tudo o que existe e se chama natureza; o conjunto de todas as coisas; esse algo indeterminado e grandioso de onde tudo emerge. Um as coisas chegam a ser, outras deixam de ser, permanecem independentes e superiores às mudanças individuais. Anaximandro diz que

há uma injustiça na base do predomínio das coisas individuais, isto é, entre os contrários de uns sobre os outros: o frio sobre o quente, o úmido sobre o seco, a geração e a morte, etc., um movimento que produz **injustiça**. Mas o tempo fará com que todas as coisas regressem ao apeiron, à unidade, a essa quietude e indeterminação de onde injustamente saíram.

A acuidade do pensamento de Anaximandro conduziu a passagem de simples designação de uma substância, como princípio, para a idéia de natureza que é o conjunto de todas as coisas, e que vai ser em Aristóteles o princípio do movimento. O apeiron além de indeterminado é imperecível, alheio à mutação e à pluralidade, oposto à variabilidade das coisas.

\*

### 3 - ANAXÍMENES DE MILETO



Livro “História da Filosofia”. Os Pensadores. Págs. 26/7.

O meio-termo entre Tales e Anaximandro é representado por Anaxímenes, que viveu em meados do século VI a.C. Segundo ele, a *arkhé* que comanda o mundo é o ar, um elemento não tão abstrato como o *ápeiron*, nem palpável demais como a água. Tudo provém do ar, através de seus movimentos: o ar é respiração e é vida; o fogo é o ar rarefeito; a água, a terra, a pedra são formas cada vez mais condensadas de ar. Tudo o que existe, mesmo apresentando qualidades diferentes, reduz-se a variações quantitativas (mais raro, mais denso) desse único elemento.

\*

Livro “Noções de História da Filosofia”. Manoel S. Marcos. Pág. 30.

É o último dos três jônicos. Foi discípulo de Anaximandro, e é também de Mileto, já na segunda metade para o fim do século VI. Dá, como princípio e fundamento das coisas o **ar**, elemento indispensável à vida, o que relacionou com a respiração. Sem ar, isto é, sem oxigênio não há vida tal como a conhecemos; portanto, esta proposição justifica-se por si mesma. Além disso, Anaxímenes esclarece como é que do ar as coisas se formam: pela condensação e pela rarefação. O ar rarefeito é fogo; mais condensado é nuvem, água, terra, segundo o grau de densidade. À substância fundamental junta-se o movimento, e se produz a variedade mutável das coisas.

Anaxímenes não só coloca um princípio como fundamento das coisas, como também apresenta a forma, o processo pelo qual a partir dele as coisas surgem; é, pois, uma posição mais consentânea com uma idéia progressiva que afeta favoravelmente o pensamento, enquanto soluciona o problema em questão.

\*

#### 4 - PITÁGORAS



Livro “História da Filosofia”. Os Pensadores. Págs. 27 a 30.

##### “Nos números, a harmonia universal”.

A intensa vida cultural de Mileto acaba em 494 a.C., quando a cidade é destruída pelos persas. O eixo da cultura helênica, então, desloca-se para a Magna Grécia, no sul da Itália. Ali, na cidade de Crotona, floresceu o pensamento de Pitágoras e de seus seguidores.

**“Pitágoras: tudo é matemática”.** Pitágoras, se é que realmente existiu, teria nascido na Jônia, na segunda metade do século VI a.C. Instalando-se em Crotona, fundou uma seita religiosa e mística, que tinha como base o orfismo – um culto popular que pregava a transmigração da alma e a necessidade da purificação do homem para salvá-lo do ciclo das sucessivas reencarnações. Assim como o orfismo, a seita pitagórica tinha um caráter esotérico, secreto: suas idéias só eram acessíveis aos iniciados, que deviam praticar uma série de obrigações misteriosas.

Sob esse aspecto, as idéias de Pitágoras estão muito aquém do pensamento racional surgido na Jônia. Por outro lado, porém, o pitagorismo representaria um marco decisivo no desenvolvimento do pensamento racional e científico, por ter elevado à condição divina uma das realizações mais racionais do homem: a matemática. Com os pitagóricos, a matemática libertou-se da condição de mera técnica que atendia às necessidades práticas da agrimensura – como entre os egípcios – para constituir-se em uma ciência pura, ainda que revestida de religiosidade.

Segundo os pitagóricos, o homem, para se salvar, deve identificar-se com o divino, eliminando de sua vida todos os conflitos. Isso se faz principalmente por via da contemplação teórica, que vislumbra, por trás dos conflitos, a harmonia. A harmonia está presente, por exemplo, na música – um dos elementos-chave da prática ritual do orfismo. Conta-se que Pitágoras, examinando a música, teria descoberto que o som varia de acordo com o comprimento da corda, numa relação proporcional simples: diminuindo pela metade o comprimento da corda obtém-se uma oitava

acima; um acorde (ou harmonia) mais simples é produzido quando o comprimento das cordas está na razão 3:4:5. A música, em suma, é uma relação numérica, e se soa desagradável, sem harmonia, é porque a relação entre os números não se encontra numa proporção justa.

Os pitagóricos vão estender para todas as coisas esse entendimento da música. O mundo é número – e, para mostrá-lo, reduzem tudo o que existe a figuras geométricas simples. O ponto é o número um; a linha é o número dois; a superfície é três; e o volume, quatro. O mundo se traduz nesses números e em seus múltiplos, e por isso os pitagóricos consideram sagrado o dez, a soma desses algarismos ( $1 + 2 + 3 + 4 = 10$ ).

Se o mundo é número, cabe então descobrir as “características” de cada um, e suas relações. Dentre os vários “tipos” de números destacam-se dois: os pares (2, 4, 6...) e os ímpares (1, 3, 5...). Representados geometricamente, os pares formam sempre um retângulo e representam a alteridade, a diferença, enquanto os ímpares, que formam sempre um quadrado, com lados iguais, constituem a identidade. Dito de outra maneira, os ímpares são o princípio do Mesmo e os pares, do Outro.

**A justa medida e a harmonia.** Esses dois princípios, opostos e complementares, desdobram-se em dez pares: limite e ilimitado; ímpar e par; uno e múltiplo, direita e esquerda; masculino e feminino; imobilidade e movimento; reto e curvo; luz e obscuridade; bem e mal; quadrado e retângulo. A harmonia entre ambos ocorre quando há uma medida justa (*métron*), exata, de cada um. A inexistência dessa harmonia é a responsável pela desordem do mundo, tanto em relação ao aspecto biológico (masculino e feminino) quanto ao âmbito moral e político (bem e mal).

De todos os pares, os mais importantes são o limite e o ilimitado. Este último, *ápeiron*, representa o mundo terreno, com suas mudanças e corrupções infundas. Essa instabilidade somente pode ser detida pelo limite, que lhe oferece ordem e harmonia. Nesse sentido, o limite liga-se ao divino, única garantia da proporção justa. O homem consegue a salvação quando em sintonia com esse limite pacificador – o que se dá pela matemática.

Outro exemplo de relações constantes entre os números é o famoso teorema de Pitágoras: em qualquer triângulo verifica-se a relação  $a^2 = b^2 + c^2$ , sendo que  $a$  é a hipotenusa e  $b$  e  $c$  são os catetos. Essa propriedade do triângulo era, na realidade, conhecida já pelos egípcios, mas o mérito de Pitágoras foi o de demonstrá-la por meios racionais.

**O irracional também existe.** Esse tipo de investigação, porém, levou à descoberta de algo que os pitagóricos não podiam conceber: o número irracional. Num quadrado, por exemplo, a relação entre a extensão da diagonal e a dos lados é sempre a raiz quadrada de 2, cujo valor exato, por mais que se acrescentem os decimais, é impossível de obter. O mesmo acontece com a relação entre a circunferência e o diâmetro: a razão é sempre constante – o número pi -, mas qual o seu valor? O número é par ou ímpar?

A dificuldade apresentada pelo número irracional deve-se ao fato de a matemática, na época, ser sobretudo geometria. A aritmética, entre os



pitagóricos, era rudimentar, mesmo porque os números eram representados por letras, que pouco se prestam às operações. Utilizando sempre recursos geométricos, os pitagóricos não podiam compreender um número cuja representação em uma figura apresentasse uma dimensão sem fim.

Diante desses impasses, o pitagorismo apresentou uma grande flexibilidade de pensamento. Nisso também é uma seita diferente das outras, que tendem mais a se fechar em seus dogmas e a evitar problemas não previstos. Desenvolvendo constantemente suas investigações, os pitagóricos difundiram suas idéias por toda a Grécia, influenciando o pensamento científico e filosófico posterior, que encontraria na matemática um de seus modelos preferidos de raciocínio.

\*

**Livro “Noções da História da Filosofia”. Manoel São Marcos. Págs. 30/31.**

Em seguida à Escola Jônica ou de Mileto, constitui-se o importante núcleo dos pitagóricos. Nos fins do século VI, a filosofia transfere-se da Jônia para a Magna Grécia, ao sul da Itália, e para a Sicília, formando-se o que Aristóteles chamou Escola Itálica.

Nada se sabe ao certo sobre Pitágoras, mas conta a história que, de acordo com a lenda, Partner, mulher de Mnesarcos, era a mais bela mulher de Samos, e fora escolhida por Apolo, para nela gerar um deus. A fecundação deu-se, com grande satisfação de Mnesarcos, enobrecido pela escolha, e dela nasceu Pitágoras que se tornou belo como um deus, e como um deus, inteligente e sábio. Desvanecido e cheio de vaidade, Mnesarcos mandou erigir um templo em homenagem ao deus Apolo.

Pitágoras é o grande filósofo grego a quem ocorreu, pela primeira vez, a idéia de que o princípio de onde tudo deriva, tudo emerge, isto é, aquilo que existe de verdade, ou seja, o verdadeiro Ser, o ser em si, não é uma coisa formal, mas algo que não é sensível aos sentidos. Descobriu um tipo de ente que não é corpóreo, mas que possui realidade e oferece resistência ao pensamento. É o **número** a essência única das coisas que percebemos pelos sentidos, em sua representação fenomênica. As coisas são distintas umas das outras pela quantidade numérica. O número é a força soberana e autógena que mantém a permanência eterna das coisas cósmicas. Essa força soberana é o poder supremo que gera a si mesmo e mantém a eternidade. O número é a própria essência do Cosmos.

O número um, a unidade, é o princípio de todas as coisas. Tudo começa pela unidade, e na Unidade: Deus, que é único e o primeiro entre todas as coisas, é a Unidade Primária, Causa Infinita do processo infinito das causas e dos efeitos finitos. O Universo é a unidade constituída pela multiplicidade.

O número um é ímpar, e como tal sugere a idéia do dois, o par; são os pontos que estabelecem o movimento reto, a reta, a linha reta; o número três representa o triângulo, e realiza a superfície, o espaço físico; e sugere a idéia da Trindade da Criação: Deus, Espírito e Matéria; o número quatro simboliza a realidade temporal, a dimensão dos eventos e com eles a própria

vida, a temporalidade das vivências da experiência, da realidade sensível. Finalmente a soma desses números dá dez, o número soberano e simbólico que nos lança no infinito.

Com isso os pitagóricos descobrem um tipo de entes, dissemos acima, - os números e as figuras geométricas – que não são corporais, mas possuem aquela realidade que oferece resistência ao pensamento. Isso conduz a pensar, que não é lícita a identificação imediata do Ser com o ser corporal, por implicar uma ampliação da noção de ente de forma decisiva.

Pitágoras trouxe à Música substancial colaboração: relacionou o som de cada corda da Lira com o comprimento e espessura de cada uma, iniciando, assim, a identificação da frequência vibratória com o som musical.

\*



## **5 - PITÁGORAS (Aprox. 570 a.C. – Aprox. 500 a.C.)**

**J. HERCULANO PIRES**

**Livro “Os Filósofos”. J. Herculano Pires. Edições FEESP, 1ª. Edição, 2000.**

**Págs. 18 a 37.**

Na pequena Ilha de Samos, no Mar Egeu, verificou-se o milagre de uma encarnação divina, cerca de 570 anos antes de Cristo. Um deus baixou à terra, para trazer aos homens o facho da eterna luz, que clareia neste mundo obscuro a senda dos que desejam elevar-se ao céu. Não era ainda o Messias de Israel, mas devia ser um dos seus arautos, um longínquo precursor da sua vinda. Samos, a ilha inebriante, hoje famosa pelos seus vinhos moscatéis, pelo sol mediterrâneo que emoldura as suas ruínas, pela abundância de seus frutos, constituía então um dos Estados mais florescentes do Arquipélago. Suas montanhas cobertas de ciprestes, rumorejantes e verdes, exalando o suave odor das florestas de pinho, pareciam desdobrar sobre a ilha o manto protetor da deusa Hera, esposa de Zeus, para o milagre constante da fecundação.

Mas os deuses antigos não conheciam a virtude da fidelidade. Hera, amparando os esposais no solo fecundo da ilha, poderia ser traída pelo seu divino esposo. O mesmo manto que protegia a produtividade dos rebanhos, dos olivais e dos vinhedos encobriria um dia a visita misteriosa do soberano olímpico a alguma jovem sâmia. Esse espírito democrático dos deuses, que não temiam descer à condição humana, para gozar os prazeres efêmeros da terra, causaria grandes transtornos aos homens, se estes não reconhecessem a soberania divina e a ela não se submetessem com alegria e honra. É o que vamos ver no caso de Apolo (Deus do sol e patrono da verdade, da música, da medicina e pai da profecia. Filho de Zeus, fundou o oráculo de Delfos, que dava conselhos aos gregos, através da pitonisa, sacerdotiza de Apolo, que entrava em transe devido aos vapores vindos das profundezas da terra), filho de Zeus, que leva as bênçãos da fecundidade olímpica ao lar de Mnesarcos.

Quem era este Mnesarcos? Segundo os textos antigos que chegaram até nós, era um rico negociante de Samos. Diógenes Laércio (Diógenes Laércio. 225 – 300. Biógrafo grego da filosofia pré-nissênica nascido na Cilícia, o mais conhecido dos antigos biógrafos dos filósofos da Antigüidade) o menciona como “gravador de anéis”. Mas outros admitem que fosse o que hoje conhecemos por intermediário, comprando e vendendo mercadorias as mais diversas. François Millepierres entende que as duas coisas podiam conjugar-se na sua vida de comerciante e artista. De acordo com a lenda, Mnesarcos e sua mulher, Pártenes, eram descendentes do fundador de Samos, enquanto outros afirmam que eram tirrenos. O que importa é que Pártenes era a mais bela mulher de Samos, e Apolo procurou-a, para gerar um deus entre os homens. Esse deus foi Pitágoras. Uma Pítia, sacerdotisa de Apolo, profetizou o seu nascimento. E Mnesarcos, orgulhoso da preferência por sua esposa, fez construir em Samos um templo em honra ao deus.

Pitágoras cresceu, assim, no paraíso terrestre de Samos, na dupla qualidade de filho do homem e filho de deus. Mais tarde, um jovem galileu de Nazaré repetiria esse episódio mítico em proporções muito maiores, fazendo repercutir na história do mundo a estranha duplicidade da sua natureza. E decorridos dois milênios, apareceriam os que poriam em dúvida a existência de ambos. A lenda piedosa do nascimento divinal transferiria as duas pessoas históricas para o plano mitológico. E muito se discutiria e se discutirá a respeito. Mas os pitagóricos continuam a crer no seu deus, como os cristãos no Cordeiro de Deus. E um e outro se fazem tão presentes na terra, como se aqui ainda estivessem em carne e osso.

Jesus reformou o Judaísmo e trouxe aos homens uma nova mensagem de redenção. Pitágoras reformou o Orfismo e ofereceu aos homens um novo roteiro espiritual. Sua mensagem continua vida. Templos ainda se erguem, em seu nome. Ali mesmo, em Curitiba, podemos encontrar o Templo das Musas, que revive a tradição pitagórica. Mas o homem-deus de Samos não se projetou tanto no terreno da Religião, quanto no campo de batalha da Filosofia. Embora nada conheçamos, com segurança, dos seus escritos, suas idéias continuam a brilhar, como uma constelação doirada, no céu do pensamento moderno. Muitos afirmam que ele nada escreveu, mas Diógenes Laércio o contesta, citando vários livros seus, que desapareceram.

E mesmo que nada tivesse escrito, suas idéias ficaram gravadas no pensamento de seus discípulos, marcando um momento decisivo da história do Homem. Sua figura representa realmente um hífen, e é por isso que podemos aceitar a lenda do seu nascimento, em sentido alegórico: foi nele que o Homem realizou, pela primeira vez, na história do pensamento racional, a passagem da condição humana para a divina.

**SAMOS E MILETO.** Não é raro afirmar-se que a Filosofia nasceu em Mileto, o grande empório comercial e poderoso centro marítimo da Ásia Menor. Mas há os que contestam essa glória a Mileto, admitindo-a como berço do pensamento científico, e só aceitam a Filosofia a partir de Sócrates. Diógenes Lécio, em sua *Vida dos Filósofos Ilustres*, confere a glória simultaneamente a Samos e Mileto. Pratica a justiça de Salomão, entregando metade da criança a cada uma dessas duas mães. Há, para ele, duas correntes iniciais na Filosofia: uma é a jônica, que parte de Mileto, e outra a italiana, que vem de Samos. A primeira tem à frente Anaximandro, discípulo de Tales, e a segunda Pitágoras, discípulo de Ferecides (Um contemporâneo dos Sete Sábios e que nasceu no ano 600 a.C chamava-se FERECIDES. PITÁGORAS recebeu uma influência muito grande dele. Conta-se que FERECIDES estudou os Livros Secretos dos Fenícios e que foi o primeiro a acreditar na imortalidade da psique, introduzindo a idéia da reencarnação.).

Mas onde ficará Sócrates? – perguntarão os leitores. Em Atenas. E é quanto basta. Porque Atenas representa a confluência dessas duas correntes, e Sócrates aparece como o delta natural de todo o pensamento filosófico das escolas anteriores. Nele, a Filosofia se junta, como as águas dispersas se reúnem para formarem o grande espelho de um lago, que reflete o céu e a terra e guarda em seu fundo os resíduos de todas as distâncias percorridas. Mais tarde, os homens abrirão canais nesse lago, e esses canais se chamarão Platão e Aristóteles, que irão fecundar os séculos futuros.

Voltemos, porém, a Samos e Mileto, às vertentes das grandes correntes filosóficas. E vejamos porque e de que maneira foi possível que a Filosofia surgisse nessas cidades. Estamos a seis séculos antes de Cristo, e o mundo é bem diferente do nosso, embora os homens sejam bastante semelhantes aos do nosso tempo. Se fizermos uma comparação rigorosa, daremos razão aos céticos, que nada esperam da Humanidade. Mas se nos lembrarmos de que as civilizações são como os cursos de uma escola, em que os alunos se renovam para aprender as mesmas lições, talvez possamos alimentar um pouco de esperança. Pitágoras, como veremos, foi um dos mestres dessa escola.

Samos centralizava, por sua posição geográfica e seu poder marítimo, a vida do Arquipélago, e Mileto florescia na Jônia, enriquecida por suas relações comerciais com a Lídia, o Egito, a Espanha, e dividindo o seu poder marítimo com a Fenícia e Cartago. Possuía uma esquadra de cem vasos de guerra. Herdeira da civilização cretense, Mileto contava com uma tradição espiritual que pudera desenvolver-se bastante na fase de enriquecimento que se estende entre os séculos VII e VI antes de Cristo. Uma plutocracia (governo em que o poder pertence às classes ricas) poderosa vivia à larga, sobre as costas de uma numerosa subpopulação escrava. A riqueza e a tranqüilidade

permitted the leisure indispensable to the flowering of the spirit. When we speak of Thales, we think of a prodigious and solitary brain, but this does not correspond to the truth. Thales was a member of the intellectual community that flourished in Miletus. His lineage, derived from his natural gifts and his greater interest in Culture, allowed him to stand out and found a school in which would be born Science impregnated with Philosophy, “like a chick still wet from the egg”.

At this point we need to open a parenthesis, to explain that, in reality, there was philosophy before Miletus and before Samos. It was not what we understand today by this word, but it was thought that delved into its problems, elaborating slowly its comprehension of the world. From this primitive philosophy, the matrix of which would be born Philosophy and Science, just as we know today, the thought stood out little by little, through successive phases, as the day stands out from the night. The School of Miletus is a good example of this mechanism of the liberation of thought. Thales believed that the world was born from water, the mythical element par excellence; his disciple Anaximander, that the origin of everything was the *apeiron*, an infinite, undetermined, that involves all worlds, feeding its forms and its elements; and Anaximenes, his disciple, understood that the origin of all things was air, “the principle of the undetermined”.

We clearly see the mechanism of the disengagement or the liberation of thought, of its mythical origins. Although the idea of Anaximenes seems a retrogression, since it returns to the metaphysical conception of Anaximander to the physics of Thales, the truth is that this return, as accentuates Windelband (Wilhelm Windelband - May 11, 1848 – October 22, 1915 was a German philosopher of the Baden School. Born in Potsdam), represents a progress in the clarification of the fundamental problem. “As our soul, which being air maintains our unity, in the same way the breath or air maintains the world in its totality.” This phrase of Anaximenes reveals the exact position of his thought. The air allowed, by saying so, to incarnate in a physical element the abstraction of Anaximander, which Pythagoras, in his turn, incarnated in numbers. The thought liberated from the absorbent power of water returned to matter, for in it it could operate, but now dominating it, in the fluid form of air, of the breath, which is the *pneuma* or Spirit of Man or of the World. Is not this the same scientific process of our days? Starting from the concrete, the thought does not go to the abstraction of the hypothesis, in order to return, afterwards, to the concrete of the law, of the positive cause, or of the relation?

Pythagoras also makes this cyclic trajectory. Starting from the teachings of Pherecydes, his master in Samos, he goes to Miletus to hear the masters of the new school. There he discovers, according to various historians, a new element: numbers. Thales teaches him the power of numbers, which allow him to measure the height of an object by its shadow and the distance of a ship at sea. Anaximander, in his turn, shows him the function of numbers in the elaboration of maps, allowing to locate the cities in their exact distances, from one to another. It would be the first mortal to make a map and a solar clock.

Mileto e Samos, as duas rivais marítimas e comerciais, defrontam-se intelectualmente no encontro de Anaximandro com Pitágoras. Por trás do primeiro, está a figura de Tales; por trás do segundo, a de Ferecides. Ora, Tales é a personificação das conquistas racionais de Mileto, e Ferecides, a das tradições órficas de Samos. Um representa a libertação do pensamento de suas origens míticas, mas o outro representa o equilíbrio do pensamento em relação às exigências sentimentais do Homem. Que resultará desse encontro?

**EGITO E BABILÔNIA.** Mas como e por que teria Pitágoras deixado Samos? Dizem alguns que para fugir à tirania de Polícrates (Policrates em grego, Πολυκράτης), filho de Aeaces, era o tirano da ilha de Samos, de 538 AC a 522 AC. Ele tomou poder durante o festival de Hera com seus irmãos Pantagnotus e Syloson, mas logo teve seu irmão Pantagnotus morto e Syloson exilado para ter o controle somente para si. Ele então se aliou com Amasis II, faraó do Egito, assim como com o tirano de Naxos, Lygdamis. Ele construiu um aqueduto em Samos (aqueduto de Eupalinos), um grande templo dedicado à Hera ao qual Amasis dedicou muitos presentes e um palácio que depois foi reconstruído pelo imperador romano, Calígula.), “um velho patife que se tornou imensamente rico”, segundo Bertrand Russel. Outros acreditam que o jovem Pitágoras, belo como um deus, irradiante de inteligência e sedento de sabedoria, não se contentava com a rotina da corte de Polícrates e queria correr o mundo, pois era essa a única maneira, no tempo, de se adquirir sabedoria. O próprio Polícrates lhe teria dado uma apresentação para Amásis, usurpador do trono do Egito, que então imperava no Vale do Nilo. Em sua viagem para a terra dos faraós, terra de sabedoria e de mistérios, Pitágoras teria aportado em Mileto, aproveitando a oportunidade para conhecer a sabedoria nova que ali desabrochava.

A beleza de Pitágoras era uma conseqüência de sua natureza divina. Um filho de Apolo e da mais bela mulher de Samos não podia deixar de ser extremamente belo. Não é provável que um jovem assim, na corte de um tirano grego, onde as rosas e o vinho serviam de fundo às canções de Anacreonte (Anacreonte - em grego Ἀνακρέων - Anakrēōn, na transliteração foi um poeta lírico grego (Teos, 563 a.C. – id., 478 a.C.). Foi conselheiro de Polícrates, tirano de Samos. Com a morte deste em 522 a.C. partiu para Atenas, onde foi recebido por Hiparco, filho de Pisístrato. Tendo ele sido assassinado em 514 a.C., o poeta voltou para sua terra natal, onde morreu. A poesia de Anacreonte chegou até nós sob a forma de fragmentos. Cantava as musas, Dionísio e o amor. Foi muito apreciado pelos gregos e um dos poetas mais imitados), pudesse permanecer muito tempo em condições favoráveis, tendo as idéias de Pitágoras. Ao contrário de seu pai Apolo, que várias vezes fora desterrado do Olimpo (Zeus se tornou o soberano dos Deuses e passou a governar o universo no Monte Olimpo, uma montanha mística que se estendia além da terra), em virtude de aventuras amorosas, e mesmo de seu pai Mnesarcos, amante da riqueza e das aventuras amorosas ao largo do Mediterrâneo, Pitágoras não gostava das graças de Afrodite (Afrodite nasceu das espumas do mar (em grego, Aphros) e é uma das doze divindades gregas do Olimpo, considerada a deusa da beleza, do amor e da fertilidade. As lendas a respeito de Afrodite são muitas e às vezes divergentes. A deusa teria se casado com Hefesto, o deus coxo de Lemnos, embora amasse Ares, o deus da guerra. Dos seus amores adúlteros nasceram Eros (cupido) e Anteros, Deimos e Fobos (o Terror e o Medo) e a Harmonia). Considerava o corpo como o túmulo da alma, e

não podia, portanto, adaptar-se a um meio onde o corpo era cultuado em detrimento daquela.

Os historiadores da Filosofia nem sempre concordam com as viagens de Pitágoras pelo Egito e a Babilônia, considerando a precariedade das informações a respeito. Em geral, passam rapidamente sobre o assunto, preferindo fixar-se em sua permanência em Crotona. Mas, como adverte Millepierres, não podemos rejeitar tudo o que escreveram Diógenes Laércio, Porfírio, Jâmblico e outros, que basearam suas obras em fragmentos de autores ainda mais antigos, como Aristóteles, Dicearco e Timeu, que talvez se tenham informado “com discípulos diretos do mestre”. As fontes históricas, portanto, são favoráveis a essas viagens. Por outro lado, os costumes da época também as favorecem. Os homens que desejavam aprender tinham de ir beber a sabedoria nas fontes.

Havia boas relações entre Samos e o Egito, e Burnet reconhece que esse fato é favorável à viagem de Pitágoras. O tirano Polícrates, aliado marítimo do usurpador Amásis, teria facilidade em recomendar o jovem a este. Millepierres admite a apresentação, mas lembra que Amásis, pelo fato de não ser um faraó legítimo, não gozava de simpatia junto aos sacerdotes. Tendo em conta esse fato, e baseado em Porfírio, faz Pitágoras percorrer os centros religiosos do país. Primeiro, ele se dirige a Heliópolis, a velha metrópole religiosa, no delta do Nilo, munido de um papiro com a recomendação do faraó. Os sacerdotes, ciosos de seus segredos, não o recebem, e o enviam a Mênfis. Nesta cidade sagrada, gigantesca reunião de templos dedicados aos atributos de Ra (Sol, principal deus da religião egípcia), o viajante é mais uma vez rejeitado. Os padres de Mênfis o enviam a Dióspolis, a cidade de Amon, a Tebas de Cem Portas, onde se elevam duas fileiras de templos gigantescos à glória de Amon-Ra (Deus tebano Amon e deus egípcio Ra). Nessa cidade sacerdotal, Pitágoras é aceito e começa a sua iniciação.

Durante vinte e dois anos ele permanece no Egito, familiarizando-se com a língua, os costumes, as tradições do país, e absorvendo os ensinamentos secretos dos templos. Torna-se, dessa maneira, o depositário do saber egípcio, porque no fim de tão longo período o império faraônico ruiu, sob o impacto das forças invasoras de Cambises, rei da Pérsia, filho de Ciro. Segue-se à invasão numerosos sucessos, e Pitágoras consegue retirar-se do Egito para dirigir-se à Babilônia desejoso agora de conhecer os segredos dos astrólogos caldeus, dos magos e dos discípulos de Zoroastro. Entretém-se longamente com os magos medos, herdeiros de uma tradição mágica famosa. Demora-se com os discípulos diretos de Zoroastro, que então já não mais existia, aprendendo os segredos da grande batalha dualista entre o Bem e o Mal, que se trava no campo de guerra do mundo, onde os homens se alistam ora de um lado, ora de outro.

Doze anos permanece Pitágoras na Babilônia, e de tal maneira se impregna dos princípios do *Avesta*, o livro sagrado da doutrina, que seria considerado mais tarde como discípulo direto de Zoroastro. Para Aristóxeno (A-

ristóxeno, nascido entre 375 a 360 a.C. em Tarento, outro filósofo, discípulo de Aristóteles, é considerado o maior teórico da antiguidade helênica), é Zoroastro o principal mestre de filosofia de Pitágoras. Deixando a Mesopotâmia, o filósofo regressa a Samos, onde o velho Polícrates ainda impera, apesar de todas as transformações ocorridas no mundo, e graças às suas artimanhas para com os vencedores persas. Mas Pitágoras não deseja as graças da corte. Anseia pela difusão dos seus conhecimentos e procura discípulos nas ruas. Encontra o primeiro num ginásio esportivo. É um jovem pobre, um homem do povo. Pitágoras se propõe a ensinar-lhe a sabedoria, pagando-lhe as aulas, em vez de receber. Depois, domina o seu espírito com o poder da sabedoria, e não só o discípulo continua a aprender sem nada ganhar, como lhe arranja ainda outros discípulos.

O número se eleva a vinte e oito, e Pitágoras passa a ensiná-los numa gruta dos arredores da cidade. Mas Polícrates desconfia das suas intenções, e o filósofo acaba por deixar a ilha, a fim de procurar um local mais apropriado e mais seguro na Itália, onde florescem as cidades novas e progressistas que os gregos haviam semeado no Sul. Dirige-se a Crotona, cidade próspera e famosa, principalmente por seu avanço no campo da Medicina. E ali reúne de novo uma comunidade de discípulos, para lhes ensinar os segredos dos números e da harmonia.

A sabedoria está nos números, e a beleza na harmonia. Eis os dois ensinamentos iniciáticos da escola pitagórica. De acordo com todas as escolas antigas, ela contém uma parte exotérica, destinada à divulgação, e outra esotérica, privativa dos iniciados. Havia os ensinamentos orais privativos dos discípulos, os segredos da escola, que não podiam ser transmitidos ao povo. Eram os ensinamentos chamados acromáticos, nome que, mais tarde, Simplício dará também às obras didáticas de Pitágoras, destinadas apenas aos discípulos. Duas correntes se formaram no Pitagorismo, refletindo os dois aspectos da doutrina: a dos *acusmáticos*, interessados na iniciação moral, e a dos *matemáticos*, na iniciação completa. Essas correntes acabaram por diversificar-se, tornando-se a primeira totalmente religiosa, e a segunda científica. Pitágoras, para os acusmáticos (do grego: akouein = entender) era um deus e salvador; para os matemáticos (em sentido diferente do que damos hoje à palavra), um sábio.

**NASCE A FILOSOFIA.** Pitágoras é o pai da Filosofia. Foi o primeiro homem a se chamar filósofo, segundo informam Heraclides Pôntico, Diógenes Laércio e Cícero (CÍCERO, cerca de 106-43 a.C. Filósofo romano. Marco Túlio Cícero nasceu em Arpino. Aproximou-se desde jovem da filosofia, cultivando-a com interesse e constância). Antes dele, existia a sabedoria, e os que a buscavam ou a professavam, eram sábios. Pitágoras soube ver com mais clareza o problema do conhecimento, e deu-lhe forma e nome diversos. Em palestra com o tirano Leonte, de Fliunte, respondeu a este, que o havia chamado sábio: “Nenhum homem é sábio, só Deus o é.” E acrescentou: “Não sou um sábio, mas um amigo da sabedoria”, ou seja, um filósofo.



Já vimos como ele soube reunir em suas mãos, qual um verdadeiro deus, a sabedoria do seu tempo, elaborá-la no silêncio das suas meditações, e dela arrancar uma forma nova de concepção do mundo e da vida. Foi um renovador. Sua resposta a Leonte revela um alto senso de equilíbrio, uma exata compreensão das limitações humanas, a modéstia de quem não se deixa embriagar pelo vinho dos triunfos e das conquistas mundanas, e lembra a lição de Jesus aos que o chamaram bom: “Por que me chamais assim: Bom só é meu Pai, que está no Céu.”

Nem deus, como queriam os acusmáticos, nem sábio, como o chamavam os matemáticos, Pitágoras limitou-se ao título de filósofo, único a evocar para a sua pessoa. Filósofo, não no sentido de possuidor de sabedoria, como ainda hoje pretendem alguns que invocam esse título, mas no sentido etimológico da palavra, como “amante da sabedoria”. Não basta conhecer, é preciso conhecer o que se conhece, verificar se esse conhecimento é certo. Das lições de Ferecides ele passou aos ensinamentos jônicos, egípcios e babilônicos. O pensamento voltado sobre si mesmo, esquadrinhando os seus próprios domínios. Sócrates dirá, mais tarde, que há coisas mais importantes do que as do mundo físico. Mas Pitágoras já verificou isso, e não deixou que a idéia dos números, como princípio e essência das coisas, absorvesse a sua inteligência. Dos números soube tirar o ritmo, a harmonia. Das coisas surgiu a alma, a sua significação, o sentido da vida humana. A Filosofia é essa busca do sentido da vida, dentro das limitações humanas.

É evidente que, em Pitágoras, não encontramos a Filosofia em seu estado de pureza filosófica. Já vimos a divisão entre acusmáticos e matemáticos, os primeiros tendendo para a Religião e os segundos para a Ciência. John Burnet assinala em seu livro *Early Greek Philosophy (A Filosofia Grega Primitiva)*, que Aug. Reymond traduziu para o francês com o título *L'Aurore de la Philosophie Grecque* a mistura do maravilhoso e do racional, tanto na vida quanto na obra de Pitágoras. Diz Burnet: “A história neopitagórica, tal como a temos em Jâmblico, é um tecido de fábulas incríveis e fantásticas; mas, se lhe tirarmos as indicações que remontam a Aristóxeno e Dicearcos, podemos facilmente construir um relato razoável, no qual Pitágoras aparece, não como um fazedor de milagres e um inovador religioso, mas simplesmente como um moralista e um estadista.” E acrescenta, cuidadosamente: “Poderíamos então ser tentados a supor que seja essa a tradição autêntica, mas isso também seria um erro.”

“Pitágoras é uma das figuras mais interessantes e desconcertantes da História”, diz Bertrand Russel (O filósofo e matemático britânico Bertrand Russel (1872-1970), Prêmio Nobel de Literatura em 1950, autor de *Why I am not a Christian* (Por que não sou um Cristão), obra de 1936), acrescentando pouco depois: “Pode ser descrito, em poucas palavras, como uma combinação de Einstein e *Mrs. Eddy*.” A comparação é muito boa: Einstein, o cientista, que levou às últimas conseqüências a contribuição do pitagorismo em nossos dias, e Mary Backer Eddy, a fundadora da *Christian Science*, da Igreja de Cristo Científica. Há numerosas *Vida de Pitágoras*, que são relatos fantásticos de seus milagres, de fatos sobrenaturais. Mas quando vemos, em nossos dias, o desenvolvimento de correntes científicas como a Parapsicologia, revelando pode-

res ainda desconhecidos da mente, temos o direito de perguntar se um filósofo não pode ser também taumaturgo (que faz milagres), e vice-versa. E quando um historiador da Filosofia, como Gonzague Truc, conclui o seu compêndio afirmando que somente a Mística pode resolver os problemas filosóficos, compreendemos que Pitágoras tinha o direito de ser ao mesmo tempo um filósofo e um místico.

Vimos que a filosofia pitagórica é de tipo matemático, mas vimos também que a Matemática se resolve em música. E a função da Música é depurar a alma, como a da Medicina é curar o corpo. Os números são a origem e a substância de todas as coisas, mas é a harmonia que permite a conciliação dos números, para que as coisas possam existir. Vemos assim que a filosofia matemática e musical de Pitágoras apresenta-se também como precursora da dialética hegeliana, e conseqüentemente da dialética marxista. Mais de acordo, porém, com o seu espírito, é a dialética de Hamelin, para quem, antes da fusão do que da luta dos contrários, resulta o equilíbrio. A harmonia pitagórica é o resultado do equilíbrio entre os números pares e ímpares, como veremos mais claramente logo adiante.

**OS MISTÉRIOS DA VIDA.** O mundo é misterioso. A vida é misteriosa. Mas o Homem, colocado entre os dois grandes mistérios, deve trazer em si mesmo a chave que os desvendará. Assim, os mistérios se elevam a três, pois, antes de mais nada, o Homem tem de descobrir a chave em si mesmo. A Filosofia é o caminho que leva a essa descoberta. Por isso, Pitágoras investiga, primeiro em si mesmo, depois nos outros, e depois na Natureza, que confronta com o Homem as similitudes que lhe permitirão passar de um a outro.

Vamos tentar esclarecer como isso aconteceu. Pitágoras descobre em si mesmo uma faculdade maravilhosa: a memória. Essa faculdade, naqueles tempos ainda úmidos das águas genésicas, naquela era banhada pelos primeiros clarões dos tempos, não retinha apenas as lembranças de uma vida humana. Era um precioso arquivo, onde a mente lúcida de um filho dos deuses poderia ler as vidas anteriores. Isso permitiu a Pitágoras ver-se a si mesmo nas encarnações precedentes, e saber que, antes de ser filho de Apolo (A mitologia grega indica que Apolo, o deus do Sol, além de produzir doenças, poderia também curá-las - e, por isso, ele se tornou a principal divindade controladora das doenças. Posteriormente, surgiu o semi-deus Asclepios (ou Esculápio), filho de Apolo, como divindade específica da Medicina), já o havia sido de Hermes (Mercúrio era filho de Júpiter e de Maia, filha de Atlas. Os gregos chamavam-no *Hermes*, isto é, intérprete ou mensageiro. Seu nome latino vinha da palavra *Merces*, mercadoria. Mensageiro dos deuses e particularmente de Júpiter, ele os servia com um zelo infatigável e sem escrúpulo, mesmo nos empregos pouco honestos). Foi este deus, por sinal, quem lhe concedeu o dom de jamais se esquecer do que houvesse passado, em suas vidas sucessivas, na terra ou nos mundos infernais.

Heraclides Pôntico (Heraclides Póntico (aprox. 390 - 310 a.n.e.) fue un filósofo griego. Natural de Bitinia y trasladado a Atenas, se le consideró discípulo de Aristóteles y Demócrito) é quem nos transmite essas informações. Este Heraclides, que parece ter sido discípulo de Aristóteles, era um homem rico, que viera do Ponto para Atenas e passara a ouvir os pitagóricos. Daí os dados que possuía sobre a vida do primeiro filósofo. Segundo Laércio, era um homem tranqüilo,

de andar pausado e solene, sempre vestido de roupas leves e finas. Mas tão gordo que os atenienses trocavam o seu cognome de *pôntico* por um mais apropriado aos seus ares monumentais: *pômpico*. Muitos livros deixou Heraclides, e suas façanhas, apesar de sua solenidade *pômpica*, foram espantosas.

Laércio conta-nos esta deliciosa história: Heraclides teria criado um dragão, desde muito pequeno, encomendando a um dos seus confidentes, na hora da morte, que substituísse o seu cadáver pelo estranho bicho, a fim de que os homens pensassem que ele fora arrebatado pelos deuses, em vez de morrer como todos. Tudo foi feito como ele queria, e o dragão assustou aos que foram pranteá-lo. Depois, entretanto, a farsa foi descoberta, e Laércio lhe escreveu uns versos que terminam assim: “... saíste enganado, pois a besta era por certo um dragão, e tu foste antes a besta do que o sábio”.

Como se vê, tratava-se de uma curiosa figura, de um solene espertalhão, cujas informações podem não ser muito exatas. Entretanto, como as fontes pitagóricas são poucas, e estas informações se confirmam em outras fontes, o testemunho de Heraclides tem, pelo menos, o valor da curiosidade. De acordo com esse testemunho, Pitágoras dizia ter sido primeiramente Etalides, filho de Hermes; a seguir fora Euforbo, ferido por Menelau na Guerra de Tróia; depois, encarnara-se como Hermotimo, e morto este, passara ao corpo de Branco, servo de Apolo em Mileto, ocasião em que tivera a possibilidade de reconhecer, no templo do deus, o escudo que lhe consagrara, em sua volta de Tróia. Depois dessa encarnação, fora ainda um pescador délio, de nome Pirro, do qual finalmente passara à encarnação divina de Pitágoras, filho de Apolo.

Estas vidas sucessivas revelam a harmonia do Homem com a Natureza. Assim como, nesta, as coisas se sucedem num ritmo harmonioso, assim também, no Homem, a sucessão rítmica é uma harmonia natural e necessária. Da mesma maneira, a sucessão das fases biológicas no desenvolvimento humano segue o ritmo cósmico. Para Pitágoras, a vida normal se distribuía em quatro fases harmônicas: primeira, a da puerícia, até os vinte anos; segunda, a da adolescência, dos vinte aos quarenta; terceira, a da juventude, dos quarenta aos sessenta; e quarta, a da senectude, dos sessenta aos oitenta. Essas fases correspondem às estações do ano: a puerícia é a primavera; a adolescência, o verão; a juventude, o outono; a senectude, o inverno. Bela teoria, sem dúvida, que prolonga a adolescência até os quarenta anos, justificando a tese otimista de que a vida começa aos quarenta!

Os mistérios da vida se dividiam numa seqüência poética, tanto do ponto de vista metafísico, quanto do biológico. Pitágoras não era apenas filósofo, no sentido comum que hoje atribuímos ao termo, mas num sentido mais amplo, de verdadeiro “amante da sabedoria”. Partindo dos números, chegava ao conhecimento das artes, através da harmonia. Tanto aprofundava os segredos da Matemática, quanto os da Música e da Poesia. Não obstante, fiel às tradições órficas, que aprendera de Ferecides, buscava antes a poesia da alma que a do corpo. Embora fosse o mais belo dos homens, ensinava que o corpo só vale como reflexo da alma imortal. Assim, praticava e recomendava a temperança, o equilíbrio, a castidade, a pureza em todas as coisas.

Sua confraria, de tipo evidentemente órfico, era de estrutura comunitária. Talvez neste ponto assinalasse uma novidade, pois Timeu (historiador grego -? C. 356 – Siracusa 260 a.C. Fugiu da Sicília no tempo do tirano Agátocles de Siracusa e viveu em Atenas durante 50 anos) informa que Pitágoras foi o primeiro a dizer que, entre os amigos, todas as coisas devem ser comuns, uma vez que amizade é igualdade. Os bens dos discípulos deviam ser depositados em comum, para uso geral, o que nos lembra as comunidades cristãs primitivas, descritas no *Livro de Atos*. Havia uma regra de ouro a ser observada durante cinco anos: a do silêncio. Dura e penosa regra, mas indispensável para que os discípulos pudessem mergulhar em si mesmos, descobrindo a chave que lhes permitiria abrir as portas misteriosas do templo da vida.

Conta Laércio que durante os cinco anos de silêncio os discípulos ouviam a doutrina, mas não viam o Mestre. Recebiam os seus ensinamentos, certamente através de “assistentes”, pois só depois dessa prova podiam ir à casa de Pitágoras e conviver com ele. Uma curiosa informação é a de que os discípulos não admitiam o emprego de ciprestes na construção de ataúdes, porque dessa madeira é o cetro de Zeus. Temos aqui o princípio da impureza da morte, que não deve misturar-se ao sagrado. Resíduo mítico, ainda da era tribal, que aparece no Orfismo, como no Zoroastrismo e no Judaísmo. Mas outro resíduo mítico aparecerá na informação de que Pitágoras, ao se desnudar, certa vez, mostrou que uma de suas coxas era de ouro. O sagrado se mistura, no pensamento primitivo, com os metais e as pedras preciosas, o que vemos também na representação apocalíptica da Jerusalém Celeste. Pitágoras, filho de Apolo, devia ter pelo menos uma coxa de ouro.

Os mistérios da vida exigiam cautelas do Homem em todas as suas atividades. Assim, a própria alimentação devia ser rigorosamente controlada. Pitágoras não comia carne, nem qualquer espécie de alimentos cozidos. Num época em que se matavam animais em honra aos deuses, Pitágoras prestava homenagens a Apolo na ara do templo de Delos (O templo de Delos ou gran templo, um dos três dedicados a Apolo), destinada aos sacrifícios vegetais. As informações contraditórias, que o mostram comendo ou permitindo alimentação carnívora, parecem decorrer de confusões com outros personagens do mesmo nome. Uma das curiosidades das suas prescrições era a proibição de comer favas, que se tornou célebre, particularmente através dos exercícios sintáticos de Latim com a frase de Cícero: *Interdictum erat Pythagoricis ne fabis vescerentur*, ou seja: era proibido aos pitagóricos alimentarem-se de favas.

A proibição de comer carne explicava-se pela necessidade de aprimoramento da alma, pois a alimentação carnívora fortificava o corpo mas enfraquecia o espírito, segundo a explicação de Plutarco (Plutarco - em grego, Πλούταρχος - de Queroneia (45-120 ?), filósofo e prosador grego do período greco-romano, estudou na Academia de Atenas, fundada por Platão). Mas o que havia com favas? O mesmo Plutarco chegou a admitir uma explicação engenhosa, embora pouco convincente. Pitágoras queria afastar os seus discípulos das eleições políticas, em que os votos eram dados por meio de favas. Não comendo favas, também não entrariam no jogo político das favas-contadas. Os doxógrafos (Doxologia: enunciado que se limita a reproduzir uma opinião de senso comum ou uma

verdade aparente) dão explicações mais aceitáveis. A proibição teria motivos higiênicos e religiosos. Os higiênicos decorreriam da natureza demasiado farinácea das favas, causadoras de flatulências. Os religiosos, de que a produção de gases pelas favas seria uma indicação da presença de espíritos nesse vegetal. Mas há outras explicações, bastante curiosas: as favas teriam semelhanças com órgãos sexuais, excitando os instintos proibidos; seriam também semelhantes a crânios humanos, e comê-las poderia equivaler a comer antepassados; seriam ainda um alimento quente e excitante, capaz de perturbar a serenidade das idéias; ou ainda, e certamente o mais curioso, seriam, por seu caule em forma de tubo, sem obstruções internas, um conduto misterioso das almas, no processo da metempsicose vegetal.

Aliás, o problema da metempsicose, geralmente mal interpretado, aparece em Pitágoras como verdadeira antecipação do evolucionismo e do transformismo modernos. O enunciado pitagórico que chegou até nós, e que parece provir do próprio mestre, diz assim: “A alma, percorrendo o ciclo da Necessidade, muda de forma vivente em cada uma de suas etapas.” Millepierres adverte que a metempsicose é um simples corolário da metacosmose, ou seja, a alternância humana do ritmo cósmico da vida, na concepção hilozoísta (a matéria é animada, tem vida) do universo pitagórico. Assim como o universo, ser vivo, movimenta-se em transformações constantes, dividindo-se do Uno no Múltiplo, e reconstruindo sua Unidade, assim também a alma humana estaria sujeita ao mesmo processo. Neste ponto, o pensamento pitagórico revela, através do absurdo aparente da metempsicose, coerência muito maior que a de certas doutrinas modernas, que pretendem fazer do Homem um elemento à parte na obra da Natureza.

A doutrina da metempsicose não é grega. Parece provir dos egípcios. Pitágoras a adota e a transforma numa poderosa arma de reforma dos costumes. Matar um animal e comê-lo pode equivaler a um parricídio, a um matricídio, ou a um fratricídio, porque não podemos saber se naquele corpo não estará encarnado o nosso pai morto, a nossa mãe ou o nosso irmão. Porfírio (c.232 – c.304. Filósofo neoplatônico grego de origem persa foi discípulo de Plotino) nos dá um exemplo do poder reformador da teoria. Num mundo carnívoro por excelência, impiedoso para com os animais, onde a hecatombe (sacrifício de 100 bois) era a forma principal de homenagear os deuses, o Pitagorismo levanta a curiosa tese da unidade das espécies vivas. Ainda hoje, grandes doutrinas religiosas dominantes estão muito longe desta compreensão piedosa: “É necessário convir que todos os animais pensam – diz Porfírio – e que a única diferença entre nós e eles consiste no gênero de vida, de maneira que devemos considerá-los como nossos aliados. Imolando-os, cometemos uma monstruosa impiedade.”

**O UNIVERSO MATEMÁTICO.** A teoria dos números, segundo as informações históricas, não surgiu de simples cogitações do filósofo, mas de experiências. Pitágoras assume assim uma posição de predecessor de Francis Bacon (iniciador do empirismo; enalteceu a experiência e o método dedutivo: 22/01/1561, Londres, 09/04/1626). Certa vez, ao passar nas proximidades de uma ferraria, percebeu que os sons da bigorna variavam de acordo com o peso dos martelos. Não obstante o erro da observação, estava lançada a premissa maior da sua descoberta. Interessado pela idéia, teria feito experiências, sem resulta-

dos, com a variação dos sons numa corda em tensão, tocada por pesos diferentes, dispostos a distâncias iguais. A seguir, fez experiências com um monocórdio, medindo as distâncias necessárias para obter as notas da oitava, e assim descobriu os intervalos musicais.

Das batidas de uma bigorna às oitavas de um monocórdio, Pitágoras dá um salto mortal para a concepção mais audaciosa de todos os tempos: a concepção matemática do Universo. Gompertz (Benjamin Gompertz, Londres, 1779-1865, matemático autodidata, Membro da Real Sociedade, demógrafo, conhecido por as “Leyes de Mortandad”) comenta, admirado: “É uma das coisas mais extraordinárias que se conhecem na história das ciências.” E é mesmo. A concepção pitagórica, mais tarde ridicularizada, está hoje novamente em foco. Os grandes cientistas modernos admitem que a estrutura do Universo é matemática. E o que parecia ingênuo ou fantasioso em Pitágoras, talvez ainda venha a revelar a sua face desconhecida ao mundo atônito dos nossos dias.

O primeiro a expor a doutrina pitagórica em público foi o seu discípulo Filolau (Filolau de Crotona, século V a.C., filósofo pitagórico. Tradicionalmente se aceita que este filósofo tenha escrito um livro em que expunha a doutrina pitagórica (que era secreta e reservada apenas aos discípulos). Os fragmentos de seu livro conservam os mais antigos relatos sobre o pitagorismo e influenciaram fortemente Platão que, segundo a tradição, teria mandado comprar o referido livro, pagando por ele uma razoável quantia), contemporâneo de Sócrates. Até então, o ensino do Mestre não saía dos círculos fechados das confrarias, à maneira do ensino secreto dos antigos Mistérios. E é com estas palavras, de uma força racional e emotiva que nos toca ao mesmo tempo o cérebro e o coração, que Filolau enuncia o problema da concepção matemática: *O número é a força soberana e autógena que mantém a permanência eterna das coisas cósmicas*. Nesta frase poderosa está praticamente contida a doutrina pitagórica do universo matemático. Força soberana e autógena, poder supremo, que se gera a si mesmo e mantém a eternidade das coisas, o número é a própria essência do cosmos.

A gênese pitagórica não revela o caráter mítico da jônica. O Universo não nasce da água, mas de um princípio matemático. Pitágoras, tantas vezes acusado de prejuízos órficos, eleva-se do mítico ao racional, num lance de gênio. O número um, a unidade, é o princípio de todas as coisas. Poderíamos dizer, numa paródia bíblica: “No princípio era o número”. Mas esse número inicial é a unidade, que se fragmentará na multiplicidade, para gerar o Cosmos. Nele, nesse misterioso número um que paira no princípio das coisas, acima do abismo, no limiar da eternidade, no centro do incognoscível, no meio daquilo que não tem lados nem meio, nesse número que não é apenas forma, mas também e principalmente essência, força, poder, energia e luz, tudo está presente. E dele, por isso mesmo, tudo irá eclodir. O número um é imóvel. Paira em meio do nada, contrastando o vazio, como afirmação única e absoluta em meio da absoluta negação. Em seu redor, nada existe. Nem há qualquer possibilidade de existência. Basta, porém, que o menor movimento nele se produza, para que a Década se desencadeie, o número dez, a perfeição, se projete no absurdo, em sucessivos lances criadores, gerando o Universo.

O número um é ímpar, mas tem em si mesmo o par. É o par-ímpar, que encerra em si os contrários, mas não em contradição, e sim em harmonia. O primeiro e mais leve movimento produz o número dois, e com este número temos o primeiro desenvolvimento geométrico: surge a linha. Juntamente com a linha temos o primeiro par, e com ele, o princípio da sabedoria, que permanecia e continuará imutável na unidade, se desdobra em opinião, em começo da Ciência. A seguir, temos o número três e com ele a superfície, o espaço físico, o triângulo, a figura perfeita, que apresenta um começo, um meio e um fim; o número quatro, número dos números, que gera o quadrado, cria o sólido e os seres individuais, representa a alma e seu aparato sensorial; o número cinco, primeira junção do par e do ímpar, forma da luz e da união dos sexos; o número seis, primeiro produto da multiplicação do ímpar pelo par ( $2 \times 3$ ), correspondente aos corpos vivos, e cujo cubo (216), chamado psicogônico, é o que gera a alma; o número sete, da razão, que não tem fator nem produto na Década; o número oito, primeiro cubo, número da amizade; o número nove, quadrado do primeiro ímpar, última unidade, correspondente à Medicina. Finda a série das unidades, temos a Década, o Número do Universo, o número dez, que é definição e determinação de tudo, e sem o qual nada pode existir.

Na Tábua das Oposições ou dos Contrários, que, segundo alguns estudiosos, Pitágoras teria encontrado na Babilônia, temos a base da formação das coisas. De um lado ficam os números pares, que formam a representação do infinito, e de outro os ímpares, que representam o finito. Ou seja, o ilimitado e o limitado. É do equilíbrio dos dois que resultam as coisas. Do lado ímpar, que é o da Unidade, temos o limitado ou definido, o masculino, a direita, a reta, a luz, o repouso, o bom e o quadrado. Do lado par, temos o ilimitado ou indefinido, o feminino, a esquerda, o movimento, a curva, a treva, o mau e o retângulo. Entre os dois lados encontra-se a harmonia, que permite o equilíbrio, a fusão dos números e a produção das coisas. Graças ao poder conciliador da harmonia, o Cosmos é gerado do Caos. O Universo, pois, é um processo dialético, resultado da fusão dos contrários.

Vejamos, agora, num quadro geral, que espécie de universo resulta dessa fusão dos números, através da harmonia, ou seja, desse processo matemático que se resolve em música. O mundo é um ente vivo, de forma esférica, e sua alma é o Éter. No centro desse corpo está a Unidade, o primeiro corpo, o gérmen universal. Ao redor, as esferas celestes, que rodam de oeste para leste, e em torno destas, a camada periférica das estrelas fixas. Os corpos celestes, que são a Terra, o Sol, a Lua e os cinco planetas, produzem a música das esferas, ao girarem em torno do fogo central da Unidade. Não ouvimos essa música universal e divina, porque ela é contínua, não dispomos do contraste do silêncio, que nos permitiria percebê-la. Para completar a Década, temos ainda a Antiterra, que Aristóteles entendeu ter sido inventada para resolver a dificuldade da explicação matemática, e que os historiadores da Filosofia, em geral, consideram da mesma forma. Não obstante, o problema da Antiterra está sendo novamente colocado pela ciência moderna, que trata, em escala mais ampla, do Antiuniverso. E Bréhier (Émile Bréhier, 12 avril 1876, Bar-le-Duc, 3 février 1952, Paris, est un écrivain et historien français) CONSI-

dera a explicação de Aristóteles uma simples *boutade* (gracejo, piada espirituosa, frase engraçada que não se pode levar ao pé da letra).

O Universo Matemático de Pitágoras aparece-nos, assim, com duplo aspecto: é ao mesmo tempo uma construção imaginária e uma dedução científica. No plano da imaginação, sua beleza é indiscutível. Pitágoras nos dá uma verdadeira obra de arte, uma espécie de ficção científica da mais alta perfeição. No plano da Ciência, oferece-nos uma construção matemática admirável. Bertrand Russel, com sua autoridade de matemático, ressalta a importância do pensamento pitagórico, em sua fusão inovadora de religião e raciocínio, de fé e razão, e chega mesmo a proclamar: “Não conheço qualquer outro homem que tenha exercido tanta influência, como ele, na esfera do pensamento.”

**A ESTRANHA MORTE.** Pitágoras, se teve um nascimento estranho, também parece haver morrido de estranha morte. Os deuses são assim: nascem e morrem de maneira surpreendente. Os últimos dias do filósofo decorreram em Crotona, na Magna Grécia, para onde se retirara depois de uma possível desavença com o tirano Polícrates. Organizando, ali, na grande e progressista cidade, a sua confraria, obteve êxitos animadores, e parece, por fim, ter se interessado pela luta política que se desenvolvia entre Crotona e Síbaris. Vencida a rival elegante e alegre de Crotona, todas as possibilidades pareciam abrir-se para o filósofo e sua confraria. Entretanto, acontecimentos imprevistos, ao que dizem alguns historiadores, motivados por ciúmes políticos, fizeram que se desencadeassem violentas campanhas contra os pitagóricos.

Casado com Teano, filha de Brontino, Pitágoras constituiu família. Tinha uma filha de nome Damos, e um filho chamado Telauges. Ambos, ao que parece, faziam jus ao nome e à glória do pai. A filha, que ficara com os manuscritos dos *Comentários* de Pitágoras, teria preferido morrer na pobreza a ceder os valiosos originais a interessados de muito dinheiro, segundo informação de Lísis, citada por Laércio. O filho teria merecido esta referência de Empédocles: “Ilustre filho de Teano e de Pitágoras.” Apesar disso, nada deixou que justificasse a referência. Teano, segundo diz Laércio, teria deixado alguns escritos. Como se vê, toda uma família de estudiosos.

É difícil dizer-se como teria morrido, de fato, o filósofo. As versões a respeito são as mais variadas. Num ponto, porém, todas ou quase todas concordam: Pitágoras teria morrido, de uma forma ou de outra, depois de completar setenta anos, quase cumprindo as quatro fases sucessivas da vida, de acordo com o ritmo cósmico da sua concepção. Passou pelas quatro estações: a primavera, o verão, o outono e o inverno. Esta última foi um tanto rigorosa. Na vencedora Crotona, as campanhas contra a confraria pitagórica tornaram-se mais violentas, quando um certo Cílon, de família rica e nobre, teve o seu ingresso na seita impedido pelo filósofo. Este Cílon era um agitador: Organizou uma liga antipitagórica e levou a sua campanha às últimas conseqüências.

Uma curiosa versão diz que Pitágoras conversava na casa de seu amigo Mílon, quando os inimigos o atacaram, ateando fogo na casa. Pitágoras conseguiu escapar, mas foi dar numa plantação de favas, onde se viu cercado



pelos inimigos. Para avançar, teria de pisar as favas. Para não fazê-lo, preferiu entregar-se e os adversários o mataram, cortando-lhe a garganta. Ao mesmo tempo, cerca de quarenta de seus discípulos também foram mortos, e apenas alguns conseguiram escapar, entre os quais Lísis, a que nos referimos atrás. Outra versão, essa de Heraclides e Dicearcos, é a da fuga do filósofo para Metaponto, onde teria se suicidado no Templo das Musas, por exaustão, após quarenta dias de jejum.

Laércio repete uma versão curiosa de Hermipo, segundo a qual Pitágoras, fugindo de Crotona para a Itália, com os discípulos, teria se envolvido numa luta entre agrigentinos e siracusanos, em favor dos primeiros. Com a derrota dos agrigentinos, Pitágoras e os discípulos conseguiram fugir, mas deram com uma plantação de favas, que tiveram de contornar. Enquanto o faziam, foram presos e mortos pelos siracusanos. Entretanto, parece que Pitágoras conseguiu escapar, pois ao chegar à Itália afastara-se para um recanto, construindo uma habitação subterrânea, onde se escondera para esperar o fim da luta. Sua mãe, que não se explica de que maneira estaria ali, dava-lhe constantemente, por escrito, notícias pormenorizadas da luta. Quando esta terminou, Pitágoras saiu das entranhas da terra, e declarando que viera do Hades (Hades, na mitologia grega, um dos 12 deuses do Olimpo, filho de Cronos e de Réia. Na partilha do universo entre Zeus (Júpiter), Posêidon (Netuno) e Hades (Plutão), o primeiro ficou com o céu e a terra, Posêidon com os mares e Hades com as profundezas subterrâneas, os Infernos. Reinava sobre os mortos e presidia o tribunal composto pelos juizes Minos, Éaco e Radamanto, destinado a julgar as almas. Estas, se condenadas, eram atiradas no Tártaro; se absolvidas, eram enviadas aos Campos Elíseos, mansão dos bem-aventurados. O nome Hades aplica-se também aos Infernos), contava aos siracusanos os sucessos da luta. Estes se comoveram e o elegeram preceptor de suas mulheres. Pitágoras instruiu-as, e elas se tornaram pitagóricas.

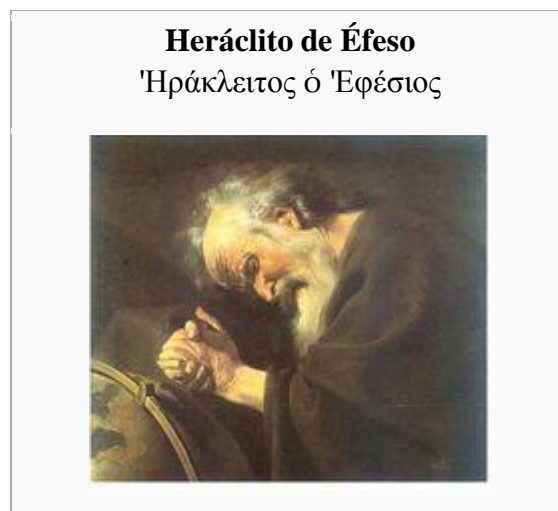
A vida lendária do filósofo acaba se esfumando, assim, numa série de informações contraditórias. Não se conseguiu saber mais, com segurança, como Pitágoras terminou os seus dias. Acredita-se que tenha morrido nas campanhas desencadeadas por Cílon contra a confraria na própria Crotona, possivelmente entre os anos de 504 e 500 antes de Cristo. O chamado *Poema Áureo* de Pitágoras só foi composto, segundo as investigações de Nauck, no quarto século da nossa era. Não pertence, pois, ao filósofo. Não obstante, Gomperz e Zeller entendem que o poema deve ter sido compilado com base na tradição oral, contendo alguns versos realmente pitagóricos.

\*

**6 - DOIS CAMINHOS PARA A FILOSOFIA.  
HERÁCLITO – PARMÊNIDES – ZENÃO – EMPÉDOCLES –  
ANAXÁGORAS – LEUCIPO E DEMÓCRITO**

**Livro “História da Filosofia”. Os Pensadores. Págs. 30 a 33.**

No século V a.C., a Grécia propriamente dita (ou seja, Atenas) entra em guerra com a Pérsia. O cenário das investigações filosóficas, então, divide-se em dois. Um deles passa a ser Éfeso, na Grécia asiática, e outro Eléia, no sul da Itália. São duas extremidades opostas do mundo grego, como que simbolizando as duas direções contrárias que a filosofia irá tomar. Essas direções têm em comum o mesmo ponto de partida, a herança dos primeiros filósofos da Jônia: a pergunta sobre se existe um princípio único que explique o mundo em seus diversos aspectos. Em Éfeso, a resposta de Heráclito é a de que os contrários formam uma unidade; a de Parmênides, em Eléia, de que os contrários jamais podem coexistir.



**HERÁCLITO: “tudo é um”**

**7 - Heráclito (c. 540-480 a.C.)** transforma em solução o que aos outros era problema. Para ele, o mundo explica-se não apesar das mudanças de seus aspectos, muitas vezes contraditórios, mas exatamente por causa dessas mudanças e contradições. Por isso, em um de seus fragmentos diz: “O combate é de todas as coisas o pai, de todas, o rei”. Em outras palavras, todas as coisas opõem-se umas às outras, e dessa tensão resulta a unidade do mundo.

Essa oposição, esse combate, é uma guerra, e não, como pretendia Anaximandro, o equilíbrio de forças iguais. Tampouco é a harmonia dos contrários assegurada, como no entender dos pitagóricos, pela justa medida imposta por um ente supremo. Para Heráclito, a harmonia nasce da própria oposição: “O divergente consigo mesmo concorda; harmonia de tensões contrárias, como de arco e lira”.

A divergência e a contradição não só produzem a unidade do mundo, mas também a sua transformação. O mundo é um eterno fluir, como um rio; e é impossível banhar-se duas vezes na mesma água. Fluxo contínuo de mudanças, o mundo é como um fogo eterno, sempre vivo, e “nenhum deus, nenhum homem o fez”.

Mas só se compreende isso quando, ao deixar de lado a “falsa sabedoria” ditada pelos sentidos e pelas opiniões, chega-se ao logos, isto é, ao pensamento sensato. É o raciocínio adequado que abre as portas para o entendimento do princípio de todas as coisas. “Não de mim, mas do logos tendo ouvido, é sabido homologar: tudo é um”, diz um de seus aforismos.

Heráclito de Éfeso é um dos filósofos pré-socráticos mais importantes. Ele leva o discurso filosófico de Tales, Anaximandro e Anaxímenes a posições decididamente mais avançadas e em grande parte novas. Os três jônios interessaram-se pelo problema da *physis*, constatando o dinamismo universal da realidade. Todavia eles não explicitaram e não tematizaram este aspecto preciso da realidade e nem puderam refletir sobre as múltiplas implicações desse mesmo aspecto. Foi o que fez Heráclito.

Em primeiro lugar, ele chamou a atenção para a perene mobilidade de todas as coisas. Segundo ele, nada permanece imóvel e nada permanece em estado de fixidez e estabilidade, mas tudo se move, tudo muda, tudo se

transforma, sem cessar e sem exceção ("*tudo flui*"), recordando a futura e famosa afirmação de Lavoisier. Para ele, só o *devir* das coisas é permanente, no sentido de que as coisas não têm realidade senão justamente no perene *devir*.

Entretanto a filosofia de Heráclito está bem longe de se reduzir a mera proclamação do fluxo universal das coisas: esta é a constatação de partida. Para Heráclito, o *devir* é um contínuo conflito dos contrários que se alternam, é uma perene luta de um contra o outro, uma guerra perpétua. E como as coisas só têm realidade no perene *devir*, essa guerra se revela como o fundamento da realidade das coisas.

No entanto, essa guerra é ao mesmo tempo paz e harmonia, fazendo com que o fluir perene das coisas e o universal *devir* se revelem na síntese dos contrários, tornando-se o perene pacificador dos beligerantes.

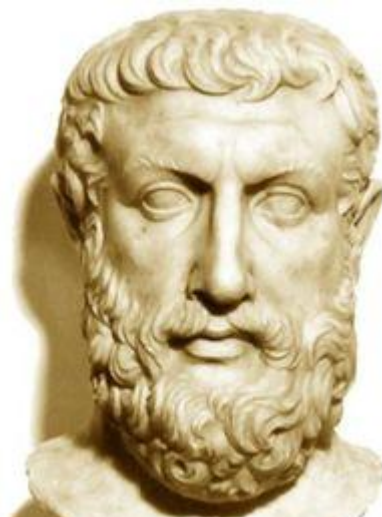
Segundo Heráclito, a multiplicidade das coisas se recolhe numa unidade dinâmica superior, conforme suas próprias palavras: "*De todas as coisas o um e do um todas as coisas*". É na síntese dos opostos que está o princípio que explica toda a realidade e, por isso mesmo, é exatamente nisso que consiste Deus ou o divino. Deus é a harmonia dos contrários, a unidade dos opostos.

Mas, enquanto nos jônicos não se atribuía inteligência ao primeiro princípio divino, fica claro que Heráclito a tenha atribuído como podemos ver em suas próprias palavras: "*A natureza humana não possui conhecimentos, a natureza divina sim*" e em "*Só existe uma sabedoria: reconhecer a inteligência que governa todas as coisas através de todas as coisas*".

Heráclito chamou este seu princípio de *lógos* e, para ele, a verdade não pode consistir senão em captar, entender e exprimir esse *lógos* comum a todas as coisas. Por consequência desse entendimento, compreende-se a sua desconfiança nos sentidos e nas opiniões comuns dos homens, desprezando o saber dos outros filósofos.

Heráclito expressou também alguns pensamentos sobre a alma, que vão além de seus predecessores. Assim como os jônicos, ele identificou a natureza da alma com a natureza do princípio, mas adicionou a idéia de que a alma possui propriedades completamente diferentes do corpo como em: "*Mesmo percorrendo todos os caminhos, jamais encontrarás os limites da alma, tão profundo é o seu lógos*". Com isso ele quer dizer que a alma estende-se ao infinito justamente ao contrário do que é físico.

Finalmente para Heráclito, a felicidade não pode consistir nos prazeres do corpo, como ele afirma de forma sublime em "*Difícil é a luta contra o desejo, pois o que este quer, compra-o a preço da alma*", adivinhando o núcleo da ética ascética do *Fédon* de Platão, onde saciar o corpo significa perder a alma.



### **PARMÊNIDES de Eléia: o ser e as ilusões.**

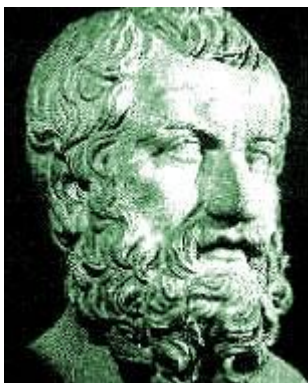
**História da Filosofia. Os Pensadores – pág. 32.**

**8 - Parmênides (c. 540-450 a.C.),** ao contrário de Heráclito, procura eliminar tudo o que seja variável e contraditório. Se uma coisa existe, ela é esta coisa e não pode ser outra, muito menos o seu contrário. Uma árvore é uma árvore, o Sol é o Sol, o homem é o homem, o que é é o que é. Em outras palavras, o ser é o ser ou, resumidamente, o ser é. Segue-se logicamente que não-ser não é, não pode existir.

Se só o ser existe, o ser deve sempre existir. Deve ser único, imóvel, imutável, sem variações, eterno. Mas o que seriam então as constantes mudanças, as contradições e os aspectos diferentes que o mundo apresenta? São ilusões, responde Parmênides, meras aparências produzidas por opiniões enganadoras, não pelo conhecimento do verdadeiro ser.

Esse pensamento inaugura a metafísica (por não se contentar com a aparência das coisas e buscar-lhes a essência) e a lógica (o princípio da não-contradição existente no ser, que é, e no não-ser, que não é). Para Parmênides, o mundo dos sentidos, por estar condicionado às variações dos fenômenos observados e das sensações, dá origem a incertezas e a opiniões diversas. Por isso, o conhecimento não pode ser alcançado por esse caminho, e sim pela certeza que a razão produz por meios lógicos e dedutivos.

\*



## ZENÃO DE ELÉIA

Livro: História da Filosofia. Os Pensadores. Pág.33.

### 9 – Zenão e os Paradoxos.

O pensamento de Parmênides é levado ao extremo por seu discípulo Zenão (também de Eléia), que formula seus famosos paradoxos. “Paradoxo”, na origem, significa “contrário à opinião”, e é exatamente contra a opinião comum que Zenão pretende demonstrar que a variedade (ou a pluralidade) das coisas e o movimento são impossíveis.

Se há várias coisas, afirma Zenão, elas devem ser em determinado número, nem mais nem menos; mas entre elas deve haver sempre outras. Então é preciso admitir que exista um número ao mesmo tempo finito e infinito de coisas, o que é absurdo. Esse argumento supõe que não haja o vazio. De fato, segundo Zenão, se existe algo, esse algo está em algum lugar e assim sucessivamente. Um lugar sempre contém um outro e, por isso, não pode estar vazio: o vazio não existe.

Tampouco existe o movimento: uma flecha para atingir o alvo, ocupa a cada momento da trajetória um espaço igual a si mesma. Ou seja: a cada momento ela está parada. O movimento da flecha seria a soma de momentos em que está imóvel, o que é absurdo. O movimento é assim uma ilusão, do mesmo modo que a pluralidade das coisas o é. Só há um ser, único, imóvel, indivisível e eterno.

\*

## 10 - O MOVIMENTO E O ÁTOMO. EMPÉDOCLES E ANAXÁGORAS LEUCIPO E DEMÓCRITO

O rigor do pensamento de Parmênides e de Zenão levou a filosofia a um impasse: se, pelo raciocínio lógico, é perfeitamente admissível a existência da pluralidade das coisas e do movimento, por outro lado, pela experiência cotidiana, torna-se difícil descartá-los sumariamente como meras ilusões dos sentidos e das opiniões. Surgem assim tentativas que buscam conciliar a idéia de um ser único e imóvel com a de pluralidade e de movimento – e isso sem abandonar a precisão da lógica nem violentar o que os sentidos testemunham. Desse esforço participam Empédocles e Anaxágoras de um lado, e, de outro, o atomismo de Leucipo e Demócrito.

\*

### EMPÉDOCLES



Empédocles de Agrigento

### 11 - EMPÉDOCLES – e as quatro raízes.

Nascido em Agrigento, na Magna Grécia, Empédocles (c. 483-430 a.C.), médico e místico, defensor da democracia, faz essa conciliação ao preservar a idéia de que o ser é eterno e indivisível, mas não a de que é único e imóvel. Para ele, o mundo compõe-se de quatro princípios ou raízes: água, ar, fogo e terra. Tudo resulta da combinação, em proporções maiores ou menores, dessas quatro raízes, todas elas imutáveis e indestrutíveis. Mas, para que se combinem, é preciso algo que as faça mover-se, aproximando-as ou separando-as. Por isso, Empédocles é levado a conceber forças opostas: o Amor e o Ódio, o primeiro agindo no sentido de aproximar e misturar as raízes, e o segundo no sentido contrário.

Tanto nas quatro raízes como nas duas forças não há hierarquia. Uma não é mais importante do que a outra, nem há entre elas a idéia de anterioridade; todas encontram-se no mesmo plano. Democraticamente. Num momento, o Amor une as raízes, formando um todo único. No momento seguinte, o Ódio as separa, produzindo as diversas coisas existentes no mundo.

Quando essa separação se completa, o Amor volta a agir. Esse movimento cíclico origina e refaz tudo o que há.

\*

## 12 - ANAXÁGORAS: Um pouco de tudo em tudo.



Em vez de quatro raízes de Empédocles, um sem-número de elementos com qualidades distintas – esta é a concepção de Anaxágoras, que, nascido na Jônia, foi o primeiro filósofo a viver em Atenas, onde se instalou em 487 a.C. Para ele, tudo o que existe é composto de todos esses elementos, uns em maior quantidade, outros em proporções tão ínfimas que nem sequer são perceptíveis. “Em tudo é incluída parte de tudo”: a pluralidade das coisas explica-se assim por infinitas combinações de todos os elementos.

E o movimento? Segundo Anaxágoras, todas as coisas estavam juntas na origem, formando um todo cujas partes não eram identificáveis, como o caos original da mitologia. Elas, porém, foram se separando pela força do *nous* (espírito ou inteligência), que, como num turbilhão, pôs em movimento todas as coisas, misturando-as em diversas proporções. O *nous* é assim a origem do movimento e da pluralidade. Ele, porém, é autônomo, isto é, não se mistura com as coisas, mas as dirige.

\*

**Livro: Noções de História da Filosofia. Manoel P. São Marcos**

### ANAXÁGORAS

Anaxágoras viveu no século V a.C., pertencente a uma família nobre que ambicionava atingisse ele uma posição consentânea com a nobreza vigente. Anaxágoras, porém, refutou tal empenho entregando-se a uma vida teórica, por vocação. Pessoa de exemplar expressão ética justificou assim a tendência para a vida contemplativa que preferiu. Parece ter mantido um vínculo de estreita relação com a sofística, mais notadamente com Protágoras. Não era de Atenas e como os atenienses não eram bastante pródigos para com os estrangeiros, talvez por isso o cognominaram depreciativamente “o nous”. Acusaram-no de qualquer coisa não muito claramente explícita, mas foi preso e libertado por Péricles. Mas não pôde continuar a residir em Atenas. (Péricles, estadista ateniense, viveu entre 490 e 429 a.C., foi discípulo de Protágoras, Zenão e Anaxágoras; tornou-se o chefe do partido popular. Subiu ao poder, iniciou uma série de profundas reformas. Reduziu a autoridade do Areópago; determinou que os juízes fossem escalados por sorteio e admitiu testemunhas; incrementou as letras e as artes. Tão esplêndido foi o florescimento da cultura ateniense em seu tempo, que este é conhecido como o “século de Péricles”.)



**As Homeomerias** – Seriam os elementos fundamentais de todas as coisas. Anaxágoras dizia que há de tudo em todas as coisas, e chamava homeomerias às **partículas pequeníssimas, homogêneas de que se compõem as coisas**. Mesmo as partes por mais pequenas que sejam são feitas de homeomerias. As diferenças entre as coisas reais são motivadas pela posição e ordenação das homeomerias no todo do objeto. A agregação e desagregação das coisas ocasiona o movimento. Chama-se **Pansperma** o existir de tudo em todas as coisas.

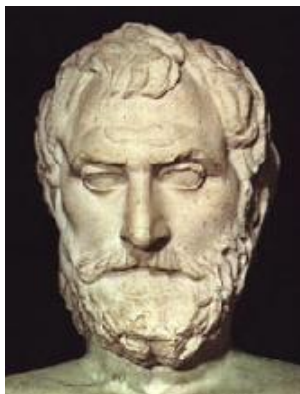
A formação das diversas coisas realiza-se pelo agrupamento dessas partículas e segundo a posição que assumem. Os gregos não têm ainda noção do espírito, mas o **nous** é tomado na significação de pensamento e também de mente. Assim, pois, o nous é a causa do movimento. Designando a forma, empregam a palavra **eidós**, que se encontra freqüentemente na linguagem filosófica, significando **idéia**.

A doutrina de Anaxágoras tem um alcance que ultrapassa o que ele mesmo lhe conferiu, segundo Aristóteles e Platão. Estes davam enorme valor à doutrina do **nous**, censurando Anaxágoras por usá-lo muito restritamente, quase que só para explicar o movimento. O nous anaxagórico, separado da matéria, ou pelo menos nos limites dela, é, entretanto, como uma inteligência impessoal, não obstante considerar-se ordenadora dos movimentos cósmicos. Como **inteligência impessoal** é conceito moderno.

O conhecimento tem certos limites, na concepção anaxagórica, porque as homeomerias não são acessíveis aos sentidos. Em seu pensamento ou idéia de percepção, afirma que as coisas conhecem-se pelos seus contrários. – Na realidade definem-se melhor por seus contrários.

\*

### 13 - LEUCIPO



Livro: História da Filosofia. Os Pensadores. Págs. 35/36.

#### LEUCIPO E DEMÓCRITO: o átomo como princípio

Outra é a concepção de Leucipo, nascido talvez em Mileto, em data desconhecida do século V a.C., e de seu discípulo Demócrito (470 a.C.-370 a.C.), de Abdera. Para eles, o mundo é composto de átomos – palavra grega que significa “não divisível”. Assim, o átomo é indivisível, mas também imutável, eterno, sempre idêntico a si mesmo. E, nesse sentido, equivale ao

ser de Parmênides. Mas não é único. Os átomos existem em número infinito. A consequência disso é que entre um átomo e outro existe um algo: um vazio, um nada, um não-ser, repudiado por Parmênides e Zenão. É nesse vazio que os átomos se movem. Em seu entrechoque produzem diversas combinações, e daí resulta a pluralidade das coisas: o mundo em movimento.

O nascimento, assim, não passa de um agregado de átomos, enquanto a morte é apenas a destruição desse agrupamento. Nos dois casos, cada átomo permanece intacto e imutável. Eles se diferenciam, porém, numa série de aspectos, como tamanho, forma, posição. Há átomos grandes e pequenos, redondos e angulosos, em pé ou de lado. Suas combinações também variam: os átomos A e N, por exemplo, podem se reunir como AN ou NA. Essas diferenças tornam-se mais claras num dos fragmentos deixados pelos atomistas: “O sabor amargo é produzido por átomos pequenos, lisos e redondos, cuja atual circunferência é sinuosa, e por isso é viscosa e pegajosa. O sabor ácido é causado por átomos grandes, não-redondos e, às vezes, até angulosos”.

\*

## 14 - DEMÓCRITO



### Demócrito de Abdera

**460 AC em Abdera (Grécia) - 370 AC (local desconhecido).**

Foi discípulo e sucessor de Leucipo na direção da escola de Abdera. Contemporâneo do sofista Protágoras, suas preocupações se voltam para o campo da ética e das técnicas. Segundo Diógenes Laércio, deixou umas noventa obras. Dentre elas, restam-nos fragmentos da *Pequena Ordem do Mundo*, *Da Forma*, *Do Entendimento*, *Do Bom Ânimo*. É considerado atomista e, também, o primeiro pensador materialista. Para solucionar o problema de Parmênides e dos eleatas, fazendo do ser uma unidade fechada e imutável e tornando incompreensível o movimento, Demócrito desenvolve o atomismo, a teoria do átomo, criada por Leucipo e destinada a conciliar o ser imóvel dos eleatas com a pluralidade mobilista de Heráclito. Seu atomismo se resume em dizer que: a) as qualidades sensíveis (sabor, odor, quente, frio, cor etc.) são aparências; b) esses corpúsculos, que são os átomos, não possuem nenhuma qualidade sensível, pois só têm propriedades geométricas (grandeza e forma); c) o movimento é função da existência do vazio. A novidade física e lógica do atomismo é a concepção mecanicista da necessidade: "nada nasce do nada, nada retorna ao nada", "tudo o que existe nasce do

acaso e da necessidade". Os átomos constituem a explicação última do mundo.

*Por convenção existe o doce e por convenção o amargo, por convenção o quente, por convenção o frio, por convenção a cor; na realidade, porém, átomos e vazio... Em realidade não conhecemos nada de preciso, mas em mudança, a opinião de cada um depende da disposição do corpo e das coisas que nele penetram e chocam, afluência dos átomos. (Sexto Empírico, Fundamentos).*

O fragmento acima afirma que as qualidades são uma convenção estabelecida entre os homens. Convenção (*nómos*) é aquilo que não é por Natureza (*phýsei*), mas por opinião e por acordo entre os homens. A percepção das qualidades das coisas é subjetiva, isto é, depende das disposições do corpo de cada um, varia com as variações do corpo (para o doente, o doce pode tornar-se amargo, por exemplo), de tal modo que diferentes homens terão diferentes percepções das coisas, e um mesmo homem, dependendo das disposições de seu corpo, terá percepções diferentes de uma mesma coisa. Essas qualidades, os filósofos posteriores chamarão de qualidades sensíveis, para marcar com esta expressão a idéia de que não são qualidades das coisas, mas modos subjetivos ou humanos de perceber as coisas. Ao escapar do monismo imobilista de Parmênides e do pluralismo mobilista de Heráclito, Demócrito adota um ritmo ternário: duas teorias contrárias (tese e antítese) se conciliam fundindo-se numa síntese superior. Hegel retomará esse ritmo de três tempos e fará dele a grande lei do mundo. Proverbial na Antigüidade era o sorriso contínuo de Demócrito.

\*



**Livro: Os Filósofos. J. Herculano Pires**

### **15 - DEMÓCRITO (Aprox. 461 a.C. – 361 a.C.)**

Com Demócrito, Abdera se opõe a Atenas, precisamente na época da chamada ilustração grega, quando se trava a batalha entre Sócrates e os sofistas. Este filósofo atomista é o reverso do seu compatriota e mestre, Protágoras. Não vai a Atenas senão para tomar conhecimento, rapidamente, do que ali se faz, e Atenas não lhe dá a menor importância. Não se interessa pela agitação sofisticada e não pretende ensinar os jovens gregos a jogar com palavras na vida política ou forense. Segundo as tradições, interessava-se apenas pelo estudo, procurando aprofundar o conhecimento da Natureza, na qual incluía o Homem. E vivia rindo das tolices humanas. Era o filósofo sorridente, como o chamou Zeller (Eduard Zeller, 1814-1908, historiador e filósofo alemão, foi professor em Berna, Marburgo, Heidelberg, Berlin e Stuttgart. Seguidor da filosofia de Hegel e Kant), ao tratar das numerosas anedotas a seu respeito.

Platão o ignorou, parece que intencionalmente, pois não podia fazê-lo de maneira alguma. A verdade é que Demócrito, esquecido, subestimado, negligenciado ao longo dos séculos, foi considerado na Antigüidade o êmulo (competidor, rival) de Platão. E hoje, quando a sua figura, a sua doutrina e a sua ação reaparecem nas pesquisas modernas, vemos-lo como uma espécie de reverso da medalha platônica. Essa situação se torna clara quando verificamos que Demócrito é o físico por excelência, o continuador dos antigos fisiocratas, enquanto Platão é o moralista socrático. Windelband acentua o fato significativo de que ambos aceitam a doutrina da percepção, de Protágoras, mas dela partem para rumos diferentes.

Antes, porém, de analisar a posição deste filósofo – que em nossa era atômica assume importância imediata, superior à de Platão -, vejamos alguns traços marcantes da sua vida, que nos dará a sua impressionante figura humana. Como acontece com a maioria dos homens do seu tempo, é difícil precisar-se a sua filiação e data de nascimento. Até mesmo quanto ao local surgiram as dúvidas, hoje felizmente desfeitas. Sabe-se que nasceu em Abdera, provavelmente a 461 a.C., e que seu pai se chamava Hegesistrato, tendo deixado razoável herança para os filhos, em número de três, dos quais o caçula era o filósofo.

Diógenes Laércio fornece-nos curiosas informações a respeito. Começa por uma história fantástica, segundo a qual Demócrito teria iniciado seus estudos com alguns magos caldeus, que o Rei Xerxes teria deixado “por mestres a seu pai, quando se hospedou em sua casa”. Isto faz supor elevada linhagem para o filósofo. Com esses professores, o jovem Demócrito

teria aprendido a teologia e a astrologia dos caldeus (originários da Caldéia, ao sul da Mesopotâmia), e certamente um pouco de magia, pois mais tarde veremos espalhar-se a sua fama de taumaturgo (fazedor de milagres) entre o povo. Não obstante, sua vocação não era para a magia, mas para a Ciência. Deve ter sido o primeiro a descobrir o parentesco dessas duas formas de conhecimento, bem como o papel de transição entre elas, exercido pela Filosofia.

A maior parte da herança paterna se constituía de bens imóveis. Demócrito preferiu a sua parte em dinheiro, tendo assim de receber menos que os irmãos. Estes desconfiaram de que havia artimanha no caso, mas parece que tudo acabou bem. Embolsando os cem talentos que lhe cabiam, Demócrito despediu-se dos irmãos e saiu a correr mundo. Em vez de permanecer em sua terra e trabalhar para o aumento da herança, como faziam seu irmão Damasto e sua irmã, cujo nome nos escapa, desejava percorrer as fontes da sabedoria da época, para aumentar o seu cabedal de conhecimentos. Informam Demétrio e Antístenes que Demócrito viajou para o Egito, a Caldéia, a Pérsia e as regiões do Mar Vermelho, passando ainda pela Índia e pela Etiópia. Segundo Diodoro, sua permanência no Egito foi de cinco anos, e Estrabão se refere às suas viagens pela Ásia.

Esse corta-mundo gastou a herança paterna em suas correrias. Voltou pobre para a terra natal, e teve então de enfrentar um grave problema: de acordo com uma lei vigente, quem tivesse dissipado os seus haveres no estrangeiro, não merecia sepultura na pátria. Demócrito se salvou da situação incômoda em que se veria, graças ao seu tratado do sistema cósmico, que submeteu à apreciação dos compatriotas. Estes se encantaram com a obra e lhe deram quinhentos talentos como prêmio. Demétrio e Hipoboto afirmam, porém, que os entusiastas eram parentes de Demócrito, e que lhe deram apenas cem talentos. De qualquer maneira, o tratado o salvou.

Não se pense, porém, que Demócrito fosse um mandrião (preguiçoso). Antes de receber a herança e poder partir para o mundo, ele já se revelara, na casa paterna, bastante aplicado ao trabalho. Antístenes testemunha o seu apego aos exercícios de reflexão filosófica. Segundo afirma, costumava o jovem Demócrito sair para o campo, dirigindo-se aos sepulcros, onde se demorava em suas meditações. Talvez a presença da morte lhe estimulasse o raciocínio sobre os problemas da vida, mas o certo é que os sepulcros construídos no campo eram, naquele tempo, lugares quase sempre aprazíveis, não raro apresentando edifícios acolhedores.

Vê-se que Demócrito devia ter assegurado um crédito de confiança entre parentes e amigos, antes de sua viagem pelo mundo. Aliás, as informações sobre o filósofo sorridente revelam um temperamento afável, que soube conquistar e manter, durante toda a sua longa vida, a simpatia dos contemporâneos.

Apesar disso, Atenas não o recebeu como devia. Nas suas andanças, Demócrito não podia deixar de visitar a famosa cidade, onde esteve e conheceu Sócrates, mas não se fez conhecer por este. Demétrio, que é uma das maiores fontes de informações sobre ele, revela-nos a sua modéstia, dizendo

que, em Atenas, pouco se importando com sua própria glória, não cuidou de se fazer conhecido.

Parece que se encontrou com Platão, e que este admirou os seus conhecimentos, segundo supõe Trasiló. Mas Platão não estava em condições de exaltar o seu próprio rival, como demonstrou mais tarde, negando-lhe lugar em suas obras, qual o fazem hoje os nossos jornais, com o nome e os feitos dos seus desafetos. O próprio Demócrito teria declarado: *Fui a Atenas, e ninguém me conheceu.*

É ainda Trasiló quem nos dá uma informação preciosa: Demócrito teria sido um imitador de Pitágoras, ou pelo menos dos pitagóricos, tendo inclusive feito o elogio do mestre de Samos num dos seus livros. Cláudio Regino e um certo Apolodoro dizem ainda que Demócrito foi ouvinte dos pitagóricos e chegou a tratar com Filolau, o discípulo que escapara do atentado de Crotona, para divulgar o Pitagorismo no mundo. Embora não aceitasse a doutrina dos números, é evidente a influência em sua obra.

De uma insaciável curiosidade intelectual, Demócrito teve uma vida tão rica de estudos e observações como a de Platão. Aprendeu com Protágoras, com Anaxágoras, com Parmênides e Zenão, com Pitágoras e Filolau, com Heráclito, recolheu muito da contribuição sofística, mas foi, sobretudo, de Leucipo que mais aprendeu. Foi o discípulo continuador do atomismo de Leucipo. E enquanto Platão desenvolvia o conceitualismo socrático, fiel às lições recebidas do seu mestre, Demócrito desenvolvia a teoria da percepção, de Protágoras, marcando assim, de maneira decisiva, o rumo diferente do seu pensamento.

Talvez o fato mais curioso, no confronto destes dois gigantes do pensamento grego, seja o seguinte: Platão, partindo do particularismo ético de Sócrates, devolvia à filosofia a ciência do geral; Demócrito, partindo da generalidade física de Leucipo, restabelecia a importância do particular. Foi ele, sem dúvida, quem abriu caminho para a revolução particularista de Francis Bacon; e a oposição do método indutivo da ciência ao método dedutivo da filosofia aristotélica é uma espécie de refração (mudança de direção), no tempo, da oposição histórica entre Platão e Demócrito, na era grega.

## O ESCRITOR

Ao contrário de Platão, não nos deixou Demócrito a possibilidade de apreciá-lo como escritor. De suas numerosas obras, só nos restam fragmentos. Entre os séculos III e V da nossa era, provavelmente, os seus livros desapareceram. Mais tarde, surgiram escritos que lhe foram atribuídos, como a correspondência apócrifa entre ele e Hipócrates, rejeitada pela análise crítica.

Trasiló oferece um quadro geral dos seus livros, dispostos em quinze tetralogias (Tetralogia: conjunto de quatro peças - três tragédias e um drama satírico - apresentado pelos autores gregos nos concursos dramáticos da Antigüidade). Como se vê, uma grandiosa obra. As primeiras duas tetralogias são de ordem moral, começando por um livro sobre Pitágoras, o que nos faz pensar na existência não só de oposição, mas também de semelhança entre o filósofo atômico e

seu rival Platão. Somente depois de oito obras morais, entre as quais se vê uma sobre a bondade e a virtude, e um possível tratado *Da Alma*, que lhe daria precedência sobre Aristóteles, no assunto, é que Trasiló enfileira as suas obras físicas.

Estas começam por um título de tratado geral do Universo, o *Grande Diacosmos*, ou *Grande Sistema Cósmico*, que Teofrasto entende ser de Leucipo. A seguir, vem o *Pequeno Diacosmos*, ou *Pequeno Sistema Cósmico*, hoje reconhecido como de autenticidade inegável. Depois, temos uma *Cosmografia*, um livro sobre *Os Planetas* e outro que se intitula *Da Natureza*.

As influências dos antigos mestres se tornam evidentes nos títulos da obra geral de Demócrito, segundo a classificação de Trasiló, que Laércio reproduz. E há coisas curiosas nesses títulos, dignas de pesquisas e análises demoradas, que talvez pudessem revelar alguma coisa nova sobre o filósofo e o seu tempo, e particularmente sobre as conexões do pensamento grego na época.

Vejamos alguns exemplos. Entre os livros morais encontramos uma *Tritogenia*, que, como indica o título, é uma reafirmação pitagórica do poder genésico do número três, pois, segundo informa Laércio, é toda uma doutrina tríptica sobre a origem das “coisas humanas”. Entre os de matemática, encontramos um sobre *Os Números*, e entre os de música, um sobre *O Ritmo e a Harmonia*, ambos lembrando ainda o Pitagorismo.

Na série dos livros de matemática abundam os títulos astronômicos, revelando seu interesse pela Astronomia, e mais provavelmente pela Astrologia. Laércio lhe atribui também um livro *Sobre as Letras Santas na Babilônia*, e outro sobre a língua caldéia e frígia, o que viria confirmar as notícias de suas viagens pela Mesopotâmia. Um livro intitulado *Da Tranqüilidade da Alma* parece antecipar a doutrina estoíca.

Demócrito-escritor invade todos os terrenos da indagação humana do seu tempo. Suas obras abrangem todo o conhecimento de então, indo da Filosofia aos problemas da Medicina e Matemática, da Arte aos estudos lingüísticos, da Física à Religião e da Metafísica à Psicologia. Aristóteles abeberou-se fartamente nas fontes de Demócrito, para elaborar suas obras de Ciência Natural.

Os escritores antigos, que conheceram aquelas obras e puderam compará-las com as de Platão, testemunham por Demócrito a mesma admiração que consagravam a este. Escrevendo em jônico, o abderita revelava um estilo cantante e límpido, em que os antigos admiravam, como diz Windelband: “a clareza da exposição e o vigor sugestivo de sua vibrante linguagem”. Os fragmentos que possuímos não bastam para a reconstrução desse estilo que tanto apaixonou os gregos. Deussen observa que esses fragmentos não justificam o entusiasmo dos antigos. Mas é evidente que não podemos julgar uma obra como a de Demócrito pelos trechos esparsos que nos restaram dela, e muito menos contradizer o julgamento daqueles que a conheceram na sua integridade.

Curiosa a semelhança da posição de Demócrito em relação a de Leucipo, com a de Platão em relação a Sócrates. Ao que parece, Leucipo não escreveu obra alguma. Deve ter sido um filósofo de tipo socrático, que se limitava a meditar e expor verbalmente a sua doutrina. O *Grande Diacosmos*, que Teofrasto se lembrou de atribuir a Leucipo, deve ser a exposição do pensamento do mestre, feita pelo discípulo. Equivale, assim, às exposições da doutrina de Sócrates por Platão. E o *Pequeno Diacosmos* seria, no caso, a primeira tentativa de exposição doutrinária do próprio Demócrito, já se libertando de Leucipo, para construir a sua doutrina autônoma.

De qualquer maneira, temos na era socrática este curioso fato a registrar: dois mestres de Filosofia, em posições contrárias diante dos problemas fundamentais do conhecimento, ensinavam sem escrever e fundavam escolas através de discípulos que eram grandes escritores. Outro fato curioso: os dois discípulos principais de Sócrates e Leucipo se deixam influenciar pelo sofista Protágoras, admitindo a sua doutrina da percepção. Assim, o pai da ilustração grega perfilha ao mesmo tempo a linha socrática e a democrática, marcando-as fortemente com o seu relativismo, que em Platão conduz ao abstrato, e em Demócrito, ao concreto.

### ATOMIZAÇÃO DO MUNDO

Duas vias, portanto, segue o pensamento grego, a partir da teoria protagórica da percepção: a de Platão, que através do conceito socrático volta ao subjetivo, relegando a um plano secundário o mundo das coisas ou dos objetos; e a de Demócrito, que através do átomo de Leucipo leva ao objetivo, procurando resolver no plano físico a velha contradição entre o ser e o não-ser, o ente e a coisa, o *on* e a *physis*. Nessas duas direções, em que o pensamento se empenha em decifrar a realidade, temos duas grandes sistematizações: a de Platão, que “idealiza” o mundo, ou seja, que o converte em idéia, dando-lhe a estabilidade, a permanência eleática; e a de Demócrito, que “atomiza” o mundo e lhe confere a mobilidade extrema do fogo heraclitiano.

Julián Marías (nascido em 1914, na cidade de Valladolid, deixou mais de 60 livros; morreu aos 91 anos em 2005; pertencia à Real Academia Espanhola) estuda lucidamente a mecânica dessa atomização, mostrando como, passo a passo, o pensamento grego vai descendo do empíreo (parte mais elevada do céu, habitada pelos deuses) à terra, numa redução progressiva da realidade aos elementos que a constituem. Essa “redução da realidade a elementos cada vez menores”, para usarmos a sua própria expressão, se verifica nas seguintes etapas: primeiro, o apelo à maleabilidade do fogo, em Heráclito, como possível explicação das coisas; depois, a formulação, por Empédocles, da teoria dos elementos, que se mostra incapaz de resolver o problema da geração e do movimento, o que o leva a apelar aos resíduos míticos da luta entre o ódio e o amor; depois, Anaxágoras “dá um passo decisivo” com sua teoria das *homeomerias*, pequeninos elementos que constituem as coisas, e que já trazem em si as formas das coisas; e, por fim, Leucipo e Demócrito, com a teoria atômica.



Neste momento, o ente eleático, e com ele a realidade, que é ele mesmo, se reduzem a uma poeira atômica, um nevoeiro extremamente móvel e brilhante, que invade o infinito. O Cosmos foi devolvido ao caos (confusão geral dos elementos da matéria, antes da criação do Universo). E é preciso que surja um novo deus Marduk (deus principal da Babilônia), para partir esse caos em dois, num vigoroso golpe de espada, e dele arrancar novamente o Cosmos.

Esse deus é o próprio Demócrito. Um deus sorridente, afável, irônico, que vive rindo da tolice humana, e de quem a tolice se vingará, por muito tempo, relegando-o ao esquecimento. Demócrito pertence a uma época de renovação, a época do iluminismo grego. Ao contrário de Heráclito, que chorava sobre as misérias humanas, confinado na atmosfera fechada da cidade solitária, Demócrito alarga suas vistas sobre o vasto mundo que surgiu das guerras médicas, numa Grécia cosmopolita. As ambições dos homens, antes limitadas ao âmbito da cidade, da antiga *pólis*, agora se ampliam de maneira desmedida, oferecendo ao filósofo muitos motivos de riso.

Demócrito é como um Voltaire grego, menos ferino, talvez, e mais compreensivo. Seu saber é tão vasto que, em toda a Antiguidade, só poderá ser comparado ao de Aristóteles. Pode, pois, jogar livremente com os dados da sabedoria do seu tempo, para realizar a sua obra. E é por isso que de suas mãos poderosas, que esmagaram a realidade, pulverizaram o mundo, atomizaram a homogeneidade eleática do Ser, um novo Cosmos vai surgir. Como um demiurgo alegre, Demócrito vai tomar a matéria cósmica e plasmar com ela um novo Universo.

### A CONSTRUÇÃO ATÔMICA

Com Leucipo, aprendera Demócrito a instabilidade das coisas e dos seres, cuja aparência estável se reduz, na realidade, a um jogo de pequeninas partículas no vácuo. Heráclito e os eleatas confirmavam essa visão instável. Mas Protágoras lhe ensinara que a nossa percepção das coisas se faz através do movimento. Aquilo que Leucipo e os eleatas não podiam explicar, Demócrito explicará, com a teoria de Protágoras.

As coisas, formadas de átomos em movimento, adquirem qualidades diversas, que não pertencem a elas mesmas, mas resultam do nosso processo de perceber. Os átomos se movem por necessidade, pois o movimento, como diz Liepmann, “é uma forma necessária do existir”. E nessa eterna movimentação, os átomos se encontram, se chocam, se unem e se desunem, produzindo o aparecimento e o desaparecimento das coisas.

A construção atômica do mundo, como se vê, é tipicamente mecânica. Nada acontece, nem existe, sem o entrelaço dos átomos. Entretanto, estes não se movem pela vontade dos deuses, mas por uma determinação intrínseca, de sua própria natureza. Movem-se por necessidade. Porque não podem deixar de mover-se sem deixar de existir, uma vez que o movimento é a sua própria existência.

Estamos assim num momento materialista do pensamento grego. O Ser atomizado transformou-se em matéria, e esta não tem mais vontade, só

tem necessidade. Excluída a vontade da ordem universal, exilados os deuses, resta-nos apenas um universo mecânico. Esse é o universo que surge da análise de Demócrito. Um frio e imenso universo atômico, onde só existe uma lei, que é *a necessidade*. À maneira dos anatomistas modernos, que depois de dissecarem um cadáver se admiram de não terem encontrado a alma, Demócrito, depois de reduzir o Universo a uma poeira atômica, também se espanta com o vazio cósmico.

Vejam, porém, como os átomos se ligam para formar as coisas. Infinitos em número, eles povoam o vácuo. São invisíveis, porque extremamente pequenos, e movem-se individualmente no espaço. Quando se reúnem, como os pombos em torno de milho, num lugar qualquer, provocam um torvelinho, que quanto mais gira mais vai atraindo outros átomos, até formar uma grande massa de matéria.

É assim que o invisível se torna visível. Por acumulação. A junção dos átomos produz a massa, e esta é a matéria tangível. Mas esta matéria se desfará novamente, e o visível se tornará invisível, tão logo os átomos, por seu próprio movimento necessário, de novo se desagreguem. Eis, pois, a explicação do grande mistério. As coisas nascem do vácuo, do nada, porque o nada, na verdade, está cheio de átomos.

Na formação da massa de matéria, as leis atômicas exercem ação determinante. Os átomos, que variam de tamanho e de forma, ajustam-se de acordo com essas variedades. Os mais grosseiros se reúnem no centro da massa, movendo-se com mais lentidão e formando o núcleo pesado da matéria. Os mais finos e sutis se reúnem ao redor, formando uma capa, uma espécie de polpa. Esse conjunto se mantém em movimento, e da sua rotação constante surge na periferia uma espécie de casca.

Temos assim a imagem perfeita de um fruto, com a casca, a polpa e o caroço. Três fatores essenciais determinam o aspecto das coisas individuais, assim formadas: a figura, a direção e o contato-mútuo. Em Aristóteles, essas coisas mudarão de nome. Serão: forma, posição e ordem. Quer dizer que as coisas possuem qualidades próprias, determinadas pela forma dos átomos, que as compõem, pela posição em que se ajustaram e pela ordem em que se dispuseram no conjunto. Mas essas qualidades naturais e necessárias não são as que percebemos. São qualidades primárias, que pertencem à *coisa em si*, ao númeno kantiano. Ao influírem na nossa percepção, essas coisas provocam imagens que são modificadas pelo movimento dos nossos próprios órgãos sensoriais. Essa reação dos nossos sentidos atribui às coisas propriedades secundárias, como a cor, o sabor, a temperatura, e dessa dialética é que vai nascer o mundo que conhecemos.

A teoria dialética da modificação das coisas pela reação dos sentidos enfraquece o materialismo de Demócrito. O subjetivismo impõe-se de maneira decisiva na sua concepção do mundo. Por outro lado, o filósofo admitia um conhecimento da realidade absoluta, por meio da inteligência, refutando assim o relativismo cético de Protágoras. Pela sensação, o Homem obtinha o conhecimento relativo da realidade, sempre imperfeito e muitas vezes

pessoal; mas, pela inteligência, e, portanto pelo pensamento, podia obter o conhecimento completo e perfeito.

No conhecimento relativo, temos apenas os *fantasmas* das coisas, ou a aparência dos torvelinhos atômicos; no conhecimento absoluto, temos a realidade espacial e atômica, a visão perfeita do espaço cruzado pelos átomos, e das aglomerações destes. Windelband acentua o caráter matemático desta concepção, que aproxima Demócrito de Platão, como já o notara Sexto Empírico (foi um médico e filósofo grego que viveu entre os séculos II e III. Seus trabalhos filosóficos são um dos melhores exemplos do Ceticismo de Pirro).

Apesar, pois, de sua notável sistematização do atomismo de Leucipo, não é Demócrito o primeiro nem o maior dos materialistas gregos. Apesar da apologia que lhe fazem os materialistas modernos, imaginando uma luta mortal entre ele e Platão – a ponto de afirmarem, alguns, que este queimou as obras daquele –, a verdade é que Protágoras merece a palma, com sua poderosa teoria da percepção, muito mais objetiva, mais cética, mais materialista que a doutrina de Demócrito. Basta dizer que enquanto Protágoras sustentava a impossibilidade do conhecimento absoluto, reduzindo o conhecimento humano aos limites sensoriais, Demócrito admitia aquilo que hoje chamamos, em Parapsicologia, de *percepção extra-sensória*.

Parece-nos lícito dizer que Demócrito foi antes racionalista que materialista, antecipando historicamente a posição cartesiana, na procura da verdade através do *cogito*. Sua teoria da percepção, ou melhor, sua gnosiologia, pois na realidade se trata de todo o mecanismo do conhecimento, não deixa dúvidas a respeito dessa posição.

### OS FANTASMAS DE DEMÓCRITO

Basta analisarmos o problema dos *fantasmas*, no processo da percepção, para compreendermos que Demócrito superou o materialismo de Protágoras, abrindo perspectivas para uma compreensão mais ampla do mundo e da vida. Os *fantasmas* são apenas as imagens das coisas, as aparências apreendidas pela percepção. Essas imagens, como já vimos, são produzidas pelos movimentos atômicos, e por sua vez modificadas pelas reações dos nossos sentidos, que nada mais são, também, do que movimentos atômicos.

Mas, para Demócrito, tudo se constitui de átomos, de maneira que o próprio pensamento não é outra coisa senão movimento atômico. Daí a firmeza com que os materialistas modernos o classificam na sua grei. Entretanto, há mais complexidade do que lhes parece, na proposição de Demócrito.

Windelband estuda carinhosamente o problema dos *fantasmas*, para concluir que a inteligência funciona da mesma maneira que a sensação. Realmente, os nossos sentidos nos dão a imagem do mundo, graças à ação dos *fantasmas* sobre eles, ou seja, à penetração das imagens do mundo exterior em nossos órgãos sensoriais. Como o pensamento é idêntico, por sua natureza, à percepção sensorial, é forçoso que a inteligência seja também afetada pelos *fantasmas*. Acontece, porém, que os *fantasmas* da inteligência constituem-se de átomos sutis, os chamados *átomos de fogo*, que estão na essência e

na origem das coisas. São átomos que os sentidos físicos, demasiado grosseiros, não podem captar. Átomos e fantasmas, portanto, que escapam à percepção sensorial, mas que são captados pela nossa inteligência, de maneira extra-sensória.

Curioso que em nossos dias, ao mesmo tempo que a doutrina atômica de Demócrito se confirma pelas experiências físicas, sua teoria da percepção extra-sensorial é também confirmada pelas experiências parapsicológicas, realizadas com todo o rigor científico, a partir dos trabalhos de Joseph Rhine, na Duke University, nos Estados Unidos.

Não podemos furtar-nos ao prazer de oferecer aos leitores um trecho de Windelband sobre o problema. Depois de assinalar que infelizmente não possuímos fontes seguras para descrever o processo da percepção extra-sensória em Demócrito, lembra Windelband que a comparação com o processo da percepção sensória se impõe, diante da natureza idêntica das funções perceptivas e mentais. E esclarece:

“Ora, se Demócrito considerava que o pensamento é o movimento mais sutil dos átomos de fogo, compreende-se que necessariamente considerava também que os fantasmas que o provocam são mais sutis, ou seja, aqueles em que se reproduz a verdadeira configuração atômica das coisas. O pensamento é, pois, a intuição direta da mais primorosa estruturação da realidade: a teoria atômica. Na grande massa dos homens, esses sutilíssimos fantasmas passam inadvertidos, em virtude das rudes e violentas impressões que se produzem nos órgãos sensoriais; mas o sábio é sensível a eles, embora necessite, para apreendê-los, afastar a sua atenção dos sentidos”.

Como se vê, o materialismo de Demócrito é bastante diferente das teorias estreitas que sufocam o pensamento nos lindes da matéria grosseira. Trata-se antes de um objetivismo racionalista, que permite a objetivação em plano superior ao da matéria, o que vale dizer que afasta os problemas metafísicos do plano do mistério e do sobrenatural, para integrá-los numa estrutura lógica e, portanto, no natural. Essa estrutura lógica é possível pela teoria da graduação atômica. Desde que os átomos se dividem em graus, e seus movimentos se processam na razão direta de sua configuração e densidade, é claro que a estrutura do Universo apresenta faces diferentes, que vão desde a impossibilidade de percepção sensorial até a mais plena e grosseira percepção física.

Mas a graduação não invalida a unidade atômica do Universo, apenas lhe permite variações na unidade.

É por isso que Demócrito não aceita somente os *fantasmas* da percepção sensitiva ou intelectual, como processos comuns de contato com as coisas conhecidas do exterior, mas admite também a percepção de fantasmas de verdade, ou seja, de entidades metafísicas. Windelband assinala:

“Existem testemunhos de que também os sonhos, as visões e as alucinações eram reduzidos por ele a esses *fantasmas*, considerados como seus causadores, pois também nesses casos estamos em face de representações que nos são igualmente proporcionadas por impressão corporal, mas não pe-

las vias ordinárias da percepção, através dos sentidos. E Demócrito, bem longe de considerar essas imagens como meramente subjetivas, atribui-lhes antes uma espécie de realidade por pressentimento”.

### PSICOLOGIA MORAL

Não é pois de admirar que o atomismo de Demócrito, em vez de apresentar-se rigidamente materialista, abra perspectivas espirituais em sua filosofia. Se tudo lhe parece reduzir-se a movimentos atômicos no vácuo, nem por isso é necessário negar a existência da alma. Pelo contrário, essa existência se torna mais lógica, mais natural, mais compreensível.

A alma, como o corpo, é um conglomerado de átomos, mas de átomos de fogo, mais sutis que os da matéria grosseira. Os movimentos desses átomos determinam o funcionamento da estrutura psíquica. Dessa maneira, em todos os órgãos sensoriais a percepção é realizada pela invasão de imagens ou fantasmas das coisas, que despertam nesses órgãos o movimento dos seus átomos anímicos. A dualidade cartesiana está bem presente nesse processo gnosiológico.

Não é de admirar, portanto, que dessa psicologia atômica Demócrito passe facilmente para uma ética da mesma natureza. Os sentimentos e os desejos não podem ser outra coisa, senão movimentos atômicos, e especialmente dos *átomos de fogo* que constituem a alma. Esses átomos são de natureza sutil, e do seu equilíbrio depende a felicidade do Homem. Mas assim como, no plano do conhecimento, o Homem pode ser desviado da sabedoria, da verdade, pelas aparências enganosas, pelos turbilhões de átomos grosseiros que lhe afetam os sentidos, assim também, no plano dos desejos e emoções, o homem pode ser desviado da felicidade.

Natorp (Paul Natorp, Düsseldorf-1854, Marburgo-1924. Filósofo alemão. Professor em Marburgo, 1885-1922, de cuja escola neokantiana é o máximo representante) registra um dos fragmentos morais do filósofo: “Agrado e desagrado são a norma do que convém fazer ou evitar”. Mas agrado e desagrado do espírito e não do corpo, do pensamento e não do físico. Outro fragmento, citado por Natorp e colhido em Diels (Herman Diels. 1848-1922-Alemanha), esclarece: “A paz interior surge nos homens pela moderação no prazer e pelo equilíbrio na vida, pois as deficiências e os excessos costumam transtornar a alma e produzir nela grandes agitações”. O verdadeiro prazer está “no movimento sutil e suave da atividade pensante”, como acentua Windelband.

Houve sérias discussões em torno da natureza atômica da ética de Demócrito, mas os fragmentos morais organizados por Natorp, e as próprias premissas de que se deriva essa ética, parecem invalidar sumariamente as opiniões em contrário. Seria estranho que num pensamento homogêneo e coerente, como se revela o de Demócrito, houvesse uma discrepância no terreno da Ética. E tanto mais estranho, quanto a Psicologia Atômica abre portas imediatamente a uma concepção ética singular.

Alguns comentadores consideram como resíduo mítico a doutrina, referida por Sexto Empírico, dos demônios que “penetram nos homens em visões e sonhos, e exercem influências sobre eles”, sendo em parte benéfi-

cos e em parte nocivos. Não obstante, são obrigados a reconhecer a coerência dessa teoria com os princípios da Gnosiologia Atômica.

A felicidade, para Demócrito, dependia do equilíbrio atômico da alma. Para conseguir-se, entretanto, esse equilíbrio, era necessário o saber, o conhecimento, pois os átomos sutis se movimentam no plano mental, e só eles mantêm o espírito em estado de serenidade. Os átomos grosseiros, pelo contrário, originam torvelinhos tumultuosos, que perturbam a alma.

O prazer sensorial está ligado ao plano das aparências, não tendo portanto o valor de realidade. A verdadeira felicidade, e conseqüentemente o verdadeiro prazer, estão na paz interior, que assemelha o espírito a um mar tranqüilo, bonançoso. As agitações sensuais provocam tempestades perigosas, que desviam o pensamento e inquietam os sentidos, desequilibrando o Homem.

Como se vê, a ética de Demócrito identifica-se à de Sócrates quanto aos resultados, embora fundamentalmente diversa quanto à construção. Sócrates joga com os conceitos, para levar o Homem à felicidade, através do saber. Demócrito joga com os átomos, para o mesmo fim. Para um, como para o outro, a felicidade não está no exterior, mas no interior do Homem.

Diz um dos fragmentos morais do filósofo: *Felicidade e infortúnio são coisas da alma. A felicidade não está nos rebanhos, nem no ouro. É a alma a morada da fortuna.* O que torna mais admirável essa concepção é a sua ligação direta com o todo universal, através da teoria atômica. O homem socrático pode parecer uma criatura à parte, cuja felicidade depende de um elemento particular, privativo da espécie: o *conceito*. O homem de Demócrito apresenta-se perfeitamente entrosado na estrutura cósmica, e para esse entrosamento não foi necessário o recurso pitagórico da metempsicose. Tudo se faz com naturalidade e dentro de um perfeito esquema lógico, pela descoberta da essência atômica do Universo.

Estranho, porém, que esse filósofo de lúcida e coerente concepção houvesse permanecido muito aquém dos pitagóricos, quanto ao problema da estrutura cósmica, suspensa no vácuo, em meio do infinito. Seu envoltório constituía-se de uma capa de átomos firmemente ligados. O interior da esfera estava cheio de ar, mas no centro da mesma repousava a terra, em forma de imenso disco, e na parte inferior se distribuía os elementos sólidos e líquidos. Os astros eram corpos semelhantes à terra, mas bem menores que esta, e o sol e a lua tinham maiores dimensões.

Contrabalançando a pobreza dessa visão do Universo, existe a sua afirmação de que “há inumeráveis mundos, sujeitos à geração e à corrupção”. Isso nos faz supor que o universo esférico por ele descrito não era propriamente o *todo*, mas apenas o nosso sistema solar. E apesar do seu geocentrismo retrógrado, o fato de admitir outras esferas iguais, pelo infinito afora, reabilita aos nossos olhos a sua cosmologia.

Salve-se ainda a pureza da sua doutrina do movimento atômico, lembrando-se a advertência de Brieger, quanto ao erro epicuriano da queda dos átomos. O “erro” é inteiramente de Epicuro, pois Demócrito se referia

ao movimento dos átomos em liberdade no espaço, sem considerar nenhuma espécie de queda, num sentido de movimento *para baixo*. Embora, na visão esférica que nos deu do nosso mundo, fosse possível a concepção de um movimento atômico dessa espécie, as pesquisas de Brieger mostraram que não tem procedência a atribuição desse pensamento a Demócrito. Assim, mais uma vez se salva a grandeza da sua visão cósmica.

Já o mesmo não se dá com referência à alma, problema que apresenta graves dificuldades na teoria atômica, por sua confusão com o corpo. Demócrito ensinava que os átomos psíquicos se distribuía por todo o corpo, adquirindo funções diferentes nos diferentes órgãos. Segundo Lucrecio, cada átomo de fogo estaria “como embutido entre dois átomos do corpo”. Assim, com a morte, também a alma dispersaria, não havendo sobrevivência.

Como conciliar-se, porém, esse materialismo anímico e a sua doutrina dos demônios, como entidades espirituais? Parece faltarem no tocante ao problema da alma, como faltam no caso da sua teoria do conhecimento e da sua doutrina ética, elementos de conexão com o sistema geral. São Cirilo (Cirilo nasceu no ano 370 e seguiu a vida monástica; ordenado sacerdote, acompanhou seu tio, bispo de Alexandria, e foi seu sucessor no episcopado no ano 412. Combateu energicamente as doutrinas de Nestório (que negava a divindade de Jesus) e foi a figura principal do Concílio de Éfeso, (em 431, convocado para resolver problemas doutrinários da Igreja). Morreu no ano 444. "Aliás – observou o Papa – São Cirilo deixou uma obra rica e abundante, composta por comentários de numerosos livros bíblicos, escritos doutrinários e textos apologeticos. São Cirilo teve sempre como base do seu ensinamento a tradição eclesiástica, sobretudo os escritos de Santo Atanásio, seu predecessor na sede de Alexandria, mostrando assim a continuidade da sua teologia com a Tradição". Lembrando a figura de São Cirilo como "guardião da verdadeira fé", Bento XVI frisou ainda que "a fé cristã é, acima de tudo, um encontro com Jesus".) chegou a escrever que Demócrito dizia: “Deus é Mente, está numa esfera ígnea e é a alma do mundo”. E Léon Robin lembra que o atomismo de Demócrito considera a existência da alma no ar, como princípio de vida e também como princípio pensante.

### HOSPEDEIRO DA MORTE

Demócrito, segundo informa Diógenes Laércio, teria vivido até os cento e nove anos. Boa prova da validade da sua doutrina ética, ou pelo menos do seu bom humor. O filósofo que vivia rindo das tolices humanas conservou-se jovem por muito tempo. E assim mesmo, quando a morte chegou, ainda lhe parece importuna. Demócrito, entretanto, não se apoquentou. Sua grande experiência do mundo e da vida permitiu-lhe encontrar um jeito de hospedar a morte, o que fez por nada menos de três dias.

O relato de Laércio é dos mais curiosos. Aproximava-se a época das festas a Deméter, a deusa das colheitas, a Ceres dos romanos, o filósofo mostrava-se cada vez mais fraco. Parecia prestes a morrer, o que causava sérias preocupações à sua irmã, que via assim comprometido o culto da deusa. Demócrito, que apesar da velhice excessiva não devia ter perdido a agilidade mental, percebeu o que se passava e quis ajudar a irmã. Não acreditava nos deuses, ou pelo menos parecia não acreditar. Mas certamente não desejava ser, nos últimos dias, motivo de aborrecimento para a irmã que o protegia. Quando chegou o dia de início das festas, pediu à irmã que lhe trouxes-

se diariamente pães quentes, e, colocando-os nas narinas, aspirava-os para conservar a vida.

Laércio não diz, em seu relato conciso, se o filósofo explicou ou não o estranho motivo por que sua alma, já cansada do mundo, apegava-se ao cheiro e às emanções do pão. Mas afirma que a morte teve de esperar durante todo o período das festas a Deméter, que duraram três dias. Só depois que as festas acabaram, e o filósofo deixou de aspirar as agradáveis emanções dos pães quentes, a morte conseguiu arrebatá-lo da terra, para o mistério dos átomos de fogo, mais ou menos a 361 a.C.

Laércio acrescenta: “... terminou a sua vida sem nenhuma dor...” Belo final para uma vida de filósofo, que descobrira o segredo da felicidade na paz interior”. Conta-se ainda que o seu enterro foi custeado pelo povo.

No epigrama que Diógenes Laércio fez para o filósofo, figuram os versos referentes à hospedagem da morte:

*Ele abrigou a morte em sua morada,  
E apenas com os vapores do pão quente  
Três dias a manteve em hospedagem.*



**TERCEIRA PARTE****OS SOFISTAS**

## OS SOFISTAS

### 1 - A RELATIVIZAÇÃO DA VERDADE (Livro: A História da Filosofia. Os Pensadores.)

A vitória de Atenas sobre os persas, em 479 a.C., marca também a consolidação da democracia na cidade. Dentre os novos valores que surgem está o da educação. Trata-se de formar cidadãos aptos à vida pública, e para isso deles se exige que sejam bons oradores, que saibam argumentar em público. Dessa educação encarregam-se os sofistas.

Os sofistas (literalmente, “sábios”) são todos estrangeiros. Excluídos assim da condição de cidadãos, não se interessam diretamente pelos destinos da cidade. Assim, não se preocupam com o que uma argumentação pode ter de justo ou injusto, moral ou imoral – isso é assunto dos cidadãos. Bastalhes que seus discípulos aprendam a falar – não importa o quê, mas bem, de modo convincente – e que os remunerem pelo ensino. Dizia-se até que um aluno, para se considerar apto, devia convencer o mestre a não receber o pagamento; se não conseguisse convencê-lo, a lição fora mal ministrada e não mereceria remuneração. Se o conseguisse, não haveria por que pagar.

Mas os sofistas não são meros mercenários da arte de bem falar. Se não se preocupam com o conteúdo de um argumento é porque compartilham com os atenienses a experiência da democracia, em que o mundo humano aparece como uma criação do próprio homem. Nesse mundo não há um único princípio que a tudo comande, mas apenas convenções que os homens estabelecem para depois abandonar. Os valores e as verdades são instáveis e relativos. A própria linguagem, essa capacidade essencialmente humana, também não passa de convenção, sem poderes para expressar a verdade, a não ser verdades relativas de cada um.

Essas idéias abalam a filosofia, que iria considerar os sofistas seus inimigos, sem contudo conseguir ignorá-los. As críticas chegaram a tal ponto que eles nem sequer eram considerados filósofos. A palavra “sofista” ganhou o sentido de “demagogo”, e “sofisma”, de “argumento falso”. Na Grécia clássica, odiados, eles procuravam acumular conhecimentos e técnicas sobre as mais diversas atividades humanas. De todas elas, porém, detêm-se mais na linguagem. Consideram que na democracia, na qual as diferenças sociais e econômicas não contam, a linguagem é a única força que têm os homens. Por isso é necessário conhecê-la ao máximo, da gramática às figuras.

A filosofia passa assim a se afastar das investigações dos pré-socráticos, sobre a natureza e o universo para ocupar-se mais e mais das questões propriamente humanas.

**“O homem é a medida de todas as coisas”...**

**... “das que são enquanto são, e das que não são enquanto não são.”** A afirmação de Protágoras (c. 485-410 a.C.), considerado o primeiro sofista, significa que o mundo é aquilo que o homem faz e desfaz por intermédio dos sentidos. E, caso haja um princípio único, o ser humano não pode conhecê-lo.

Essa concepção, que separa a ordem das coisas naturais e a dos homens, abre a possibilidade da formulação de idéias não só sobre o conhecimento como também sobre a política e a moral. Uma vez que a medida de todas as coisas é o homem, seu conhecimento está limitado pelos sentidos, que mudam de um para outro (o que é doce para alguns, por exemplo, pode ser amargo para os demais). Assim, se existe algum acordo entre os homens, não resulta do conhecimento de uma suposta verdade absoluta, mas de simples convenção.

De maneira semelhante, os modos de organização social e política não derivam de um único princípio de justiça e sim das convenções criadas pelos homens de acordo com as circunstâncias e as conveniências. No âmbito da moral dá-se o mesmo. Bem e mal são simplesmente valores que o ser humano convencionou chamar por esses nomes.

Ao denunciar as certezas, ao duvidar da existência de uma única verdade, os sofistas acabaram por atrair também a ira dos cidadãos comuns. Diz-se que Protágoras teria sido condenado pela pólis. Não era para menos. Se na obra *A Verdade* ele a questiona, em *Sobre os Deuses* afirma a impossibilidade de decidir sobre a existência dos seres divinos.

Outros sofistas conhecidos são Hípias (nascido na Élide no século V a.C.) e Górgias (c. 487-380 a.C.). Do primeiro é o *Diálogo Troiano*, sobre a educação dos jovens; o segundo, depois de interpretar a obra de Parmênides dedica-se à linguagem.

\*



## OS SOFISTAS

**2 - PROTÁGORAS (480 – 410 a.C.)** Livro: *Noções da História da Filosofia*. Manoel P. São Marcos.

Protágoras escreveu um livro herético, sob o título “Sobre os Deuses”, em que punha em dúvida a existência dessas divindades, embora alegando de maneira sensata as suas razões. Quanto aos deuses, dizia, não posso ter a certeza de que existem, nem a de que não existem, nem posso saber que aspecto devem ter, pois há muitos motivos que me impedem de ter um conhecimento seguro a esse respeito, e entre eles a obscuridade do tema e a brevidade da vida humana.

Protágoras apoiava-se numa posição cético-relativista, que levou alguns estudiosos modernos a considerá-lo como “o pai do Relativismo”, precursor do “Crítico e até do Positivismo”. Não raro é visto como “o pai da ilustração grega”, marcando na história do pensamento, com antecedência de dois milênios, o século europeu das luzes. Depois disso não se compre-

ende a reversa que ainda hoje se faz a Protágoras, a semi-obscuridade em que permanece a sua figura extraordinária. Windelband, que não apreciava os sofistas, declara que não devemos nos esquecer da “seriedade científica” com que Protágoras expôs a sua teoria do conhecimento. De fato, partindo da doutrina de Heráclito, o filósofo do eterno fluir das coisas, Protágoras procurava mostrar a impossibilidade do conhecimento **verídico** e estável, ao mesmo tempo que acentuava o caráter relativista do conhecimento. Daí a sua frase exponencial que todos os historiadores repetem, ao se referirem ao problema do conhecimento: **O homem é a medida de todas as coisas**, do ser das que são, e do não-ser das que não são.

O problema sartreano do Ser e do Nada já está aí implícito, antecipando o Existencialismo, embora em um sentido diverso. Porque, para Protágoras, o Ser não é o “em-si” estático de Sartre, mas o “para-si”, dinâmico, relativista da ação, em que o ser, não sendo é ao mesmo tempo. Aliás, o que mais aproxima Protágoras de Sartre é exatamente essa posição antinômica, contraditória. Windelband acentua muito bem essa antinomia nestas palavras, sem, entretanto, qualquer referência a Sartre: “Protágoras partia da teoria heraclitiana, porém, mais ainda do que Heráclito, acentuava a situação correlativa, em virtude da qual toda a coisa singular, mais do que existir, transforma-se a todo o instante por suas relações com as demais”. Em Sartre, vemos o “Ser em si” negar-se a si mesmo para aparecer na ação e entrar em relação com os outros. Em Protágoras, vemos o Ser negado de antemão, desprovido de qualquer existência como entidade absoluta, para somente aparecer no processo das relações, como produto por assim dizer eventual e relativo, que tão pronto aparece como desaparece, nas transformações sucessivas e infundáveis das coisas, - conhecimento incerto transitório.

No pensamento de Protágoras, tudo é movimento. As coisas são produtos do movimento. Mas este movimento processa-se dentro de uma lei **dialética** que antecipa Hegel. É necessário o conflito de dois movimentos correlativos e de direção contrária, um chamado **ativo** e o outro **passivo**, para que as coisas surjam. O mundo heraclitiano adquire assim uma estrutura e um vigor extraordinário, apresentando-nos a Natureza como uma **perpétua ebulição criadora**. O vitalismo bergsoniano não estaria presente em forma virtual, nessa concepção do mundo? O perpétuo fluir de Heráclito, transformado no correlativismo de Protágoras, não traria em si a idéia da força criadora, a gerar as coisas e suas qualidades? São perguntas possíveis, diante do pouco que sabemos, e principalmente do muito que nos falta, a respeito do pensamento do grande sofista.

Mas da mesma forma pela qual as coisas surgem do conflito de dois movimentos, as qualidades das coisas são produzidas em nossos sentidos. Protágoras formula assim a sua teoria do conhecimento. E assim é que vamos ver de que maneira o Homem se faz a medida de todas as coisas. Os sentidos humanos são tocados por movimentos que partem dos objetos exteriores, mas reagem a esses movimentos. Com isso se produz no órgão sensorial uma percepção da coisa, ou imagem da percepção, e ao mesmo tempo, nas coisas se produz a **propriedade** correspondente a essa coisa. Disso

resulta que a percepção é pessoal, cada homem percebe as coisas a seu modo, e não como elas são realmente.

Estamos assim em pleno terreno kantiano. O conhecimento é um processo puramente relativo e periférico. Não atinge a essência das coisas. Não vai além do **fenômeno**. O **númeno** de Kant é nos interdito. Julian Marias lembra uma referência de Sexto Empírico, em **Adversus Mathematicus**, a esta possível definição de Protágoras: **a verdade é uma relação**.

Wilhelm Dilthey analisa o relativismo protagórico no sentido da objetividade, para mostrar que ele não nega a realidade objetiva. “A doçura, diz ele, se suprimirmos o sujeito que a prova, já não é nada; só existe em relação com a sensação; porém, a sua teoria da percepção mostra logo que não desaparece, com a sensação do doce, do objeto mesmo.” Este sempre existe no exterior, afetando os sentidos humanos.

A teoria protagoreana do conhecimento conduz a uma situação de impasse, semelhante à do criticismo kantiano. Kant encerrou o homem nas muralhas da aparência sensível, permitindo-lhe, contudo, a compreensão do sensível, por meio das categorias da razão; Protágoras parece transformar o homem em um ponto isolado, em um ser incomunicável dentro do Universo em contínuo **vir-a-ser**.

A realidade aparece a cada indivíduo de uma forma própria, como que especial, e por isso **incomunicável**. Herculano Pires afirma que vemos, assim, em que consiste o ceticismo relativista de Protágoras. “Não sabemos se o que conhecemos realmente é; não sabemos como os outros conhecem o que conhecemos; não podemos comunicar o que conhecemos pela forma especial com que a conhecemos. Tudo muito incerto e relativo; mas tudo existente em sua inerente importância, na medida da apreensão individual, no âmbito da natureza”. (Excertos de “Os Filósofos”, J. Herculano Pires).

\*



### **3 – PROTÁGORAS (500 ou 480 a.C. – Aprox. 410 a.C.) Livro: Os Filósofos. J. Herculano Pires.**

A seriedade absoluta é tão prejudicial ao espírito quanto a absoluta levandade. A carranca embrutece o espírito e a facécia (figuração satírica, cômica ou grotesca) o dispersa. Quando os homens se convencem de que possuem a verdade e se encastelam em seus dogmas, a Civilização se fecha por milênios entre as muralhas da China. É então necessário que alguém se lembre de sorrir das atitudes solenes, de pôr em dúvida as verdades feitas. Foi isso o que fizeram os sofistas, no mais belo século da Grécia, quando os sá-

bios helenos ameaçavam o mundo com a carranca de suas decisões solenes. Mas como não é fácil levantar a flama do sorriso em meio às densas trevas do carrancismo, foi necessário que os sofistas viessem de fora, trazendo para o interior das muralhas culturais de Atenas as suas luzes de pirilampo.

De certa maneira, o episódio dos sofistas é a insídia de Tróia em revanche. E um professor de Abdera, na Trácia, foi o herói principal dessa façanha, em que vemos uma nova Helena, desta vez encarnada na sabedoria grega, provocar uma epopéia espiritual, em que as façanhas da *Ilíada* (na *Ilíada*, Homero conta como a cidade de Tróia foi sitiada pelos aqueus, que desejavam recuperar Helena, esposa do rei espartano Menelau. Composta entre -750 e -725, a partir de lendas e memórias) e da *Odisséia* (descreve o retorno do guerreiro Odisseu – Ulisses – ao seu reino na ilha grega de Ítaca) se repetirão na cartografia do pensamento. Não é por acaso que esse herói, Protágoras, constituiu-se numa espécie de laço entre Leucipo e Demócrito, no plano das gerações, segundo assinala Windelband. Um herói da fibra de Protágoras só poderia surgir de uma geração de filósofos, no clima de inquietação espiritual que caracterizou o atomismo grego.

Os sofistas caíram no extremo oposto da atitude assumida pelos pensadores gregos tradicionais. Como em todas as revoluções, exageraram. E esses exageros deram pasto à ira que haviam provocado, de tal maneira, que ainda hoje não nos sentimos muito dispostos a reconhecer o valor substancial da sua atitude em face da Cultura. Protágoras, porém, foi o que soube manter mais alto o seu prestígio. Não caiu na facécia comum, na futilidade oratória, nessa outra forma de morte do espírito, oposta à estagnação, mas tão fatal quanto ela, que é a dispersão. Por isso mesmo, parece-nos que ninguém encarna melhor a era dos sofistas do que esse possível discípulo de Leucipo, sobre o qual Platão escreveu um dos seus pequenos diálogos, eivado de sátira, o *Protágoras*, mas cuja doutrina teve também de apresentar num diálogo mais sério, o *Teeteto*. E não deixa de ser valioso que esses dois diálogos figurem na lista dos oito de Platão cuja autenticidade nunca foi posta em dúvida, pelo menos de maneira séria.

Protágoras nasceu em Abdera, entre 500 e 480 a.C., bem depois de Leucipo e vinte anos mais ou menos antes de Demócrito. Este, segundo dizem, ria continuamente da loucura humana. Basta essa referencia para vermos que o espírito faceto imperava em Abdera, predispondo os homens a uma nova atitude em face da vida. Protágoras encarnou essa atitude ao se fazer “professor de ciência”, mas de uma ciência que não se fechava na pretensão épica de explicar o Universo, destinando-se antes a ensinar os homens a viverem. Para começar, essa ciência devia dar ao próprio Protágoras um meio de vida. Ele a transformou, pois, na sua profissão, escandalizando os que ensinavam por amor à sabedoria, uma vez que preferia reunir o útil ao agradável.

A palavra *sofista* só adquiriu o sentido pejorativo, que hoje tem, depois de Sócrates. Sua significação primitiva era a de “homem de ciência”, ou “professor de ciência”, como dizia Protágoras. Os sofistas se opõem, assim, aos filósofos, na História da Filosofia. Se estes, como vimos com Pitágoras, são os amantes da sabedoria, que desejam privar das delícias da amada, aqueles, como vemos com Protágoras, são, em termos atuais, os empre-

sários da sabedoria, os propagandistas de suas virtudes e excelências, os exibidores de suas formas e seus encantos. A hetaira (associação de companheiros) grega se transforma, nas mãos dos sofistas, na “estrela” de teatro ou de cinema dos nossos dias. Havia, portanto, razões de sobra, na ira desencadeada contra os sofistas em todo o mundo cultural grego.

Mas é evidente que, por outro lado, os sofistas respondiam às exigências de uma nova fase do desenvolvimento da Grécia: a democrática. Bertrand Russel chega mesmo a admitir que a democracia ateniense, apesar de suas limitações e suas bases escravagistas, era, “sob certos aspectos, mais democrática do que os sistemas modernos”. Numa época em que falamos tanto de Democracia, em que sentimos que a harmonia social só pode resultar de um verdadeiro processo democrático, não deixa de ser desolador que um filósofo moderno possa afirmar tal coisa. Pois era nesse mundo democrático, em que pesem as suas antinomias insanáveis, que os sofistas realizavam a sua obra de democratização da Cultura.

### O CAÇADOR DE HOMENS

Não é possível democratizar a Cultura sem primeiro realizar uma verdadeira caça aos homens. Porque os homens incultos são como animais selvagens, que fogem à domesticação. Mas se os animais selvagens podem ser caçados com armadilhas e engodos, também os homens incultos o podem. E a democracia ateniense era o campo mais propício para a colocação dessas armadilhas. De um lado, ela oferecia aos jovens a possibilidade de galgarem elevadas posições para se defenderem nas questões judiciais, em que o próprio acusado podia enfrentar os seus adversários, dele mesmo dependendo a sua vitória ou derrota.

Os sofistas agiam como bons caçadores. Suas armadilhas eram a retórica e a preparação científica. O regime democrático, como acentua Windelband, implicava a participação de todos os cidadãos na vida pública. Mas essa participação não poderia ocorrer, se o cidadão não estivesse em condições de exercê-la. E como o Estado não fornecia os meios de preparação, os sofistas apareciam na democracia grega como elementos necessários ao seu próprio desenvolvimento. Os jovens recorriam a eles, para conseguirem os meios de se projetarem na vida pública. Ao fazerem isso, caíam na armadilha da Cultura, mordiam a isca, e se tivessem gosto pelas coisas do pensamento, fugiriam sempre e cada vez mais da condição de ignorância.

É neste sentido que Protágoras aparece como um caçador de homens. Não apenas como um caçador de jovens ricos ou um comerciante da Cultura, segundo as referências satíricas de Platão em *O Sofista*, mas como uma inteligência que procura atrair outras para o plano do conhecimento. Não se pode dizer que essa caça fosse realizada por simples prazer, ou por simples amor à Cultura, pois os sofistas cobravam pelas lições. Mas se Platão se escandaliza com isso, os aristocratas gregos acusam os sofistas de mercenários, a verdade é que assumiam, em face do problema, tão-somente uma atitude de classe. Cabe aqui a lembrança de um trecho de Bertrand Russel: “Platão possuía meios próprios de subsistência, o que o tornava incapaz, ao que parece, de compreender as necessidades daqueles que não gozavam da

mesma sorte. É curioso que os professores modernos, que não vêm motivos para recusar salários, repitam com tanta frequência os juízos de Platão a respeito.”

Uma conclusão do Estrangeiro, personagem do diálogo *O Sofista*, mostra-nos a posição difícil em que Protágoras é colocado no pensamento platônico. O Estrangeiro, como explica Teodoro, “é natural de Eléia, e realmente um filósofo, que pertence ao círculo de Parmênides e Zenão”. Esse homem, impregnado do pensamento eleático, chega à seguinte conclusão sobre a atuação dos sofistas:

*ESTRANGEIRO: Recordando, pois, o nosso raciocínio, parece-me, Teeteto, que na arte da apropriação, na caça, na caça aos seres vivos, às presas da terra firme, aos animais domésticos, ao homem como indivíduo, na caça interessada, em que se recebe dinheiro a pretexto de ensinar, na caça em que se perseguem os jovens ricos e de alta sociedade, encontramos o que devemos chamar, como conclusão de nosso próprio raciocínio, de Sofística.*

Logo mais, o Estrangeiro mostra que os sofistas são também comerciantes de ciência, homens que vendem ciência de cidade em cidade, através da importação. A Sofística é simplesmente um comércio. O Estrangeiro pergunta:

*- Então, aquisição por troca, por troca comercial, seja ela uma venda de segunda mão ou venda pelo próprio produtor, não importa, desde que este comércio se refira aos ensinamentos de que falamos, será sempre, a teu ver, a Sofística?*

E Teeteto responde:

*- Necessariamente, é uma consequência que se impõe.*

Vemos nessas passagens todo o ódio das classes tradicionais para com os sofistas, apontados como mercenários da Cultura. Não obstante, a influência desses homens foi tão grande, na modificação do pensamento grego, em sua passagem da fase das preocupações físicas de ordem cósmica para as preocupações antropológicas e morais, do Cosmos em sentido universal para o cosmos humano, como acentua Werner Jaeger (Filósofo e Filólogo alemão, 1881-1961, autor, entre outros estudos sobre a Grécia Clássica, de *Paidéia. “Los ideales de la cultura griega” -1934.*), que o seu comércio assegurou-lhes um lugar proeminente na História da Filosofia. Afirma-se que os sofistas não foram filósofos, mas educadores, e que o seu lugar é antes na História da Educação. Protágoras, porém, desmente essa tese. Sua vida e sua obra, no que, embora pouco, podemos conhecer de ambas, revelam que o seu lugar, como o de Sócrates, Platão e Aristóteles, tanto pertence a uma como à outra.

### **O MERCADOR E A SABEDORIA**

Do pouco que sabemos sobre a vida de Protágoras, o certo é que foi um dos primeiros mercadores da sabedoria. “Tendo previsto de maneira exata as necessidades da época”, como escreve Windelband, percorreu numerosas cidades gregas, ensinando, e sempre cercado pela admiração popu-



lar. Esteve em Atenas diversas vezes, mas Russel entende que só a visitou duas vezes, e da segunda, antes de 432 a.C., serviu de motivo para o diálogo de Platão que traz o seu nome.

Diógenes Laércio diz que Protágoras era filho de Ártemon, mas acrescenta que: “segundo Apolodoro, e Dínon, em sua *História da Pérsia*, era filho de Menandro”. Diógenes lembra ainda que Êupolis não considerava Protágoras como natural de Abdera, mas de Teos. Esta última dúvida está hoje desfeita. Sabemos que era natural de Abdera, e que, como diz Émile Bréhier, “escandalizou os atenienses por sua indiferença em matéria de Religião”. Em suas andanças, caçando homens para a sabedoria, ou vendendo esta a grosso e a varejo, não somente ensinou, mas também contribuiu para a organização das cidades. É o que nos mostra o episódio de Turi, para a qual, como Parmênides fizera para Eléia, elaborou um código ou uma constituição.

O mercador de sabedoria, como vemos, era também legislador. Diógenes Laércio sustenta que ele foi discípulo de Leucipo e que o chamavam de Sabedoria. Se isto é verdade – e Diógenes evoca o testemunho de Favonino, em suas *Histórias Várias* -, então o mercador não vendia em segunda mão, mas pertencia àquela classe de produtores que colocam diretamente os seus produtos no mercado, segundo a sátira platônica.

E bem vasta era a produção de Protágoras, se admitirmos como certas as informações de Diógenes Laércio a esse respeito. Em primeiro lugar, temos esta notícia preciosa: “Foi o primeiro a dizer que em todas as coisas há duas razões contrárias entre si, e disso se servia em suas perguntas, sendo o primeiro a praticá-lo”. Esta informação é bastante comprometedora para o orgulho aristocrático de Platão, pois confere ao mercenário Protágoras a prioridade da maiêutica socrática, e conseqüentemente da dialética platônica.

Diógenes afirma que Protágoras “filosofou pelo espaço de quarenta anos”, e Zeller declara que ele passou a idade madura percorrendo cidades e ensinando, a troco de pagamento em dinheiro. “Foi o primeiro que recebeu cem minas de salário”, informa Diógenes, acrescentando várias coisas em que o mercador de sabedoria teria tido a primazia, inclusive esta: “Foi o primeiro que dividiu o tempo em partes e explicou as virtudes das estações.” Na lista das primazias de Protágoras, insiste Diógenes: “Também foi o primeiro que empregou o estilo socrático de falar, e o primeiro que usou o argumento de Antístenes, com o qual se pretende demonstrar que não se pode contradizer.”

Mas não é somente Platão quem sai comprometido das informações de Diógenes Laércio sobre as atividades culturais de Protágoras. Aristóteles também perde a primazia de sua obra mais importante, ou seja, daquela que parece haver construído sozinho e para todo o sempre: a Lógica. Foi o primeiro a tratar da oração em suas várias partes, não apenas do ponto de vista gramatical, como o fizera Hípias, mas em sentido lógico. Windelband confirma a informação de Diógenes, acentuando que “Protágoras chamou a atenção para a essência da oposição contraditória e foi o primeiro que ensinou um método especial para a discussão ou o torneio oratório.” Acrescenta

de maneira incisiva: “É evidente que aqui nasceu a Lógica Formal, como uma espécie de arte da disputa, demonstração e refutação, e desgraçadamente nada sabemos quanto ao grau de adiantamento a que chegaram os sofistas nessa arte.”

Diante de todas essas afirmações, vemos que Protágoras vendia o que possuía, e muitas vezes o que possuía em primeira mão, como excelente produtor. Fazem-lhe tremendas acusações: teria reduzido a Dialética à Erística (relativo à controvérsia filosófica) e causado profundos prejuízos à prática forense, com seus deletérios sofismas, seus jogos antilógicos. Faltava-lhe o senso moral dos atenienses, que a História nem sempre comprova, e que na vida de Protágoras está bastante demonstrado. Teria sido uma espécie de demônio ambulante, a espalhar por tudo o ácido corrosivo das suas dúvidas. Mas todas essas acusações provêm dos seus adversários.

### **O INVENTOR E O LEGISLADOR**

Gomperz faz justiça a Protágoras com estas palavras: “Disponha de tão múltiplos talentos, que podia, com a mesma facilidade, inventar um aparelho para uso dos carregadores ou atuar como legislador.” E assim era, de fato, como já vimos nas referências de Diógenes Laércio. O episódio de Turi, a que aludimos atrás, confirma o juízo de Gomperz. Encontramos ali, na cidade reconstruída, o professor de Abdera em função legislativa, por incumbência de Péricles.

Admite Gomperz que a tarefa foi confiada ao sofista na primavera de 443 a. C., quando os atenienses haviam reconstruído Turi, nas proximidades das ruínas de Síbaris, numa radiosa e fecunda planície. Tudo anunciava o esplendor de uma nova era. A cidade reconstruída atraiu para as suas ruas e praças numerosas personalidades ilustres. Era um símbolo urbanístico e arquitetônico do mais fino espírito helênico ao mesmo tempo que da força criadora dos gregos e, até mesmo, de sua principal característica espiritual: o racionalismo.

Para compreendermos isso, precisamos recorrer às informações de Gomperz, com base em Aristóteles. O plano urbanístico de Turi havia sido confiado a Hipódamo, de Mileto (Hipódamo – foi um arquiteto grego, c. 500 a.C. – um representante da antiga escola Jônica, que primava pelo requinte e luxo), um “homem original, que ostentou sua originalidade até mesmo nos pormenores do vestuário e do penteado”. Hipódamo era um reformista, e recomendava o traçado das ruas em linha reta, cruzadas em ângulos retos. Suas cidades deviam ser, portanto, verdadeiros reflexos do espírito racional dos gregos, estruturadas com lógica regularidade, em traçados límpidos e severos, sem os meandros e obscuridades das antigas povoações surgidas ao acaso. O espírito ático se afirmava em Turi reconstruída, em toda a sua plenitude.

Gomperz nos oferece uma visualização provável da passagem de Protágoras por Turi. Sob os pórticos magníficos, mas ao mesmo tempo austeros, de linhas discretas, das novas construções, Protágoras, o legislador – no apogeu do êxito e da sua capacidade intelectual -, podia entreter-se em conversação com Heródoto (484-425 a.C., 400 anos depois de Homero) e Empédocles, o primeiro, chamado túrio por Aristóteles, e o segundo, citado por A-

polodoro como tendo visitado a cidade logo após a sua fundação. Mas ao lado do historiador e do filósofo, quantas figuras do mais alto relevo na vida política, social e intelectual de Atenas, de Esparta e outras cidades gregas, não teriam ocorrido para lá, participar do significativo acontecimento?

Esta suposição é corroborada pela afirmação de Gomperz, de que o rápido desenvolvimento de Turi parecia pressagiar uma era de concórdia helênica, pois a população se constituía de elementos “de todas as estirpes”, e a divisão dos cidadãos em dez categorias, segundo a procedência, tinha “um sentido francamente pan-helênico”. Entretanto, os fados haviam determinado o contrário. O belo prenúncio de Turi reconstruída se desfaria dez anos mais tarde, com a guerra entre Atenas e Esparta e com a devastação da peste na primeira dessas cidades. Protágoras presenciou a essa amarga reviravolta, assistindo em Atenas a morte cruel dos jovens filhos de Péricles, aniquilados em apenas oito dias pela terrível moléstia.

### CONDENAÇÃO, FUGA E MORTE

Ao contemplar toda essa derrocada, Protágoras bem devia lembrar-se do eterno fluir das coisas, que desde cedo aprendera na filosofia de Heráclito. Tudo passa, na voragem impiedosa do tempo. Turi, que renascera, pela força do gênio grego, no esplendor do século de Péricles, seria destruída e saqueada mais tarde, por Aníbal, e parte de sua população, escravizada. Péricles, depois de haver dado a Atenas o máximo poder e esplendor, morreria de peste e em desprestígio. Empédocles, que ele vira passeando sob os pórticos severos de Turi, se precipitaria na cratera do Etna, para que ninguém o visse transformado em cadáver, e o vulcão devolveria, ironicamente, uma de suas sandálias. Por fim, o próprio Protágoras, já velho e cansado, romperia a cautela habitual, para clamar em público contra os deuses.

Foi assim nesse final de tragédia, que Protágoras se viu envolvido numa acusação de ateísmo. E o grande sofista, pela primeira vez, não acreditou no poder extraordinário da sua oratória. Ele, que havia confundido os gregos, subvertido as idéias, desprestigiado os dogmas, ensinado os mais inábeis a se defenderem com extrema habilidade, compreendeu que chegara, no desenrolar da tragédia, o momento crucial da *catástrofe*. E por isso mesmo, integrado já no seu papel de ator, não mais personagem real, preferiu fugir.

Mais tarde, os historiadores e intérpretes apressados da História iriam compará-lo a Sócrates, para diminuí-lo. Lembrariam a coragem de Sócrates na velhice, a sua irônica intrepidez, a sua recusa a fugir. Mas quem pode acusar a Protágoras pela sua decisão, sem conhecer os pormenores circunstanciais que a determinaram? O confronto dos simples exemplos, em suas linhas gerais, nada exprime, quando não estamos em condições de confrontar as situações, tanto em seus aspectos sociais, quanto psicológicos, e estes principalmente.

Protágoras escrevera um livro herético, *Sobre os Deuses*, em que punha em dúvida a existência destes, embora alegando de maneira sensata as suas razões:

*Quanto aos deuses, não posso ter a certeza de que existem, nem a de que não existem, nem posso saber que aspecto devem ter, pois há muitos motivos que me impedem de ter um conhecimento seguro a respeito, e entre eles a obscuridade do tema e da brevidade da vida humana.*

Diógenes Laércio diz que o próprio Protágoras teria lido o livro em Atenas, na casa de Eurípides, dando-o à publicidade, segundo o costume da época. Formulada a seguir a acusação, os exemplares foram seqüestrados e queimados publicamente, precedendo a condenação do autor, nessa eterna demonstração de intolerância dos espíritos mesquinhos e dos interesses criados, que vemos sempre repontar ao largo da História. Mas o próprio Diógenes informa que, segundo outras fontes, a leitura do livro não teria sido feita em Atenas, mas em Megaclides, ou ainda, segundo outros, Protágoras o teria feito ler no Liceu, por seu discípulo Acágoras, filho de Teodoro. Um dos Quatrocentos que governavam Atenas, Polizelo, tinha um filho por nome Pitodoro, que por certo presenciou o ato herético e resolveu denunciar o sofista. Mas ainda aqui subsistem as dúvidas, que são tantas nessa biografia misteriosa, e Aristóteles informa que o acusador de Protágoras foi Evatlo.

Se a informação de Aristóteles, citada por Diógenes, for exata, podemos estar diante de um caso de pérfida vingança. Porque uma das anedotas referentes á atuação profissional de Protágoras tem como centro exatamente esse jovem, que teria sido discípulo do sofista. O próprio Diógenes conta essa história, que em vários historiadores aparece de maneira um tanto confusa. A versão de Diógenes é muito clara e interessante. Vejamo-la em sua forma textual:

*“Dizem que, tendo reclamado a paga ao seu discípulo Evatlo, como este respondesse que ainda não havia ganho causa alguma, retrucou: - ‘Pois se eu agora ganhar, tenho de receber, porque ganhei, e se tu venceres, porque venceste.’”*

A anedota se esclarece ao sabermos que Protágoras havia ensinado Evatlo com esta condição: metade do pagamento à vista, e a outra metade quando o discípulo ganhasse uma questão na justiça. Ora, como Protágoras resolvera cobrar o discípulo judicialmente, este ficaria num legítimo dilema, pois teria de pagar, quer ganhasse, quer perdesse.

Seja, porém, verdadeira ou não a informação de Aristóteles, o que parece certo é que Protágoras foi acusado de impiedade e condenado pelo Governo dos Quatrocentos. Diante disso, fugiu para a Sicília, segundo Filócoro. Em meio do mar, porém, a nave afundou, e o sofista morreu – de acordo com uns, aos noventa anos de idade, e segundo Apolodoro, com apenas setenta anos. Nem sequer a respeito da sua idade podemos ter certeza. Mas, em compensação, Diógenes Laércio oferece-nos este epigrama, que compôs para ele: *Morreste, ó Protágoras, já velho, Em viagem, ausentando-te de Atenas. Da terra de Cécrope* (um dos reis de Atenas) *escapaste. E também conseguiu fugir Da cidade de Palas* (deusa virgem, padroeira das artes domésticas, da sabedoria e da guerra). *Mas fugir de Plutão* (deus do inferno) *já não pudeste.*

A ingenuidade da composição, que lembra os nossos epigramatistas caipiras, justifica o que diz do autor o Sr. José Ortiz y Sanz, que traduziu do

grego o livro de Laércio para a coleção clássica da Editora *El Ateneo*, de Buenos Aires: não é muito de se lamentar a perda do seu livro de epigramas. Não obstante, o valor testemunhal desse epigrama não pode ser negligenciado, embora a vida de Laércio seja tão obscura quanto a do próprio Protágoras.

### CETICISMO RELATIVISTA

Não podemos ter nenhuma certeza quanto à legitimidade da doutrina de Protágoras que chegou até nós. Basta dizer que a principal fonte de sua gnosiologia é o *Teeteto*, de Platão, para compreendermos as nossas dificuldades. Platão, como diz Russel, ao tratar dos sofistas, “deu-se à tarefa de caricaturá-los e envilecê-los”. Talvez não o fizesse conscientemente, mas levado pelas condições da época, que o colocavam em situação contrária à daqueles “mercadores da sabedoria”. Apesar disso, conseguimos saber alguma coisa sobre o que Protágoras pensava e ensinava, e essa alguma coisa basta para espantar-nos. Como vimos nas referências de Diógenes Laércio, o grande sofista foi “o primeiro” em muitas coisas, antecedeu aos seus próprios adversários em diversos terrenos de especulação, e durante quarenta anos ensinou os gregos a duvidarem de suas certezas tradicionais e do ensino dogmático de seus filósofos. Mas nem por isso deixou de aproveitar, de seus antecessores, as verdades prováveis.

Protágoras firmava-se numa posição cético-relativista, que levou alguns estudiosos modernos a considerá-lo como “pai do Relativismo”. Grote, embora contestado por Natorp, chegou mesmo a admiti-lo como “o fundador do Positivismo”, em detrimento da glória de Comte. Outros o consideraram predecessor de Kant e, portanto, “criador do Criticismo”. Outros, ainda, viram nele um sensualista que antecedeu os empiristas ingleses, e não raro o vemos citado como “o pai da ilustração grega”, marcando na história do pensamento, com antecedência de dois milênios, o século europeu das luzes. Schiller, um dos fundadores do Pragmatismo, como informa Russel, dizia-se discípulo de Protágoras, e assim o temos também como antecessor de William James.

Depois disso, não compreendemos facilmente as reservas que ainda hoje se fazem de Protágoras, a semi-obscuridade em que permanece a sua figura extraordinária, eclipsada por outras que tanto lhe devem. Windelband, que não trata os sofistas com muito respeito, declara que não devemos nos esquecer da “seriedade científica” com que Protágoras expôs a sua gnosiologia. De fato, partindo da doutrina de Heráclito, de Éfeso, esse obscuro filósofo do eterno fluir de todas as coisas, Protágoras procurava mostrar a impossibilidade do conhecimento verídico ou legítimo, ao mesmo tempo que acentuava o caráter relativista do conhecimento. Daí a sua grande frase, que todos os tratados filosóficos repetem, ao se referirem ao problema do conhecimento: *O Homem é a medida de todas as coisas, do Ser das que são e do Não-Ser das que não são.*

O problema sartreano do Ser e do Nada aí já se encontra, antecipando o Existencialismo, embora num sentido diverso. Porque, para Protágoras, o Ser não é o *l'en soi* de Sartre, mas o *le pour soi*, esse dinamismo relativis-

ta da ação, em que o ser, não sendo, ao mesmo tempo é. Aliás, o que mais aproxima Protágoras de Sartre é exatamente essa posição antinômica. Windelband a acentua muito bem nestas palavras, sem, entretanto, qualquer referência a Sartre: “Protágoras partia da teoria heraclitiana, porém, mais ainda que o efésio, acentuava a situação correlativa, em virtude da qual toda coisa singular, mais do que existir, transforma-se a todo instante por suas relações com as demais.” Em Sartre, vemos o *Ser em si* negar-se a si mesmo para aparecer na ação e entrar em relação com os outros. Em Protágoras, vemos o Ser negado de antemão, desprovido de qualquer existência como entidade absoluta, para somente aparecer no processo de relações, como produto por assim dizer eventual e relativo, que tão pronto aparece como desaparece, nas transformações sucessivas e infundáveis das coisas.

No pensamento de Protágoras, tudo é movimento. As coisas são produtos do movimento. Mas este se processa dentro de uma lei dialética, que antecipa Hegel e conseqüentemente Marx e Engels. É necessário o conflito de dois movimentos correlativos e de direção contrária, um chamado *ativo* e outro *passivo*, para que as coisas surjam. O mundo heraclitiano adquire assim uma estrutura funcional e um vigor extraordinário, apresentando-nos a Natureza como uma perpétua ebulição criadora. O vitalismo bergsoniano não estaria presente, em forma larvar, nessa concepção do mundo? O perpétuo fluir de Heráclito, transformado no correlativismo de Protágoras, não traria em si a idéia da força criadora, a gerar as coisas e as suas qualidades? São perguntas possíveis, diante do pouco que sabemos e principalmente do muito que nos falta, a respeito do pensamento do grande sofista.

Mas da mesma forma por que as coisas surgem do conflito de dois movimentos, as qualidades das coisas são produzidas em nossos sentidos. Protágoras formula assim a sua teoria do conhecimento. E por ela é que vamos ver de que maneira o Homem se faz a medida de todas as coisas. Os sentidos humanos são tocados por movimentos que partem dos objetos exteriores, mas reagem a esses movimentos. Com isto se produz no órgão sensorial uma percepção da coisa, ou a imagem de percepção, como diz Windelband, “e ao mesmo tempo, na coisa, a propriedade correspondente a esta última”. Disso resulta que a percepção é pessoal, cada homem percebendo as coisas a seu modo, e não como elas realmente são.

Estamos assim em pleno terreno kantiano. O conhecimento é um processo puramente relativo e periférico. Não atinge a essência das coisas. Não vai além do *fenômeno*. O númeno de Kant nos é interdito. Julián Marías lembra uma referência de Sexto Empírico, em *Adversus Mathematicus*, a esta possível definição de Protágoras: *A verdade é uma relação*. Se estivermos em face de uma frase realmente protagórica, veremos que o grande sofista antecipou muitas pretensas novidades atuais.

Mas Wilhelm Dilthey analisa o relativismo protagórico no sentido da objetividade, para mostrar que ele não negava a realidade objetiva. “A doçura, diz Dilthey, se suprimirmos o sujeito que a prova, já não é nada; só existe em relação com a sensação; porém, a sua teoria da percepção mostra logo que não desapareceu, com essa sensação de doce, o objeto mesmo”. Por isso

foi que tratamos acima da teoria do objeto antes da teoria da percepção. Este sempre existe no exterior, afetando os sentidos humanos. E como acentua Marias, se não fosse assim, não existiria uma teoria da percepção, pois não haveria o que perceber, a menos que Protágoras houvesse também antecipado Berkeley, o que não era possível, diante da sua descrença nos deuses.

A teoria do conhecimento formulada pelo grande sofista leva-nos a uma situação de impasse muito semelhante à do criticismo kantiano. Se Kant fechou os homens nas muralhas da aparência sensível, permitindo-lhes, entretanto, a compreensão no sensível, através das categorias da razão, Protágoras parece transformar cada homem numa ilha, num ser isolado, espécie de preso incomunicável dentro do Universo em mutação contínua. Neste ponto, mais uma vez, encontramos uma conexão com o pensamento sartreano e uma justificação do desespero kierkegaardiano.

Cada coisa aparece a cada indivíduo de uma forma própria, especial, e por isso mesmo incomunicável. Vemos assim em que consiste o ceticismo relativista de Protágoras. Primeiro, não sabemos se o que conhecemos “realmente é”; depois, não sabemos como os outros conhecem o que conhecemos; e depois, ainda, não podemos comunicar aos outros o que conhecemos pela forma especial de a conhecermos. Tudo é incerto e relativo, mas tudo existe e tem importância na medida da apreensão individual, no âmbito do universo humano.

### FILOSOFIA E SOFÍSTICA

Já fizemos no início a distinção entre Filosofia e Sofística. Não obstante, verificamos depois que Protágoras era também um filósofo, e como tal um pensador original, capaz de produzir as mercadorias que vendia e capaz de ser em muitas coisas “o primeiro”, como o demonstrou Diógenes Laércio. Como explicar-se, então, a distinção? Expliquemos antes a confusão. E para isso nos serviremos de uma expressão feliz de Julián Marias: “na Sofística pulsava uma interpretação da realidade”. Já vimos que essa interpretação era indispensável à própria existência da prática sofista. Primeiro conhecer, para depois agir, como afirmaria Kant.

Mas na Sofística pulsava a Filosofia, por que a distinção? Porque, como já mostramos no início, temos na primeira o amor à sabedoria, e na segunda a utilização do saber. Entre Filosofia e Sofística existe a mesma distinção entre teoria e prática. Mas assim como não podemos separar uma coisa da outra, sem prejudicar a plenitude da ação, da mesma maneira não podemos separar a Filosofia e Sofística, sem prejudicar a plenitude do saber. Julián Marias acentua que os sofistas inverteram os termos da Filosofia, em atenção a uma exigência social. Mas não foi isso também, e pelo mesmo motivo, o que Marx fez com a dialética hegeliana e num sentido mais amplo, com a própria Filosofia? E antes de Marx, já Augusto Comte não havia procedido da mesma maneira?

Aristóteles chamou a Sofística de “sabedoria aparente, que não o é”. Mas sabemos que Aristóteles, como Platão, tinha uma posição intelectual e social decisivamente oposta à de Protágoras, Górgias, Hípias e os demais sofistas. O argumento aristotélico é ainda hoje usado pelos que combatem o

Marxismo, negando-lhe caráter filosófico. É a eterna luta dos homens, no plano relativo de suas posições intelectuais e sociais. O relativismo protagórico em plena confirmação na realidade histórica, ao menos no que toca às divergências humanas.

A Sofística foi, sobretudo, acusada de levar o Homem ao negativismo e à irresponsabilidade. Não se faz, hoje, a mesma acusação ao Pragmatismo? (1. O conhecimento é derivado da experiência, de métodos experimentais e esforços práticos. Critica a especulação, a qual considera incapaz de chegar à verdade. 2. O conhecimento deve ser usado para resolver problemas do dia-a-dia, para ajudar o homem a adaptar-se ao meio ambiente. 3. Em termos de verdade, as idéias devem referir-se às suas conseqüências (resultados, usos). São guias para a ação positiva e a adaptação a novas experiências. 4. A verdade é aquilo que tem valor prático na existência do homem. Serve de instrumento ou meio para que possa alcançar os seus objetivos, como também para influir na sua capacidade de prever e arranjar o futuro conforme os mesmos objetivos. 6. O significado de uma idéia (teoria, conceito, opinião) identifica-se com os usos práticos a que serve e as conseqüências práticas que dela decorrem. Dicionário de Filosofia. Thomas Ransom Giles, E.P.U). Windelband, endossando essas acusações, chega a dizer que o ceticismo protagórico acarretaria a dissolução da Ciência. Tudo isso nos parece, quando analisamos as conseqüências da atuação dos sofistas, demasiado exagerado. A Sofística representou um momento necessário na história do pensamento grego, tão necessário quanto o do Positivismo (1. “Positivo” é aquilo que é dado, que deve ser aceito tal como o encontramos e para o qual não há mais nenhuma explicação. 2. Rejeita-as tentativas por parte da Teologia e da Metafísica de ir além do mundo concreto, material, dado à observação, à procura de causas primeiras e fins últimos. 3. Todo o conhecimento está contido dentro dos limites da ciência, isto é, o estudo sistemático dos fenômenos e a explicação das suas leis. À Filosofia compete explicar o âmbito e os métodos da ciência, apontando os princípios gerais que alicerçam suas descobertas, e explorar as implicações da ciência para a vida humana. 4. As questões que não encontram resposta por meio de métodos científicos devem permanecer sem resposta. Idem.) no pensamento moderno, em que pesem as objurgatórias que formulam a este. Não podemos encarar os problemas do pensamento, puxando a viseira de nossos preconceitos sobre os olhos. Descartes já nos ensinava a evitar a prevenção e a precipitação.

É curioso notarmos, por exemplo, na Sofística, o desenvolvimento das escolas dos fisiólogos. Bastaria isso para mostrar a irreduzível ligação da Sofística à Filosofia, tanto no plano histórico, quanto no conceptual. Se Protágoras, discípulo de Leucipo, desenvolvia suas teses apoiado ao mesmo tempo nos atomistas e no pensamento heraclítico, ao seu lado encontramos Górgias, de Leontino, que se alimentava do pensamento eleático. Para Protágoras, o Ser não existia como tal, ou seja, como ente absoluto, mas como entidade relativa. Para Górgias, o que existe é o Ser, na forma eleática de concepção. Mas, por curioso que possa parecer, essa própria existência se converte na negação do Ser. Não nos admiremos disso: em *L'Être et le Néant*, Sartre faz o mesmo jogo, como já vimos rapidamente, alguns períodos atrás.

Górgias chegou a escrever um livro intitulado *Sobre o Não-Ser ou Sobre a Natureza*. Nesse livro, expunha a sua curiosa doutrina, que se fundamentava em três princípios essenciais: 1º.) Nada é, pois bem, é o Não-ser, o ser, ou ambos; 2º.) Se algo é, não será cognoscível, pois o que é, e o pensamento, são distintos; 3º.) Se houvesse conhecimento, não seria comunicá-



vel, pois a comunicação só é possível por meio de sinais, que são diferentes da coisa, e não temos nenhuma garantia de que todos os indivíduos os interpretam da mesma maneira.

Windelband demonstra o absurdo desses princípios, que contrariam as leis da Lógica Formal. Entretanto, os princípios de Górgias nos teriam chegado como ele os formulou? E se os formulou assim, não o teria feito com a intenção mesmo de desenvolver com eles um daqueles jogos dialéticos tão comuns aos sofistas? É interessante que o próprio Windelband reconhece essas dificuldades, assinalando textualmente: “É possível... que os sofistas tenham a desvantagem de só estarmos informados a seu respeito pelos seus adversários.”

### COMBATE À TRADIÇÃO

Protágoras, em certa medida, assemelha-se a Descartes, nas cautelas que toma para não desencadear reações perigosas no meio ateniense. Assim como Descartes age sempre de maneira cautelosa, embora minando as bases da estrutura social e cultural da sua época, Protágoras usa de evasivas, como no caso dos deuses, que prefere negar através da dúvida, e não de uma negativa direta. Mas também como Descartes, prossegue em sua luta, minando o mundo de certezas tradicionais em que viviam os gregos. Se a Sofística é uma revolução no plano da Filosofia, também o é no da Política, da Religião, dos costumes. E Protágoras aparece na História como o general de uma vasta batalha contra a tradição helênica.

Apesar da inquietação que, desde o início, caracterizou a civilização grega, dando-lhe o dinamismo que a tornou a fonte mais importante e fecunda do fenômeno ocidental, ainda no século V a.C. prevalecia o respeito pelas regras morais, políticas e religiosas que provinham da época dos Sete Sábios, ou seja, dos séculos VII e VI. Entretanto, a reflexão ética que florescera naqueles séculos renascia no século V, em meio de novas condições econômicas, sociais e políticas, e portanto de forma diferente. Atenas prosperava sob a democracia imperialista de Péricles, como a maior potência naval da época. O comércio intensificou-se, as riquezas aumentaram rapidamente, e o luxo e o ócio cresceram, as artes floresciam e a Cultura se desenvolvia. Basta lembrar que a tragédia grega provém dessa época. A tradição foi abalada pelas influências estrangeiras, uma brecha se abriu, por assim dizer, na muralha tradicional, e por essa brecha entrou e se propagou rapidamente a Sofística.

Não há dúvida que os sofistas foram os principais agentes das transformações que daí por diante se verificaram. Protágoras não seguia o costume antigo de ensinar numa escola de tipo monástico. Essas confrarias religiosas, constituídas sob a influência órfica, e que mais tarde ainda continuarão florescendo, como vemos nos casos de Platão, Aristóteles, Epicuro e outros, influíam imediatamente sobre uma comunidade reduzida, selecionada, e por isso mesmo aristocrática. Mas Protágoras e os demais sofistas iniciaram uma forma nova e mais dinâmica, de maior raio de influência. Infiltraram-se, assim, no meio do povo, discursando em praça pública para atrair discípulos, como autopropagandistas, a semearem idéias novas.

Bertrand Russel acentuou bem esse aspecto da Sofística, lembrando duas características importantes do movimento: não estava ligado à tradição religiosa e não se sujeitava às regras morais. Era, pois, uma verdadeira revolução. Não é de admirar que os sofistas, assim revolucionários, tenham caído em desgraça quando a reação cultural se fez sentir, e praticamente tenham sido execrados na História. Hoje, porém, já começamos a compreender melhor o papel que desempenharam, e uma figura como a de Protágoras vai aos poucos sendo reabilitada, não obstante a falta de elementos para a reconstituição de sua vida e de sua obra.

Uma das posições mais curiosas dos sofistas, nessa luta, é a que tomaram como naturalistas, contra as regras, as normas, as leis convencionais, e, portanto, contra o contexto social. Protágoras colocava o Homem como juiz do Universo. Concedia-lhe uma autonomia individual que se chocava com o social. E isso correspondia ao processo de desenvolvimento do individualismo na civilização grega. Hípias declarava que a lei muitas vezes violentava a Natureza. Windelband observa que, na medida em que essa tendência sofística se acentuou, dando prevalência ao direito natural sobre o positivo, e principalmente definindo a Natureza como natureza humana, tanto mais a lei convencional ou social aparece como “um prejuízo e uma restrição ao homem natural”. Que conclusões tirarmos deste fato, em confronto com o naturalismo de Rousseau? Mais uma vez o “mercador da sabedoria” aparece como precursor, ou atribuiremos tudo a uma simples coincidência histórica?

Não sabemos até onde o Protágoras de Platão coincide com o Protágoras histórico. Windelband lembra que a idéia de que o Homem, por sua afinidade com os deuses, há de render culto a estes, deve pertencer apenas ao primeiro (Protágoras de Platão), pois a posição do segundo (Protágoras histórico) em face dos deuses já está bem esclarecida. Entretanto, Russel admite uma atitude pragmática de Protágoras, acentuando textualmente: “Embora não soubesse se os deuses existiam, estava convencido de que deviam ser adorados. Este ponto de vista é, sem dúvida, adequado ao homem cujo ceticismo teórico revela-se profundo e lógico.”

Ao aceitar esse ponto de vista, e entendendo que Protágoras se dirigia aos homens como eles eram, e não como deviam ser, encontramos no diálogo de Platão uma referência que nos leva à curiosa analogia. Protágoras teria dito que “os sentidos de justiça e disciplina eram os únicos dons comuns que os deuses haviam dado aos homens”. Quem não se lembra do que diz Descartes, no princípio do *Discurso Sobre o Método*, a propósito do bom senso?

Como se vê, quanto mais penetramos no problema protagórico, mais complexo, mais rico de sugestões, mais cheio de revelações ele nos parece. E com isso, mais urgente se torna um trabalho de investigação profunda e séria a respeito dessa extraordinária figura da Sofística. O combate à tradição foi, sobretudo, uma luta contra o formalismo, a estagnação, a convenção, o artificial. E em meio dessa luta, Protágoras se destaca, na sua inconfundível posição de pai da Sofística, como o verdadeiro criador do Huma-

nismo. Eis um título que Diógenes Laércio não lhe deu, e que nós também não pensávamos em lhe atribuir, mas que ele mesmo nos arrebatou das mãos, á proporção em que tentamos reconstruir as linhas gerais do seu pensamento e da sua ação.

### GÊNESE DO HUMANISMO

Quando pensamos no século de Péricles e nos lembramos que os seus maiores homens, a começar do próprio estadista, não receberam mais do que uma educação elementar, incapaz de prepará-los para a missão que desempenharam em todos os setores da vida pública, temos de nos perguntar como isso pôde acontecer. Henri Marrou considera esse fato um espantoso exemplo de avanço da Cultura sobre a Educação, mas acentua a rapidez com que os gregos conseguiram reajustar as diferenças cronológicas, instituindo novos sistemas de ensino.

As primeiras escolas de nível superior a aparecer, lá pelos fins do século VI a.C., foram as de Medicina em Crotona e Cirene, precedendo as escolas clássicas de Cnido e Cós. Esse fato é particularmente significativo, quando nos lembramos da tese de Werner Jaeger, segundo a qual a preocupação física da Filosofia passou do Cosmos para o Homem através dos *físicos*, ou seja, dos médicos. As escolas de Medicina representam, assim, organismos intermediários entre as escolas clássicas de Filosofia, de tipo órfico, e as novas escolas que vão surgir com os sofistas. Através de Hipócrates, a Filosofia grega passará da *physis* cósmica para a *physis* antropológica, do macrocosmo para o microcosmo, da generalidade universal para a particularidade humana. E assim, nascem ao mesmo tempo o humanismo pedagógico e o humanismo filosófico.

Curioso assinalar que entre as obras hipocráticas aparece uma de origem nitidamente sofística: *Sobre a Arte*, que praticamente quer dizer “sobre a Medicina”. Gomperz, em fins do século passado, atribuiu essa obra a Protágoras, mas Windelband entende que se trata de uma tentativa sem repercussão. De qualquer maneira, a presença, na bibliografia hipocrática, de uma obra sofística, e a sua atribuição a Protágoras por um erudito da envergadura de Gomperz – sem repercussão mas também sem contestação –, faz-nos pensar mais uma vez na amplitude da inteligência do pai da Sofística. Mas o que nos interessa de perto, nesse episódio, é verificar de maneira concreta o papel intermediário da Medicina na passagem da filosofia grega para ao plano do Humanismo.

Cabe lembrarmos aqui uma indicação de Windelband, vasada nos seguintes termos: “O que Cícero disse de Sócrates, que havia feito baixar a Filosofia do céu para as cidades e as casas, etc., pode dizer-se de toda a ilustração grega, tanto dos sofistas quanto de Sócrates, até onde seja lícito falar-se de uma filosofia dos sofistas.” Para nós, que já vimos a indubitável presença da Filosofia em Protágoras, isso vale dizer que a referência de Cícero a Sócrates aplica-se, primeiro, a Protágoras. Há, ainda neste caso, uma precedência histórica indiscutível.

Entretanto, as escolas de Filosofia não seguem a cronologia do processo cultural. Ainda aqui verificamos aquela diferença de tempo assinalada

por Marrou. Em Mileto, a escola de Tales não é propriamente uma escola em sentido formal, mas apenas uma escola de pensamento, uma corrente filosófica nascente. Anaximandro e Anaxímenes redigem exposições de suas doutrinas, mas não fundam escolas propriamente ditas. Somente com Pitágoras é que, por fim, diz Marrou (historiador francês, Henri Irénée Marrou, autor da História da Educação na Antiguidade. S.Paulo, E.P.U. 1975, comenta que o ideal da educação clássica era de ordem ética), “se concretiza essa ambição pedagógica numa instituição apropriada, a escola filosófica”. Mas é apenas com os sofistas que irá surgir, ainda na expressão autorizada de Marrou: “a grande revolução pedagógica, com a qual a educação helênica dá um passo decisivo para a sua maturidade”.

Com os sofistas, portanto, e particularmente com Protágoras, é que vemos afinal consumir-se a transição da *physis* para a *pólis*. A princípio, o problema central da Sofística é a formação do político, do homem capaz de exercer seguramente as funções públicas na Democracia. Mas, voltando ao que dissemos das armadilhas para a caça aos homens incultos, o processo da formação política se desenvolve num processo mais vasto de formação cultural. Assim, diz Marrou, “a revolução pedagógica representada pela Sofística aparece de inspiração menos política do que técnica: apoiados numa cultura amadurecida, os educadores empreendem a elaboração de uma técnica nova, um ensinamento mais completo, mais ambicioso e mais eficaz do que o conhecido antes deles.”

*Educar os homens*, diz Protágoras. Não o histórico, mas o mítico, no diálogo de Platão – para definir a sua arte. Marrou, que evoca essa frase, presta reverente homenagem a Protágoras e aos sofistas, que inauguraram na Grécia e no Mundo a profissão de professor. Nesse trecho do diálogo, o Protágoras mítico deve coincidir com o histórico, tal a justeza da frase platônica em relação à ação e ao pensamento protagórico. Educar, eis a missão dos sofistas, eis a função de Protágoras durante seus quarenta anos de excursão pelas cidades gregas.

A Educação revela o seu poder e a sua eficácia. A juventude acorre ao chamado ou à oferta espetacular dos sofistas, que proclamam suas qualidades em praça pública, envoltos em mantos de púrpura ou nas vestes dos rapsodos (poeta popular ou cantor da Grécia Antiga, que ia de cidade em cidade, recitando poemas épicos). A Educação toma o lugar da Poesia. Fascina, arrebatada a juventude, encaminha-a às grandes conquistas da vida prática. Não se trata mais de puras especulações no abstrato, no universal, mas de uma técnica de formação pessoal, de preparação cultural dos homens para a vida.

Protágoras começa ensinando que podemos sustentar qualquer tese por duas maneiras: a favor ou contra. A base de seu ensinamento é esse princípio: a antilogia (contradição entre duas idéias, paradoxo, antilogismo). E Marrou declara, como Diógenes Laércio, que Protágoras “foi o primeiro a ensinar” o processo da razão dupla. Esse processo se desenvolve pela Erística (a arte ou técnica da disputa argumentativa do debate filosófico, empregada com o objetivo de vencer uma discussão e não necessariamente de descobrir a verdade), a arte da discussão, que os clássicos irão considerar como perversão da Retórica (arte de bem falar – ou escrever -, com o propósito de convencer, persuadir; teoria ou conjunto de regras

relativas à eloquência; eloquência, oratória). Mais do que da discussão propriamente dita, a Erística é a arte da persuasão. Protágoras ensina como persuadir o adversário, como levá-lo pelos caminhos que se deseja, como torcer a opinião dos juízes nos processos forenses. E a Erística, a malsinada Erística, domina Atenas e se projeta no mundo e na História. Vai ser, como assinala Marrou, a herança grega das futuras disputas pelo mundo afora.

A imoralidade da Erística está exatamente no seu poder de persuasão. Mas se o ensino era público e livre, não privado, não destinado a uma comunidade particular, trata-se apenas da difusão de uma técnica, cujo emprego no bom ou no mau sentido corre por conta de quem a aprender. E ao lado da Erística, Protágoras ensina a Retórica – ciência e técnica da palavra, capaz de dotar o aprendiz dos meios necessários a bem desempenhar suas funções sociais e políticas. Mas estas duas matérias constituem apenas a parte formal do ensino sofístico. Existem ainda outras disciplinas: a Mnemotecnica, arte da memória, para que o orador possa gravar o essencial dos discursos a proferir; a Polimatia ou erudição, que alguns autores misturam ou confundem com a Mnemotecnica, sem razão, pois trata-se de um verdadeiro processo de aprofundamento cultural, de instrução intensiva, abrangendo as quatro ciências da elaboração pitagórica: a Aritmética, a Geometria, a Astronomia e a Acústica ou Música, e todas as demais ciências conhecidas. Claro que o discípulo tinha o direito de escolha, antecedente do que hoje chamamos “opção” em nossas faculdades de ensino superior, o direito de optar pelas matérias de seu interesse.

Protágoras aparece assim como um dos maiores revolucionários de todos os tempos. Com ele surge, ou pelo menos nele se incorpora o humanismo grego. Sócrates virá completar a sua obra. E por uma ironia do destino, a aversão de Sócrates pelos sofistas nada mais faz do que provar a tese dos movimentos correlatos e contrários, de Protágoras. Da dualidade *Sofistas versus Sócrates*, do choque desses dois movimentos, surge o Humanismo em sentido universal, que ultrapassará as fronteiras da Grécia para se projetar no mundo e oferecer bases a uma nova era.

Quando falamos de Sócrates, não podemos esquecer que antes dele existiu Protágoras.

\*



**GÓRGIAS**

**Livro: Noções de História da Filosofia. Manoel P. São Marcos.**

**4 - GÓRGIAS (cerca de 425 a.C.)** era de Leontino, na Sicília. Foi um dos mais eminentes oradores gregos. Escreveu um livro denominado “Do Não Ser”, no qual transparece uma clara dependência eleática. Mos-

trando as dificuldades de sua doutrina sobre o ente, afirmava que o ente não existia, mas se existisse não seria cognoscível pelo homem; mas se fosse cognoscível, esse conhecimento não seria comunicável. Chega-se, pois, com os sofistas, a uma última dissolução da dialética do ser e do não-ser de Parmênides. (J. Marias).

Para Górgias o que existe é o Ser, na forma eleática de concepção. Mas curiosamente, essa própria existência converte-se na negação do Ser. Não é de admirar, pois, que Sartre faça o mesmo em seu livro “**O Ser e o Nada**”, onde o **Ser em si** nega-se a si mesmo para aparecer na ação e entrar em relação com outros.

Windelband demonstra o absurdo desses princípios contrários às leis da Lógica Formal, mas põe em dúvida a autenticidade da formulação atribuída a Górgias, que bem poderia não ser desse filósofo. Ou se a fez como tal, não teria a intenção de desenvolver um jogo dialético tão ao gosto dos sofistas. É possível, diz ainda Windelband, que os sofistas tenham tido a desvantagem de terem sido programados historicamente por seus adversários.

\*

**QUARTA PARTE**

**SÓCRATES, PLATÃO E ARISTÓTELES**



## 1 - SÓCRATES

(Aprox. 469 a.C. – 399 a.C.)

Livro: Os Filósofos. J. Herculano Pires

Sócrates não representa uma contra-revolução na Filosofia, como parece à primeira vista, mas um desenvolvimento necessário da revolução sofística. Os revolucionários muitas vezes se extraviam na ação, e as revoluções acabam na estagnação que haviam combatido, ou na dispersão espiritual de suas forças. Por outro lado, as revoluções não começam, nunca, na plena compreensão de seus objetivos. Estes vão se delineando aos poucos, na proporção da marcha, e não raro vão ser melhor percebidos por espíritos libertos da ortodoxia revolucionária. Foi o que aconteceu com os sofistas, cujo movimento degenerou, por falta mesmo de mais perfeita visão inicial, na esterilidade da simples tagarelice.

A figura de Sócrates aparece no momento oportuno. Tendo desejado, na juventude, tornar-se fisiólogo, foi certamente despertado pelos sofistas para a compreensão de que existiam coisas mais urgentes a tratar. Sua atividade se desenvolveu, como diz Robin, “no mesmo meio social, respondendo às mesmas necessidades intelectuais e morais” que os sofistas enfrentavam. Chegou mesmo a ser confundido com eles, como vemos em *As Nuvens*, de Aristófanes. E como, por outro lado, já vimos ao tratar de Protágoras, em muitos pontos Sócrates se apresenta mais como um êmulo (rival) do que um adversário do pai da Sofística. De qualquer maneira, a verdade incontestável é que ambos pertenceram ao mesmo movimento do iluminismo grego.

Um esclarecimento de Windelband nos ajudará a situar melhor a figura e a atividade de Sócrates na História da Filosofia. Já vimos que Pitágoras nos apresenta a Filosofia como “o amor da sabedoria”, e que os sofistas a transformam em exibição da sabedoria. Windelband, evocando *O Banquete*, de Platão, e a definição socrática do amor, que ali aparece, como intermediário entre sabedoria e ignorância, conclui: “Nesta passagem, a expressão *filosofia* adquire sua acepção apropriada, de afã de saber”. Esta evolução semântica nos mostra com bastante clareza a posição de Sócrates: um renovador, no melhor sentido do termo.

Ao contrário de Protágoras, que viera da Trácia, Sócrates era filho da Ática. Seu pai era o escultor Sofronisco, e ele mesmo foi também escultor, seguindo a carreira paterna, conforme os costumes antigos. Sua mãe era a parteira Fenareta, e veremos que, noutra sentido, Sócrates seguiu também o



ofício da mãe. Mostrou-se, assim, inteiramente fiel às tradições da família. E talvez seja esta uma indicação valiosa da orientação do seu espírito, que apesar de inovador, guardou sempre a fidelidade ao passado. Veremos, mais tarde, que não se tratava de fidelidade vulgar, que consiste em repetição, mas de uma fidelidade em sentido mais profundo, levando-o a transferir as heranças para um plano superior.

Nascido em Alopece, cerca de 469 a.C., viveu até 399, quando o condenaram a tomar cicuta, nesse episódio tão conhecido, até mesmo das pessoas pouco afeitas aos problemas filosóficos. Viveu, portanto, setenta anos. Aparentemente, era um homem comum, despreocupado, da classe média, de posses moderadas, que lhe permitiam discutir à vontade com seus concidadãos, em largos ócios, sobre os principais temas da época. Platão no-lo descreve de dois ângulos: o exterior e o interior. No primeiro, temos esse tipo de burguês tranqüilo, que se completa por um rosto de traços rudes, sob ampla calva, de nariz grosso e queixo voluntarioso, olhos arregalados. No segundo, temos o espírito ardente e estranho que salta dessa aparência vulgar, à menor aproximação. Esse espírito é que atrai os atenienses e converte o bom Sócrates popular no maior filósofo grego, e esse espírito é que o arrastará à morte, como aconteceu com o seu antecessor Protágoras.

Mas, por falarmos no sofista, lembremos que ele fugiu da condenação, enquanto Sócrates recusou-se a fazê-lo. Ambos morreram: um na fuga, por naufrágio do navio, e o outro no cárcere, com extraordinária serenidade, zombando dos juízes que o condenavam. Ambos estavam bem velhos, e haviam ensinado durante muitos anos. Qual seria o motivo dessa atitude contraditória em face da morte? Parece-nos que pelo menos em parte podemos supô-lo: a mesma contradição em face da vida. Sim, pois Protágoras não acreditava nos deuses, e Sócrates se considerava a serviço dos deuses. Para o primeiro, a morte era o mergulho no desconhecido; para o segundo, era a partida para uma vida melhor. Protágoras foi coerente, tentando salvar o bem que possuía, concretamente, no mundo; e Sócrates não o foi menos, recusando-se a perder, por uma fuga à condenação legal, o bem maior que possuiria, logo mais, além do mundo.

A posição espiritualista de Sócrates equivale também a um desenvolvimento do ceticismo sofístico. Examinemos rapidamente os termos do problema. Os fisiólogos partiram de uma tradição religiosa e modelaram suas escolas, como vimos em Pitágoras, pelo sistema órfico das confrarias. Tais sustentava o princípio mítico, segundo o qual o mundo se originara da água, o mesmo princípio que encontramos no Gênese judaico, sobre o qual modelamos a nossa tradição religiosa. A tradição filosófica herdara, pois, o mito religioso do passado, e contra essa herança se levantaram os sofistas, a começar de Protágoras. Este, porém, não negava a existência dos deuses, limitando-se a pô-la em dúvida. Sócrates retoma a dúvida protagórica, voltando-a contra os mitos, mas admitindo a existência dos deuses em sentido espiritual.

É evidente a linha evolutiva do pensamento iluminista grego. Duvidando dos deuses, Protágoras duvidava também dos homens e dos seus co-

nhecimentos, inclusive dos conhecimentos matemáticos. Foi a atitude que Descartes também assumiu, de maneira intencional, quando muito mais tarde sentiu a necessidade de voltar-se contra a tradição escolástica. A dúvida de Descartes, por sua própria natureza de atitude consciente, foi superada pelo filósofo. Mas a de Protágoras, antes impulsiva do que consciente, permaneceu ao longo de toda a existência do sofista. Sócrates representa, nesse processo histórico, a fase do *cogito* em câmara lenta, através da História. Descartes atinge a síntese num ápice, sozinho, porque atrás dele já se estendia o longo caminho do pensamento percorrido pelos gregos, pelos romanos e por toda a Idade Média.

Essa posição, aparentemente antinômica, mas no fundo complementar, de Protágoras e Sócrates, estende-se, a partir da crença nos deuses, a todos os demais problemas sofísticos. Não tendo uma base sólida para a sua concepção do mundo e da vida, Protágoras duvidava de tudo e não buscava a verdade com o devido interesse, pois nem mesmo aceitava a possibilidade de atingi-la. Apoiando-se na certeza da vida espiritual e da existência dos deuses, Sócrates acreditava nos valores humanos e na eficácia de uma busca sincera da verdade. Posições opostas, mas ao mesmo tempo complementares, desde que as vejamos no processo do desenvolvimento histórico. E mais curioso se torna esse desenvolvimento, quando passamos do plano do pensamento puro, da razão, em seu funcionamento lógico, para o plano do Psiquismo, em suas inter-relações de pensamento-afetividade-vontade. Encontramos então, em Protágoras, o analista frio, racional, que se serve da inteligência como instrumento para medir o mundo, o *homo mensura*. Mas em Sócrates encontramos o *homo sapiens*, num sentido quase bergsoniano, usando a intuição para captar a realidade em sua fluidez não-espacial.

Foi por isso, certamente, que a Pitonisa do Oráculo de Delfos, consultada sobre Sócrates, respondeu, em nome de Apolo, que ele era o mais sábio dos homens. Desde que soube disso, o filósofo se considerou, informa Robin, “como estando a serviço de Apolo, investido por ele de uma missão, que era a de procurar a razão dessa resposta”. Julgando-se destituído de sabedoria, Sócrates procura analisar os outros, os que se dizem sábios. E por fim descobre que a supremacia do seu saber está apenas no fato de que *ele sabe que nada sabe*, enquanto os outros julgam saber o que não sabem.

E é neste momento que Sócrates se volta contra os sofistas, que tudo sabem. O ceticismo de Protágoras encontra em Sócrates o seu verdadeiro sentido. E podemos dizer que a Sofística formula em Sócrates a sua autocrítica.

### LOUCURA E CATALEPSIA

No *Banquete*, de Platão, vemos Sócrates dirigir-se à casa de Agáton, na companhia de Aristodemo. Ao entrar na casa, porém, este verifica que Sócrates desaparecera. Agáton manda um escravo à procura do filósofo, e o escravo volta informando que Sócrates estava parado, imóvel, junto ao portão de uma casa vizinha, e nem sequer atendera aos seus chamados. Agáton diz ao escravo que volte e traga o filósofo. Mas Aristodemo intervém:

- *Não, Agáton! Deixa-o em paz. É costume dele apartar-se às vezes de tudo e assim ficar, meditando por muito tempo, imóvel e recolhido. É um velho costume. Ordena que não o estorvem e o deixem em paz.*

Mais tarde, Sócrates entra, já em meio do jantar. Agáton o convida para deitar-se ao seu lado, acrescentando:

- *...pois quero saborear um pouco da sabedoria que adquiriste ao meditar sob o alpendre. É claro que a adquiriste e que a possuí, porque ainda não teria saído de lá, se assim não fosse.*

- *Ótimo seria, caro Agáton – responde Sócrates – se a sabedoria fosse uma coisa que pudesse passar, por simples contato, de quem a tem para quem não a tem...*

No escandaloso discurso do bêbado Alcibíades, já no fim do banquete, ouvimos esta história sobre a presença de Sócrates no cerco de Potidéia:

- *Uma vez ele se pôs a meditar, e ficou de pé, no mesmo lugar, desde a madrugada. Como não encontrasse solução para o que pensava, não desistiu, mas continuou imóvel, absorvido na reflexão... Veio o meio dia, e os soldados o observaram. E diziam uns aos outros, pasmados, que Sócrates se conservava naquela posição desde a alvorada, pensando. Enfim, uns jônios – já era pelo entardecer e todos haviam jantado – arrastaram para fora suas esteiras, para dormir ao relento, pois era verão, e também para observar se Sócrates passaria ali imóvel a noite inteira. Pois ele ali permaneceu, naquela posição, até a aurora e o nascer do sol, e então fez sua prece a Hélio (Hélio ou Apolo, Deus do Sol, que tudo vê e tudo sabe), e se foi.*

Além destes momentos de êxtase, ou de profunda imersão no seu mundo mental, Sócrates referia-se a um demônio que o acompanhava (*daimonion*), e que, segundo vemos no *Fedro*, sempre o impede de fazer o que deseja. Na *Apologia*, Platão o faz declarar: “Tal fato começou comigo em criança. Uma voz ressoa em mim, e toda vez que ela se manifesta, me desvia daquilo que estou para fazer.” As interpretações desse demônio socrático são as mais variadas, e muitas delas, bastante pitorescas, como as de certos psiquiatras modernos. Há mesmo quem deseje fazer a psicanálise de Sócrates, com base nesse caso do demônio.

Bertrand Russel, comentando as longas meditações de Sócrates e as referências ao seu demônio, declara simplesmente: “Joana D’Arc era inspirada por vozes, sintoma comum de loucura. Sócrates era sujeito a transes catalépticos.” É possível que Protágoras pensasse mais ou menos assim a respeito dos mesmos casos. Como vemos, a oposição da inteligência analítica à intuição psíquica não era um privilégio dos gregos.

E pouco importa que Joana D’Arc seja considerada louca, só por ouvir as suas vozes, ou que Sócrates seja acusado de anormal, por ser capaz de se absorver em seus pensamentos e também de ouvir o seu demônio. Pois não há um médico francês, o Doutor Binet Sanglé, que pretendeu provar, num livro curioso, a loucura de Jesus?

Pitágoras já dizia que a terra é a morada da opinião, e que esta corresponde ao número dois, pois voa por toda parte, como as borboletas.

### DIFUSÃO DA LOUCURA

A loucura socrática era terrivelmente contagiosa. Tanto mais que Sócrates, à maneira de Jesus, uma vez convencido de sua missão, resolveu difundir-la o mais possível. Entende Robin, com muita razão, que o filósofo já devia ter adquirido a autoridade de um mestre, quando um de seus admiradores fez a consulta famosa ao Oráculo de Delfos. E acrescenta que Sócrates, depois de haver constatado a absoluta inconsciência da ignorância, nos outros, resolveu despertar nesses inconscientes o desejo da reflexão crítica. Em outras palavras, podemos dizer que Sócrates, tendo aplicado a si mesmo o conselho do Oráculo: *Conhece-te a ti mesmo*, compreendeu que a sua missão, dali por diante, era aplicá-lo aos outros.

Começa nesse momento a difusão de perigosa loucura socrática, tão perigosa como a de Jesus, que destruiu o mundo antigo, minando pela base o poderio romano – como dizia Feuerbach e mais tarde Vítor Hugo – e até hoje continua a tresloucar os homens. Também a loucura socrática não pôde ser detida pelos séculos. Contagiou Atenas, propagou-se pela Grécia, projetou-se depois em toda a era helenística, invadiu o mundo e continua a minar a sensatez das boas criaturas, nos mais tranquilos e sensatos recantos do planeta.

Sócrates compreendeu que a loucura inicial dos sofistas havia degenerado rapidamente em perigosa forma de insensatez. Esse perigo é enorme, principalmente no seio de um povo como o grego, formado ao fogo das paixões mediterrâneas. A Sofística deixara de ser uma reação ao dogmatismo tradicional, para tornar-se também dogmática. Os sofistas, acomodando-se na vida, tornaram-se simples mestres de acomodação. Ensinavam os jovens a conquistarem e defenderem suas posições, a aturdiarem os adversários, em defesa própria, e a se blasonarem de uma sabedoria que não possuíam.

Sócrates compreendeu que a sua missão era a de transtornar esse meio estagnado, onde as poças verdes da vaidade, da ignorância e dos interesses criados se haviam tornado miasmáticas. E para cumprir essa missão, que Apolo lhe dera e o seu demônio confirmava, começou a fazer aos outros as perguntas que havia feito a si mesmo, aquelas terríveis perguntas que Protágoras aplicara no início da revolução sofística, para destruir a muralha do pretensão saber acumulado.

Ao contrário dos sofistas, que ensinavam por dinheiro, e dos antigos filósofos, que organizavam suas escolas em forma de confrarias, Sócrates resolveu trabalhar como livre-atirador. Não se filiou a nenhuma corrente filosófica, não fundou escola nem pretendeu cobrar coisa alguma pelo seu ensino. Não fosse a missão especial de que estava investido, poderíamos hoje acusá-lo de reacionário, de inimigo da honrada e malsinada classe dos professores. Mas Sócrates vivia numa sociedade muito diferente da nossa, e os sofistas do seu tempo haviam-se exagerado na caça aos jovens ricos, um pouco mais do que as belas atrizes de hoje. Tudo isso, mais a sua condição

de homem remediado, que não sofria o castigo adâmico de ganhar o pão com o suor do rosto, justificam a sua atitude.

É curioso notarmos que a democracia ateniense reagiu contra Sócrates e o condenou, porque ninguém mais democrático do que ele, na sua tentativa de difundir a divina loucura. Muito antes que o apóstolo Paulo oferecesse ao Homem a terceira dimensão espiritual, fazendo-o compreender a paternidade de Deus e fraternidade universal, segundo proclama Denis de Rougemont, já o filósofo ateniense a utilizava, por conta própria. Para usarmos uma expressão bíblica, ele não se deixava levar de respeitos humanos. Considerava a todos, sem qualquer distinção de classe ou de raça, como criaturas passíveis de sofrer o contágio da sua forma especial de loucura, propiciada pelos deuses.

Sócrates não precisava de um local apropriado para ensinar. À maneira de Jesus, pregava nas ruas e nas praças, como nos ginásios e palestras, onde recrutava os jovens, e particularmente no Ginásio do Liceu, próximo ao Templo de Apolo, no mesmo local onde mais tarde Aristóteles estabeleceria a sua famosa escola. “Perguntador infatigável, diz Robin, sua preferência pela conversação, que associa o interlocutor ao trabalho da pesquisa não o impede de fazer também longos discursos e de praticar a leitura comentada dos poetas”. Apesar disso, não é propriamente um mestre. É um companheiro de estudos, o amigo mais velho e experiente, que reúne em seu redor um círculo familiar, para debates e pesquisas. Pertencem a esse círculo pessoas de diferentes classes e idades, atenienses e estrangeiros, e muitos destes vêm a Atenas especialmente para conversar com o filósofo, de tempos a tempos.

Aliás, os “familiares” de Sócrates não formam apenas um círculo, mas vários. E há de tudo entre eles. Robin nos lembra que elementos conhecidamente filiados a diferentes escolas filosóficas o freqüentam. E cita os seguintes: Euclides, eleático; Símiás, Cebes e Fedondes, pitagóricos; Antístenes e Aristipo, alunos dos sofistas. Ao mesmo tempo, os jovens ricos que constituem a variegada caça ateniense dos sofistas também se aproximam de Sócrates, debatem com ele os mais variados problemas, submetem-se aos seus terríveis questionários. Entre eles, Platão, Xenofonte, Alcibíades. Os círculos socráticos, como se vê, são amplos, variados, abertos democraticamente a todos. Neles já podemos ver a antecipação dos diferentes caminhos que o pensamento de Sócrates tomará no futuro, através das escolas não raro contraditórias.

A difusão da loucura não exige formalismos. Porque a loucura de Sócrates é divina, oposta à loucura humana, que tudo pretende saber, e que por isso mesmo se reveste de formas sutis para se difundir sem desfigurar-se. Platão e Xenofonte, o poeta-filósofo e o general de cavalaria, os dois discípulos de Sócrates que nos transmitiram o maior volume de informações sobre ele, mostram-nos a sua intimidade com pessoas de todas as classes. Xenofonte conta, por exemplo, no *Memoráveis*, que Crítias, líder dos Trinta Tiranos, proibindo Sócrates de ensinar aos jovens, lhe disse: “É melhor que te ocupes dos teus sapateiros, carpinteiros e caldeireiros!” Não havia, pois,

necessidade de preparação especial para pertencer aos círculos socráticos. Porque todos os homens, pelo simples fato de serem homens, já traziam consigo a verdade que o filósofo lhes extrairia do íntimo.

### O ESCULTOR E A PARTEIRA

Os homens aparecem, aos olhos de Sócrates, como possibilidades de sabedoria, ou como sabedoria em potência. Mais tarde, um seu discípulo indireto, um seu neto espiritual, Aristóteles, explicará como a sabedoria pode passar de potência a ato. Mas antes, bem antes dessas explicações minuciosas, Sócrates se incumbirá de fazer o milagre. Para isso, criará um método especial, que o identificará ao mesmo tempo com a tradição paterna e materna. Por um lado, ele se fará o escultor de homens, não mais arrancando da pedra as suas imagens, mas do espírito. Por outro lado, será um continuador da mãe, ajudando através da maiêutica o nascimento da verdade, como Fenareta ajudava o das crianças.

Para esculpir nos espíritos é necessário um cinzel (instrumento de aço temperado, de que uma das extremidades é talhada em bisel – corte enviesado na aresta de uma peça -, para trabalhar a madeira, o ferro, a pedra, o mármore.) verbal. E Sócrates o fabrica: seu cabo é o *conceito*, seu gume é a *ironia*, sua lâmina penetrante é a *maiêutica*. Mas esse mesmo instrumento serve também aos partos do espírito, pois é evidente a semelhança entre arrancar da pedra uma imagem ou de um ventre uma criatura. Dotado desse instrumento, dessa técnica espiritual, Sócrates começa a agir. Primeiro, esculpiu-se a si mesmo, provocou o parto do seu próprio espírito. Depois, saiu ao socorro dos outros, no cumprimento da missão que indiretamente o Oráculo lhe confiara.

Os fisiólogos queriam criar uma ciência geral do Universo, partindo do conhecimento das coisas. Mas como conhecermos as coisas, sem nos conhecermos a nós mesmos? Sócrates nega a importância dessa ciência geral, ou pelo menos a sua oportunidade. Depois dele, e a partir de suas idéias, e particularmente da sua descoberta do conceito, seu discípulo Platão restabelecerá o prestígio do geral. Logo depois, porém, Aristóteles o vingará, restabelecendo o prestígio do particular, como investigador naturalista. Mas o particular, para Sócrates, começará no Homem, ou melhor, na cabeça do Homem, nessa caixa de surpresas em que se esconde o conceito.

A ciência de Sócrates não se refere às coisas particulares da natureza, mas ao particularismo humano. Sócrates concorda com os sofistas: o que importa é o Homem. E a primeira coisa que ele vê no Homem não é o seu corpo, como o fizeram os *físicos* ou médicos, nem as suas ambições, como o fizeram os sofistas, mas as suas idéias. O Homem não vive como os animais, impulsionado pelas necessidades orgânicas, mas de outra maneira, guiado pelas idéias. Estas, pois, são a chave do problema humano, da ciência do particular que é preciso construir. Existem idéias do Bem e do Mal, do Belo e do Feio, do Justo e de Injusto, da Natureza e do Social – tão discutidas pelos sofistas – do Vício e da Virtude, também são debatidas. Essas idéias são ímãs, freios, alavancas, rodas, engrenagens do espírito. Precisamos então conhecê-las, saber o que são, e aprender a utilizá-las.

Eis a chave do método socrático, eis a descoberta maravilhosa, que, como acentua, René Hubert, deu origem ao “racionalismo filosófico, à ciência positiva, às técnicas experimentais, à moral independente, e, além de tudo isso, à pedagogia consciencial e a todo o conteúdo do humanismo europeu”. Eis, enfim, o conceito, essa abstração da coisa, essa realidade subjetiva, que constitui o mundo verdadeiro do Homem, sobreposto ao concreto, em que vive o animal.

O conceito é uma conquista da evolução psíquica. É o momento em que a mente se liberta do objeto, criando o seu próprio universo. Uma vez compreendida a sua função, conhecido o seu valor, o espírito se livra do peso da matéria. A antinomia existencial se define: de um lado está a coisa, o objeto, a matéria, na sua diversidade, na sua confusão; de outro está o espírito que percebe, que capta, que apreende essa diversidade; e no meio, entre um e outro, está o conceito, representação pura do impuro, imagem perfeita do imperfeito, simbologia homogênea do heterogêneo, intermediário entre o ser e o não-ser, chave de controle de toda a realidade. Platão está cheio de razão, mais tarde, ao considerar o conceito como a verdadeira realidade, pois, ao menos para o Homem, o mundo do conceito é que é o mundo real.

Descoberto o conceito, compreendemos o valor das palavras, que são as suas representações no concreto. Sócrates aplica então o gume do cinzel na polpa movediça do concreto. Emprega a ironia. Os homens falam muito, repetem palavras, encadeiam frases. O processo verbal é como um rio, correndo sem cessar. Sócrates o fere, em rápidas cutiladas, rompendo a leve película que envolve as palavras. Se alguém fala em justiça, ele logo pergunta: - “Que é isso?” E se o interpelado responde com novo enxurro de palavras, ele insiste nas perguntas, exige definições, quer que os conceitos apareçam por trás da ganga oratória. As palavras já não podem disfarçar o pensamento, as frases não devem esconder a verdade.

A razão, que em Protágoras era ainda um tateio na superfície das coisas, torna-se agora um instrumento agudo de penetração no real. E dessa penetração surge a maiêutica, o momento supremo do impacto socrático no espírito. Atingido o conceito, através da palavra, a consciência se ilumina, porque o pensamento se coordena e harmoniza. A limpidez conceptual da consciência determina então a retidão moral, porque as idéias dirigem a conduta.

É assim que Sócrates, o escultor, transfere da pedra para o espírito a arte paterna. E é assim também que Sócrates, o parteiro, faz que as criaturas venham à luz, rompendo o ventre da ignorância. O espírito assim esculpido, a consciência liberta do véu ilusório das palavras, podem ver-se a si mesmos. O conselho do Oráculo de Delfos já não será tão difícil de compreender e de seguir: *Conhece-te a ti mesmo*. Sócrates encontrou a técnica do conhecimento próprio, o que vale dizer, da libertação humana.

### **O SABER E A VIRTUDE**

A condição da virtude é, portanto, o saber. O homem reto é o que sabe. Como se pode ser bom sem saber o que é o Bem? Está nisso todo o valor do conceito. Temos primeiro de inquirir qual a natureza do Bem. E desse

inquérito resulta que o particular, o bem pessoal, o bem do homem que busca a felicidade, transforma-se naturalmente no bem geral. Porque o Bem é uma idéia, uma formulação abstrata, que parte da indução do particular, para a síntese do conhecimento.

Conhecer-nos a nós mesmo é saber o que somos, o que temos em nós, a que aspiramos. Ora, o que todos nós desejamos é a felicidade. Mas o que é a felicidade? Aí está novamente o conceito, a desafiar a nossa argúcia. Todos falam essa palavra, todos pensam nela, todos a desejam. Mas saberão o que desejam? Uns acreditam que a felicidade é o dinheiro, e correm loucamente atrás dele, para afinal verificarem que estavam em caminho errado. Outros pensam que a felicidade é o poder, a glória, a consideração alheia. Entretanto, o homem que descobriu o conceito sabe que a felicidade é uma idéia autônoma, que tem o seu próprio sentido e por isso mesmo não se confunde com outras idéias. A felicidade é um conceito. E esse conceito representa um estado do ser, uma situação humana, uma condição íntima, que nada tem com a quantidade de dinheiro ou de poder que tenhamos em mãos.

Para sermos felizes, precisamos antes de mais nada conhecer a felicidade, saber a que realmente corresponde na prática essa idéia. Mas para conhecer a felicidade precisamos primeiramente conhecer a essência humana, a nossa própria natureza como tal. Ora, essa essência aspira à libertação. Nossa natureza é a própria liberdade. Assim, quando corremos atrás do dinheiro, é porque pensamos que ele nos dá liberdade. Ao atingi-lo, verificamos que, pelo contrário, o dinheiro pesa sobre nós. Isso nos leva a compreender que ninguém age mal por querer. Pelo contrário, o mal decorre da ignorância, pois é praticado na intenção de produzir o bem. Da mesma maneira, chegamos à conclusão de que a virtude é a ciência.

Mas o conhecimento, ao menos para Sócrates, não decorre apenas da ilustração própria. Há outro fator, que age durante toda a sua vida, desde criança, mesmo antes que ele houvesse descoberto a sua técnica, para guiá-lo ao bem. É o seu demônio, que sempre o adverte, quando ele vai dar um mau passo. Windelband entende que esse demônio compromete o racionalismo socrático. Vemo-lo, entretanto, sempre em ação. É mesmo na *Apolo-gia*, quando pretende proclamar que a morte é um bem e não um mal, Sócrates se lembra dele:

*Aquela minha voz habitual do demônio, em todos os tempos passados me era sempre freqüente, e se opunha ainda nos mais pequeninos casos, cada vez que fosse para fazer alguma coisa que não estivesse muito bem. Ora, aconteceram-me estas coisas, que vós mesmos estais vendo, e que, de certo, alguns julgariam e considerariam o extremo dos males. Pois bem, o sinal do deus não se me opôs, nem esta manhã, ao sair de casa, nem quando vim aqui, ao tribunal, nem durante o discurso. Em todo este processo, não se opôs uma só vez, nem a um ato nem à palavra alguma.*

*Qual suponho que seja a causa? Eu vo-lo direi: em verdade este meu caso pode ser um bem, e estamos longe de julgar retamente, os que pensamos que a morte é um mal: E disso tenho uma grande prova: que, por*



*muito menos, o signo habitual, o meu demônio, se me teria oposto, se não fosse para fazer alguma coisa de bem.*

Seja, pois, este demônio socrático, uma voz interna proveniente da intuição, uma voz divina como a do Oráculo de Delfos, “um puro instinto natural profético”, como quer Windelband, ou uma entidade intermediária entre os deuses e os homens, como na concepção de Hesíodo, a verdade é que não se pode negar a sua importância no processo ético do ensino de Sócrates.

Windelband chega a afirmar que o filósofo “considerava esse demônio como um dote puramente pessoal, ou seja, que não lhe reconhecia importância alguma para a regulamentação ética da vida humana em geral”. Bastariam os trechos da *Apologia*, que reproduzimos acima, para mostrar o contrário. Sócrates estava sempre atento á voz do demônio, e declara que ela teria modificado a sua atitude, até mesmo nesse momento supremo da sua vida, quando caminhava jubilosamente para a morte.

Como deduzir um fato dessa natureza aos limites estreitos de um “dote pessoal”, sem importância para a vida humana? Como aceitar, logo de início, a exceção absurda, ilógica e anticientífica de um “dote pessoal” exclusivo para Sócrates, que de certa maneira o apartaria da espécie? Os preconceitos culturais que agem na posição estranha de Windelband são também responsáveis pelo esquecimento quase geral desse elemento importante da ética socrática. A verdade histórica nos manda reconhecer a presença do “demônio” na aquisição do conhecimento, da ciência que produzirá a virtude, como elemento tão importante como a própria experiência pessoal do Homem na vida, ou como esse outro elemento que Sócrates chamará *Amor*, e que em termos sociológicos chamaríamos hoje por outras palavras, mais técnicas e menos ricas ou expressivas.

O saber e a virtude nunca revelaram tão profundamente a sua ligação quanto no próprio trabalho da sua pesquisa em comum, através do diálogo. Nessa pesquisa criava-se uma situação especial, em que os espíritos se ajudavam mutuamente. Formava-se um ambiente de interesse recíproco, um meio de permutas psíquicas – não apenas intelectual, mas também afetivo e volitivo – em que o amor agia como estímulo na descoberta da verdade. Dessa maneira, a ligação do saber com a virtude não era, como supõem alguns autores modernos, um ponto de confusão, de falta de clareza ou definição, na teoria socrática, mas uma decorrência lógica do desenvolvimento ético, que não pode efetuar-se sem o pressuposto do desenvolvimento intelectual. O racionalismo grego nunca atingiu maior altura. Hubert acentua: “A cultura intelectual não aparece apenas como meio de cultura ética, mas como estritamente idêntica a ela”.

Sócrates transformava, assim, a antiga camaradagem grega, de elemento fundamental da educação épica, num sistema de amizade intelectual. O poder educativo do amor, que os gregos levaram ao exagero da pederastia, era aplicado por ele num sentido mais amplo e mais lógico. Em lugar dos famosos “pares de amantes”, das parselhas do “batalhão sagrado”, que mais

tarde constituiriam uma realidade histórica, Sócrates propunha os grupos de amantes, cujo amor se traduziria no esclarecimento mútuo.

Conhecemos a história do exército criado por Górgidas, nos fins do IV século, no qual se destaca o “batalhão sagrado”, composto exclusivamente de amantes e amados, sob o comando da parelha Pelópidas e Epaminondas. Esse batalhão obteve para os tebanos a vitória de Leuctras, em 371. Para compreendermos a razão desse fato, convém atentarmos para este trecho do discurso de Fedro, no *Banquete*:

*... Nunca um indivíduo se mostra mais confuso do que, quando, por via de alguma falta, é surpreendido pela pessoa amada. De sorte que se fosse possível formar, por algum modo, um Estado ou um exército exclusivamente de amantes e amados, assim se obteria uma constituição política insuperável, pois ninguém faria o que fosse desonesto, e todos, naturalmente, se estimulariam na prática de belas coisas. Na luta, um desses exércitos, mesmo reduzido, obteria vitórias sobre todos os inimigos, pois se um soldado às vezes suporta que os seus companheiros o vejam largar as armas e desertar, jamais desejaria que o seu amado o visse fugir, e a isso preferiria a morte. Além disso, ninguém é tão covarde que sucumba ao medo, fuja e não auxilie ao seu amado, abandonando-o aos perigos. Eros inspira coragem aos seus adeptos, e os torna semelhantes aos que, por natureza, são bravíssimos.*

Quando, porém, Sócrates começa a falar, e relata o seu diálogo imaginário com Diotima, a estrangeira, o amor se transfigura no diálogo platônico, da mesma maneira por que mais tarde se transfiguraria no diálogo evangélico entre Jesus e Madalena. Sócrates não defende a tese do amor como estímulo da coragem na guerra, mas como necessidade fundamental dos seres, humanos ou não, que buscam a imortalidade através das vicissitudes da vida mortal. É o que ele põe claramente na boca de Diotima, porta-voz da sua filosofia:

*DIOTIMA -... Pois o amor não é, como pensas, o desejo do que é belo.*

*SÓCRATES – Que é, então?*

*DIOTIMA – É o desejo de procriação no belo.*

*SÓCRATES – Talvez.*

*DIOTIMA – Talvez, não, mas seguramente o é. E sabe qual a importância da procriação? É que ela representa algo perdurável: para um mortal, é a imortalidade. Ora, como vimos há pouco, o desejo de imortalidade é inseparável do desejo do bem, pois o amor consiste no desejo da posse perpétua do bem, e disso resulta que o amor é também o desejo de imortalidade.*

Mas a procriação não é apenas função do corpo. Há uma forma de procriação que é superior à física, e por isso mesmo anula os meios físicos de procriar. O amor aparece, então, num plano diferente, ligando as criaturas por laços espirituais. Madalena conhecia o amor na sua forma carnal. Jesus

adverte de que o amor não reside na carne e lhe abre as perspectivas do espírito. Sócrates o antecipa nesse gesto, ensinando aos gregos a beleza do amor em sua função espiritual.

*Aqueles cuja fecundidade reside no corpo – diz ainda no Banquete – dirigem-se de preferência às mulheres, e assim realizam a sua maneira de amar, acreditando que atingem a imortalidade pela criação de filhos, bem como a celebridade e a felicidade eternas. Mas os que desejam procriar pelo espírito – pois há pessoas que mais desejam com a alma do que com o corpo (e esta é mais fecunda que aquele) -, esses anseiam por criar o que compete à alma. Que criação será esta? A do pensamento e das demais virtudes. A criação desses homens a quem chamamos poetas, e a dos outros a quem chamamos inventores.*

Basta isso para mostrar a que extremos Sócrates conseguiu levar a revolução sofística, modificando em profundidade a atitude grega em face dos problemas da vida e do mundo. Quando a própria camaradagem guerreira, pântano em que desabrocha a flor negra da pederastia helênica, é por ele transformada na camaradagem intelectual, em que floresce a sabedoria, o seu gênio revolucionário atinge as culminâncias do divino. E é nisto que ele supera, em tamanha extensão e tão grande altura, o gênio revolucionário de Protágoras, deixando de ser o seu continuador, para se tornar quase o seu antípoda.

### O HOMEM DO POVO

Embora não se possa fazer de Sócrates um homem do povo, no sentido atual dessa expressão, e apesar das acusações da aristocracia que lhe são feitas, parece que é essa a melhor maneira de se definir a sua posição na sociedade grega. Não era um aristocrata, pois pertencia à classe média, como já vimos pela sua filiação. E, se mantinha relações com as mais altas personalidades, chegando mesmo a freqüentar as rodas intelectuais, por outro lado vivia em contato com artesãos e trabalhadores vulgares. Se o conhecemos através das referências de discípulos aristocratas, isso se deve à impossibilidade em que se encontravam os outros de se projetarem na História.

Diógenes Laércio oferece-nos informações curiosas a respeito de Sócrates. Diz que era honesto e econômico, duas qualidades que melhor o entrosam na classe média. E acrescenta que a sua temperança era tão grande que, comendo pouco, nunca foi atingido pela peste que várias vezes assolou Atenas. Sofria perseguições e violências sem se aborrecer, e não pedia recompensas pelos serviços que prestasse. O próprio Aristófanes, que o critica acerbamente em *As Nuvens*, também lhe reconhece os méritos. Não obstante, Diógenes Laércio nos diz que Sócrates teria sido bigamo, o que contrasta com as informações anteriores de temperança. Essas contradições não são de estranhar, quando compreendemos a dificuldade de informações exatas naquele tempo.

De acordo com as informações de Aristóteles, mais amplamente conhecidas, Sócrates era casado com Xantipa, da qual teve um filho, Lamproclo. Em segundas núpcias, teria se casado com Mirto, filha de Aristides, o

Justo, da qual obtivera dois filhos: Sofronisco e Menexeno. Entretanto, diz Diógenes, querem alguns informantes que ele primeiro se casasse com Mirto, e depois com Xantipa, ainda em vida daquela. Como isso teria sido possível? Baseado em Sátiro e Jerônimo de Rodes, diz Laércio que Atenas se encontrou a certo momento desfalcada de homens, em virtude das guerras e das pestes, tendo-se então permitido aos cidadãos que tivessem duas mulheres. Sócrates, como bom cidadão, não teria negado a sua contribuição ao reerguimento demográfico de Atenas.

Já vimos que Sócrates não fazia distinções entre os homens, considerando-os a todos como igualmente aptos para a sabedoria. Isso nos mostra o seu espírito democrático, a sua vocação popular. E essa atitude é confirmada por uma informação curiosa de Laércio, segundo a qual Sócrates se recusara a receber alguns criados que Cármides lhe oferecera, para trabalharem com ele. Tratava-se, evidentemente, de escravos, e outra informação nos dará o motivo dessa recusa: Sócrates considerava o ócio como uma das melhores coisas que o Homem pode ter, em virtude de lhe proporcionar sabedoria. E certa vez propôs a Crítón o resgate de Fédon, conseguindo libertá-lo da escravidão para transformá-lo num filósofo.

Compreende-se facilmente que Sócrates não aceitasse escravos, pois teria de sentir-se como espoliador. E tanto maior seria o seu crime quanto sabia estar roubando a alguém o melhor de todos os bens, que é a sabedoria, para mantê-lo no maior de todos os males, que é a ignorância.

Das suas mulheres, se realmente houve duas ou dois matrimônios, foi Xantipa, quem se tornou célebre, em virtude ao mesmo tempo do seu mau gênio e do amor que devotava ao filósofo. Muitas anedotas são contadas a respeito de Xantipa, que parece ter sido irascível e palradora. Certa vez, depois de destratar o filósofo com tremenda descompostura, lhe atirou um balde de água. Sócrates limitou-se a declarar que depois da trovoadá é natural que venha a chuva. A Alcibíades, que lhe censurava a tolerância com a mulher, respondera que o bom cavaleiro deve aprender com as piores montarias, para depois lidar com as outras.

Conta Laércio que Xantipa um dia lhe arrancou a capa no fórum, e, instado pelos familiares a castigar a mulher, Sócrates se recusou a isso. Por outro lado, Xantipa surge em muitas anedotas como preocupada com Sócrates, interessada no seu bem-estar e na sua boa figura perante os amigos. E é tocante o episódio, muito conhecido, da sua corrida à prisão, quando se lançou para Sócrates clamando contra a condenação injusta a que o haviam submetido. O filósofo se limitara a responder: - “E querias que fosse justa?”

Aristófanes oferece-nos uma imagem bastante popular de Sócrates, não obstante as referências satíricas que lhe faz: “Andando descalço e sofrendo trabalhos sem cessar, mostra não obstante um semblante sempre grave”. Diógenes Laércio afirma que “por mais fome que tivesse, nunca se fez pesado a ninguém”.

Tudo isso nos revela uma figura popular, de procedência mediana, filho de um escultor e uma parteira, e ele mesmo escultor, antes de se tornar filósofo. Desprovido de posses, desinteressado das transações comerciais

que, no seu tempo, como hoje, enriquecem os homens, apegado ao estudo e à meditação, Sócrates só conseguiu formar ao seu redor um grupo aristocrata, que se incumbiu da sua celebridade, em virtude do seu gênio.

### CONDENAÇÃO E MORTE



A morte de Sócrates

A Atenas se poderia aplicar a apóstrofe de Jesus a Jerusalém, a cidade que matava os seus profetas. Vimos, no capítulo referente a Protágoras, como Atenas foi implacável para com o grande sofista. Diógenes Laércio apresenta uma relação de injustiças bastante curiosas: os atenienses multaram Homero em cinquenta dracmas, considerando-o louco, e fizeram o mesmo a Tirteu e a Astidamante. Entretanto, para sermos justos, temos de lembrar que Atenas se arrependeu da condenação de Sócrates e até mesmo a vingou, desterrando os seus acusadores, condenando um deles à morte e honrando o filósofo com uma estátua de bronze, feita por Lisipo e colocada numa galeria de varões ilustres. Laércio diz ainda que os atenienses fecharam seus ginásios e palestras em homenagem ao filósofo injustiçado.

O processo movido contra Sócrates foi dos mais movimentados e tem sido objeto das mais diversas interpretações. Entendem uns que Sócrates foi acusado de herege, de não crer nos deuses e inventar outras divindades, que seriam, afinal, apenas o seu próprio demônio. Outros, que o filósofo foi acusado de corromper a juventude, desviando-a do cumprimento das tradições e do respeito às divindades locais.

Para Windelband, Sócrates foi vítima do rancor dos democráticos contra a ilustração filosófica, o que de certa maneira coincide com os motivos anteriores. Menzel, que realizou meticoloso estudo do processo, sob o ponto de vista jurídico, entende também que a condenação decorreu de motivos políticos, pois Sócrates representava um perigo para a restauração do poderio ateniense, com base nas antigas tradições, que a nova democracia tentava realizar.

Quando se procedia ao julgamento de Sócrates, ocorreu um incidente que bem nos revela a tensão de espírito reinante no ambiente. Justo Tiberiense é quem o revela, segundo Laércio. O jovem Platão subiu inesperadamente à tribuna e iniciou um discurso com as seguintes palavras: - “Sendo eu, ó atenienses, o mais jovem dos que já subiram a este lugar...” Mas não pôde prosseguir, diante da grita geral dos juízes, determinando que ele descesse da tribuna. Platão viu-se obrigado a descer, tendo de assistir ao julgamento, de que mais tarde nos deixaria um relato emocionante e minucioso, em sua *Apologia de Sócrates*, fonte em que hoje se abeberem todos os que escrevem sobre o episódio.

Diógenes Laércio entende que o motivo real da condenação de Sócrates foi a inveja, provocada pelo pronunciamento da Pitonisa de Delfos sobre a sua sabedoria. Anito e Melito teriam sido atingidos pela acusação indireta de ignorância. Diógenes diz mesmo que Anito incitou Aristófanes contra Sócrates, e por fim conseguiu que Melito o acusasse de ímpio e corruptor da juventude. Formou-se assim com esses dois e mais o orador Lícon, o trio dos acusadores: um político restaurador, um poeta trágico obscuro e um retórico sem prestígio. A oração de acusação, segundo Diógenes, teria sido escrita pelo sofista Polícrates ou pelo próprio Anito.

Lísias quis salvar a Sócrates e escreveu uma apologia em sua defesa. Leu-a para o filósofo, que respondeu serenamente ao amigo: - “É uma boa peça, Lísias, mas não me convém”. E como este houvesse estranhado a contradição (pois se era boa, por que não convinha?), Sócrates esclareceu: - “Pois não pode haver roupas e calçados excelentes, que não sirvam para mim?” É que Lísias confessava o erro e pedia perdão aos juízes. Sócrates, que detestava os sofistas e os militantes do foro, que combatia as chicanas forenses, em defesa da verdade e da justiça, não poderia aceitar essa espécie de defesa, juridicamente boa, mas moralmente má. Platão nos conta ainda a recusa de Sócrates em fugir da prisão, quando podia facilmente escapar da morte.

Em 399 a.C., no tempo correspondente ao nosso mês de maio, Sócrates bebeu a taça de cicuta, deitou-se e morreu, serenamente, consolando os discípulos que choravam ao seu redor. Platão descreve no *Fédon*, de maneira tocante, o episódio da morte do filósofo. Tomando a taça de cicuta das mãos do carrasco, Sócrates lhe perguntou se podia fazer uma libação aos deuses. O carrasco respondeu que a dose de cicuta era a exatamente necessária, ao que o filósofo retrucou:

- “Entendo. Mas pelo menos me será permitido, e é mesmo um dever, dirigir uma oração aos deuses, pelo bom êxito desta mudança de residência, deste mundo para o Além. E esta é a minha prece. Assim seja!”

“Em seguida – diz Platão -, sem sobressalto, sem relutar nem dar mostras de desagrado, bebeu a taça até o fim”. Os discípulos que o cercavam caíram em pranto, mas Sócrates os advertiu: - “Que é isso? Que incompreensão! Mande as mulheres embora para evitar esta cena, pois me ensinaram que é com belas palavras que se deve morrer. Acalmem-vos, vamos, dominem-vos!”

Depois de andar, pelo aposento, disse que sentia as pernas pesadas e deitou-se. A morte o foi envolvendo aos poucos. Suas últimas palavras foram estas: - “Crítón, devemos um galo a Asclépio (é o nome grego de Esculápio, deus da Medicina entre os gregos e os romanos. Filho de Apolo, não só curava os doentes, como ressuscitava os mortos.); não te esqueças de pagar a dívida”. Era um sacrifício ao deus da Medicina – o Esculápio dos romanos -, por lhe ter permitido morrer prontamente, livrando-se o quanto antes do peso do corpo.



## 2 - PLATÃO

(427 a.C. – 347 a.C.)

**Livro: Os Filósofos. José Herculano Pires.**

Platão é o primogênito de Sócrates, o seu herdeiro direto. Recebeu em mãos toda a fortuna do pai e cultivou-a para o futuro. Mas teve também o seu primogênito, Aristóteles, a quem transferiu o patrimônio herdado e imensamente ampliado. Há, pois, uma dinastia socrática no vasto império da filosofia grega, que é, em última análise, o Império da Filosofia.

Platão foi acusado de desvirtuar a doutrina de Sócrates, de transformar o seu mestre em personagem de seus diálogos e porta-voz de suas próprias idéias. Aristóteles, por sua vez, é acusado de rebelião contra o pensamento platônico. Até que ponto essas dissensões na família socrática são reais e podem ser levadas a sério?

Sócrates descobriu o conceito e proclamou a sua importância para a vida humana. O conceito é a idéia geral, a representação sintética do particular, mas por isso mesmo traz em si a chave de todos os segredos, de todas as dificuldades que encontramos no particular. Sócrates serviu-se do geral para devolver o pensamento ao particular, tirá-lo da especulação abstrata das causas primárias e dirigi-lo com firmeza às secundárias.

Foi assim que criou a Moral. Mas a moral socrática se funda na metafísica do conceito, e é justo que seu discípulo Platão, ao herdar a primeira, herdasse também a última. O que vamos ver em Platão é justamente um aprofundamento da metafísica do conceito. Não há nisso nenhum desvirtuamento, mas tão-somente uma continuação do trabalho socrático.

Aristóteles criticou a teoria das idéias de Platão, voltou-se contra o mestre e parece ter querido construir uma filosofia própria, inteiramente autônoma. Isso, na aparência. Na realidade, Aristóteles descobriu, por trás do conceito, a *ousia*, ou seja: a *substância*. O conceito socrático, em que Platão descobrira a realidade ideal, parece a Aristóteles simplesmente a máscara

que oculta o rosto de um personagem da grande tragédia. Por trás da máscara é que está a realidade. Assim, a revolta de Aristóteles não é mais do que o desenvolvimento da herança platônica.

Na trindade socrática da filosofia grega há, portanto, um pai, um filho e um espírito santo. O pai é o dispensador da verdade, o doador da vida: Sócrates, que revelou o conceito. O filho é o verbo – e que poderoso verbo! – o pregador da verdade e transmissor da vida: Platão. O espírito santo é o esclarecedor das consciências, o iluminador dos espíritos, o Consolador, do *Evangelho de João*, que vem completar a obra da revelação.

No plano das aparências, no mundo das sombras, em que vivemos, essas três figuras podem parecer-nos antagônicas. Mas, quando aprofundamos o olhar além das sombras da caverna, e o acostumamos à luz do sol, somos capazes de ver as conexões ocultas.

## PLATÃO E A REALIDADE

### (O mito da Caverna)

Sócrates quer mostrar a Glauco a triste condição do Homem na vida terrena, e propõe-lhe, no livro sétimo da *República*, o mito da caverna. Este mito é uma síntese alegórica de toda a doutrina de Platão. Enfileiram-se os homens no fundo de uma caverna, acorrentados de tal maneira, desde a infância, que não podem voltar-se para trás. Estão de face para o fundo, em cuja parede se projetam as sombras do que se passa lá fora. O sol é o grande projetor, o fogo misterioso que gera o movimento das sombras. Mas se um dia um desses escravos se libertar, poderá voltar-se, andar, encarar a luz que entra pela boca desconhecida da caverna e descobrir a realidade.

Não obstante, há um preço, que o liberto terá de pagar pela sua liberdade. A princípio, será deslumbrado pela luz e verá as coisas com tamanha dificuldade, que continuará atribuindo realidade às sombras da parede. Desviará os olhos do sol, e perceberá que as sombras são mais nítidas. Saindo, e começando a subir o “caminho escarpado” que se eleva ante a boca da caverna, em direção ao sol, sofreria ainda mais. Até que seus olhos se acostumassem com a luz, teria de desviá-los dos objetos reais para as suas sombras, projetadas no solo, ou para os seus reflexos na água. “Precisaria de tempo – diz Sócrates – para se adaptar à claridade da região superior”.

Suponhamos agora que o escravo liberto já se habituou à luz e tornou-se capaz de encarar o próprio sol. Então compreenderá a verdadeira natureza das sombras projetadas na parede da caverna. E se voltar para lá, e disser aos companheiros o que viu e o que aprendeu, será acusado de haver sofrido perturbações visuais, por ter subido à região superior. E ainda mais: “... se alguém quisesse proporcionar-lhes a mesma liberdade, mereceria ser preso e morto”. Mas o que viu a luz aprenderá a desdenhar as sombras, e acima de tudo compreenderá que não se pode dar a ciência como quem dá vista a um cego. “Não se trata de dar à alma a faculdade de ver, que ela já possui, mas de corrigir a direção dos seus órgãos visuais”.

O Mito é para a realidade “algo assim como uma abreviatura”, diz Julián Marías, ao tratar dos mitos de Platão. “O papel do Mito – acentua – é



manifestar-nos a realidade, ainda que de maneira imperfeita e parcial, para mostrar ao que ela se assemelha. O Mito, longe de ser um substituto da definição, é superior a ela. O verdadeiro conhecimento, para Platão, se encontra no Mito. Mas o mito platônico, que parte da definição, não é como o mito pré-filosófico”. E vemos aqui, no mito da caverna, quanto são reais essas conclusões. Como uma abreviatura, uma síntese, este mito nos dá a visão geral da doutrina platônica.

A realidade, para Platão, está fora da caverna. Pertence ao mundo da luz, à estrada escarpada que as criaturas têm de subir em direção ao Bem Supremo, ou à idéia do Bem. A realidade, pois, é a Idéia. E a irrealidade está nas coisas, no mundo sensível. Sua concepção do mundo é assim dualista, existindo o sensível e o inteligível. O sensível não tem estabilidade, não tem segurança, pois flui continuamente, como as águas de um rio ou as labaredas do fogo heraclítico. Pode haver maior prova de irrealidade do que essa fluidez? Se os homens, em geral, pensam que o real está no sensível, é porque são escravos da matéria, voltados para as sombras que se projetam no fundo da caverna. Vivemos na sombra, entre sombras inconsistentes, e nós mesmos nada mais somos do que sombras, mas trazemos em nós a lembrança oculta do mundo das idéias.

Além destas sombras estão as idéias, que constituem o mundo verdadeiro, do qual procedemos. Estas sombras são reflexos das idéias. Para que haja reflexos, porém, é necessário haver primeiramente algo que as reflita. Dessa necessidade surge a natureza tríplice da concepção platônica do mundo: o Ser, o Não-Ser e o Devir. O Ser é o mundo das idéias, que se unifica na idéia do Bem, idéia suprema, de que todas participam e para a qual todas evoluem. O Não-Ser é o espaço vazio, o espaço matemático em que as formas geométricas reproduzirão as idéias, como reflexos ondulantes na face de um espelho. O Devir é o mundo sensível, o mundo corpóreo, material, em que os reflexos se desenvolvem através de figuras sucessivas, que aparecem e desaparecem, na fluidez da inconsistência.

Essas figuras são coisas e corpos, que participam do mundo das idéias, pois refletem esse mundo e avançam para ele. As idéias são assim a finalidade do mundo corpóreo, e as coisas deste mundo só terão valor e permanência, ou possibilidade de permanência, na proporção em que *participarem* das idéias. Nosso valor como criaturas humanas não depende do que possuímos materialmente, mas de nossa participação nas idéias, e sobretudo nas idéias do Bem e do Belo.

É conveniente, como diz Gonzague Truc, lembrarmo-nos de que a teoria das idéias não é fantasiosa nem simplista, como pode parecer, numa tentativa de exposição apressada, com a finalidade de dar ao leitor uma visão apenas informativa do Platonismo. A teoria é complexa, envolvendo problemas difíceis e sugerindo debates que o próprio Platão iniciou em seus diálogos, como se vê, por exemplo, na segunda parte do *Parmênides* e na seqüência dos chamados “diálogos lógicos”: *Teeteto*, o *Sofista*, o *Político*, o *Filebo*, e assim também no *Timeu* (*Timeu* é um tratado teórico de Platão na forma de um diálogo socrático, escrito cerca 360 a.C. A obra apresenta especulações sobre a natureza do mundo físico), esse tratado do Ser.

As idéias constituem uma necessidade lógica, para a compreensão do mundo e para a existência da Ciência. Porque não pode haver Ciência do incerto, do efêmero, do inconsistente, como é o mundo sensível. Somente o inteligível, o mundo das idéias, oferece base “sólida” para a permanência das coisas. Os homens, por exemplo, são efêmeros. Nasceram e morrem todos os dias. Mas a idéia do homem é permanente e portanto real. Dela derivam os homens, como reflexos no espaço, como seres intermediários formados no Não-Ser e evoluindo para o Ser, através da participação.

O mito da Atlântida, que aparece no *Timeu*, ilustra com precisão a necessidade de alcançarmos o mundo das idéias, e portanto do estável, para compreendermos o mundo. Tenha sido real ou não a existência da Atlântida, no *Timeu*, a sua função é mítica. Todo um continente populoso e rico, situado a oeste das Colunas de Hércules (é o nome dos promontórios que existem à entrada do estreito de Gibraltar, um em África -o monte Hacho - e outro na Europa -o rochedo de Gibraltar -), desaparece no período de um dia e uma noite, tragado pelas ondas.

Os atlantes se preparavam para invadir as cidades gregas, e somente os atenienses se dispunham a enfrentá-los. Mas a luta não se realizou, por causa da inesperada catástrofe. É assim o sensível. O mundo da incerteza, da instabilidade, a que somente os ignorantes podem apegar-se, considerando-o sólido e firme.

*Timeu* explica então a formação do mundo, que não surge do nada, como no *Gênese*, porque a eternidade não tem princípio nem fim, e o mundo é eterno. Por isso mesmo, ele surge, por assim dizer, de si próprio, de duas essências já existentes, a mutável e a imutável, que lhe constituem a alma, e os elementos materiais, que lhe constituem o corpo. O Demiurgo, ou Artesão, é o Deus-Construtor, que faz o mundo e o liga ao Ser, ao Todo; Aquele que é e não sofre mutações.

O Homem não é construído pelo Artesão, mas por seus auxiliares, deuses menores, incumbidos, por assim dizer, dos retoques da construção. Esses deuses menores serviram-se do material que sobrou da feitura do mundo, para fazer as almas dos seres que habitam a Terra e a Luz. O mundo é esférico e só tem um movimento, que é o movimento perfeito, a rotação. As almas dos seres assemelham-se à do mundo, mas são imperfeitas. Por isso, os seres têm vários movimentos.

Mas os deuses menores introduziram nos homens duas almas inferiores, que são perecíveis. A alma eterna, que é esférica, semelhante à do mundo, foi colocada na cabeça: é a racional. As outras duas são a irascível (que se ira, se irrita, se encoleriza com facilidade), colocada no peito, e a apetitiva, no ventre. Assim, os homens são seres em conflito, a razão em luta permanente com as paixões e os apetites das almas inferiores e perecíveis que carregam no corpo.

O Demiurgo não devia fazer as almas dos seres humanos, porque então estes seriam divinos. Limitou-se a preparar as suas sementes, com o resto do material da alma do mundo. Essas sementes de eternidade constituem a razão diretriz do Homem, que deve superar os tumultos produzidos no

corpo mortal pelas paixões e os desejos das almas mortais e pelas fermentações do processo nutritivo. Quando a semente divina, que guarda a reminiscência do mundo das idéias, consegue manter o controle do corpo, temos o homem sábio que cuidará de sua alma, imitando o modelo divino do Bem, salvaguardando a sua natureza humana.

A princípio, todas as almas são humanas e masculinas, mas depois, em consequência da indocilidade resultante do tumulto dos apetites inferiores, essas almas desobedecem aos seus demônios – o que nos lembra a obediência de Sócrates ao demônio, que deve ser seguida por todos -, e então decaem, encarnando-se em corpos femininos e depois em animais, segundo suas faltas.

Curioso, entretanto, que não é pela vontade plena que a alma decai, mas pelas circunstâncias desfavoráveis que a cercam: o estado inferior do corpo, as deficiências da educação e as más condições políticas do meio. Mas isso não isenta a alma de culpa, pois a reminiscência das idéias a ajuda, e o seu demônio a adverte sempre dos perigos, a que ela pode escapar, dando preferência aos prazeres do intelecto sobre os gozos sensuais. Sua condição, portanto, não é de escravidão absoluta, de sujeição fatalista ao estado corpóreo, pois a semente divina detém o livre-arbítrio, o poder de escolha.

Ela não tem culpa – como diz Robin – de haver querido o Mal, mas de haver permitido, por negligência, que este a dominasse. A essência do Todo é boa e não má, e a alma racional não tem desculpa quando se afasta do Bem. Compreende-se, assim, porque esta ontologia platônica influenciou tão poderosamente o pensamento cristão, de tal maneira que Platão pode ser chamado o Demiurgo da filosofia cristã forjada na Idade Média. Os princípios da queda, da culpa, da liberdade de escolha e da bondade de Deus, bem como da salvação, estão todos presentes nessa teoria das almas.

Duas coisas, porém, não se encontram em Platão: o problema do mal consciente ou satânico, e a condenação eterna. As almas racionais, que sabem salvaguardar a sua condição humana evoluem para a felicidade, libertam-se das contradições corpóreas e vão viver, depois da morte, nas estrelas que lhes são destinadas, mundos de ventura infinita. As almas racionais que caem na voragem dos sentidos passam pelas encarnações inferiores até que, pela sucessão dolorosa das provas, aprendam a preferir o bem. Então se libertarão como as outras, com o triunfo inevitável da razão.

Deus povoou não apenas a Terra e a Lua, mas também os planetas, com os seres corpóreos, dotados da semente divina ou alma racional. E todos esses seres terão de desenvolver a sua divindade, através da humanidade, pois caso contrário a própria obra de Deus estaria comprometida.

A alma do mundo também está sujeita a quedas, e isto é importante para o homem, pois tem nesse fato a razão cósmica da sua falibilidade. Já vimos que a alma do mundo foi constituída de duas essências – a imutável e a mutável -, e podemos dizer, em termos de psicologia moderna, que na primeira se estrutura a consciência e na segunda a subconsciência cósmica.

Se o mundo não segue a razão, mas cai nas leis da necessidade, que equivalem às dos apetites e paixões no ser humano, pode desorganizar-se e acabar numa catástrofe. Assim, há duas ordens fatais no Universo: a ordem racional, que é a normal e conduz ao divino, e a ordem da necessidade, constituída pelas leis inferiores, subordinada àquela. A alma, tanto a do mundo quanto a dos seres que o habitam, goza do direito de escolha entre essas duas ordens; mas uma vez feita a escolha terá de sujeitar-se às suas conseqüências inevitáveis.

O Mal, pois, não é satânico, intencional, dirigido por um competidor de Deus, mas natural, decorrente da própria estrutura do Todo. Entretanto, é sempre subordinado e nunca prevalece, pois tanto o mundo quanto o Homem, caindo na ordem da necessidade, acabarão saindo para a ordem da razão, através das sucessivas existências depuradoras. Nessas existências, a alma se despojará dos elementos mutáveis, para integrar-se em sua natureza imutável e divina.

### A UTOPIA PLATÔNICA

Da realidade platônica, constituída pelo universo ideal, que para o comum dos homens é a própria irrealidade, passamos naturalmente, com a maior de suas obras, *A República*, para a utopia platônica. Exatamente no terreno da vida política, da estrutura social, onde a realidade se mostra mais gritante, é que Platão vai traçar o grandioso painel da sua utopia.

Nada mais coerente, entretanto, do que isso. A vida social e política da Grécia, no século IV a.C., estava em plena decadência. Atenas submergia num individualismo feroz e num cosmopolitismo (maneira de viver e pensar própria de pessoa que vive ora num país ora noutra) dissolvente. O filósofo via, com seus próprios olhos, o domínio das partes inferiores da alma na sociedade do seu tempo. E o que propõe, com *A República*, é uma inversão desse estado de coisas, para que a sociedade volte a ser dirigida pela alma racional.

Num lúcido estudo sobre o fato, Julián Marías chega ao exagero de propor, como base de todo o filosofar platônico, a sua aversão pelo mundo político do tempo. Suas conclusões derivam do estudo da sétima carta do filósofo, dirigida aos parentes e amigos de Díon, assassinado em Siracusa (pequena cidade ao sul da Itália). Nessa carta, diz Marías, Platão repete “de maneira clara o seu pensamento, tão mal-entendido, da República”.

Windelband também assinala o que se pode chamar a transferência platônica, da Política para a Filosofia. Mas é, por certo, exagero atribuir às circunstâncias políticas o desenvolvimento do gênio filosófico de Platão. Por mais que *A República* represente a sua vocação política, e por mais que o filósofo tenha tentado realizar em Siracusa uma experiência da sua utopia, parece-nos inegável que tudo isso é uma conseqüência e não uma determinante do filosofar platônico.

Filho de Aríston e Perictione, nasceu Platão em Atenas, na primavera de 427 a.C. Tanto pela linhagem paterna, quanto pela materna, pertencia à aristocracia ateniense. De um lado, se aparentava (parente) com Codro (O pai de Platão era descendente do rei Codro, o último rei de Atenas), de outro, com Sólon

(**Sólón** de Atenas, legislador da antiga Grécia do século VI, foi o responsável por legalizar, pela primeira vez na história, alguns aspectos da prostituição). Teve, pois, uma esmerada educação e dominou bem cedo a cultura da época. Interessou-se pela Política e pelas Letras, iniciando-se na Literatura. Mas logo sentiu a atração da Filosofia, e seu encontro com Sócrates, possivelmente aos vinte anos de idade, decidiu os rumos do seu pensamento.

Depois da morte de Sócrates, Platão empreendeu, com outros discípulos do mestre, uma viagem a Mégara. Logo mais, viajou para Creta, o Egipto e a Cirene, voltando a Atenas em 395. Um lustro mais tarde, viajou para a Magna Grécia (Magna Grécia era a denominação que recebia o sul da Península Itálica, região colonizada na Antiguidade pelos gregos) e a Sicília (Itália), tendo nesta se familiarizado com a corte do tirano Dionísio, o Maior. Tornou-se amigo íntimo do cunhado do soberano, Díon, que se interessou vivamente pela sua doutrina.

Duas vezes tentou Platão ensaiar a sua utopia na corte de Siracusa, mas em ambas fracassou. Numa terceira viagem à corte foi tentar a conciliação de Díon com o novo tirano, Dionísio, o Jovem, e por pouco não perdeu a vida. Sua grande esperança era a de conseguir uma experiência prática da sua política no reino. Na primeira tentativa, o tirano pai o fez prender como escravo e vender no mercado de Egira, onde Anicere, um cirenaico, o salvou. Então voltou para Atenas e fundou ali a Academia.

A insistência de Platão nas viagens à Sicília, com dificuldades de toda espécie e riscos de vida, interrompendo até mesmo suas atividades docentes em Atenas, revela sem dúvida o seu grande interesse pela Política. Mas não devemos esquecer-nos de que essa Política nascia do seu filosofar sobre o mundo e os homens. *A República* é uma conseqüência lógica e necessária da sua descoberta do mundo das idéias. É a aplicação do conhecimento adquirido, em favor das almas mergulhadas na matéria.

Não seria necessário que Platão tivesse qualquer vocação política, para interessar-se inevitavelmente pelo assunto. Mais do que as suas tendências da juventude e as suas decepções com o mundo grego, a oportunidade que entrevira em Siracusa despertaria o seu entusiasmo de filósofo, de homem que descobrira nas idéias o mecanismo do mundo, e desejava provar na prática o acerto da sua teoria.

Não nos esqueçamos ainda, o que é muito importante, que dos três motivos determinantes da queda das almas, dois são as deficiências da educação e as más condições políticas. Natural que Platão arriscasse a sua comodidade, os seus afazeres em Atenas e a própria vida, para tentar o ensaio de sua República em Siracusa. Já vimos que a República platônica é o inverso da falsa democracia ateniense, em que prevalecem as paixões e os apetites das almas inferiores. Nela, os homens deverão ser educados para o exercício da razão, e somente os que mais desenvolverem a alma racional assumirão os postos dirigentes. É a República Filosófica, o reino do saber, o domínio luminoso do Bem e da Justiça, onde a Educação e a Política serão meios de salvaguarda da natureza humana, em vez de instrumentos de sua

corrupção contínua. A *pólis* ideal, e por isso mesmo a única verdadeira, natural, não corrompida.

Antecipando o organicismo de Spencer (Foi Spencer – 1820-1903 - quem procurou, pela primeira vez, mostrar que a evolução constitui o princípio básico que serve de explicação para todo e qualquer desenvolvimento, desde a esfera biológica até a vida das sociedades.), a República terá uma estrutura antropológica. Assim como um corpo vive graças à perfeita união e colaboração natural de seus órgãos, assim deverá ser a verdadeira *pólis*: a cabeça mandará, o coração garantirá a integridade orgânica, os membros executarão os trabalhos necessários. Isso no que tange ao plano físico, pois no metafísico tudo se traduzirá em termos anímicos: a alma racional governará, e as almas inferiores, sujeitas a ela, não provocarão conflitos no organismo, mas, pelo contrário, revelarão a sua utilidade.

A alma irascível desenvolverá a coragem, e a concupiscível, a produtividade. A República é assim a imagem do homem justo, prudente e operoso, o que vale dizer: do homem sábio, do filósofo. A utopia platônica não é apenas organicista, é um pouco mais, pois é antropológica, na mais lata expressão do termo. Platão, antes de Spencer, já o ultrapassara.

Mas assim como a República será a imagem do homem justo, os Estados tumultuários, impulsivos, em que vivem os povos, são imagens do homem inculto que os constituiu. É o que Platão deixa bem claro, nestas palavras de Sócrates a Glauco, no livro IV da sua utopia:

*- Temos de convir que nos indivíduos se encontram as mesmas paixões e os mesmos hábitos que vemos no Estado. E foi dos indivíduos, por certo, que passaram ao Estado. Seria mesmo ridículo supor que o gênio irascível atribuído a certos povos, como os trácios, os citas e os do Norte em geral, ou o gosto da instrução, que parece natural na nossa gente, ou a avidez do lucro, que caracteriza os fenícios e os egípcios, não tenham passado do indivíduo para o Estado.*

E Glauco responde:

*- A mim também me parece.*

A República evitará esses desequilíbrios, pela distribuição das tarefas entre os homens. Sua ordem social se constituirá de três instâncias, correspondentes às três partes da alma. No alto, estará a classe dos guardiães, constituída pelos filósofos, que dirigirão o Estado; imediatamente abaixo, a dos soldados, que o defenderão e garantirão a integridade da sua estrutura; e na base, o povo, que exercerá as funções nutritivas.

Não se pense, porém, na injustiça de uma formação de castas. O regime comunista evitará esse perigo, e principalmente a educação coletivista, que terá por meta o bem do Estado em consonância com o do indivíduo, e não apenas o deste. Assim, os filhos dos guardiães deverão ser os melhores para suceder os pais, mas os filhos dos guerreiros e dos artesãos poderão apresentar melhores qualidades e serão elevados de classe, enquanto os dos guardiães, rebaixados.

O comunismo na classe dos guardiães será completo: até mesmo as mulheres e os filhos são comuns. E os oráculos exercerão uma grande função diretiva no Estado, pois deverão ser consultados sempre que necessário. A mentira também terá o seu lugar, pois ela, como a verdade, é útil à felicidade comum: os magistrados terão o direito de usá-la em favor do bem público. A Música e a Ginástica serão fundamentais na educação dos cidadãos, e quanto à Música não serão permitidas as inovações a pretexto de modernização, pois essas inovações podem minar a estrutura do Estado, por sua influência nociva sobre as almas. A realização do belo individual e social terá de ser preservada sempre.

Da *República*, entretanto, Platão evoluirá para uma nova concepção política. Através do diálogo *O Político*, em que refletirá suas meditações sobre Díon, o amigo de Siracusa, vítima da tirania, o filósofo chegará ao seu último livro, *As Leis*. Substituirá então o regime republicano pela tirania ilustrada, ou se quisermos nos servir do exemplo histórico dos reinos europeus da época das luzes, pelo despotismo ilustrado. Entretanto, o que parece mais certo é a afinidade do regime de *As Leis* com os sistemas totalitários modernos, o Fascismo e o Nazismo.

O tirano platônico é assessorado por um filósofo legislador, que exerce funções semelhantes às dos conhecidos assessores das referidas ditaduras. Desaparecem as classes correspondentes às partes da alma humana. O Estado perde o seu sentido antropológico e procura amoldar-se à imagem divina do Cosmos, através da Matemática e da Astronomia. A idéia do divino adquire absoluta supremacia, e a Religião, dogmática e intolerante, torna-se a base do Estado. Passamos assim do plano humano da *República* para o cósmico de *As Leis*, onde a rigidez das leis naturais substitui o dinamismo harmônico das funções psíquicas.

Platão está no fim da vida, e tanto assim que não consegue fazer a última revisão em seu derradeiro livro. Devemos perdoar-lhe esse aspecto de anquilose mental, que se revela em *As Leis*. Aliás, é preciso notar que, ao lado da queda vertical do seu pensamento, em matéria política, esse último livro revela ainda o vigor de uma inteligência genial, na perscrutação dos problemas humanos.

Consta que morreu num banquete de bodas, cercado de admiração e respeito, em 347, já octogenário. Foi sepultado na Academia e deificado pelos discípulos. Entre os epigramas que lhe serviram de epitáfio, Diógenes Laércio cita um que termina assim:

*Ainda das regiões mais longínquas, Todo varão honesto, Venera a memória, Do filho de Aríston deificado.*

### 3 - ARISTÓTELES



**ARISTÓTELES – (384 a.C. – 322.a.C.)**

#### **ARISTÓTELES E A SUBSTÂNCIA**

**Livro: Os Filósofos. J. Herculano Pires**

Platão é o escravo que saiu da caverna para a luz, e que não mais voltou. Mas Aristóteles é aquele que, depois de subir a escarpa e aprender a discernir as sombras da luz, voltou para a caverna. Não se deixou embriagar pela realidade metafísica. Lembrou-se de que as sombras físicas também devem possuir a sua própria realidade, pois até mesmo a ilusão é real, para aquele que está iludido. Aristóteles voltou ao particular, sem esquecer o geral. É que, por trás do conceito, que Sócrates descobrira e que Platão erigira em suprema realidade, Aristóteles descobriu a substância. E viu, afinal, com seus olhinhos miúdos e argutos, que sombra e luz se misturam, numa realidade que não é apenas ideal, mas também sensível.

Quem nos conta que seus olhos eram miúdos, e ao mesmo tempo que enxergavam longe e fundo, é Diógenes Laércio. E completa a imagem do filósofo com estes dados bem pouco lisonjeiros: era gago, de pernas finas, raspava a barba e cortava o cabelo, ao contrário do uso corrente, e gostava de roupas finas e anéis preciosos. É possível que a psicologia moderna explique essa elegância de vestuário e adornos como uma compensação das deficiências físicas. Mas também podemos supor que fosse uma decorrência natural da sua atitude filosófica. Se os seus antecessores desprezavam o sensível pelo inteligível, ele não o fazia. Pelo contrário, compreendia o valor das aparências e sabia que é das sombras da caverna que o Homem pode partir para a realidade da luz.

Nascera em Estagira, na Trácia, aos 384 a.C., era filho de um médico da corte de Filipe da Macedônia. Esse médico chamava-se Nicômaco, nome que Aristóteles daria ao filho, mais tarde, e figura ainda hoje no terceiro – e ao que parece, único autêntico – dos seus tratados de Ética, intitulado *Ética Para Nicômaco*. Sua mãe chamava-se Féstias. Nada sabemos da sua juventude, até os dezoito anos, quando entrou para a Academia de Platão, em Atenas. Ali permaneceu por vinte anos, até a morte do mestre. A seguir, lançou-se a algumas aventuras: andou pela Mísia e por Lesbos, a ilha famosa, casando-se primeiro com Pítia e depois com a cortesã Herpilis, que lhe deu um filho.

Há curiosas histórias em torno do seu consórcio com Herpilis. Diógenes Laércio diz que Aristóteles a tomou do tirano Hermias, mas parece que este concordou com o fato ou lhe fez presente da concubina. Para ou-



tros, tratava-se de uma sobrinha ou irmã de Hermias, que por sinal era eunuco. Aristipo conta que Aristóteles perdeu a seriedade filosófica, ante a beleza de Herpilis, chegando à heresia de lhe oferecer sacrifícios, como os atenienses faziam à deusa Deméter, e a compor um hino ao tirano. Tudo isto nos interessa como possíveis sintomas de sua rebelião futura contra o extremo idealismo platônico. Aristóteles sabia cultivar o sensível.

O culto herético de Aristóteles a Herpilis não ficaria esquecido, assim como o seu formoso hino ao tirano Hermias, de Atárnea. Ambos lhe custarão, pelo menos, pesados falatórios, que repercutirão em sua história. Diógenes Laércio dá uma versão do hino em seu livro, bem como de um epigrama que Aristóteles teria inscrito aos pés da estátua de Hermias em Delos, após a morte do tirano, pelos persas. Hermias havia sido freqüentador da Academia, o que justifica a grande amizade de ambos.

Windelband não acredita nas estroinices (extravagâncias) do filósofo, preferindo considerá-lo invulnerável às seduções do sensível. Brentano também protesta contra essas histórias e desmente as deslealdades do estagirita para com seu mestre Platão. Não há motivos, porém, para essas refutações de testemunhos históricos, com base apenas nas teorias do filósofo. Aristóteles, afinal, tinha direito a fazer das suas. Tanto mais que “as suas” não foram tão graves: apenas serviram para mostrar a coerência do seu modo de agir com a sua atitude filosófica.

Por outro lado, os testemunhos históricos revelam que o filósofo, depois do casamento com Herpilis, viveu feliz com a esposa. Esta lhe deu também uma filha. No seu testamento, que Laércio reproduz, há referências carinhosas à esposa. Não obstante, há também uma exigência que parece esparta, no tocante à possibilidade de novo casamento, como podemos ver: “Se quiser casar-se novamente, que não seja com homem desigual a mim...” A menos que Aristóteles fosse bem mais modesto do que foi, ele devia saber que essa exigência equivalia a impedir novas núpcias para a viúva. Basta dizer que a sua obra foi o coroamento da filosofia grega, a sistematização final do gigantesco painel delineado a partir de Pitágoras até Platão. Com ele, encerrou-se a era helênica do pensamento grego. Depois dele, só o dilúvio helenístico sobre o Império Romano e a submissão de toda a Idade Média à sua autoridade, tão indiscutível, que negar seus princípios era arriscar a vida. Pobre Herpilis, se esperasse encontrar um “igual” para casar-se de novo!

Mas lembremos ainda alguns dados. Em 343, Filipe da Macedônia lhe confiou a educação do filho, que seria mais tarde Alexandre Magno. Três anos depois, voltando para Atenas, Aristóteles fundou uma escola, num ginásio próximo ao Templo de Apolo Lício, de onde lhe veio o nome de Liceu. Dizem outros que Liceu era o ginásio, consagrado ao deus, e que a escola chamou-se Peripatética (que gosta de passear), em virtude de funcionar sob os pórticos (espaço coberto cuja abóbada é sustentada por colunas e que serve de entrada ou vestíbulo) que rodeavam o ginásio. Mas outros afirmam que o nome vem de sua forma de dar as primeiras aulas, andando ao redor dos pórticos ou ao longo de avenidas, que rodeavam o ginásio. Windelband e Armengol entendem que o mais certo é provir o nome dos pórticos.

Durante doze anos Aristóteles ensinou no ginásio, até que a morte de Alexandre o obrigou a abandonar Atenas. Começa então a história de uma nova viagem, sobre a qual se teceram as lendas. Trataremos dela mais abaixo, pois já é tempo de entrarmos no gigantesco edifício do seu sistema filosófico.

### INVENTOR DA LÓGICA

A verdade é que não poderíamos penetrar no sistema de Aristóteles com apenas algumas páginas. Ficaremos, por certo, nos pórticos. Mas com isso lhe prestaremos, pelo menos, uma homenagem simbólica, fazendo um estudo peripatético da sua doutrina. Lembremos antes que a profunda diferença assinalada entre Platão e Aristóteles, quanto ao estilo literário, e que tem servido como muitos comentários errôneos, decorre de um simples capricho histórico. Platão foi beneficiado, pois dele nos ficaram os livros populares, que lhe dão a dupla fama de filósofo e de poeta. De Aristóteles, pelo contrário, só nos restaram os livros didáticos, que o mostram como um professor metódico, mas de estilo árido.

Não nos esqueçamos de que Aristóteles também foi poeta. Um dos seus poemas, que chegou até nós em versão talvez não muito fiel, mas que basta para mostrar-nos uma elevada inspiração, é hino à virtude, dedicado ao seu amigo Hermias, e que tantos dissabores lhe devia causar.

Bréhier entende que os livros de Aristóteles, salvos do naufrágio histórico, não são mais do que “notas redigidas por um professor para si mesmo, sem nenhuma busca de perfeição literária”. Como se vê, as aparências iludem. Os historiadores e estudiosos que viram em Aristóteles um espírito árido e metódico, avesso à poesia que flui das obras de Platão, tomaram a nuvem por Hera (esposa de Zeus, protetora dos casamentos e das mulheres casadas). Da mesma maneira, os que viram em Platão um poeta incapaz do rigor didático de Aristóteles, comeram gato por lebre. Temos, de cada um deles, uma face apenas. São ambos como a lua. Giram de perfil em torno do nosso mundo.

O próprio Aristóteles chamava *exotéricas* as suas obras destinadas ao público, que se perderam. As que possuímos são as *acroamáticas*, “cursos destinados a alunos já adiantados, nos quais não se evitam nem a linguagem técnica, nem as dificuldades”, segundo entende Gonzague Truc. Cícero falava do rio de ouro da eloquência de Aristóteles, e os fragmentos de alguns diálogos exotéricos, recolhidos por Rose, mostram que Cícero tinha razão. Aristóteles também sabia jogar com os diálogos poéticos, como Platão. A História é que lhe foi madrasta, apresentando-o feio e gago à posteridade, como fizera com os contemporâneos.

Depois das primeiras obras, chamadas juvenis, temos a série lógica, intitulada *Organum*, e destinada, como indica o nome, a servir de instrumento da Ciência. A seguir, na classificação de Bréhier, as obras de “filosofia primeira”, ou os doze livros das Metafísicas; as obras sobre a Natureza, ou físicas; as propriamente biológicas, tratando dos animais, a que se juntam também as referentes ao Homem, inclusive estudos psicológicos e um tratado sobre *Adivinhação Pelos Sonhos*; as obras morais e políticas, entre as

quais a *Constituição de Atenas*, primeira e única que nos resta das cento e muitas constituições de cidades reunidas pelo filósofo, que tinha – como se vê por esse caso e por seus trabalhos de classificação científica – o gosto bem moderno da colheita e organização de materiais de estudo. Esta breve indicação bibliográfica nos mostra a impossibilidade de entrarmos a fundo no gigantesco e labiríntico edifício do pensamento aristotélico. Os interessados terão de fazê-lo por si mesmos, reservando para isso, pelo menos, os anos de vida que ainda tenham pela frente.

Mas o *Organum*, o instrumento científico de Aristóteles, que constitui a parte original e característica de sua obra, pode ser também o nosso instrumento de sondagem do seu sistema. Como os fruteiros, que calam melancias na vista do freguês, podemos tirar um pedacinho do sistema de Aristóteles e provar-lhe o gosto, através do *Organum*. Com essa série de livros, o estagirita se tornou, como o chama Bréhier, “o inventor da Lógica”. Embora não seja bem assim, porque a Lógica vem de mais longe, uma vez que Sócrates a ensaiou no trato do conceito, Platão, nas divisões e classificações dialéticas do *Sofista* e de *Parmênides*, e, antes de ambos, os eleatas haviam jogado largamente com ela. Assim, Aristóteles não é propriamente um inventor ou criador da Lógica, mas o seu primeiro e genial sistematizador.

Seu trabalho, entretanto, foi tão grandioso, sua sistematização tão ampla e minuciosa, que lhe coube a glória de transformar realmente os ensaios anteriores numa verdadeira ciência do pensamento. Bréhier lhe confere ainda o título de “inventor da Lógica Formal”, e nesse caso tem toda a razão. Porque assim como Sócrates descobriu o conceito, Aristóteles descobriu o silogismo. Essa descoberta lhe serviu para a construção original daquela parte da Lógica que nos oferece as regras do raciocínio puro, independente do conteúdo do pensamento.

Mas o curioso é que da dialética platônica não nasceu apenas a lógica aristotélica, e sim, como diz Bréhier, toda a filosofia de Aristóteles. Na base da Lógica encontramos a teoria da proposição, e ao afirmar, nessa teoria, que toda proposição se compõe de um sujeito e um atributo, Aristóteles mergulha no oceano das palavras, para não voltar à superfície senão depois de ter feito a sua grande descoberta: a substância. O problema dialético se transforma em problema ontológico. Das palavras, Aristóteles passa à natureza do Ser. O sujeito se transforma em *quiddidade*, ou seja, na essência dada pela definição, na resposta à pergunta socrática: “O que é isso?”

Na verdade, quando Sócrates perguntava aos palradores o que significa esta ou aquela palavra por eles empregada, estava exigindo uma definição do conceito. Essa definição é a substância que Aristóteles vai surpreender por trás das palavras. O sujeito é a coisa, o *quid*, a essência, e o atributo é a qualidade. Calamos a melancia, e agora vamos experimentá-la.

### A CIÊNCIA DO SER

A lógica aristotélica, que foi um desenvolvimento da dialética platônica, dominou o mundo antigo, o medieval e o moderno, exercendo ainda poderosa influência no mundo contemporâneo, não obstante o grande desenvolvimento da lógica moderna, simbólica ou matemática. Bertrand Rus-

sel sustenta que a lógica aristotélica é hoje uma inutilidade, e lamenta que: “Mesmo em nossos dias, todos os professores católicos de Filosofia, e muitos outros, rejeitem ainda obstinadamente as descobertas da lógica moderna, continuando, com estranha tenacidade, apegados a um sistema positivamente tão antiquado quanto a astronomia ptolomaica”. García Baca, entretanto, sustenta que: “No *Organum* aristotélico já se encontram todas as partes da lógica moderna, em forma de germens”. E Russel mesmo confessa: “Aristóteles é ainda, principalmente na Lógica, um campo de batalha, e não pode ser tratado com espírito puramente histórico”.

A verdade é que a lógica aristotélica permanece como uma construção admirável do espírito e uma fase decisiva da evolução do conhecimento. Durante dois mil anos, os homens fizeram dela uma fortaleza inexpugnável da sabedoria antiga, o que a transformou num baluarte do passado, impedindo o progresso. Mas Aristóteles não tem culpa disso. Antes, pelo contrário, a culpa é exclusiva da incapacidade mental dos que o sucederam no campo da Lógica. E o fato de haver ele transformado a dialética platônica numa ontologia positiva, através do estudo das relações verbais, é por certo um dos mais estupendos acontecimentos da história do espírito humano.

Vimos como Aristóteles avançou para a descoberta da substância, na teoria da proposição. Mas o que é a substância? – É aquilo que é. O sujeito, a coisa, o primeiro princípio. Se dizemos: “Pedro é bom”, a substância é Pedro, pois é ele a coisa, é ele o princípio, e “bom” é tão-somente o atributo. Assim, na Metafísica, a substância é o *Ser enquanto ser*, a realidade que apareceu como tal e continuará como tal, mesmo depois que desaparecerem os seus atributos. Expliquemos melhor: se fabricamos uma esfera de bronze, esta esfera, ao ser destruída, não desapareceu, porque a esfera existia antes da fabricação material e continua a existir depois. Este exemplo de Aristóteles nos mostra claramente que a substância é a forma dos seres. No caso presente, o bronze se ajustou à forma esférica, e a esfera de bronze, em substância, em realidade, é apenas uma esfera, porque o bronze é acidente ou predicado da forma.

Chegamos assim à doutrina de forma e matéria, que é o centro da metafísica aristotélica. Em lugar da idéia platônica, que pairava no abstrato e projetava sua sombra, na matéria, Aristóteles formula a teoria da forma, que é também abstrata, mas se entranha no concreto. Forma e matéria coexistem nas coisas. Mas, antes das coisas, há a matéria informe, que entretanto aspira à forma, e há a forma que a espera para incorporá-la em sua aparência. Surge então a teoria de potência e ato. A matéria, que pode ser forma, é potência. A forma é o ato em que a matéria se transformará. Mas as coisas e os seres do sensível não são atos perfeitos, porque a matéria está aquém da perfeição formal. O ato perfeito, ou puro, é somente Deus, pois nele não há potência, não há possibilidade, mas realidade plena. Por isso mesmo, ele é o primeiro motor imóvel, que põe o Universo inteiro em movimento, pela atração de sua atualidade absoluta.

Tocamos assim o ápice da cosmogonia aristotélica, derivada do estudo da palavra. Podemos dizer aqui, como no *Evangelho de João*, mas num

sentido grego e não cristão, que no princípio era o verbo. Pois não foi do verbo que partimos para a substância, e desta para a forma e a matéria, para a potência e o ato, e afinal para o Ato Puro? Mas, para bem compreendermos esse painel gigantesco, precisamos ainda de alguns dados.

Por exemplo: as substâncias se dividem em três espécies, que são a sensível-corruptível, a sensível-não-corruptível e a que não é sensível nem corruptível. O nosso mundo pertence à primeira classe, os corpos celestes à segunda, e Deus e o espírito humano à terceira. No Homem, as três classes se apresentam como no Cosmos: o corpo orgânico é a substância sensível-corruptível; a alma é sensível-não-corruptível; e o espírito, afinal, não é sensível nem corruptível. A substância do Homem é assim a alma, que Aristóteles chama *enteléquia* do corpo. Na alma encontramos o espírito, que é a parte sobrevivente à morte. Este devia ser a substância, mas acontece que não é a forma do corpo, e sim uma parte da forma. O espírito corresponde à alma racional platônica.

Deus, Ato Puro, é imóvel, imutável. É o Ser eleático, em que o movimento não é possível. Mas Deus é pensamento, é mesmo *O Pensamento*. Entretanto, Deus só pode pensar nele mesmo, pois o pensamento de Deus só pode ser a perfeição, e a perfeição só nele existe. Deus é, então, pensamento do pensamento. Mas, apesar de imóvel, Deus move o Universo. É por isso que ele é o motor imóvel. E é o primeiro motor imóvel, porque abaixo dele existem outros motores imóveis, que são as estrelas fixas e os seres em ato, ou seja, as almas. Estas, na verdade, movem os corpos da mesma maneira que Deus move o Universo: pela atração. Deus atrai o Cosmos como a criatura amada atrai o amante. Todas as coisas sobem para Deus, atraídas pela sua perfeição.

Todos os seres têm a idéia de Deus em si, e a própria matéria, que não pode pensar, entretanto aspira a Deus, motivo por que aspira à forma, que a aproximará de Deus. Há, pois, na matéria, um desejo latente, pelo qual Deus a move. Mas Deus não tem consciência da existência do Cosmos. Pensamento do pensamento, imerso em si mesmo, na absoluta perfeição, como poderia ele pensar o imperfeito? Deus também não criou o mundo, que é tão eterno como ele. Mas, na sua perfeição absoluta, ele é a finalidade do mundo. Assim também a alma, que na sua parte superior, o espírito, é inteligência pura, move o corpo atraindo-o para ela. Cosmologia e Psicologia se confundem. E a evolução, a ascensão de tudo para Deus, a transformação contínua da indeterminação da matéria na determinação da forma, fazem do universo aristotélico um mundo de mutações teleológicas que antecede de muito o surto evolucionista do século XVIII europeu.

Dessa psicologia cósmica resulta uma ética também de sentido cósmico, que se assenta no equilíbrio. Aristóteles não participa da idéia socrática de que o conhecimento é a virtude, mas subordina uma coisa à outra. O conhecimento é função do pensamento, e a moral é função da vontade. Mas, como o Bem não pode ser alguma coisa contrária à razão, é evidente que o saber orienta a vontade. Existem, pois, duas classes de virtudes: as *dianoéticas* ou racionais, e as *éticas* ou práticas, volitivas. Estas consistem na manu-

tenção do equilíbrio entre as paixões e os impulsos, na moderação, porque a virtude está no meio-termo. A subordinação da moral à razão torna possível o ensino da virtude.

Da ética individual resulta a ética política, pois o Estado é uma consequência da atividade individual. Mas, ao mesmo tempo, o Estado é o todo no qual se inclui o indivíduo, a ele subordinado. Ninguém pode viver fora do Estado, a não ser um deus ou uma fera, pois o Homem é um animal político. O fim do Estado é o bem-estar dos indivíduos. Aristóteles reconhece a existência de três formas típicas de Estado, seguidas de suas formas típicas de degeneração: a Monarquia, que pode degenerar em tirania; a Aristocracia, em oligarquia; e a Democracia, em demagogia.

Quanto é exato esse esquema dos contrários, pode ser verificado agora mesmo, pelo leitor que pensar na situação a que chegou a nossa democracia. E por fim temos a Poética, que é a última disciplina filosófica do sistema aristotélico, dando-nos o conceito estético de Arte como mimese, representação das coisas na sua idealidade, sem a limitação da matéria.

### A ÚLTIMA VIAGEM

Concluída a digressão peripatética, voltemos à vida do filósofo, para contar sua última viagem. Em 323, com a morte de Alexandre, a situação política de Atenas sofreu grande mudança, e o Partido Nacional ateniense, considerando o filósofo suspeito, por suas relações com os macedônios, o teria intimado a deixar a cidade. Aristóteles se retirou para Eubéia, onde possuía uma propriedade que a mãe lhe deixara de herança. Ali, um ano depois, falecia, com 62 anos de idade, vítima de um mal do estômago, que há tempos o perseguia.

Não é essa, porém, a versão registrada por Diógenes Laércio, que se apóia em informação de Favorino, nas suas *Histórias Várias*. Segundo essa versão, Aristóteles fora acusado pelo sacerdote Eurimedonte, presidente dos sacrifícios a Deméter, ou pelo sacerdote Demófilo, de haver praticado a heresia de sacrificar à beleza mortal de sua mulher Herpilis, bem como de prestar louvores devidos aos deuses, ao tirano Hermias. Diante da acusação, o filósofo teria fugido para Eubéia. Léon Robin também registra a acusação “de impiedade por motivos fúteis”, o que obrigara o filósofo “a deixar o Liceu nas mãos de Teofrasto, para se refugiar na Cálcsa”, na ilha de Eubéia.

Eumelo, no livro V de suas *Histórias*, segundo registra Laércio, afirma que Aristóteles morreu em Atenas, bebendo uma dose de acônito, para fugir à condenação por impiedade. Laércio faz mesmo um epigrama sobre esse suicídio heróico. Mas Eumelo engana-se em vários pontos sobre a vida de Aristóteles, e sua informação é posta em dúvida.

Consta ainda que o filósofo teria se defendido da acusação, produzindo ele mesmo a sua defesa, à maneira de Sócrates, e que ao fugir de Atenas justificara sua atitude dizendo que desejava evitar que os atenienses praticassem novo sacrilégio contra a Filosofia. Windelband acredita que essas histórias foram inventadas, com o propósito de apresentar o fim de Aristóteles semelhante ao de Sócrates. Prevalece a opinião de que o estagirita mor-

reu da maneira mais comum, de uma doença do estômago, após fugir da ferveira de Atenas, na revolta contra os macedônios.

## 4 - A FILOSOFIA ESPÍRITA

### PRECURSORES

**Sócrates e Platão, Precursores da Doutrina Cristã e do Espiritismo – (Alocução de Allan Kardec na Introdução de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Edições FEESP, Tradução de José Herculano Pires).**

Da suposição de que Jesus devia conhecer a seita dos Essênios, seria errado concluir que Ele bebeu nessa seita a sua Doutrina, e que, se tivesse vivido em outro meio, professaria outros princípios. As grandes idéias não aparecem nunca de súbito. As que têm a verdade por base contam sempre com precursores, que lhes preparam parcialmente o caminho. Depois, quando o tempo é chegado, Deus envia um homem com a missão de resumir, coordenar e completar os elementos esparsos, com eles formando um corpo de doutrina. Dessa maneira, não tendo surgido bruscamente, a doutrina encontra, ao aparecer, espíritos inteiramente preparados para a aceitar. Assim aconteceu com as idéias cristãs, que foram pressentidas muitos séculos antes de Jesus e dos Essênios, e das quais foram Sócrates e Platão os principais precursores. Sócrates, como o Cristo, nada escreveu, ou pelo menos nada deixou escrito. Como o Cristo, teve a morte dos criminosos, vítima do fanatismo, por haver atacado as crenças tradicionais e colocado a verdadeira virtude acima da hipocrisia e da ilusão dos formalismos, ou seja, por haver combatido os preconceitos religiosos. Assim como Jesus foi acusado pelos Fariseus de corromper o povo com seus ensinamentos, ele também foi acusado pelos Fariseus do seu tempo – pois que os têm havido em todas as épocas – de corromper a juventude, ao proclamar o dogma da unicidade de Deus, da imortalidade da alma e da existência da vida futura. Da mesma maneira porque hoje não conhecemos a Doutrina de Jesus senão pelos escritos dos seus discípulos, também não conhecemos a de Sócrates, senão pelos escritos do seu discípulo Platão. Consideramos útil resumir aqui os seus pontos principais, para demonstrar sua concordância com os princípios do Cristianismo.

Aos que encararem este paralelo como uma profanação, pretendendo não ser possível haver semelhanças entre a doutrina de um pagão e a do Cristo, responderemos que a doutrina de Sócrates não era pagã, pois tinha por finalidade combater o paganismo, e que a doutrina de Jesus, mais completa e mais depurada que a de Sócrates, nada tem que perder na comparação. A grandeza da missão divina do Cristo não poderá ser diminuída. Além disso, trata-se de fatos históricos, que não podem ser escondidos. O homem atingiu um ponto em que a luz sai por si mesma de baixo do alqueire e o encontra maduro para a enfrentar. Tanto pior para os que temem abrir os olhos. É chegado o tempo de encarar as coisas do alto e com amplitude, e não mais do ponto de vista mesquinho e estreito dos interesses de seitas e de castas. Estas citações provarão, além disso, que, se Sócrates e Platão pressentiram as idéias cristãs, encontram-se igualmente na sua doutrina os princípios fundamentais do Espiritismo.

**Resumo da Doutrina de Sócrates e Platão:**



I – O homem é *uma alma encarnada*. Antes de sua encarnação, ela existia junto aos modelos primordiais, às idéias do verdadeiro, do bem e do belo. Separou-se deles ao encarnar-se, e, *lembrando seu passado*, sente-se mais ou menos atormentada pelo desejo de a eles voltar.

*Não se pode enunciar mais claramente a distinção e a independência dos dois princípios, o inteligente e o material. Além disso, temos aí a doutrina da preexistência da alma; da vaga intuição que ela conserva, da existência de outro mundo, ao qual aspira; de sua sobrevivência à morte do corpo; de sua saída do mundo espiritual, para encarnar-se; e da sua volta a esse mundo, após a morte. É, enfim, o germe da doutrina dos anjos decaídos.*

II – A alma se perturba e confunde, quando se serve do corpo para considerar algum objeto; sente vertigens, como se estivesse ébria, porque se liga a coisas que são, por sua natureza, sujeitas a transformações. Em vez disso, quando contempla sua própria essência, ela se volta para o que é puro, eterno, imortal, e, sendo da mesma natureza, permanece nessa contemplação tanto tempo quanto possível. Cessam, então, as suas perturbações, e esse estado da alma é o que chamamos de *sabedoria*.

*Assim, o homem que considera as coisas de baixo, terra-a-terra, do ponto de vista material, vive iludido. Para apreciá-las com justeza, é necessário vê-las do alto, ou seja, do ponto de vista espiritual. O verdadeiro sábio deve, portanto, de algum modo, isolar a alma do corpo, para ver com os olhos do espírito. É isso o que ensina o Espiritismo. (Cap. II no.5).*

III – Enquanto tivermos o nosso corpo, e a nossa alma encontrar-se mergulhada nessa corrupção, jamais possuiremos o objeto de nossos desejos: a verdade. De fato, o corpo nos oferece mil obstáculos, pela necessidade que temos de cuidar dele; além disso, ele nos enche de desejos, de apetites, de temores, de mil quimeras e de mil tolices, de maneira que, com ele, é impossível sermos sábios por um instante. Mas, se nada se pode conhecer puramente, enquanto a alma está unida ao corpo, uma destas coisas se impõe: ou que jamais se conheça a verdade, ou que se conheça após a morte. Livres da loucura do corpo, então conversaremos, é de esperar, com homens igualmente livres, e conheceremos por nós mesmos a essência das coisas. Eis porque os verdadeiros filósofos se preparam para morrer e a morte não lhes parece de maneira alguma temível. (*O Céu e o Inferno*, 1<sup>a</sup>. parte, cap. 2<sup>o</sup>., e 2<sup>a</sup>. parte, cap. 1<sup>o</sup>).

*Temos aí o princípio das faculdades da alma, obscurecidas pela mediação dos órgãos corporais, e da expansão dessas faculdades depois da morte. Mas trata-se, aqui, das almas evoluídas, já depuradas, não acontece o mesmo com as almas impuras.*

IV – A alma impura, nesse estado, encontra-se pesada, e é novamente arrastada para o mundo visível, pelo horror do que é invisível e imaterial. Ela erra, então, segundo se diz, ao redor dos monumentos e dos túmulos, junto dos quais foram vistos às vezes fantasmas tenebrosos, como devem ser as imagens das almas que deixaram o corpo, sem estarem inteiramente puras, e que conservam alguma coisa da forma material, o que permite aos nossos olhos percebê-las. Essas não são as almas dos bons, mas as dos maus,

que são forçadas a errar nesses lugares, onde carregam as penas de sua vida passada, e onde continuam a errar, até que os apetites inerentes à sua forma material as devolvam a um corpo. Então, elas retomam, sem dúvida, os mesmos costumes que, durante a vida anterior, eram de sua predileção.

*Não somente o princípio da reencarnação está aqui claramente expresso, mas também o estado das almas que ainda estão sob o domínio da matéria é descrito tal como o Espiritismo o demonstra nas evocações. E há mais, pois, afirma-se que a reencarnação é uma consequência da impureza da alma, enquanto as almas purificadas estão livres dela. O Espiritismo não diz outra coisa, apenas acrescenta que a alma que tomou boas resoluções na erraticidade, e que tem conhecimentos adquiridos, trará menos defeitos ao renascer, mais virtudes e mais idéias intuitivas do que na existência precedente, e que, assim, cada existência marca para ela um progresso intelectual moral. (O Céu e o Inferno, 2<sup>a</sup>. parte: exemplos.)*

V – Após a nossa morte, o gênio (*daimon, démon*) que nos havia sido designado durante a vida, nos leva a um lugar onde se reúnem todos os que devem ser conduzidos ao *Hades*, para o julgamento. As almas, depois de permanecerem no *Hades* o tempo necessário, são reconduzidas a esta vida, por numerosos e longos períodos.

*Esta é a doutrina dos Anjos Guardiães ou Espíritos protetores, e das reencarnações sucessivas, após intervalos mais ou menos longos de erraticidade.*

VI - Os demônios preenchem o espaço que separa o céu da terra; são o laço que liga o Grande Todo consigo mesmo. A divindade não entra jamais em comunicação direta com os homens, mas é por meio dos demônios que os deuses se relacionam e conversam com eles, seja durante o estado de vigília, seja durante o sono.

*A palavra daimon, da qual se originou demônio, não era tomada no mau sentido pela antigüidade, como entre os modernos. Não se aplicava essa palavra exclusivamente aos seres malfazejos, mas aos Espíritos em geral, entre os quais se distinguem os Espíritos superiores, chamados deuses, e os Espíritos menos elevados, ou demônios propriamente ditos, que se comunicavam diretamente com os homens. O Espiritismo ensina também que os Espíritos povoam o espaço; que Deus não se comunica com os homens senão por intermédio dos Espíritos puros, encarregados de nos transmitir a sua vontade; que os Espíritos se comunicam conosco durante o estado de vigília e durante o sono. Substituí a palavra demônio pela palavra Espírito, e tereis a Doutrina Espírita; ponde a palavra anjo, e tereis a doutrina cristã.*

VII – A preocupação constante do filósofo (tal como o compreendem Sócrates e Platão) é a de ter o maior cuidado com a alma, menos em vista desta vida, que é apenas um instante, do que em vista da eternidade. Se a alma é imortal, não é sábio viver com vistas à eternidade?

*O Cristianismo e o Espiritismo ensinam a mesma coisa.*

VIII – Se a alma é imaterial, ela deve passar, após esta vida, para um mundo igualmente invisível e imaterial, da mesma maneira que o corpo, ao

se decompor, retorna à matéria. Importa somente distinguir bem a alma pura, verdadeiramente imaterial, que se nutre, como Deus, da ciência e de pensamentos, da alma *mais ou menos* manchada de impurezas materiais, que a impedem de elevar-se ao divino, retendo-a nos lugares de sua passagem pela terra.

*Sócrates e Platão, como se vê, compreendiam perfeitamente os diferentes graus de desmaterialização da alma. Eles insistem sobre as diferenças de situação que resultam para ela, de sua maior ou menor pureza. Isso que eles diziam por intuição, o Espiritismo o prova, pelos numerosos exemplos que nos põe diante dos olhos. (O Céu e o Inferno, 2<sup>a</sup>. parte).*

IX – Se a morte fosse a dissolução total do homem, isso seria de grande vantagem para os maus, que, após a morte estariam livres, ao mesmo tempo, de seus corpos, de suas almas e de seus vícios. Aquele que adornou sua alma, não com enfeites estranhos, mas com os que lhe são próprios, somente poderá esperar com tranquilidade a hora de sua partida para o outro mundo.

*Em outros termos, quer dizer que o materialismo, que proclama o nada pós a morte, seria a negação de toda responsabilidade moral ulterior, e por conseguinte um estímulo ao mal; que o malvado tem tudo a ganhar com o nada; que o homem que se livrou dos seus vícios e se enriqueceu de virtudes é o único que pode esperar tranquilamente o despertar na outra vida. O Espiritismo nos mostra, pelos exemplos que diariamente nos põe ante os olhos, quanto é penosa para o malvado a passagem de uma para a outra vida, a entrada na vida futura. (O Céu e o Inferno, 2<sup>a</sup>. parte, cap. 1<sup>o</sup>).*

X – O corpo conserva os vestígios bem marcados dos cuidados que se teve com ele ou dos acidentes que sofreu. Acontece o mesmo com a alma. Quando ela se despoja do corpo, conserva os traços evidentes de seu caráter, de seus sentimentos, e as marcas que cada um dos seus atos lhe deixou. Assim, a maior desgraça que pode acontecer a um homem, é a de ir para o outro mundo com uma alma carregada de culpas. Tu vês, Cálicles, que nem tu, nem Pólus, nem Górgias, poderíeis provar que se deve seguir outra vida que nos seja mais útil, quando formos para lá. De tantas opiniões diversas, a única que permanece inabalável é a de que *mais vale sofrer que cometer uma injustiça*, e que antes de tudo devemos aplicar-nos, não a parecer, mas a ser um homem de bem. (Conversações de Sócrates com os discípulos na prisão.)

*Aqui se encontra outro ponto capital, hoje confirmado pela experiência, segundo o qual a alma não purificada conserva as idéias, as tendências, o caráter e as paixões que tinha na terra. Esta máxima: Mais vale sofrer do que cometer uma injustiça, não é inteiramente cristã? É o mesmo pensamento que Jesus exprime por esta figura: “Se alguém te bater numa face, oferece-lhe a outra.” (Cap. XII, Mateus, V: 38-42 e ns. 7 e 8).*

XI – De duas, uma: ou a morte é a destruição absoluta, ou é a passagem da alma para outro lugar. Se tudo deve extinguir-se, a morte é como uma dessas raras noites que passamos sem sonhar e sem nenhuma consciência de nós mesmos. Mas se a morte é apenas uma mudança, a passagem para um lugar em que os mortos devem reunir-se, que felicidade a de ali reencon-

trar os nossos conhecidos! Meu maior prazer seria o de examinar de perto os habitantes dessa morada, e dentre eles distinguir, como aqui, os que são sábios dos que crêem sê-lo e não o são. Mas já é tempo de partirmos, eu para morrer e vós para viver. (Sócrates a seus julgadores).

*Segundo Sócrates, os homens que viveram na terra encontram-se depois da morte e se reconhecem. O Espiritismo no-los mostra continuando suas relações, de tal maneira que a morte não é uma interrupção, nem uma cessação da vida, sem solução de continuidade, mas uma transformação.*

*Sócrates e Platão, se tivessem conhecido os ensinamentos que o Cristo daria quinhentos anos mais tarde, e os que o Espiritismo hoje nos dá, não teriam falado de outra maneira. Nisso, nada há que nos deva surpreender, se considerarmos que as grandes verdades são eternas, e que os Espíritos adiantados devem tê-las conhecido antes de vir para a terra, para onde as trouxeram. Se considerarmos ainda que Sócrates, Platão, e os grandes filósofos do seu tempo, podiam estar, mais tarde, entre aqueles que secundaram o Cristo na sua divina missão, sendo escolhidos precisamente porque estavam mais aptos do que outros a compreenderem os seus sublimes ensinamentos. E que eles podem, por fim, participar hoje da grande plêiade de Espíritos encarregados de vir ensinar aos homens as mesmas verdades.*

XII – Não se deve nunca retribuir a injustiça com a injustiça, nem fazer mal a ninguém, qualquer que seja o mal que nos tenham feito. Poucas pessoas, entretanto, admitem esse princípio, e as que não concordam com ele só podem desprezar-se umas às outras.

*Não é este o princípio da caridade, que nos ensina a não retribuir o mal com o mal e a perdoar aos inimigos?*

XIII – É pelos frutos que se conhece a árvore. É necessário qualificar cada ação, segundo o que ela produz: chamá-la má, quando a sua consequência é má, e boa, quando produz o bem.

*Esta máxima: “É pelos frutos que se conhece a árvore”, encontra-se textualmente repetida, muitas vezes, no Evangelho.*

XIV – A riqueza é um grande perigo. Todo homem que ama a riqueza, não ama nem a ele nem ao que possui, mas ama uma coisa que é ainda mais estranha do que aquilo que ele possui. (Cap. XVI).

XV – As mais belas preces e os mais belos sacrifícios agradam menos à Divindade do que uma alma virtuosa que se esforça por assemelhar-se a ela. Seria coisa grave que os deuses se interessassem mais pelas nossas oferendas do que pelas nossas almas. Dessa maneira, os maiores culpados poderiam conquistar os seus favores. Mas não: pois só são verdadeiramente retos e justos os que, por suas palavras e seus atos, cumprem o que devem aos deuses e aos homens. (Cap. X ns. 7 e 8).

XVI – Chamo de homem vicioso ao amante vulgar, que ama mais ao corpo que à alma. O amor está por toda a natureza, e incita-nos a exercer a nossa inteligência: encontramos-lo até mesmo no movimento dos astros. É o amor que adorna a natureza com suas ricas alfombras; ele se enfeita e fixa a

sua morada onde encontra flores e perfumes. É ainda o amor que traz a paz aos homens, a calma ao mar, o silêncio aos ventos e sono à dor.

*O amor, que deve unir os homens por um sentimento de fraternidade, é uma consequência dessa teoria de Platão sobre o amor universal, como lei da natureza. Sócrates, tendo dito que “o amor não é um deus nem um mortal, mas um grande demônio”, ou seja, um grande Espírito que preside ao amor universal, esta afirmação lhe foi, sobretudo, imputada como crime.*

XVII – A virtude não pode ser ensinada; ela vem por um dom de Deus aos que a possuem.

*É quase a Doutrina cristã sobre a graça. Mas se a virtude é um dom de Deus, é um favor; pode perguntar-se por que ela não é concedida a todos. De outro lado, se ela é um dom, não há mérito da parte daquele que a possui. O Espiritismo é mais explícito. Ele ensina que aquele que a possui, a adquiriu pelos seus esforços nas vidas sucessivas, ao se livrar pouco a pouco das suas imperfeições. A graça é a força que Deus concede a todo homem de boa vontade, para se livrar do mal e fazer o bem.*

XVIII - Há uma disposição natural, em cada um de nós, para nos apercebermos bem menos dos nossos defeitos, do que dos defeitos alheios.

*O Evangelho diz: “Vês a aresta no olho do teu irmão, e não vês a trave no teu?” (Cap. X, Mateus, VII: 3-5 ns. 9 e 10).*

XIX – Se os médicos fracassam na maior parte das doenças, é porque tratam do corpo sem a alma, e porque, se o todo não se encontra em bom estado, é impossível que a parte esteja bem.

*O Espiritismo oferece a chave das relações entre a alma e o corpo, e prova que existe incessante reação de um sobre o outro. Ele abre, assim, novo caminho à ciência: mostrando-lhe a verdadeira causa de certas afecções, dá-lhe os meios de combatê-las. Quando ela levar em conta a ação do elemento espiritual na economia orgânica, fracassará menos.*

XX – Todos os homens, desde a infância, fazem mais mal do que bem.

*Estas palavras de Sócrates tocam a grave questão da predominância do mal sobre a terra, questão insolúvel sem o conhecimento da pluralidade dos mundos e ao destino da terra, onde se encontra apenas uma pequena fração da Humanidade. Só o Espiritismo lhe dá solução, que é desenvolvida logo adiante, nos capítulos II, III e V (O Evangelho Segundo o Espiritismo).*

XXI – A sabedoria está em não pensares que sabes aquilo que não sabes.

*Isto vai endereçado àqueles que criticam as coisas de que, frequentemente, nada sabem. Platão completa este pensamento de Sócrates, ao dizer: “Tentemos primeiro torná-los, se possível, mais honestos nas palavras; se não o conseguirmos, não nos ocupemos mais deles e não busquemos mais do que a verdade. Tratemos de nos instruir, mas não nos aborreçamos.” É*

*assim que devem agir os espíritas, com relação aos seus contraditores de boa ou de má fé. Se Platão revivesse hoje, encontraria as coisas mais ou menos como no seu tempo, e poderia usar a mesma linguagem. Sócrates também encontraria quem zombasse de sua crença nos Espíritos e o tratasse de louco, assim como ao seu discípulo Platão.*

*Por haver professado esses princípios, Sócrates foi primeiro ridicularizado, depois acusado de impiedade e condenado a beber cicuta. Tanto é certo, que as grandes verdades novas, levantando contra elas os interesses e os preconceitos que ferem, não podem ser estabelecidas sem lutas e sem mártires.*

\*

**Princípios e regras socráticos – (Síntese elaborada por Carlos Toledo Rizzini em seu livro “Evolução Para o Terceiro Milênio”, Editora EDICEL, DF, Volume 1, 8ª. edição, 1990, págs. 285/6).**

(...) Das exposições precedentes, extraídos dos três citados diálogos platônicos, pode-se, sem dificuldade, enunciar uma série de preceitos éticos e religiosos propostos por Sócrates, ao final de sua longa vida, após prolongada experimentação no trato com os seus semelhantes e em face da situação-teste representada pela acusação, julgamento, condenação e execução (notável semelhança com a vida e morte de Cristo).

I. CRÍTON (princípios morais) – 1. Guiar-se pela razão, usando o raciocínio. 2. Não se conduzir pela opinião da maioria, mesmo forçado, mas fazer o que julgar direito. 3. Respeitar os princípios aceitos como válidos, salvo se princípios superiores forem propostos e demonstrados. 4. Não levar em conta as possíveis conseqüências desagradáveis dos atos ditados pelos princípios prescritos pela razão. 5. Respeitar as leis vigentes; discordando delas, o certo é procurar outro lugar, com leis diferentes, para viver. 6. O primeiro princípio de ação é este: não prejudicar a ninguém e não pagar o mal com o mal – nem a si mesmo. 7. Pensar primeiro na justiça e, depois, nos interesses pessoais (cf. 10 e 15). 8. Cumprir a vontade de Deus.

II. APOLOGIA (idem) – 9. Obediência ao Poder Supremo, Deus acima de tudo. 10. Colocar, acima do temor da morte, a justiça e a virtude. 11. Cuidar do auto-aperfeiçoamento através do conhecimento de si mesmo: procurar ser cada vez melhor mediante o esforço necessário. 12. Dar o devido valor aos bens materiais sem apegar-se a eles. 13. Revestir-se de humildade, reconhecendo a própria ignorância e não se julgando superior ao que é. 14. Respeitar os outros e a si mesmo, embora pondo a vontade divina acima de todos. 15. Promover o bem desinteressadamente.

III – FÉDON (princípios religiosos) – 16. A morte só é temível para quem viveu no apego à vida material, disputando prazeres, riquezas e honrarias. 17. Numerosos são os chamados e raros os escolhidos. 18. A sorte das almas boas, no além-túmulo é a melhor. 19. A única solução para os males

humanos é tornar-se o melhor possível. 20. A alma nada mais leva consigo do que a formação moral que adquiriu em vida. 21. As almas materializadas, em virtude do seu modo de vida na Terra sofrem muito e precisam reencarnar. 22. É o próprio homem quem fabrica e reforça as cadeias do mal, às quais se prende voluntariamente. 23. Sendo a alma imortal, é grave perigo não cuidar dela enquanto é tempo. 24. A grande regra de ação é esta: cuidar de si mesmo, realizando as tarefas por amor e esforçando-se para viver sem apego demasiado às coisas do mundo material.

\*

**QUINTA PARTE**

**1 - EPICURO**

**2 - A CULTURA HELÊNICA**

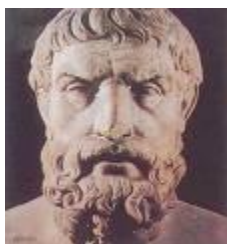
**3 – O DESENVOLVIMENTO DAS CIÊNCIAS**

**4 – A CONTRIBUIÇÃO DE ROMA**

**5 - PLOTINO**



\*



## 1 - EPICURO

(Aprox. 341 a.C. – 270 a.C.)

### Livro: Os Filósofos. J. Herculano Pires

A História tem caprichos estranhos, e um dos mais estranhos, por certo foi o da ligação entre Aristóteles e Alexandre. Durante três anos o filósofo procurou educar o guerreiro, iniciá-lo nos segredos da sabedoria, e este, como um potro selvagem, manteve intacta a sua liberdade. Dos treze aos dezesseis, na fase mais rebelde da vida, quando o adolescente enfrenta o problema de conquistar-se a si mesmo, Alexandre sofreu o assédio do filósofo. Mas nem por isso passou a odiá-lo. Aristóteles parece ter compreendido bem a inutilidade da sua tarefa, convertendo-a logo num processo diferente, talvez de discussões sobre os problemas da vida e do mundo. Somente assim se compreende a estima que perdurou entre ambos, o mútuo respeito, que permitiu a Aristóteles realizar a sua obra, enquanto Alexandre cuidava da expansão do reino.

Mas o curioso nesse episódio é que cada um deles tinha um papel bem nítido a desempenhar, no inventário gigantesco da civilização grega. A Aristóteles cabia formular a síntese formidável da filosofia helênica, para nela salvar, como numa arca diluviana, o mundo em naufrágio. A Alexandre cabia o apostolado civilizador, a disseminação da forma grega de vida, e portanto da cultura grega, pelo mundo antigo, abatendo os impérios bárbaros. Na Mesopotâmia, na Pérsia, na Síria, no Egito, na Índia, por toda parte, Alexandre semeou os germens de uma vida nova, que se irradiava das instituições gregas, paradoxalmente destruídas por seu pai Filipe e por ele mesmo. A *pólis* grega, que morrera com o domínio macedônico, multiplicou-se com Alexandre nas áreas imensas das suas conquistas. O que vale dizer que a Grécia vencida, antes de conquistar Roma, conquistara a Macedônia.

Em sentido inverso, porém, o domínio macedônico representou uma verdadeira subjugação do espírito grego. Aristóteles sustentou a idéia da Cidade-Estado e ainda pôde sonhar com uma política urbana, no estilo grego, no mesmo instante em que seu discípulo Alexandre substituíu o sistema urbano pelo imperial. Mas Aristóteles foi o último representante do pensamento grego, o seu remate final. Depois dele, o mundo submerso pelo poder macedônico transformou-se num caos,

em que as influências helênicas se diluíam nas mais estranhas misturas com os costumes e as superstições bárbaras. O poder, que Platão sonhara entregar nas mãos dos sábios, da alma racional, caíra violentamente nas mãos dos ambiciosos, de alma concupiscente.

De certa maneira, o fato de Aristóteles não ter conseguido impor-se a Alexandre representa o predomínio das partes inferiores da alma no mundo de então. Aristóteles era a cabeça, a alma racional; Alexandre era o coração e as vísceras, o ardor e a concupiscência. Vencendo Alexandre, a cabeça limitou-se a irradiar em silêncio as suas idéias, que elaboraram no ostracismo as novas formas dos velhos sonhos doirados da política platônica.

Nesse mundo em transição, a Filosofia não conseguiu manter as suas antigas posições. Deixou de lado as indagações supremas e as pretensões sociais, para se refugiar na última fuma que lhe sobrava: a do individualismo grego. Os sistemas helenísticos de Filosofia, que mais parecem esquemas escolares, diante dos grandiosos sistemas gregos, atestam a aridez mental do tempo.

Nenhuma figura simboliza melhor essa transformação do que a de Diógenes, o Cínico, discípulo de Antístenes. Diógenes abandonou a *pólis* pelo tonel. Deixou a sociedade pela fuma individual. E hoje sabemos que não foi propriamente um tonel, mas um vaso funerário, um enorme cântaro, o seu estranho refúgio. Nada exemplifica melhor a situação: a Filosofia se refugiava no túmulo.

Certa vez, Alexandre aproximou-se do filósofo e perguntou-lhe se desejava alguma coisa. Alexandre era o senhor do tempo, suas mãos poderiam transformar o cântaro de Diógenes num liceu aristotélico. Mas o filósofo, como sabemos, pediu-lhe apenas que não lhe tirasse o que não lhe podia dar: a luz do sol, que Alexandre interceptava.

O cinismo de Diógenes não se assemelhava em nada ao que hoje conhecemos por essa palavra. Muito pelo contrário: cínico quer dizer simplesmente canino, e Diógenes era cínico porque resolvera viver como um cão. Ele aprendera com Antístenes a desprezar a fatuidade ( vaidade) humana. E se colocava assim, em frente ao poder de Alexandre, como um símbolo da revolta da alma racional contra o predomínio do apetite. Com Diógenes, surgia a primeira forma de filosofia helenística, o CINISMO, já sistematizado por Antístenes, que fora discípulo dos sofistas e de Sócrates, mas somente com DIÓGENES se projetando no mundo. Um discípulo deste, Teles, tornou-se famoso pelas suas peregrinações, discursando de vila em vila, com seu manto curto e seu bordão de mendigo.

Zeller considera os cínicos “os capuchinhos (religioso de um ramo da ordem mendicante saída dos Frades Menores) da Antigüidade”. Mas dos CÍNICOS vão surgir os CÉTICOS, com um dos componentes do exército de Alexandre na invasão das Índias, que se torna o sistematizador da nova doutrina: PIRRO, de Elis. Parece que nada escreveu, mas predicou bastante, ensinando que nada vale nada e que o Homem deve

conformar-se com todas as situações. Por outro lado, nada é cognoscível e a sabedoria está em se saber que nada se sabe nem se poderá saber. O importante, pois, era simplesmente viver.

Destas teorias do desencanto vão surgir as duas formas mais importantes da Filosofia da época helenística: a do ESTOICISMO, com ZENÃO de Cítio, discípulo do cínico Crates, de Atenas, e a do EPICURISMO, com EPICURO, uma das figuras mais notáveis de toda a História da Filosofia. Podemos dizer que Epicuro, senão por sua doutrina, pelo menos por sua personalidade e por sua vida, salva o desencanto e a desolação dessa fase crepuscular da filosofia antiga.

Zenão instalou sua escola no Pórtico das Pinturas, a *Stoa Poikilé*; e da palavra *Stoa* derivou-se o nome da doutrina (ESTOICISMO). Léon Robin entende que nesse tempo, cerca do ano 300 a.C., já Epicuro ensinava no seu jardim. Como vemos, a Filosofia, graças aos processos de limitação e acomodação do Cinismo e do Ceticismo, conseguiu sair da fumaça, para de novo se enfeitar nos pórticos e nos jardins. Mas não era mais do que uma jovem plebéia e bastarda, que procurava em vão lembrar a sua linhagem nobre. Veremos, com Epicuro, quanto o seu pobre jardim particular difere das alamedas aristotélicas do Liceu e do jardim público de Academus, em que floresceu o Platonismo.

### OS FILÓSOFOS DO JARDIM

Tratamos da linhagem socrática da filosofia grega e pudemos mostrar a sua seqüência coerente, o seu desenvolvimento harmônico. Existe também uma linhagem democrática, mas sem a coerência nem o desenvolvimento daquela. Demócrito não teve um Platão e um Aristóteles para prosseguir o seu trabalho, e só muito mais tarde, depois de já encerrado o ciclo do pensamento grego, surgiu o seu continuador: Epicuro. Mas este não era um filho nem um herdeiro direto do seu espírito. Era antes um beneficiário estranho e ingrato, que negou a sua origem e criticou Demócrito.

De qualquer maneira, porém, foi ele quem assegurou a existência de uma linha democrática de pensamento, linha que vai firmar-se em Roma com Lucrecio, e na época moderna com Pierre Gassend, na França do século XVII. Significativo o fato de Gassend ter sido, não apenas filósofo, mas também físico. Ele aparece, assim, como perfeito traço de união entre Demócrito e o atomismo atual, senão de maneira efetiva, pelo menos em sentido simbólico. A Demócrito estava reservado mais que um desenvolvimento filosófico: uma confirmação científica.

Epicuro, entretanto, aparece na linhagem democrática de maneira estranha. Reunindo em sua doutrina as contribuições fundamentais do atomismo abderita e do hedonismo cirenaico, pende mais para este, afastando-se da orientação científica. Sua escola de Atenas parecia-se mais com um convento religioso, uma comunidade órfica, de tipo pitagórico, do que um instituto de ensino pós-aristotélico.

Numa época em que a influência de Aristóteles se fazia sentir na orientação científica dos estudos, Epicuro, herdeiro de Demócrito, refugiava-se no Hedonismo (Hedonismo de Epicuro: a maior felicidade na vida humana consiste na ausência da dor e em eliminar os prazeres, pois a meta da vida deve consistir na tranqüilidade, na imperturbabilidade do corpo, da mente e do espírito), forjando a sua ética individualista. Mas essa atitude correspondia melhor aos sentimentos de incerteza e descrença do povo, e muitos foram os interessados no seu ensino. Os discípulos de Epicuro tornaram-se *os filósofos do jardim*. E a sua filosofia realmente floresceu, espalhando-se facilmente, como uma doutrina moral em que os homens encontravam forças para enfrentar a aridez da época.

Epicuro nasceu em Samos, cerca de 341. Na ilha pitagórica, começou bem cedo a interessar-se pela Filosofia. Ainda na adolescência, foi discípulo de Pânfilo, platônico, do qual não gostou. Logo mais, seus pais deixaram Samos, dirigindo-se a Teos, na Ásia Menor. Epicuro, que se encontrava em Atenas, foi reunir-se à família. Parece que então recebe as primeiras lições de Nausífanos, discípulo de Demócrito, que lhe transmitiu os segredos da constituição atômica do Universo.

A seguir, a família se transfere para Cólofon, e Epicuro se entrega então à meditação própria, ansioso por construir a sua doutrina autônoma. Tem a cabeça ardendo com os princípios do Platonismo e os ouvidos zumbindo com o rumor dos átomos de Demócrito. Mas não quer submeter-se a nenhuma dessas forças que o disputam. Há de ser ele mesmo a descobrir a sua própria verdade. Mas além de Platão e Demócrito, outra influência, bastante perigosa, já se infiltrara em sua mente: a de Pirro, através do próprio Nausífanos. Em Atenas, embora numa passagem rápida, ouvira também Xenócrates, segundo entende Léon Robin.

Entre os dezoito e os vinte anos – tendo se iniciado na Filosofia aos catorze – Epicuro é um jovem ambicioso e sonhador, que se dispõe a enfrentar o oceano da sabedoria com os seus próprios braços, e se nega a reconhecer que já tem amarrados a esses e às pernas os salvavidas do Platonismo, do Atomismo e do próprio Cinismo, dos quais jamais se libertará.

Em 310, já homem feito, Epicuro, que de acordo com esses dados levava dez anos elaborando a sua doutrina, apresenta-se em Mitilene como professor de Filosofia, e dali passa para Lâmpsaco, conquistando verdadeiro êxito com os seus ensinamentos. Nessa cidade da Mísia conquista os seus discípulos e amigos mais leais, Metrodoro, Polieno e Hemarco, que o seguem para Atenas, quando em 306 resolveu mudar para lá a sua escola.

Foi então que adquiriu, por oito minas, um jardim, ao que parece, distante de sua casa, para instalar o seu instituto. Esse fato basta para provar o êxito de Epicuro em Lâmpsaco, pois já estava em condições, não só de mudar-se para Atenas, como também de instalar-se

com seus próprios recursos. Curioso notar-se que o pai do filósofo era um mestre-escola, e a mãe uma exorcista, ou seja, uma curadeira. O próprio Epicuro foi também mestre-escola, como se depreende deste epigrama agressivo de Témon, recolhido por Laércio:

*De Samos saiu O último físico, o impudente, O mestre-escola, O mais duro e brutal entre os mortais.*

Como se vê, Epicuro iniciou sua carreira de filósofo sob a zombaria e a crítica de adversários impiedosos. Sua posição histórica, aliás, é das mais curiosas. De um lado, atiram-lhe as mais tremendas acusações. De outro, louvam-no como a um deus. Diógenes Laércio enfileira ao mesmo tempo as duas coisas: uma série de acusações brutais, em que Epicuro aparece como um depravado, uma criatura indigna, e uma série de louvores que o elevam aos céus. O fato, porém, de haver Epicuro vivido, até a morte, cercado de amigos, discípulos e parentes que o amavam, basta para mostrar a falsidade das acusações.

O próprio Laércio, que viveu no III séc. a.C., diz que os acusadores de Epicuro “certamente deliravam”, e acrescenta: “pois são muitos os que atestam a equanimidade desse varão invicto”. Lembra que a pátria o honrou com estátuas de bronze; que seus amigos eram tantos, que “já não cabiam nas cidades”; que a sucessão de sua escola não sofreu interrupções, como as outras; que foi o grande amigo dos pais, dos irmãos e dos próprios escravos, chegando mesmo a ensinar Filosofia a estes.

O certo é que o mestre-escola de Samos chegou a conquistar a Grécia e o mundo. Tornou-se famoso por seu caráter amável, sua bondade, seu interesse constante pelos amigos, de que dá testemunho o seu próprio testamento, sua vida simples e frugal no jardim em que ensinava. Parece que as tremendas acusações que lhe faziam derivam de intrigas e chicanas filosóficas, particularmente dos seus adversários estóicos. Acusavam-no por receber em seu jardim os amigos com toda a família e também algumas cortesãs.

As cartas que escrevia, com espontaneidade, sem a rigidez e a reserva dos mestres, aos jovens e às mulheres, escandalizavam ou serviam de escândalo aos inimigos. Acusavam-no ao mesmo de tempo de gulodice e sensualismo, desregramentos de toda a espécie e “físico de constituição tão miserável, que por muitos anos não pôde levantar-se da cadeira”. A contradição é evidente, tanto mais quanto se sabe que Epicuro deixou nada menos de trezentos livros, tarefa gigantesca, que jamais poderia ter realizado, se fosse um desregrado ou enfermo, como o pintavam.

Entre os filósofos do Jardim aparecem os nomes de várias cortesãs: Marmaria, Hédia, Erócia, Nicídia. Parece que Epicuro foi o primeiro filósofo a não fazer distinções entre os que o procuravam para o aprendizado da Filosofia. Como a esse fato inusitado se juntava o sentido hedonista, sempre mal compreendido, da sua filosofia, não foi difícil imaginar-se e propagar-se uma série de fábulas a seu respeito. Por

outro lado, sua atitude para com os mestres contemporâneos ou do passado contrastava enormemente com sua afabilidade pessoal para com todos. Não somente repelia qualquer referência a mestres que pudesse ter tido, afirmando sempre que aprendera por si mesmo, como não poupava ápodos (zombarias) a Nausífanos, a Demócrito, a Platão e a Aristóteles.

Ao que parece, havia em seu espírito uma curiosa falha, que o incapacitava para as relações com pessoas iguais ou superiores. Talvez uma decorrência da sua falta de preparo, pois é evidente que não teve uma formação filosófica suficiente e mostrou-se irredutível na condenação à ciência desinteressada, que considerava inútil.

Windelband comenta: “A deficiência da preparação científica de Epicuro põe-se de manifesto na insegurança da sua maneira de expressar-se e no escasso rigor da sua argumentação, fazendo-se patente também no seu desprezo por toda atividade meramente teórica”. Dessa atitude agressiva devem também decorrer as reações mais diversas, dos próprios filósofos agredidos ou de seus discípulos e amigos, pois nada pior do que as querelas entre filósofos, na Antiguidade como agora.

Os filósofos do Jardim foram assim colocados na posição dos existencialistas modernos. Epicurismo, ou Existencialismo em nossos dias, passou a ter a significação popular de devassidão. Epicuro tornou-se o pregador da sensualidade, do prazer dos sentidos. O Jardim dos ensinamentos filosóficos apareceu como um antro de perdição, de “filosofia noturna e secreto conventículo” (reunião secreta, para fins malévolos), como o chamou Timócrates, irmão de Metrodoro.

Entretanto, Epicuro pregava a *ataraxia*, a busca do equilíbrio, da serenidade, da paz íntima, a fuga a todos os excessos, que perturbam o Homem e o levam ao desespero. Ensinou Filosofia a seus três irmãos: Néocles, Cheredeno e Aristóbulo, e a seu escravo Mus, “o tão celebrado”, como a ele se refere Laércio. Outros escravos também aprenderam com Epicuro, que a todos ensinava, sem distinção, a sua filosofia da vida. E basta conhecermos, mesmo em traços gerais, essa filosofia, para vermos que os seus acusadores faltaram com a verdade.

O Epicurismo revelou, mesmo depois da morte do filósofo, uma espantosa vitalidade. Ramificou-se por várias regiões e foi a primeira filosofia helenística a penetrar em Roma, conquistando adeptos ilustres, como Manílio Torquato, Pompônio Atico e o poeta Lucrecio. Foi numa vila da cidade soterrada de Herculano que se encontrou a primeira biblioteca epicuriana, atestando a profunda penetração da doutrina em Roma. Léon Robin nos informa que o Epicurismo conservou a sua vitalidade até princípios do quarto século da nossa era. E acrescenta: “No terceiro, a refutação da Física por Denis, bispo de Alexandria, e os rudes ataques de Lactâncio, atestam que foi ele para o Cristianismo um temível rival. E não o deixará de ser, até que os cristãos tenham em mãos o poder político.”

Vai aqui, por certo, uma acusação de violência cristã contra o Epicurismo, o que não deve estranhar, pois a História nos mostra quanto o fanatismo dos fins do terceiro século em diante se voltou contra as doutrinas chamadas pagãs, anulando-as por todos os meios possíveis. Epicuro tinha ainda de enfrentar essa nova luta, na qual, evidentemente, não lhe restava perspectiva de vitória. Apesar disso, vemos surgir na França do século dezessete o epicurista Gassend, espécie de fruto temporão do malsinado Jardim de Epicuro, onde escravos e mulheres da vida aprendiam Filosofia, antecipando a revolução social dos primeiros cenáculos cristãos.

### A ATARAXIA

Há realmente uma curiosa semelhança entre o Epicurismo e o Cristianismo, não obstante as profundas diferenças que assinalam seus pontos essenciais. Epicuro desdenha a ciência do tempo, a estúpida sabedoria das escolas filosóficas e o dogmatismo das religiões, para ensinar a única ciência verdadeira: a salvação da alma. Só isso importa, e tudo o mais é estultice. Eis um dos principais motivos das tremendas reações que o seu ensino provocou. Epicuro não reconhece as discriminações raciais e sociais: seu escravo Mus se transforma em filósofo, e as mulheres da vida procuram o Jardim, não para os prazeres fáceis, mas para a libertação da alma.

Epicuro pregava o prazer, como suprema finalidade da vida. Jesus ensinava o sacrifício. Nisto, parece que se contraditavam. Mas parece, apenas, pois na verdade o ensino é o mesmo, pelo menos formalmente: Jesus ensinava o sacrifício como caminho da bem-aventurança, e Epicuro ensinava que o prazer só é possível com o sacrifício das ilusões e enganos da vida. A diferença essencial é que, para Jesus, a bem-aventurança, o supremo prazer, está na outra vida, enquanto, para Epicuro, a outra vida não existe e o prazer supremo deve e pode ser desfrutado aqui mesmo. Para Jesus, o Homem é um deus em potencial, que pode realizar a sua natureza divina no Além; para Epicuro, o Homem é um deus cuja atualidade pode e deve realizar-se nesta vida, pois depois desta não haverá mais tempo nem possibilidade alguma.

O suposto materialismo de Demócrito vai encontrar em Epicuro a sua verdadeira forma. Somente nele o Atomismo adquire, de fato, o sentido materialista que se atribui ao Democritismo. E Epicuro, filósofo de uma época de decadência e desencanto, de um desses momentos de transição por que passa o mundo de tempos a tempos, apresenta-se, assim, como o modelo grego dos mais coerentes materialistas modernos. Nisso, o seu parentesco filosófico mais estreito é antes com Protágoras do que com Demócrito.

A salvação da alma está no prazer. O fim da vida é o prazer. O único objetivo do Homem, portanto, deve ser o prazer. As ciências e as religiões de nada servem, se não nos levam ao prazer. Tudo é fútil e tolo, quando não abre possibilidades ao prazer. De que valem as ciên-

cias de Aristóteles, as indagações dos fisiólogos, as idéias de Platão, os sacrifícios da Matemática, se não nos derem a única coisa de que necessitamos, a única que realmente nos interessa, e que é o prazer?

Esse hedonismo agudo, absolutista, absorvente, proclamado sem peias pelo filósofo do Jardim, provocou escândalos, levantou reações, despertou mal-entendidos e sugeriu as mais torpes calúnias. Diotimo Estóico, segundo afirma Laércio, publicou com o nome de Epicuro cinquenta cartas “impudicas e escandalosas”, e Timócrates chegou a escrever que Epicuro “vomitava duas vezes por dia, por excesso de luxo e de indolência”.

A doutrina da *ataraxia*, porém, é a mais perfeita refutação de todas essas calúnias. Ponto central da filosofia epicurista, essa palavra resume o pensamento do filósofo. *Ataraxia* quer dizer ausência de perturbação, serenidade de espírito, equilíbrio. A palavra pode ser decomposta assim: *a* = privação, e *taraxis* = agitação. *Ataraxia*, portanto, equivale a *não-agitação*. Pois bem: o supremo prazer é esse, o prazer da serenidade. Vimos que Demócrito, em sua ética atômica, falava do ideal espiritual como de um mar tranqüilo. Esse ideal é retomado por Epicuro, que lhe dá a maior ênfase possível.

O objetivo do homem sensato ou sábio é a *ataraxia*. E todo o esforço da Filosofia só pode ser dirigido nesse sentido. Epicuro se torna, assim, o filósofo da invulnerabilidade. Não lhe interessa a imortalidade, mas a conquista de uma condição humana em que o Homem se torna invulnerável. O mesmo ideal dos estóicos, e em geral o sonho e o anseio de todos, em meio às incertezas e angústias de uma época de transição, em que todos os antigos valores haviam ruído e os novos ainda não estavam construídos.

As várias partes da Filosofia, que haviam adquirido importância crescente nos sistemas anteriores, perdem o seu interesse na doutrina de Epicuro. Para esta, só a Ética é importante. O esquema epicurista se reduz ao mínimo. A Filosofia se compõe apenas de três partes: a Física, a Canônica (ou Lógica) e a Ética. Mas a Física e a Canônica só interessam como fundamentos da Ética, e somente na medida em que podem servir para isso.

Nunca se viu, por certo, mais agudo individualismo nem mais cerrado utilitarismo. O fim de tudo é o Homem e o bem-estar do Homem. Nem mesmo o utilitarismo de Jeremias Bentham, no século dezanove, consegue atingir tamanha saturação. Entretanto, não se pode falar de egoísmo. Epicuro não desejava salvar-se em detrimento dos outros, mas levar a salvação a todos. Queria dar à espécie humana a invulnerabilidade que ela ainda não soubera conquistar, diante dos tumultos do mundo.

“Nunca é cedo nem tarde demais para tratar da santidade da alma”, dizia o filósofo. A invulnerabilidade é, portanto, a santidade. É um estado de purificação, em que a alma, despojada das ilusões e das falsas atrações do mundo, sente-se tranqüila como um mar calmo. Mas



para chegar à santidade é preciso sabedoria. Se o Homem não sabe o que é real e o que é falso, não pode ser feliz. Nada de excessos, porém, pois mesmo no terreno da sabedoria há muito engano ledó. O Homem precisa apenas do saber necessário a garantir o equilíbrio. E para isso bastam a Física e a Canônica. Porque a primeira lhe dá o conhecimento das coisas que o rodeiam, e até mesmo das que o constituem, e a segunda o arma para o reto julgamento das coisas.

Com essas duas armas, o Homem se livra das *opiniões vazias* ou dos falsos juízos, que lhe perturbam a alma, como o temor dos deuses e da morte, e a apreciação errônea do prazer e da dor. Dessa maneira, como diz Robin, a Física e a Lógica estão para a moral como a Higiene e a Medicina para a saúde. Simples meio para se chegar a um fim.

Pela Física sabemos que o mundo se constitui de átomos, e que tudo, portanto, é feito de átomos, que se juntam e se dispersam. Quando os átomos estão juntos, a coisa ou o ser existe. Quando os átomos se dispersam, a coisa ou o ser acaba. Assim, o corpo do Homem e assim também sua alma. Que é a alma, senão um aglomerado atômico? Qual, pois, a razão de temermos a outra vida, se ela na verdade não existe para nós?

O Atomismo destrói a Religião e o medo da morte. E assim o Homem se liberta dos falsos temores, para viver a vida. Mas o Atomismo ensina que o equilíbrio da alma depende da harmonia atômica, e, portanto, que os exageros sensuais não correspondem a “viver a vida”, e sim a esbanjá-la, com as tristes conseqüências do desequilíbrio, do desespero e da dor. Epicuro chega assim a uma conclusão budista: o supremo prazer é a ausência de dor. A *ataraxia* se confunde com o Nirvana. Nada sentir – eis a salvação da alma neste mundo tumultuoso e incerto.

A Canônica, que é a lógica epicurista, equivale mais a uma teoria do conhecimento. Seu objetivo é esclarecer o problema do conhecimento e dar ao Homem a segurança para se conduzir no mundo. Epicuro estabelece que o conhecimento provém da sensação. Temos, pois, uma gnosiologia empirista. A fonte de nossas idéias e sentimentos é a sensação: primeiro representativa, como signo das coisas, afetando nossos órgãos corporais; depois, afetiva, como prazer ou dor, movimentando nossa estrutura psíquica ou atômica. A verdade, porém, está na sensação, naquilo que nos vem do real, da coisa exterior que nos afeta.

Isto nos dá o primeiro cânon ou regra de evidência, para nossa conduta na vida. Mas há outra forma de evidência, que é a antecipação ou pré-noção, ou seja, os conceitos que formamos sobre sensações anteriores, palavras que, ouvidas, despertam em nós sentimentos agradáveis ou desagradáveis. Mas essas antecipações, como as próprias noções das coisas, os conceitos, que traduzimos por signos verbais, por palavras, não são convencionais. São realidades, resultantes da ação

das coisas sobre nós, através do tempo. Assim, a Canônica se complica, pois não é apenas um cânon, uma série de regras para a nossa vida, mas um sistema lógico, embora incipiente, uma gnosiologia e uma ontologia do objeto, em seu sentido mais moderno.

A teoria da evidência nos lembra Descartes. Para Epicuro, a evidência, primeira regra da conduta certa, é impressa em nossos órgãos pelo exterior, pela realidade das coisas. Há, entretanto, a interpretação da evidência, que é uma ação arbitrária da mente. Dessa interpretação é que resultam as opiniões, os falsos juízos. Nossa ciência, pois, estará em saber discernir entre a evidência e a falsidade.

Com isso, Epicuro chega quase à experimentação, quase se torna um precursor do empirismo científico. Porque o discernimento depende da verificação. Para vermos se temos uma opinião ou uma intuição real, devemos recorrer às próprias coisas, e quando a verificação direta não for possível, devemos considerar os fatos, para ver se eles confirmam ou contradizem os nossos juízos. Essa experimentação negativa, que só deve ser efetuada em caso de dúvida, não vai, entretanto, nem deve ir mais longe, pois a Ciência só interessa na proporção em que deve garantir a nossa tranqüilidade, a nossa *ataraxia*.

Voltamos assim à Física, verificando que a doutrina de Epicuro é um todo homogêneo, em que as três partes se ligam e se religam, por constante interdependência. Na Física, verificamos que os átomos enchem o Universo, mas não como em Demócrito, em livres movimentos. Pelo contrário, os átomos de Epicuro são pesados, têm peso e caem sem cessar. São gerados lá em cima, no infinito, e se despenham no abismo. Não caem na terra, mas no espaço infinito, numa queda inexplicável, de natureza absoluta. Caem verticais, mas de vez em quando há um desvio, um declínio. Desse declínio surgem os choques com outros átomos, geram-se os turbilhões de Demócrito, que dão origem à matéria, às coisas e aos seres.

Referimo-nos, na parte sobre Demócrito, ao erro de Epicuro com referência ao movimento dos átomos. Mas escrevemos “erro”, entre aspas, porque, quando analisamos mais de perto a teoria epicurista, verificamos que se trata de uma nova hipótese. Podemos considerar a concepção de Demócrito teoricamente mais pura, por afastar a idéia de alto a baixo, evidentemente ligada às teorias geocêntricas. Mas quando notamos que o alto e o baixo em Epicuro são noções absolutas, sentimos a vertigem de uma concepção abstrata e grandiosa, que nos oferece uma visão espantosa do Cosmos.

### **O EXÍLIO DOS DEUSES**

A física de Epicuro não acarreta a morte dos deuses, como acarretou a da alma. Os deuses continuam existindo. Com isso, poderíamos pensar que o temor da Religião ainda se justifica. Mas não é verdade. Porque os deuses de Epicuro se assemelham aos de Tales, de Mileto, que nada têm a ver com as criaturas humanas. Os deuses são entidades atômicas que vivem nos intermúndios, ou seja, nos interva-

los dos mundos, longe dos mortais e indiferentes a estes. Epicuro admite os deuses, mas toma uma medida prudente (a prudência é para ele o maior bem dos homens, maior mesmo que a Filosofia), de maneira a evitar que eles perturbem a *ataraxia*: exila-os na vastidão dos espaços siderais.

Não se pense, porém, que estamos diante de uma incoerência. Robin demonstra a coerência dessa teoria. Os deuses são necessários e sua existência corresponde a um dos princípios fundamentais da física epicuriana: a lei de compensação ou de equilíbrio. Para que existam os seres mortais, compostos de átomos grosseiros, na Terra, devem existir os seres imortais, compostos de átomos sutis, no espaço. Por outro lado, como explicar a noção de vida imortal e feliz que os homens possuem, e que deu motivo à elaboração das religiões, sem a existência real dessa vida em alguma parte do Cosmos?

Os deuses existem, são necessários, fazem parte da economia do Universo, representam o contrapeso dos homens no equilíbrio cósmico, mas não intervêm nem podem intervir na vida humana. E depois da vida, muito menos. Porque, morto o corpo, a alma humana se desagrega, na libertação natural dos átomos que a constituem. Nada sobra para o possível exame dos deuses, por mais que estes quisessem intervir no reino da morte.

Se o ideal humano é o da vida serena, isenta de preocupações inúteis com as coisas do mundo, por que motivo os deuses haveriam de imiscuir-se nas mesquinhezes da vida terrena? Se o Homem, para ser sábio, deve viver em paz, como supomos os deuses empenhados nas tricas e futricas da existência efêmera das criaturas mortais? Dessa maneira, não só está afastado, por necessidade lógica, o temor da Religião e dos deuses, que implica o temor da morte, mas também o apego às superstições que geraram os oráculos e as adivinhações.

É verdade que o Homem fica sem a possibilidade de apelar a potências superiores, que o ajudem a solucionar os seus problemas. Mas que importa isso, quando o Homem se emancipa dos temores inúteis e pode caminhar com segurança para a *ataraxia*, para a invulnerabilidade, que o torna semelhante aos próprios deuses?

O exílio dos deuses é, portanto, uma medida de interesse imediato do Homem. Não só por libertar a este de uma sujeição estúpida, como por lhe facultar, ainda, a possibilidade de assumir o lugar dos exilados. É o que vemos com o próprio Epicuro. Na comunidade de tipo órfico do seu Jardim, o filósofo se transforma num deus. Sua doutrina dogmática impõe-se aos discípulos imediatos e aos futuros com a autoridade de uma revelação sagrada. Através dos séculos, o Epicurismo manterá a sua estrutura original, admitindo apenas leves alterações de superfície. A palavra do mestre era tão invulnerável quanto ele próprio.

Duzentos anos mais tarde, Tito Lucrécio Caro, o poeta romano, em seu *De Natura Rerum*, reproduzindo a filosofia de Epicuro, trata-o

como a um verdadeiro deus, seu salvador. E mais tarde ainda, no século dezessete da nossa era, quando Pierre Gassend – por sinal sacerdote católico e crítico de Descartes, que em Latim assinava Petrus Gassendi – restabelece o Epicurismo e influi com seus princípios no espírito de Molière; sua defesa de Epicuro é ainda um hino de louvor e veneração ao deus do Atomismo.

É curioso verificar-se também que a situação do homem-deus do Epicurismo é de exílio nos intermúndios. Vemos isso na posição do próprio Epicuro e na constituição órfica do seu Jardim. Tanto o mestre quanto os discípulos se isolam do mundo grego, da vida social e da vida pública. Já não se trata da atitude canina dos cínicos ou da abstenção humilde dos cirenaicos (Escola cirenaica: escola filosófica grega fundada por Aristipo de Cirene, no séc. V a.C., a qual colocava no prazer dos sentidos o objetivo da condição humana). Trata-se, pelo contrário, de uma atitude altiva. Os homens que atingiram a *ataraxia* são deuses, vivem no seu próprio mundo, ou melhor, no seu intermúndio (Segundo os gregos, espaço entre os mundos ou entre os corpos celestes. Lugar afastado, ermo, solitário.) aristotélico, e não devem preocupar-se com os mortais. Os homens-deuses (expressão que não pertence a Epicuro ou ao Epicurismo, e que usamos apenas de maneira simbólica) estão acima das coisas e dos seres.

Esse afastamento do mundo contribui, entretanto, para um estreitamento de relações entre os homens-deuses, e a amizade se torna o ponto central de sua ética. É a amizade a única forma de relação social digna do sábio. Antecipando Bentham, entende que a amizade decorre da reciprocidade de interesses entre os homens, de uma exigência, portanto, do utilitarismo vulgar, mas ao mesmo tempo superando-o, esclarece que entre os sábios ela pode ser desinteressada, permitindo aos indivíduos a realização eudemônica (Eudemonismo: sistema de moral que tem por fim a felicidade do homem.) perfeita.

No seu agudo individualismo, Epicuro chega a negar a sociedade. Não há nenhuma exigência natural para a existência da *pólis* ou do Estado. Os homens se reúnem em comunidades porque assim o decidem, com vistas aos seus interesses e às suas conveniências recíprocas. Os organismos sociais não são entidades superiores aos indivíduos, mas simples meio de que estes se servem.

As instituições sociais sobrecarregam inutilmente o sábio, que delas deve afastar-se, particularmente do matrimônio. Casar-se é ligar-se a compromissos perigosos, inclusive admitir o prazer sexual, que deve ser evitado como um dos mais violentos e grosseiros, e, portanto que mais perturbam a tranqüilidade do espírito. Um deus não se casa, não tem filhos, não se embaraça com preocupações rotineiras da vida familiar. Um deus é um deus, que vive no intermúndio, gozando a bem-aventurança da *ataraxia*.

### A MORTE DO DEUS

Mas, enquanto os deuses não podem morrer, os deuses-homens morrem como todos os homens. Epicuro sabe disso. Que importa, po-

rém, a morte? Quando ela chega, o Homem deixa de ser. Ora, deixar de ser é coisa que não deve nem preocupar a ninguém, pois não implica nenhuma responsabilidade, nenhuma consequência. Assim, o Homem não tem nada a ver com a morte. Esse é um problema que foge às suas preocupações. Só o ignorante pode interessar-se por uma coisa que não o afeta em nada.

Se a morte fosse a libertação da alma, haveria a preocupação do *post-mortem*. Mas não é. A alma se dissolve. Chegando à morte, o Homem chegou ao limite de si mesmo, e nada mais existe para ele. Um deus-homem espera a morte com serena indiferença, e mesmo que esta venha carregada de dores, em meio das próprias dores ele sabe manter o seu prazer, a sua felicidade inalterável.

Muitos comentadores vêem neste passo uma contradição de Epicuro, mas se esquecem de que não possuímos as suas obras. Só temos do filósofo alguns fragmentos, as referências de outros, a tradução poética de Cícero e três cartas-resumos de sua doutrina, reproduzidas por Diógenes Laércio. Há comentadores afoitos e críticos um tanto apressados.

Basta dizer que Epicuro escreveu trezentos livros, para vermos a temeridade de querer encontrar contradições em sua doutrina, com o pouco que dele possuímos. O mais sensato seria, por certo, admitirmos que nos faltam os elos entre a sua teoria do prazer e a sua teoria da morte heróica. E a verdade é que, melhor do que a mais bela teoria, Epicuro nos deu o exemplo da morte de um homem-deus.

Poucas horas antes do momento fatal, o filósofo escreveu a I-domeneu estas palavras tocantes, que Laércio reproduz:

*Achando-me no feliz e último dia de vida, e já morrendo, escrevo-te assim: tamanha é a dor que me causam o estrangulamento e a disenteria, que parece não poder ser maior a sua veemência. Não obstante, isto se compensa de alguma maneira com a lembrança de nossas descobertas e raciocínios. Tu, como deve ser, pelos testemunhos de amor que me tens dado, por mim e pela Filosofia, desde tua mocidade, tomarás a teu cargo o cuidado dos filhos de Metrodoro.*

Na hora final, considerava chegar ao termo de um dia feliz e se lembrava de recomendar a um discípulo fiel os filhos de outro, falecido sete anos antes. Segundo Hermarco, Epicuro sofreu catorze dias, atacado por cálculos renais que lhe obstruíam a bexiga. No último instante, entrou num banheiro de bronze com água quente, pediu um pouco de vinho puro e recomendou aos amigos e discípulos que não se esquecessem dos seus dogmas.

Dali por diante, diz Léon Robin, o culto do mestre tornou-se mais intenso na comunidade do Jardim. A morte se deu no ano 270 a.C., e depois dela o exemplo do homem-deus passou a repercutir por toda parte onde houvesse discípulos de Epicuro. O banquete habitual dos discípulos realizava-se no dia 20 de cada mês. Era um simpósio no

estilo grego, uma refeição comum, em que se celebravam a amizade e os princípios da filosofia epicuriana.

Passou-se também a celebrar a memória do mestre. O dia de seu nascimento, 10 de *gamêlion* (entre janeiro e fevereiro), foi dedicado a solenidades religiosas comemorativas, e até mesmo a atos de adoração. Epicuro acabou como Augusto Comte: colocando-se ele próprio no lugar dos deuses que desterrara. Robin acentua: “Morto o mestre, o culto organizado da sua memória, assegurando a coesão da seita, perpetua a doutrina e contribui para propagá-la”.

Uma das atividades curiosas de Epicuro foi o seu cuidado apostolar com os discípulos distantes, que se reuniam em comunidades de amigos, de tipo órfico, a que Robin não vacila em chamar igrejas. Epicuro, à maneira de Paulo na propagação do Cristianismo, escreve cartas para essas igrejas. Suas epístolas ferventes de ardor religioso contra a Religião, são endereçadas aos epicuristas de Mitilene, de Lâmpsaco, e a outros espalhados nas distâncias do Egito e da Ásia.

Essas epístolas têm o mesmo caráter catequético das escritas pelos apóstolos cristãos. Resolvem problemas doutrinários e dão conselhos sobre a conduta reta na vida. Como se vê, apesar de sua posição contrária ao Cristianismo, não há dúvida que o Epicurismo foi uma das doutrinas que, destronando os deuses antigos e pregando a fraternidade universal, preparou de certa maneira o advento daquele. Epicuro, em muitos aspectos, foi um precursor do mundo em que vivemos.

\*

## 2 - A CULTURA HELÊNICA

### Livro: História da Filosofia. Os Pensadores

O grande imperador da Macedônia, Alexandre Magno, morreu em 323 a.C., aos 33 anos de idade. Menos de um século depois, a Macedônia, que se desagrega – e com ela a Grécia – em subimpérios, já se encontra sob o domínio de uma nova potência: Roma. Mas, se o império universal arquitetado por Alexandre não sobreviveu à sua morte, seu ideal foi realizado ao menos no plano da cultura. Como resultado das conquistas de Alexandre forma-se um vasto mundo cultural, relativamente homogêneo, que exerceria forte influência até mesmo sobre romanos. Desse modo, a perda da autonomia das cidades gregas significou não o aniquilamento de sua cultura, mas, ao contrário, a sua expansão e difusão para além das fronteiras da Grécia clássica e do seu tempo.

A cultura helênica ou helenística – como seria chamada – foi mais do que a simples transposição da tradição grega para um cenário mais amplo. Assim como outros povos se adaptaram aos valores helênicos, passando a adotar a língua, a arte e o pensamento gregos, a própria cultura grega também sofreu modificações. No plano político, por exemplo, a forma de governo evoluiu para o despotismo à maneira persa ou egípcia. No religioso, os cultos orientais misturaram-se aos gregos, enquanto os tradicionais deuses do Olimpo tornavam-se cada vez mais desacreditados.

De modo geral, essas modificações e adaptações significaram uma grande virada na compreensão que os gregos tinham de si mesmos. Até então, quando se dizia “homem”, referia-se basicamente ao homem grego, ou seja, o indivíduo livre, cidadão da pólis. Os outros não passavam de “bárbaros”, seres desprezíveis e inferiores. Na medida, porém, em que a pólis sucumbiu ao império, o orgulho do homem grego perdeu o fundamento. Todos, gregos e bárbaros, igualavam-se na condição de súditos. O status de cidadão deixa de ser privilégio dos gregos; todos passam a ser considerados homens, membros de uma única humanidade, participantes não mais de uma pólis, mas da cosmópolis, a cidade universal. Do mesmo modo, a cultura helenística não é mais grega ou bárbara: prevalecem os valores gregos, mas já mesclados às mais diversas tradições culturais. É uma cultura cosmopolita.

Mas estender a noção de humanidade a todos os homens, sem distinção, significa também torná-la vazia e abstrata. Antes, na pólis, ser homem indicava uma situação e uma condição bem precisas: participar da vida pública e decidir os destinos da comunidade. Sob o império, porém, homens livres e escravos equivalem-se (todos são homens); mais do que isso, não há mais possibilidades de influir na vida política, que se torna um assunto alheio à maioria das pessoas. O homem não é mais essencialmente um animal político.

No plano do pensamento, isso acarreta uma drástica guinada. Na época clássica, a filosofia grega tinha como pressuposto, implícito

ou não, essa definição do homem como animal político, e fazia da política a realização máxima da moral e da conduta ética. Se Platão afastou-se da política foi para fundamentá-la na “verdadeira filosofia”, e mesmo Aristóteles, para quem a felicidade é a quietude da vida contemplativa, considerava que isso só era possível na pólis, fora da qual o homem nada significaria. Mas, uma vez esvaziados a pólis e o homem de seu significado político, a própria política deixa de ser um valor e a filosofia praticamente a abandona como tema de reflexão.

Assim, a filosofia no período helenístico volta-se para a vida interior do homem – de qualquer homem -, pois sua realização na vida exterior, como animal político, está interdita. O que importa agora é a intimidade, a vida privada, regras de conduta pelas quais as pessoas possam viver bem, em qualquer tempo e circunstância. De certo modo, esse tipo de pensamento corresponde ao significado popular de “filosofia”: um receituário da “arte de viver” ou, como se diz, “filosofia de vida”. O ceticismo, o epicurismo e o estoicismo – três das principais correntes filosóficas desse período -, apesar das diferenças, compartilham esse modo de encarar um mundo em que o homem ficou só.

### CINISMO E CETICISMO

A filosofia helenística descende de Sócrates, mas por vias diferentes das tomadas por Platão e Aristóteles. Estes tentaram dar respostas positivas às perguntas que o mestre fazia, mas alguns dos outros discípulos de Sócrates levaram à risca a crítica das certezas baseadas na opinião, concluindo que todo conhecimento é impossível. Esse é o caso dos cínicos, como Antístenes e seu discípulo Diógenes. Para Antístenes (c. 444-365 a.C.), o conhecimento é sempre duvidoso, pois busca idéias gerais, quando apenas existem coisas singulares (por exemplo, este cavalo). Falar é inútil, assim como ler e escrever. O melhor a fazer é afastar-se do convívio dos homens e viver só na natureza.

O mesmo desprezo pelas convenções sociais e pelo conhecimento demonstra Diógenes (c. 413-327 a.C.). A imagem que dele restou é bastante conhecida: conta-se que tinha por casa um simples tonel e que vagava, nu, com uma lamparina acesa em plena luz do dia, à procura do “verdadeiro homem”.

Atitude próxima aos cínicos é mantida pelo ceticismo, que, ao que parece, foi formulado por Pirro de Elida (c. 360-270 a.C.), oficial de Alexandre. Ele, porém, nada escreveu, e de seu pensamento só se conhece o que seria exposto por Timon (c. 320-235 a.C.) e, mais tarde, por Sexto Empírico (séculos II-III a.C.) em *Hipotiposes Pirrônicas*. A palavra ceticismo deriva de um verbo grego que significa “olhar cuidadosamente”, mas, no caso, ser cuidadoso equivale a duvidar do conhecimento. A verdade das coisas é inacessível, já que delas só se podem apreender aparências sempre mutáveis. É preciso, por isso, suspender todos os juízos sobre as coisas e calar-se (afasia).



O cético, no entanto, é incoerente, pois não permanece em afasia. Ele fala. E fala porque, ao abandonar o conhecimento, não abandona o desejo de atingir a felicidade, a serenidade. Segundo Pirro, se é impossível tomar alguma decisão sobre a verdade ou a falsidade, convém não se deixar levar por tais preocupações e manter a alma no estado de ataraxia, isto é, sem nenhuma perturbação ou agitação.

### **EPICURO E A MEDICINA DA ALMA**

A ataraxia é também o objetivo moral de Epicuro (c. 341-270 a.C.), que reunia seus discípulos numa escola conhecida como Jardim. Para ele, felicidade é prazer, basicamente satisfação de desejos físicos. Mas, como a um prazer momentâneo pode-se seguir desprazer ou dor, convém procurar um tipo de satisfação estável, comedido mas constante – algo como a sensação que experimenta um homem que não sente sede e, por isso, não bebe. Esse “prazer em repouso”, como denomina Epicuro, é precisamente a ataraxia, um estado de desejo sempre saciado e que se consegue pelo perfeito equilíbrio entre as partes do organismo.

O autêntico prazer é inseparável da tranqüilidade da alma e da realização plena da auto-suficiência. Nessa perspectiva, a amizade é, talvez, a mais importante fonte de satisfação e de compensações. É certo que ela aumenta a nossa dependência em relação aos amigos, mas, diante da solidão e da insegurança de nossas vidas, é ainda um remédio mais eficaz do que os vínculos da vida política.

Se Epicuro considera o prazer uma realidade física é porque para ele, seguidor da teoria atomista de Demócrito, não existe nada além das coisas físicas e corpóreas (os átomos) e sua ausência (o vazio). Por isso, o conhecimento também só pode ser resultado do contato direto entre as coisas e os sentidos. As coisas, compostas de átomos, emitiriam uma espécie de eflúvio que atingiria os órgãos dos sentidos, produzindo as sensações. A memória preservaria então as sensações, que passariam a ser antecipações de uma nova experiência sensível. É por essas antecipações, que rememoram a sensação anterior, que se pode reconhecer a identidade (ou não) de coisas percebidas em momentos diferentes. O conhecimento é, assim, o acúmulo das sensações que vão se classificando como idênticas ou diferentes, de acordo com as antecipações.

O mundo e o próprio conhecimento do mundo são explicados pelo movimento dos átomos através do vazio. Mas Epicuro introduz uma modificação na teoria de Demócrito. Para este, o movimento era inerente aos átomos, sem que houvesse uma explicação para isso. Epicuro explica esse movimento pelo peso, uma propriedade do átomo que inexistia em Demócrito e que é responsável pela queda.

Mas, pela idéia de peso, todos os átomos apenas cairiam paralelamente em linha reta e jamais se chocariam. Por isso, Epicuro é obrigado a admitir um segundo tipo de movimento: a inclinação, que faz com que cada átomo se desvie ligeiramente de sua trajetória retilínea

para colidir com outros e, assim, produzir a diversidade das coisas. Ele não explica, porém, a causa da inclinação. Assim, ao resolver uma dificuldade presente na teoria de Demócrito, acaba por criar outra. Esse “descuido”, no entanto, tem uma função: a inclinação não se explica porque é a manifestação da liberdade do átomo. A consequência disso é uma espécie de teoria materialista da liberdade, de difícil interpretação.

A libertação e a cura, para Epicuro e seus seguidores, se dão pela filosofia. Assim como o médico se ocupa das doenças e dos sofrimentos do corpo, ao filósofo cabe cuidar das doenças e dos sofrimentos da alma. A filosofia é assim a terapia das causas da infelicidade humana. Num mundo marcado pela pobreza material e pela falta de solidariedade, por guerras e perseguições políticas – freqüentemente interpretadas como castigos dos deuses aos atos humanos –, o epicurismo defende uma imagem do mundo e do homem na qual os deuses e a morte deixam de ser ameaçadores.

Tudo na filosofia de Epicuro – sua concepção física do universo, suas idéias a respeito do conhecimento e da alma, sua visão da sociedade e da religião – relaciona-se com esse propósito de libertação. Ele mesmo resume sua doutrina em quatro máximas, ou medicinas: “Não há que temer a Deus”, “Morte significa ausência de sensações”; “É fácil procurar o bem”; “É fácil suportar o mal”.

Aquele que alcançou a ataraxia e tornou-se dono de seus atos não tem medo da morte, que não passa da ausência de sensações. Os átomos que uma vez compuseram um corpo humano apenas se desagregam. O homem nada sente. Por isso, escreve Epicuro em sua Carta a Meneceu: “Quem compreendeu que nada há de temível no fato de estar morto, a nada temerá na vida”.

O pensamento epicurista liberta o homem das imposições da necessidade, do destino ou dos deuses. Senhor de si, sem nenhuma espécie de constrangimento, o homem é livre para perseguir seu objetivo: a felicidade.

### **O ESTOICISMO E A VIDA SEM PAIXÕES**

Dentre as correntes filosóficas do helenismo, o estoicismo é a que melhor traduz o espírito cosmopolita que caracteriza o período. Num mundo onde começam a diluir-se as fronteiras e a distinção entre os povos, o estoicismo faz dos novos e mais amplos horizontes o seu ideal e difunde-se para além de Atenas. Chegando a Roma, atrai indivíduos das mais diversas condições sociais, como o senador Sêneca, o escravo Epicteto e o imperador Marco Aurélio. Essa difusão se dá em três tempos: a Stoa primitiva (século III a.C.), do fundador Zenão de Cício e seus discípulos; a Stoa média (séculos II e I a.C.), quando o estoicismo se introduz em Roma com Panécio de Rodes e Posidônio de Apaméia; e a Stoa romana (séculos I e II d.C.) em que o estoicismo torna-se parte integrante da cultura e do pensamento romanos.

O ideal cosmopolita traduz-se por idéias de humanidade (*humanitas*, em latim) e de ecumenismo (palavra derivada de *oecumenicu*, ou terra de todos). Essas idéias associam-se à idéia estóica de que o mundo é o logos, de tal modo que suas partes encontram-se unidas entre si com o todo numa relação bem precisa: a simpatia.

A relação de simpatia é a correspondência (mas não a igualdade) entre os vários aspectos da realidade. Essa noção permitiu, por exemplo, a Posidônio de Apaméia (c. 135-51 a.C.) relacionar pela primeira vez o movimento da maré e as fases da Lua. A relação do homem com o mundo, a cuja ordem ele se deve conformar, é também simpatia. Além disso, o conhecimento é possível porque há simpatia entre as coisas e o pensamento sobre elas.

Para os estóicos, o mundo é como um corpo vivo, animado pelo sopro vital (*pneuma*). O movimento do pneuma é tenso e disso resultariam a coesão e a unidade do mundo e de suas partes. O pneuma é também logos, a razão universal presente em tudo. Tudo é racional, e, se a realidade apresenta aos homens fatos irracionais – como a doença, a injustiça, o sofrimento –, isso só ocorre quando se tomam aspectos isolados dessa realidade, sem considerar sua relação com o todo.

Como o mundo é composto de corpo vivo e de logos, conhecê-lo supõe a relação de modo preciso, isto é, como representações (*phantasia*) das coisas. Na representação, as coisas e o pensamento sobre as coisas coincidem: ambos participam da mesma razão universal.

Por tudo isso, para os estóicos, a felicidade consiste em viver de acordo com essa ordem universal, permanecendo indiferente aos males, que não passam de aspectos isolados do todo racional. Viver de acordo com a razão significa desviar-se das paixões, que são as perturbações da razão. Se o mundo é regido por uma Providência racional, o importante é que cada um se reconheça como parte dela, aceitando impassivelmente (sem paixão) a sua condição. Nisso consiste a liberdade, e é por esse motivo que o homem pode ser livre mesmo quando escravo. Ausência de paixão, apatia – esse é o ideal ético dos estóicos.

### 3 - O DESENVOLVIMENTO DAS CIÊNCIAS

Enquanto a filosofia retrai-se numa espécie de “filosofia popular”, perdendo a força de suas demonstrações, a ciência, talvez por isso mesmo, desgarrando-se de raciocínios filosóficos, embora continuando a alimentar-se das concepções tradicionais, passa a caminhar por si mesma e alcança um grande desenvolvimento. Para isso também contribuem as exigências dos novos tempos: as conquistas militares requerem da ciência uma aplicação mais prática e tecnológica, voltada para fins bélicos; a expansão comercial, favorecida pelo império, também cria novas necessidades, que seriam objeto de investigação científica.

Teofrasto (c. 372-288 a.C.), sucessor de Aristóteles no Liceu, desenvolve no terreno da botânica e da mineralogia o que seu mestre havia feito na zoologia, e classifica as plantas, os minerais. Também prepara as condições para o avanço posterior da física, com a sua refutação da teoria aristotélica do movimento (que não admitia a idéia do vazio) e da finalidade das coisas.

Na matemática, já longe das implicações religiosas e filosóficas dos pitagóricos e de Platão, Apolônio de Pérgamo (século III a.C.) analisa as seções cônicas, estabelecendo os conceitos de elipse, hipérbole e parábola. Mas é com Euclides (século III a.C.) que a geometria recebe a sua grande sistematização, baseada na demonstração de teoremas a partir de um mínimo possível de princípios.

Por outro lado, na astronomia, os estudos de Ptolomeu (século II a.C.) levam-no a estabelecer a teoria geocêntrica, fixando a Terra como o centro do universo – concepção que só seria refutada no século XVI por Nicolau Copérnico, ainda que Aristarco de Samos (século III a.C.) já tivesse proposto situar o Sol no centro, sendo por isso acusado de heresia. Na geografia, Eratóstenes de Cirene (c. 284-192 a.C.), bibliotecário de Alexandria, mede pela primeira vez e com pequeno erro a circunferência da Terra, e elabora um mapa, o mais perfeito da época.

A medicina não avança muito além do que Hipócrates já havia descoberto, mas Galeno (c. 130-200 d.C.), seu herdeiro maior no período helenístico, permaneceria como grande autoridade no assunto até o Renascimento.

No campo das técnicas, o desenvolvimento é ambíguo: se Arquimedes (c. 287-212 a.C.) – que formula a famosa lei de flutuação dos corpos – inventa artefatos bélicos, também cria outros engenhos que a sociedade da época, ainda baseada no emprego da mão-de-obra escrava e que dispensa o uso econômico da tecnologia, não sabe como utilizar. O mesmo acontece com as máquinas movidas a ar e a vapor, inventadas por Héron de Alexandria (século I d.C.).

Num outro terreno, o da história, Políbio (c. 200-125 a.C.) formula uma concepção parecida com o que modernamente seria denominada “filosofia da história”, isto é, a idéia de que os acontecimentos

humanos obedecem a leis rigorosas que lhes conferem um sentido preciso e inevitável. Para Políbio, esse sentido da história é um ciclo que comanda as civilizações, que, como a vida, apresentam momentos de nascimento, desenvolvimento e decadência, seguidos de um novo recomeço.

## EUCLIDES E ARISTARCO



**Euclides**

O grande matemático da biblioteca de Alexandria – centro cultural e intelectual considerado a primeira “universidade” do mundo, também conhecido como Museu – é Euclides (século III a.C.), que possivelmente frequentou a Academia de Platão. Sua obra, *Elementos*, é o mais antigo tratado completo de geometria que restou da Antigüidade.

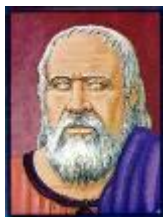


**Aristarco**

Enquanto Euclides desenvolve a geometria pura, Aristarco de Samos (c. 310-230 a.C.) ocupa-se em aplicá-la a cálculos astronômicos, e escreve *Sobre as Dimensões e Distâncias do Sol e da Lua*, obra rigorosa, mas que contém muitos erros, por causa da utilização de dados falsos.

Aristarco erra porque não dispõe de instrumentos precisos de medição de ângulos. Mas, descontados os cálculos imprecisos, ele descobre fatos fundamentais: mostra que o Sol dista da Terra muito mais que a Lua, e que deve ser forçosamente muito maior que o satélite da Terra, uma vez que ambos parecem ter o mesmo tamanho, apesar das diferentes distâncias em relação a nosso planeta. Além disso, demonstra que o Sol é também muito maior que a Terra, e a Lua, não tão pequena como se acreditava. A consequência dessas descobertas é a insignificância, astronomicamente falando, da Terra. Assim, é lógico que a minúscula Terra gire em torno do Sol e não o contrário. Por essa dedução, que antecipa em séculos a concepção moderna do sistema solar, Aristarco irá merecer o justo título de “Copérnico da Antigüidade”.

## ERATÓSTENES E ARQUIMEDES



**Eratóstenes**

O continuador da obra de Aristarco foi Eratóstenes de Cirene (c. 284-192 a.C.), o famoso bibliotecário de Alexandria, a quem se deve a primeira medição científica da circunferência da Terra. Seu método, bastante simples, baseia-se na diferença de ângulos que os raios solares formam em duas localidades diferentes: Alexandria e uma cidade mais ao sul, Siene.

Em Siene, havia um poço que a cada 21 de junho, ao meio-dia, refletia o Sol, que se encontrava em zênite (o ponto mais elevado, auge, ápice, apogeu). Mas em Alexandria, situada a 5 mil estádios (cada estádio equivale a 0,1575 quilômetro), no mesmo dia e à mesma hora, o Sol não está em zênite. Desse fato, Eratóstenes conclui que, sendo a superfície da Terra redonda, alguns de seus pontos devem estar mais distantes do Sol do que outros, uma vez que os raios solares são praticamente paralelos. Essa diferença manifesta-se em ângulos diferentes que os raios formam nas duas cidades: enquanto em Siene o ângulo é de 90, em Alexandria ele apresenta um desvio de 7,2, igual ao que se formaria no centro da Terra com o prolongamento dos que incidem sobre Siene. E como 7,2 equivalem a  $\frac{1}{50}$  de 360, a distância entre as duas cidades deve também ser  $\frac{1}{50}$  de toda a circunferência da Terra. Basta então multiplicar essa medida conhecida (5 mil estádios) por 50 para obter o tamanho do planeta. A medida assim calculada, 250.000 estádios (ou 39.375 quilômetros), é bem precisa, levando em conta as deficiências técnicas da época.



**Arquimedes de Siracusa**

Outro nome que se associa a Alexandria é o de Arquimedes de Siracusa, que, apesar de ter passado a maior parte da vida em sua terra natal, estudou naquela cidade e manteve correspondência com cientistas alexandrinos. Tido como um dos maiores cientistas de todos os tempos, Arquimedes destacou-se em várias áreas, como geometria, aritmética, física e engenharia. Entre suas realizações enumeram-se es-

tudos sobre a alavanca e a invenção de engenhos como um parafuso especial para elevar água, a roldana móvel e vários artefatos militares.

Mas Arquimedes é conhecido, sobretudo por uma lei física que leva o seu nome, o “princípio de Arquimedes”. Ele estabelece que as diversas forças atuantes sobre um corpo que submerge em “água mansa” dependem somente da forma e da posição do corpo, não da substância de que ele é feito.

### **A medicina investiga o corpo**

Em Alexandria, ao lado do Museu, havia o templo de Serápis, que também servia como hospital. As observações de anatomia ali realizadas deram um grande impulso à medicina, cujos representantes foram Herófilo e Erasítrato, ambos do século III a.C. A eles se deve a descrição de vários órgãos e partes do corpo – como o cérebro e o cerebelo, os nervos ópticos, o sistema vascular, o duodeno -, aos quais também deram nomes que se conservaram por intermédio de Galeno (que estudaria medicina em Alexandria no século II d.C.). Para essa descrição e classificação da anatomia, os médicos alexandrinos realizaram a dissecação de cadáveres – método que mais tarde seria condenado pelo cristianismo – e, ao que parece, também de homens vivos.



**Ptolomeu**

### **O “erro” de Ptolomeu**

Ao contrário desses pesquisadores, cuja contribuição a ciência reconhece, Cláudio Ptolomeu (século II) é responsabilizado pelo atraso do conhecimento científico, pelo fato de ter proposto a teoria geocêntrica, que acabaria prevalecendo sobre o heliocentrismo de Aristarco. Esquece-se assim de outras realizações de Ptolomeu, como estudos sobre a trigonometria esférica, um calendário descrevendo o movimento das estrelas, investigações no campo da mecânica, da acústica, da óptica.

Segundo ele, a “Terra está quieta na sintaxe do universo e tudo gira a seu redor”, pois se “a Terra se movesse, ela, por não ser superlunar, teria movimentos irregulares, por exemplo, de baixo para cima e de cima para baixo”. Assim, na origem do seu “erro” encontra-se o pensamento de Aristóteles – outro que a ciência iria tomar como inimigo -, que distinguia o movimento de seres supralunares, sempre perfeito e circular, do movimento de seres sublunares, que sobem ou descem. Para Ptolomeu, a Terra é um corpo sublunar. Por isso, se ela se movesse, seu movimento, a acreditar-se em Aristóteles, só poderia ser

do tipo irregular, de baixo para cima e vice-versa. Mas, se isso realmente acontecesse, as coisas e os homens colocados sobre a Terra não conseguiriam permanecer parados, o que seria um absurdo. A consequência lógica desse raciocínio só pode ser, portanto, a teoria geocêntrica: a Terra é imóvel; a seu redor giram o Sol e os demais astros.



#### 4 - A CONTRIBUIÇÃO DE ROMA

Quando as Guerras Púnicas (264-146 a.C.) (As Guerras Púnicas consistiram numa série de três guerras que opuseram a República Romana e a República de Cartago, cidade-estado fenícia, fundada por fenícios Africanos ...), entre Roma e Cartago, terminam, praticamente todo o mundo dito “civilizado” encontra-se sob domínio romano. Através do Mediterrâneo, transformado em *mare nostrum* (“nosso mar”, segundo os romanos), as riquezas chegam a Roma, tornando-a próspera e luxuosa. Chegam também imigrantes de outras terras – sírios, egípcios, hebreus, gregos – e com eles os mais variados valores culturais, que, com a predominância do helenismo, iriam contaminar o modo de vida e o pensamento romanos.

Os romanos descendem de vários povos latinos – sabinos, équos, entre outros -, que por volta dos séculos IX a VIII a.C. passaram a habitar a região do Lácio, na península Itálica. Com o tempo, esses povos organizaram-se numa federação e cercaram com fortificações o território que lhes era comum, formando o núcleo inicial de Roma. Admite-se que isso tenha ocorrido por volta de 753 a.C., e que o nome da cidade derive de Rumon (“cidade do rio”), termo que teria sido empregado por etruscos que a dominaram entre 619 e 509 a.C.

Sob a dominação etrusca, os romanos, que antes viviam da agricultura e do pastoreio, passaram a dedicar-se cada vez mais à manufatura e ao comércio. Grandes obras públicas foram erguidas. Consolidaram-se também suas instituições políticas, como o Senado, que reunia os representantes dos patrícios, os grandes proprietários. Os senadores eram nomeados pelo rei, mas tinham poderes para escolher o próprio rei. Em outras palavras, o poder real, limitado, rivalizava com o dos patrícios, que, por fim, e segundo narra a tradição, depuseram e expulsaram o último rei etrusco em 50. a.C. Roma tornou-se uma República.

#### O desenvolvimento do Império

*Res publica* significa “coisa de todos”. Mas da República romana só participavam os patrícios, que já detinham o poder econômico e militar e, agora, também o político. A plebe – pequenos proprietários, comerciantes e artesãos – e os clientes (espécie de agregados dos patrícios), para não falar dos escravos, não tinham acesso ao poder. A história da República é assim uma sucessão de revoltas da plebe, que aos poucos foi conquistando direitos políticos, revertidos em benefícios econômicos.

Favorecer economicamente a plebe significava conceder-lhe terras – e isso requeria a expansão do território romano, pois os patrícios monopolizavam as propriedades. A necessidade da defesa de Roma, sempre ameaçada por povos vizinhos, também levou os romanos às guerras de conquista. O resultado foi um vasto Império, que, no auge, nos séculos I e II d.C., abrangeria quase toda a Europa ocidental, o norte da África e a Ásia Menor.

Essas conquistas repercutiram na política interna de Roma: o controle de todo o Império exigia uma centralização maior de poder, também necessária para frear as contínuas agitações sociais e conspirações. Assim, em 46 a.C., o Senado investiu Júlio César (101-44 a.C.) das funções de imperador (comandante do Exército), com poderes sobre todos os cidadãos e aliados. Dois anos depois, o Senado proclamou-o ditador vitalício, mas ele seria assassinado logo em seguida por Júnio Bruto e Caio Cássio.

Mas a idéia de um governo forte e centralizado na figura do imperador estava lançada. Em 27 a.C., esse posto foi oficializado pelo Senado, que concedeu o título de Augusto (“divino” ou “sagrado”) a Caio Otaviano (63 a.C.-14 d.C.), sobrinho-neto de César. Essa concentração de poderes em uma só pessoa, esvaziando as demais instituições políticas, representaria, de certa maneira, um alívio para as famílias aristocráticas, já cansadas da onerosa participação no *negotium* (negócio, que na época significava administração pública). Podiam agora gozar do *otium* (ócio), a vida sem trabalho proporcionada pela riqueza do Império e pelo emprego da mão-de-obra escrava, e assim dedicar-se à cultura e às artes.

### A filosofia de Cícero

O pensamento romano floresceu nesse ambiente de ócio. Mas, ao contrário do que ocorreu na Grécia, a atividade intelectual em Roma careceu de originalidade. Na filosofia, os romanos elaboraram um pensamento eclético, isto é, que mistura aspectos de várias correntes filosóficas, em que sobressaem as idéias moralizantes. Além disso, esse pensamento não alcança um nível de abstração comparável ao dos gregos, a não ser num único terreno: o do direito. E só no período final do Império surgiram fatos culturais efetivamente novos: o cristianismo e o neoplatonismo.

O primeiro representante desse pensamento é Tito Lucrécio Caro (c. 96-55 a.C.). De sua vida, pouco conhecida, conta-se que ele alternava momentos de lucidez e de loucura e que, ao final, teria se matado. Escreveu *Da Natureza das Coisas*, talvez o primeiro texto filosófico em latim, mas que se limita a expor em versos o pensamento de Epicuro, ressaltando sua crítica à religião como causa dos temores do homem. A obra de Lucrécio, porém, só viria à luz após sua morte. Coube então a Cícero a primazia de fazer a filosofia falar latim.



**Marco Túlio Cícero**

Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.) foi um destacado político de Roma, autor das famosas *Catilinárias*, peça de oratória com que denunciou a conspiração de Lúcio Sérgio Catilina contra a República. Opositor de Júlio César, e por isso perseguido, exilou-se. A morte de César levou-o de novo à cena política, mas ele se opôs também a Otaviano e foi assassinado.

Seu pensamento, exposto em várias obras como *Sobre os Fins*, *Sobre os Deveres* e *A Natureza dos Deuses*, é um exemplo de ecletismo, em que se manifestam as mais diversas influências: elementos da Academia, do Liceu, do Jardim e da Stoa. Sua preocupação básica é a convivência dos homens em sociedade. Assim, embora admita que o conhecimento da verdade absoluta é impossível, sustenta que deva existir alguma forma de conhecimento para assegurar o consenso.

Sua ética, por outro lado, aproxima-se da dos estóicos, mas sem o mesmo rigor. A virtude consiste em permanecer indiferente ao mundo, mas também não há mal em não desprezar os bens, já que assim agem todos os homens. O mesmo tipo de raciocínio vale para a religião. Para Cícero, existe um único Deus; mas ele admite que para o povo é conveniente a crença em vários deuses. O que lhe importa, em suma, não é tanto o conhecimento das coisas por meio da razão, mas o que é razoável e conveniente para os homens.

### **O surgimento do direito**

A grande obra do pensamento romano é o direito. Ao contrário das leis da Grécia clássica – objeto de discussão e votação, quase sempre ao sabor das circunstâncias políticas –, o direito romano tem caráter impessoal e técnico. Forma um todo coerente e sistemático, de modo que cada parte não conflita com as demais. Nesse sentido, porém, ele é de certo modo herdeiro do pensamento abstrato dos gregos, com seu ideal de um todo harmonioso e bem proporcionado.

Antes do período republicano, a lei confundia-se com preceitos religiosos e baseava-se nos costumes. No início da República não foi diferente, mas as contínuas revoltas dos plebeus por mais direitos tornaram necessário o estabelecimento por escrito de leis básicas. O resultado foi a Lei das Doze Tábuas (450 a.C.), que abrangia o direito civil, o privado, o penal e aspectos do direito público, e que de modo geral equiparava juridicamente os plebeus aos patrícios.

No decorrer da República multiplicaram-se outras leis. Desenvolveu-se também a jurisprudência (“ciência do direito”), que examina a aplicação de normas abstratas para casos concretos. Ao lado dos pretores, responsáveis pela aplicação da lei, surgiram os jurisconsultos, especialistas na área, que davam consultas públicas a quem recorresse à Justiça.

No período imperial, a iniciativa de propor as leis, antes compartilhada pelo Senado e pela Assembléia da Plebe, passou a ser monopolizada pelo Senado. Na prática, porém, a função legislativa tor-

nou-se prerrogativa do imperador. Essa concentração de poder, tornando o direito menos um assunto político do que de especialistas, talvez tenha facilitado a sistematização das leis empreendida por Justiniano (482-565), o imperador do Império do Oriente (Constantinopla). Justiniano formou comissões de especialistas que por anos compilaram as leis existentes, reduzindo-lhes o número e tornando-as compatíveis entre si. O resultado é o *Corpus J uris Civilis*, coleção de quatro compilações que até hoje constitui a base da legislação de quase todos os países.

### O ESTOICISMO MORAL DO IMPÉRIO

A versão romana do estoicismo sofre a marca do caráter pouco abstrato do pensamento dos então senhores do mundo. As discussões lógicas do período grego desaparecem na Stoa romana e, quando se teoriza sobre a natureza, essa questão nem sempre aparece vinculada à preocupação  tica – o que era uma exigência do estoicismo original. Importa aos estóicos romanos formular idéias morais, e é sobretudo nesse sentido que se esforçam seus representantes maiores: S neca, Epicteto e Marco Aurélio.



**S neca**

#### **E a arte de bem viver**

Nascido em Córdoba (Espanha), L cio Aneu S neca (c. 4 a.C.-65 d.C.), estudou Direito em Roma, onde se destacaria como político, preceptor do futuro imperador Nero (37-68) e, mais tarde, seu conselheiro. Mas, discordando dos métodos arbitrários do antigo discípulo, foi obrigado por Nero a suicidar-se. Deixou vários escritos, muitos deles em forma de diálogo (como *Da tranqüilidade da Alma*) e peças de teatro (como *Medeia* e *Apocolocyntosis*).

S neca, como os estóicos anteriores, divide a filosofia em três partes:  tica, física e lógica. Concentra seu interesse na  tica, pois considera a filosofia um assunto eminentemente prático. Por isso, não hesita em tomar de outras correntes filosóficas elementos que possam contribuir para formular um pensamento que ensine a viver bem. Tal ecletismo manifesta-se, por exemplo, em sua concep o de Deus. Embora concordando com o estoicismo tradicional de que o universo como um todo seja corpóreo, logos divino, ele admite também a existência de um Deus que o transcende, estando acima desse universo. Ao homem cabe praticar o bem, pois assim Deus o ajudar .



**Epicteto**

### **O ex-escravo e o imperador**

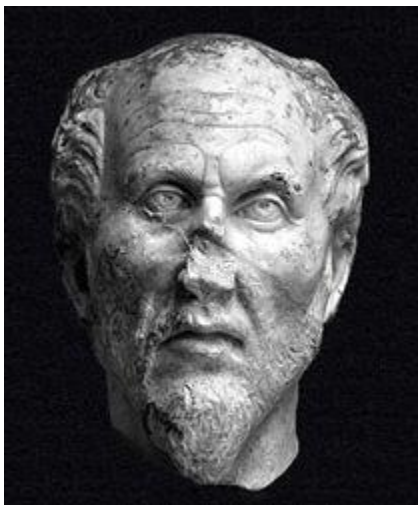
A idéia de um Deus transcendente é compartilhada por Epicteto (c. 50-130), um ex-escravo que, depois de liberto, dedicar-se-ia ao ensino da filosofia. Para ele, é preciso separar as coisas que dependem de nós e as que não dependem. “Dependem de nós”, afirma em seu *Manual*, “a opinião, a tendência, o desejo, a aversão, em uma palavra, tudo o que é obra nossa; não dependem de nós o corpo, a riqueza, os testemunhos de consideração, os altos cargos, em uma palavra, o que não é obra nossa”. Trata-se então de conduzir corretamente tudo o que depende de nós e permanecer indiferente quanto ao resto. Nisso consistem a tranqüilidade da alma e a felicidade.



**Marco Aurélio Antonino**

Marco Aurélio Antonino (121-180) foi imperador. Essa condição não deixa de se manifestar em sua versão do estoicismo: “Como um Antonino”, declara em suas *Meditações*, escritas em grego, “minha cidade e minha pátria é Roma; como homem, o mundo. Logo, só é um bem para mim o que for útil a essas duas cidades”. Por isso, para ele, o ideal estóico de apatia significa menos a indiferença com o que ocorre no mundo do que com o que poderia vir a perturbar o Império: “Não te é lícito, ao bem segundo a razão e os interesses do Estado, opor seja o que for de natureza diversa, como o louvor da multidão, o poder, a riqueza, o gozo dos prazeres”.

Ao que parece, Marco Aurélio conciliou no que pôde as exigências da sua posição com a moral estóica de amor à humanidade. Diz-se que foi um bom imperador. Mas, nesse período, o Império já começava a dar sinais de decadência, como que demonstrando a tese estóica do ciclo universal do fluxo e do refluxo. Por isso, o final das *Meditações* não deixa de manifestar, por trás da apatia, uma certa melancolia: “Homem, foste cidadão nesta grande cidade. Que te importa se foi por cinco anos? (...) É como se o pretor despedisse do teatro o comediante por ele contratado”.



## 5 - PLOTINO

(Aprox. 205 – 270)

### Livro: Os Filósofos. J. Herculano Pires

Em Plotino, dizia santo Agostinho, Platão viveu de novo. E isso parece exato, não só no tocante ao pensamento, às tentativas de restabelecimento e ao mesmo tempo de ampliação da doutrina platônica, mas também por um fato curioso. É que Plotino reviveu em Roma, na segunda metade do século terceiro da nossa era, junto ao Imperador Galieno, a insistência de Platão na corte de Siracusa, para uma experiência social de instalação de sua República. A utopia platônica, que não pôde ser experimentada na Sicília, devia então ensaiar-se na Campânia, próximo a Roma. Mais uma vez, porém, o sonho de Platão não pôde realizar-se. Galieno, que era amigo e discípulo de Plotino, a princípio teria concordado com a idéia, mas depois rejeitou-a.

Plotino é uma figura misteriosa, e nele se repete o caso de Pitágoras: fé e razão, Mística e Filosofia misturam-se poderosa e estranhamente na sua alma. Costuma-se dizer que Descartes é um homem de dois mundos, com um pé na Idade Média e outro na Renascença. Pitágoras tem a cabeça mergulhada em duas épocas: a fase órfica e a filosófica da Grécia. Plotino, que fica a meio caminho da História, entre um e outro, está na mesma situação. Metade de sua alma pertence ao mundo brilhante da filosofia grega, e a outra ao submundo em fermentação das religiões orientais que invadiam Roma, na decadência do Império. Mas assim como Descartes suportou heroicamente a carga de dois mundos e serviu de transição entre eles, Plotino também executou a árdua tarefa que a História lhe jogara aos ombros.

O mistério de Plotino começa com o seu nascimento. Sabe-se apenas que deve ter nascido em Licópolis, no Egito, entre 204 e 205 da nossa era. Durante trinta anos viveu não se sabe como, nem a que se

dedicou. Mas depois encontrou-se com Amônio Sacas, em Alexandria, e tornou-se aluno deste, por um período de nove anos. Amônio é em geral considerado como fundador do Neoplatonismo, que ensinava naquela cidade, onde teve discípulos ilustres. O ensino de Amônio era oral, seguindo a tradição socrática, e diz-se que os seus discípulos eram impedidos de escrevê-lo.

Plotino, ao encontrar-se com o mestre, teria tido uma iluminação súbita, que o despertara para a Filosofia. Depois do aprendizado filosófico, resolveu conhecer de perto as religiões orientais, que então estavam na moda. Engajou-se na expedição do Imperador Gordiano III contra os persas, mas com a morte deste, na Mesopotâmia, em 244, voltou para o Ocidente e resolveu abrir em Roma uma escola de Filosofia. Tornou-se então amigo do Imperador Galieno e da Imperatriz.

Foi somente na velhice que Plotino tentou a instalação, como diz Truc, de “uma cidade filosófica” na Campânia. Galieno era um imperador alegre, dado à Oratória, à Poesia e à Filosofia. Reinou entre 259 e 268, quando foi assassinado. Gostava de conversar com Plotino, além das horas em que o ouvia como mestre. O filósofo pensou que a oportunidade de fazer a experiência da República afinal reaparecia.

Mas os reis, por mais alegres e dados à leveza dos sonhos, possuem um sentido especial para os perigos políticos. E Galieno, embora encantado com o filósofo e com a idéia de construção de uma cidade ideal, acabou percebendo que podiam surgir complicações futuras. Tanto mais que a cidade platônica se ergueria ali mesmo, às portas de Roma.

Somente aos cinquenta anos, ou um pouco antes, Plotino começou a escrever os seus tratados. Mas apesar disso, deixou-nos páginas admiráveis, que revelam um alto espírito, dotado de inegável inspiração poética e de poderosos arroubos místicos. A trindade socrática da filosofia grega encontra nesse egípcio sonhador um digno representante na época romana. Não estávamos mais no esplendor da Grécia. O ciclo espantoso do pensamento grego há muito se encerrara, e em Roma não havia clima para uma floração espiritual tão bela e tão pura. Não obstante, Plotino supera todas as dificuldades e restabelece na Itália a era platônica.

Bréhier adverte que não podemos compreender Plotino, se não procurarmos suas raízes em sua própria terra, ou seja, no Egito. Seria inútil tentarmos filiá-lo apenas a Platão, ou mesmo à escola alexandrina de Amônio Sacas. Porque em Plotino temos a mistura da Mística com a Filosofia, de maneira estranha. É que os egípcios vinham desenvolvendo, desde o primeiro século da nossa era, como o testemunha o episódio dos terapeutas em Fílon, na *Vida Contemplativa*, um movimento contemplativo bastante intenso. Um novo tipo de místicos dessa espécie surgiu no Egito, diferindo “tanto do filósofo de tradição helênica, quando do praticante de religiões”, diz Bréhier. Plotino pertencia a esse novo tipo. E foi isso que lhe permitiu sintetizar, tanto na

sua pessoa, na sua vida, como na sua obra, a época em que viveu, em seus dois mais acentuados aspectos de vida intelectual e emocional: o filosófico e o religioso.

Plotino realizou sozinho, o que é simplesmente espantoso, a síntese filosófico-religiosa que o Cristianismo levaria ainda mil anos para efetivar. E isso ainda é mais espantoso, quando sabemos que Plotino viveu exatamente no período em que se verificou a ruína da civilização antiga. Só um tipo especial de filósofo contemplativo, capaz de isolar-se do mundo em ruínas, poderia realizar essa tremenda façanha do pensamento.

O conflito do terceiro século pode ser assim colocado: de um lado, as religiões orientais com sua concepção mítico-histórica do Universo, oferecendo aos homens em desespero, diante da falência da ordem social antiga e de suas ingênuas religiões mitológicas, uma possibilidade de salvação metafísica; de outro lado, a filosofia grega com sua concepção racional do Universo, concepção anti-histórica, estática, mas perfeita, enquadrando o Homem num esquema rígido e brilhante, em que ele devia abdicar de suas esperanças salvacionistas. Plotino resolve esse conflito pela fusão das duas correntes, praticando embora, como assinala Bréhier, uma violência contra a filosofia grega, “para fazê-la dizer o que ela não estava capacitada a dizer”.

Na mesma época, outra figura admirável, mais no plano teológico do que no filosófico, tentava a mesma solução, em sentido oposto: Orígenes, o doutor da Igreja, cujos esforços conciliatórios acabariam em heresia. Discípulo, também, de Amônio Sacas, não obstante a existência de outro discípulo com o mesmo nome, Orígenes tentou a conciliação de Platão com o Cristianismo. Toda a Idade Média, porém, ainda teria de correr sobre esse grave problema, antes que Orígenes o pudesse resolver. Plotino, que estava do outro lado, escapou à efervescência do movimento teológico e solucionou o seu problema no plano contemplativo.

### A TRINDADE UNIVERSAL

Os escritos de Plotino foram reunidos sob o título geral de *Enéades*, por seu discípulo Porfírio, o mesmo que daria matéria para a querela dos universais na Idade Média. São nada menos de cinquenta e quatro tratados, dispostos por Porfírio de maneira simbólica, para exprimir a caminhada de volta da alma, do sensível ao inteligível, ou seja, do Homem e do Mundo ao Uno ou ao Bem. Esses tratados apresentam um texto tumultuoso, sem a necessária ordem. Bréhier explica o motivo: são cursos orais, dados em reuniões tumultuosas, em meio de incessantes discussões, inclusive com adversários gnósticos. Plotino escreve sobre os assuntos que vão surgindo, e sua obra não pode ser ordenada e sistemática.

Vemos, nas *Enéades*, que o Universo tem uma constituição tríplice fundamental. Existe uma trindade universal, que se constitui destas três hipóstases: o Uno, o Intelecto e a Alma. A primeira hipóstase é



o próprio Deus, o Supremo Bem, e dele procede a segunda hipóstase, que traduzimos por Intelecto, mas que para Plotino é o *Nous*; e deste, afinal, procede a terceira hipóstase, que é a Alma. A segunda hipóstase é o mundo inteligível de Platão, aquele em que se encontra a realidade eterna, a ordem perpétua e imutável das coisas e dos seres. Mas, para Plotino, o inteligível é múltiplo na unidade, variável portanto. A imutabilidade está acima, na primeira hipóstase, no Uno. E abaixo do Intelecto, do *Nous*, está a hipóstase da Alma, intermediária, dotada de movimento, ativa, projetando o sensível.

Temos assim o sistema do emanatismo plotiniano, segundo o qual uma hipóstase universal emana da outra. Ou o sistema da processão, pelo qual, da Alma, que é em suma a Alma do Mundo, procedem, por degradação na matéria, as almas dos seres corpóreos. Em sentido inverso existe o sistema da conversão, pelo qual a alma individual, imersa na matéria, pode voltar-se para si mesma a fim de se encontrar, e ao mesmo tempo encontrar em si a Alma do Mundo, que por um ato de adoração se eleva para o *Nous*, que por sua vez se volta para o Uno. Há, portanto, dois ciclos: um do perfeito ao imperfeito, pelo qual o Uno se fragmenta através das hipóstases inferiores, até às almas individuais; e outro do imperfeito para o perfeito, através do qual as almas individuais se unificam, subindo progressivamente até o Uno.

Vemos assim o que podemos chamar a mecânica da contemplação, ou a técnica da salvação pelo processo contemplativo. As almas humanas, pobres almas degradadas, imersas na matéria, estão contaminadas. O que as fez cair não foi o pecado, mas um desejo, que pode ser considerado nobre: o desejo de reproduzir o Uno na matéria. Entretanto, a matéria é enganosa, é como o visgo em que pegamos os pássaros desprevenidos, como a teia de aranha em que a mosca se enrola. Não é, porém, uma teia fatal, pois a Alma pode libertar-se dela, e na verdade terá de libertar-se. Para isso, basta aplicar a técnica da contemplação: voltar-se para o Uno, aspirar ao Uno, como a matéria aspira à forma na filosofia aristotélica, e destruir assim o desejo e as paixões que a ligam à condição humana.

A alma é uma espécie de laço entre as hipóstases, e esta sua condição é um dos aspectos mais curiosos da teoria plotiniana. O deão (título de dignidade eclesiástica logo abaixo do bispo ou arcebispo, e que preside ao cabido - corpo de cônegos de uma igreja) Inge, que escreveu uma vida de Plotino, diz que a Alma “é a grande viajora do país metafísico”. Ela pode percorrer o Universo de um extremo a outro, vir do Uno para a matéria e subir desta ao Uno. Plotino lhe confere, assim, a invulnerabilidade que Epicuro atribuía ao sábio, mas em muito maior grau. Nada a afeta, pois que ela a tudo pode superar. Colhida hoje na matéria, por força do seu próprio desejo, por seu engano, amanhã se liberta novamente.

“A Alma – diz Plotino – possui múltiplas potências, em virtude das quais ocupa o começo, o meio e o fim das coisas”. Sempre lhe é permitido subir às hipóstases superiores, desde que se socorra de um

ideal, de um demônio, que procurará seguir. Sua explicação desse processo é bastante curiosa:

*Se podemos seguir o demônio que está acima de nós, então nos elevamos, para viver a sua vida; esse demônio para o qual tendemos é então a parte melhor de nós mesmos; depois, tomamos por guia a outro demônio, e assim sucessivamente, até chegarmos ao mais alto. Porque a Alma é muitas coisas; é todas as coisas, as superiores e as inferiores, e se estende por todo o domínio da vida. Cada um de nós é um mundo inteligível; ligados às coisas inferiores, pelo corpo, tocamos as coisas superiores pela essência inteligível de nosso ser.*

Mas o problema da Alma em Plotino não se resume no mundo humano ou dos seres animados. Já vimos que a Alma é também uma hipóstase, a Alma do Mundo. Sendo assim, o Mundo é um organismo vivo, dotado do poder anímico. A Terra tem a sua Alma, que dá às plantas o poder de reprodução e crescimento, e que faz as próprias pedras crescerem. Plotino chega a afirmar que a pedra cresce enquanto está no solo, ligada à terra, e deixa de crescer quando a retiramos dali.

Não há seres inanimados. Todas as coisas têm Alma. E Plotino admitiu também a teoria estoíca das *razões seminais*, partículas vivas que contêm em si todos os caracteres que se desenvolverão nos seres vivos. São como sementes, que contêm em si os vegetais. Mas às vezes, como assinala Bréhier, estas *razões seminais*, estas sementes de vida orgânica, se confundem com a alma, segundo vemos neste trecho: *As Almas, no Universo, não são mais do que fragmentos da razão universal. Todas as razões são Almas.*

A teoria das *razões seminais* nos lembra as mônadas de Leibnitz. São princípios de vida e razão atuantes na matéria. Essa teoria permite a Plotino o pleno desenvolvimento do seu panteísmo fragmentário. O Uno está em tudo, e por toda parte aspira voltar ao Uno. A potência aristotélica se restabelece através dessas sementes atuantes, que impregnam a matéria de uma vida secreta e de uma razão oculta, que guarda também a reminiscência platônica do mundo das idéias.

Não é fácil compreender toda essa teoria das Almas, principalmente quando nos lembramos de que “a Alma está em tudo”. Como pode ser isso? Plotino explica, de maneira ainda mais misteriosa, que a Alma, quando mergulha na matéria, nem por isso deixa o inteligível. A parte principal da Alma fica na hipóstase do *Nous*, a outra parte é que imerge na hipóstase inferior: “A Alma ao proceder, deixa sua parte superior no lugar inteligível que sua parte inferior abandona; pois, se a processão a fizesse abandonar essa parte superior, ela já não estaria em tudo, mas somente ali onde a processão a levou.”

Desta teoria da semente anímica na matéria deduzimos que a influência aristotélica em Plotino pode ser maior do que supomos à primeira vista. Porque resulta desse processo das Almas em ascensão, por toda parte, que o movimento do sensível não é determinado por um dinamismo exterior, mas por uma aspiração de ordem contempla-

tiva. No fundo, é o Primeiro Motor Imóvel que continua atraindo o mundo. Platão e Aristóteles se misturam nesse imenso processo. As *razões seminais* atuam por reminiscência, mas, assim atuando, estão sendo atraídas pelo Uno.

Ao chegar a este ponto, poderíamos supor que a matéria é o mal, a negação, e o sensível é a região sombria, o triste fundo da caverna platônica, em que não há mais do que sombras e escravidão. Plotino, entretanto, rejeita essa posição negativa. A matéria é uma produção do Uno, e de certa maneira uma queda, uma obscuridade para a alma. Mas por ser uma produção do Uno, guarda também alguma coisa da sua natureza, contém em si a alma. E justamente por isso, o mundo sensível também é belo, pois é racional. Não é tão belo quanto o inteligível, mas o é, tanto quanto pode ser nesse plano.

Bréhier acentua que, nesse passo, Plotino faz valer a concepção grega da beleza sensível. “Que geômetra ou aritmético poderia deixar – pergunta Plotino – de sentir prazer nas simetrias, correspondências e princípios da ordem que observamos nas coisas sensíveis?” Realmente, Plotino desenvolve uma teoria estética minuciosa, em que confronta a beleza sensível com a beleza inteligível, beleza natural e artística, integrando o sentimento do belo em sua filosofia. Ainda nisto há por certo a influência platônica, é a idéia do Belo difundida no sensível. Mas a concepção de Plotino não é apenas uma cópia, e sim um desenvolvimento inteligente do princípio platônico.

### O CÍRCULO DA JUSTIÇA

Todas as Almas se elevam por contemplação? Sabemos que não. O mundo está cheio de criaturas que se perdem na trama da matéria, esquecidas de sua origem divina. Por isso, Plotino queria criar a cidade que, segundo Windelband, se chamaria Platonópolis, na Campânia. Uma cidade destinada ao exercício da contemplação. Talvez nem mesmo fosse a República, como tantos supõem, mas apenas uma espécie de colônia para as almas contemplativas, que não se conformam com a imersão no sensível. Porque a maioria das criaturas se enleia naquilo que podemos chamar o círculo da justiça, e acaba sofrendo as punições inevitáveis, determinadas, não por uma ordem direta e consciente do Uno, mas pelas conseqüências próprias à atividade das Almas.

Ao se libertar do sensível, pela morte do corpo, a Alma devia naturalmente subir às hipóstases superiores. Entretanto, se ela não se lembrou de voltar-se para o *Nous*, se viveu exclusivamente voltada para o mundo sensível, entregue às sensações da matéria, então continuará atraída por esta, e a ela voltará. É nesse ponto que entram na filosofia de Plotino, perfeitamente associadas, as concepções da reencarnação e da metempsicose, derivadas do Platonismo e das religiões orientais. A Alma pecadora ou criminosa está sujeita ao círculo férreo da justiça. Se matou, voltará para ser assassinada. Se se entregou aos vícios, voltará para esgotar o seu desejo. Sofrerá tantas novas quedas,

tantas reencarnações, quantas forem determinadas pelos seus próprios impulsos, até que aprenda a modificá-los, para escapar ao círculo vicioso.

A natureza da Alma é a imortalidade. Assim, ela está sujeita a todas as penas possíveis, menos à destruição. Sendo uma processão divina, e mantendo no alto a sua “parte melhor”, como já vimos, ela não pode ser destruída. Plotino discorda da idéia aristotélica segundo a qual a Alma é a forma do corpo, mas admite e desenvolve a concepção platônica da Alma como idéia. Entretanto, para bem defini-la, precisamos compreender a sua qualidade de essência. A Alma pode ser explicada, pois, como a substância do Ser. Essa substância está obscurecida pelo corpo, mas *lá*, ou seja, na hipóstase do *Nous*, não há obscuramento.

Dessa maneira, Plotino correspondia precisamente aos anseios da época. Oferecia aos homens a esperança de uma vida pura e perfeita, fora dos tormentos e das imperfeições do mundo. Abria-lhes uma perspectiva de salvação. E ao mesmo tempo criava uma ética religiosa, que implicaria o esforço constante das criaturas para se libertarem dos seus desejos e apetites, das suas paixões desvairadas. Isso não era fácil, nem certamente muito aceitável, numa época de ambições desenfreadas. Mas se havia de um lado os fortes, os conquistadores, os guerreiros, de outro estava a grande maioria do povo, a massa anônima dos sofredores, que ansiavam por uma doutrina salvadora.

Se o Plotinismo não se difundiu imediatamente por toda parte, conquistando os povos, deve-se isso à sua natureza demasiado intelectual. Faltou-lhe a simplicidade do Evangelho cristão, que encontrou profunda repercussão popular. E faltou-lhe, também, o trabalho de catequese do Epicurismo, ao qual por sua vez faltava a promessa de uma vida futura.

Na grande batalha da época, travada entre as filosofias helenísticas e as religiões orientais, a vitória estava inevitavelmente destinada aos galileus. Nem os gregos, nem os egípcios, nem os romanos, poderiam vencer aqueles homens obscuros, destituídos de saber filosófico, que vinham dos confins da Palestina, semear os germens de uma nova religião no seio do Império em decadência.

Plotino cumpriu a sua tarefa de maneira gloriosa. Realizou a síntese gigantesca. Mas faltava à sua obra o sopro divino da consolação espiritual, o calor afetivo das palavras do Evangelho, que penetraria em todos os corações e mostraria às Almas imersas na matéria o caminho do Gólgota, esse estranho caminho que, conduzindo para a cruz, arrastaria, entretanto, as multidões.

### **A LUTA CONTRA O CRISTIANISMO**

É com Porfírio, discípulo de Plotino e organizador de suas obras, que vamos ver os momentos decisivos da luta do Neoplatonismo com o Cristianismo. Porfírio é mais um filólogo do que um filósofo.

Não tem a estrutura do mestre, nem o seu alcance. Interessa-se, por isso mesmo, por fixar as linhas da doutrina de Plotino, zelando pelas suas obras e ao mesmo tempo procurando comentá-las. Entretanto, seu trabalho nesse sentido é desviado para as obras de Platão e Aristóteles. Escreve uma história da Filosofia, em que destaca a vida de Pitágoras, e entrega-se ao comentário dos grandes mestres do passado.

Com referência a Platão, sua atividade é das mais intensas. Comenta todos os grandes diálogos do filósofo, e depois de vários comentários sobre Aristóteles, volta-se contra o próprio Plotino, para defender a lógica aristotélica das críticas deste. Mas Porfírio terá uma grande influência no futuro. Seu famoso tratado das cinco vozes, *Introdução às Categorias (Isagoge)*, vai se transformar numa das maiores fontes de debates no correr da Idade Média.

Porfírio é o responsável, praticamente, pela questão dos universais. Se não lhe coube um papel decisivo na propagação do Neoplatonismo, se não lhe foi possível dar seqüência ao trabalho gigantesco do mestre, na preparação de novos caminhos para a salvação das almas imersas no sensível, coube-lhe pelo menos uma posição de inegável destaque nas turbulências filosóficas medievais, onde os seus textos provocaram lutas intermináveis. Porfírio contribuiu poderosamente para o treinamento da razão, no processo do desenvolvimento ocidental, que se verificou durante o Medievalismo.

Mas não foi apenas nesse terreno que Porfírio exerceu sua influência. Porque sua obra *Contra os Cristãos*, defendendo a doutrina de Plotino, foi uma ação inegavelmente poderosa do seu espírito, na luta do Neoplatonismo contra o avanço espantoso do Cristianismo. Porfírio combatia a religião nascente acusando-a de bárbara em suas origens, nos seus ritos e no seu culto, e considerando-a verdadeira ameaça à Civilização. Esse livro de Porfírio, que se tornou tão famoso, hoje não mais existe. Afirmam alguns que desapareceu, pura e simplesmente. Mas Léon Robin acredita, e ressalta aos olhos que assim deve ter sido, que os cristãos, “após um século e meio de polêmica, deviam enfim conseguir a sua destruição”.

A Porfírio, entretanto, sucede Jâmblico, seu discípulo e continuador, fundador da chamada Escola Siríaca. Com Jâmblico, os desvios de Porfírio na interpretação do Plotinismo se tornam mais intensos, com derivação cada vez mais acentuada para o Pitagorismo. Essa derivação, aliás, parece ter tido motivo na necessidade de justificar o politeísmo contra o avanço incessante do monoteísmo cristão. Jâmblico conseguiu dar um cunho filosófico à existência dos deuses greco-romanos, através de uma mistura de Neoplatonismo com o Pitagorismo. Juliano, o Apóstata, apoiou-se nos trabalhos de Jâmblico e de Salústio, além de outros, para tentar o restabelecimento dos cultos politeístas.

De Salústio, o trabalho mais importante, e que exerceu influência na decisão de Juliano, foi o livro *Dos Deuses e do Mundo*, exposi-

ção dos motivos por que o Neoplatonismo podia servir de base filosófica à religião mitológica. A posição de Juliano, nessa luta, é das mais curiosas. Léon Robin se nega a admitir a alcunha de apóstata para o Imperador, que reinou apenas dois anos, e afirma tratar-se de figura “de notável inteligência e grande caráter, cuja obra mereceria um estudo atento”.

Curiosa posição, entretanto, a do Neoplatonismo, nesse agitado período. Amarrado desvantajosamente ao carro do politeísmo vencido, quando poderia manter-se numa posição filosófica independente, era ao mesmo tempo combatido e cortejado pelo Cristianismo. A nova religião, na sua sede de crescimento, revelando uma extraordinária capacidade de absorção, não se contentava com as contribuições filosóficas hauridas nos clássicos gregos, e procurava também abeberar-se nos princípios do Neoplatonismo, para o desenvolvimento da sua teologia.

Os bispos Sinésio e Nemésio, do quarto e do quinto séculos, são citados por Robin como exemplos dessa aproximação dos cristãos com o Neoplatonismo. Aliás, o Cristianismo nascente, inteiramente desprovido de base filosófica, apoiado apenas na filosofia das máximas evangélicas, lutava desesperadamente para construir o seu arcabouço cultural.

A derrota do politeísmo greco-romano, principalmente depois da tentativa frustrada de Juliano, atingiu em cheio o Neoplatonismo. Verificou-se então um fato curioso. Os filósofos, batidos pela religião nascente, refugiaram-se em Atenas. O pensamento platônico voltava ao seu ponto de origem. Ali, onde a Academia ressurgira, vários pensadores continuarão a luta pela manutenção de uma linha filosófica independente. Entre eles, destaca-se Proclo, de Constantinopla, que se revela um pensador de grande envergadura e sucede a Siriano na direção da Academia. Proclo desenvolve grande atividade, comentando Platão, os *Elementos* de Euclides, a astronomia ptolomaica, e compondo manuais históricos e de Física e Teologia. O Neoplatonismo continuava apegado às diretrizes religiosas do pensamento platônico, incapaz de se desviar para os caminhos da Filosofia, evitando as lutas inúteis. Damáscio, para concluir o entrosamento do Neoplatonismo com o politeísmo vencido, publica ainda um livro, *Dos Princípios*, em que realiza o milagre, segundo Robin, de descobrir na mitologia antiga, tanto na oriental quanto na grega, “com a ajuda de uma exegese dialética, um fundo secreto, que não é outro senão a eterna verdade que o Neoplatonismo interpreta”.

Que o pensamento platônico continuou em desenvolvimento na Academia, restabelecida em Atenas, não há dúvida. O trabalho de Damáscio era tão notável, quanto a construção da sua dialética justificativa do politeísmo, que acabou servindo para a própria elaboração de certos aspectos da teologia cristã.

“Uma tal metafísica, diz Robin, ao mesmo tempo realista e cheia de aspirações confusas, era o de que precisava o Cristianismo,

para enxertar uma filosofia na revelação”. Os trabalhos de Proclo, principalmente sobre a tríade, notável desenvolvimento da teologia de Jâmblico, também assinalaram momentos fecundos do Neoplatonismo. Guido de Ruggiero chega a reconhecer que Proclo é um filósofo original, digno de figurar ao lado de Plotino.

Encharcada, porém, de um misticismo anti-racional, que a devolveia praticamente às suas origens órficas, a filosofia da Academia, apesar da fecundidade e do poder intelectual de seus representantes, acabou entrando em agonia. Platão, aliás, estava dividido. Uma parte havia sido absorvida pelo Cristianismo, e outra parte lutava contra ele, a favor do politeísmo. Um reino dividido não subsiste, já dissera Jesus.

O edito de Justiniano, em 529, proibindo o ensino de Filosofia em Atenas, obrigou Damáscio e Simplício, os dois últimos representantes do Neoplatonismo, ambos poderosas expressões filosóficas, a abandonarem a cidade e refugiarem-se na Pérsia. Roma moribunda, por mãos de Justiniano, matava o último reduto da filosofia grega, em que bebera melhor leite do que o da loba de Remo e Rômulo.

\*

**SEXTA PARTE**

**Livro: A Caminho da Luz (Emmanuel)**

**ROMA**

**O POVO ETRUSCO. PRIMÓRDIOS DE ROMA**



## **Livro: A Caminho da Luz. Emmanuel**

### **1 – ROMA - O POVO ETRUSCO**

Reconhecendo as dedicações ao trabalho, por parte de todos os Espíritos que se haviam localizado na Itália primitiva, então dividida em duas partes importantes, que eram a Gália Cisalpina e a Magna Grécia, ao norte e ao sul da península, os prepostos e auxiliares de Jesus projetam a fundação de Roma, que se ergueu rapidamente, coroada de lendas numerosas, para desempenhar tão grande papel na evolução do Mundo.

A esse tempo, o Vale do Pó era habitado pelos etruscos, que se viam humilhados pelas constantes invasões dos gauleses. De todos os elementos que formaram os ascendentes da Itália moderna, eram eles dos mais esforçados, operosos e inteligentes. Nas regiões da Toscana, possuíam largas indústrias de metais, marinha notável, destacado progresso no amanho da terra e, sobretudo, sentimentos evolidos que os faziam diferentes das coletividades mais próximas. Acreditavam na sobrevivência e ofereciam sacrifícios às almas dos mortos, venerando os deuses cujas disposições, em cada dia, presumiam conhecer através dos fenômenos comuns da Natureza. Atormentados e desgostosos em face das lutas reiteradas com os gauleses, os etruscos decidiram tentar vida nova e, guiados indiretamente pelos mensageiros do Invisível, grande parte resolveu fixar-se na Roma do porvir, que, então, nada mais era que um agrupamento de cabanas humildes e desprotegidas.

#### **PRIMÓRDIOS DE ROMA**

Defendida naturalmente pelo adensamento constante de população, a cidade mergulhou as suas origens numa corrente profunda de histórias interessantes e maravilhosas, onde as figuras de Enéias, de Réia Sílvia, de Rômulo e Remo assumiram papel saliente e singularíssimo.

A verdade, porém, é que os etruscos, em grande maioria, edificaram as primeiras organizações da cidade, fundando escolas de trabalho, transportando para aí as experiências mais valiosas dos outros povos, criando uma nova terra com o seu esforço enérgico e decidido. Lá encontraram eles as tribos latinas Ramnenses, Titienses e Lúceres, congregadas para a edificação comum, das quais assumiram a direção por largos anos, construindo os alicerces das realizações futuras.

Quando Rômulo chegou, seus olhos já contemplaram uma cidade próspera e trabalhadora, onde fez valer a sua enérgica inteligência, mas não faltou à posteridade o gosto de tecer-lhe uma coroa lendária e fantasiosa, chegando-se a afirmar que a sua figura fora arrebatada no carro dos deuses, com destino ao Céu.

#### **INFLUÊNCIAS DECISIVAS**

Desnecessária será a autópsia da História nos seus pontos mais divulgados e conhecidos, quando o nosso único propósito é esclarecer

o entendimento do leitor, quanto à direção do planeta, que se conserva, de fato, no mundo espiritual, de onde o Cristo vela incessantemente pelo orbe e pelos seus destinos. Todavia, para fundamentar nossa asserção acerca das influências etruscas nos primórdios de Roma, somos levados a recordar a figura de Tarquínio Prisco, filho da Etrúria, que trouxe à cidade grandes reformas e inúmeras inovações em todos os departamentos da sua consolidação e do seu progresso, lembrando, entre as suas muitas renovações, a construção da Cloaca Máxima e do Capitólio. Seu sucessor, Sérvio Túlio, era igualmente da sua família. Este, dividiu todo o povo da cidade em classes e centúrias, segundo as possibilidades financeiras de cada um, desgostando os patrícios, a esse tempo já organizados, em virtude de essa reforma apresentar-se dentro de características liberais, não obstante as suas finalidades militares.

Onde, porém, mais se evidenciam as influências etruscas, nas organizações romanas, é justamente na alma popular, devotada aos gênios, aos deuses e às superstições de toda espécie, que seriam multiplicadas em seus contactos com a Grécia. Cada família, como cada lar, possuía o seu gênio invisível e amigo, e, na sociedade, alastravam-se as comunidades religiosas, culminando no Colégio dos Pontífices, cuja fundação remonta ao passado longínquo da cidade. Esse Colégio foi depois substituído pelo Pontífice Máximo, chefe supremo das correntes religiosas, do qual os bispos romanos iam extrair, mais tarde, o Vaticano e o Papado dos tempos modernos.

Os romanos, ao contrário dos atenienses, não procuravam muitas indagações transcendentais em matéria religiosa ou filosófica, atendendo somente aos problemas do culto externo, sem muitas argumentações com a lógica, e foi por isso que, com a evolução da cidade, o Panteão, seu templo mais aristocrático, chegou a possuir mais de trinta mil deuses.

### **OS PATRÍCIOS E OS PLEBEUS**

Depois dos últimos Tarquínios, que procuraram intensificar os poderes militares da realeza, proclama-se a República, que fica governada por dois magistrados patrícios, assistidos pelo Senado. Grandes medidas são executadas para consolidar a supremacia romana, mas as classes pobres, oprimidas pelas mais ricas, que gozavam de todos os direitos, revoltaram-se em face da penosa situação em que as colocavam as possibilidades da ditadura preconizada pelos senadores, em casos especiais com poderes soberanos e amplos em todas as questões da vida e morte de cada um.

Inspirados pelas forças espirituais que os assistiam, os plebeus em massa abandonaram a cidade, retirando-se para o Monte Sagrado, mas os patrícios, examinando a gravidade daquela atitude extrema, lhes enviam Menênio Agripa, cuja palavra se desincumbe com felicidade da diligência que lhe fora cometida, contando aos rebeldes o apólogo dos membros e do estômago, que constituem, no mecanismo de sua harmonia, o perfeito organismo de um corpo. A plebe concorda em

regressar à cidade, embora impondo condições quase que irrestritamente aceitas. Os tribunos da plebe inauguram, então, um período de belas conquistas dos direitos humanos, culminando na Lei Canuleia, que permitia o casamento entre patrícios e plebeus e com a Lei Ogúlnia, que conferia a estes últimos as próprias funções sacerdotais.

### **A FAMÍLIA ROMANA**

Muito poderíamos comentar, à margem da História, mas outros são os nossos fins, considerando-nos no dever de salientar aqui as sagradas virtudes romanas, na instituição do colégio da família, em muitas circunstâncias superior ao da própria Grécia cheia de sabedoria e beleza.

A família romana, em suas tradições gloriosas, está constituída no mais sublime respeito às virtudes heróicas da mulher e na perfeita compreensão dos deveres do homem, ante os seus sucessores e os seus antepassados.

Lembrando-nos de Roma no seu áureo período de trabalho, enche-se nos o olhar de lágrimas amargas... Que gênio maldito imiscuiu-se nessa organização sublimada em seus mais íntimos fundamentos, devorando-lhe as esperanças mais nobres, corrompendo-lhe os sentimentos, relaxando-lhe as energias? Que força devastadora derrubou todas as suas estátuas gloriosas de virtude? Debalde, a mão misericordiosa de Jesus desceu sobre a sua frente, levantando-a de quedas tenebrosas, antes dos tristes espetáculos do seu arrasamento. Os abusos de poder e de liberdade dos seus habitantes fizeram do ninho do amor e do trabalho um amontoado de ruínas, afundando-o num mar de lodo sanguinolento.

### **AS GUERRAS E A MAIORIDADE TERRESTRE**

Em breve, porém, a família romana, cheia das tradições de generosa beleza, foi dilacerada pelos gênios militares e pelos espíritos guerreiros.

O progresso incessante da cidade formava a tendência geral ao expansionismo em todos os domínios.

Entretanto, os pródromos do Direito Romano e a organização da família assinalavam o período da maioridade terrestre. O homem com semelhantes conquistas, estava a desferir o vôo para as mais altas esferas espirituais.

As legiões magnânimas do Cristo aprestam-se para as últimas preparações de seus gloriosos caminhos na face do mundo. O Evangelho deveria chegar como a mensagem eterna do amor, da luz e da verdade para todos os seres.

Todavia, a liberdade pessoal e coletiva é respeitada pelo plano invisível e Roma não se mostra digna das numerosas dádivas recebidas. Em vez de estender os seus laços pela educação e pela concórdia, deixa prender-se por uma legião de espíritos agressivos e ambiciosos,

alargando a sua influência pelo mundo com as balistas e catapultas dos seus guerreiros. Depois das conquistas da Península, empreende a conquista do mundo, com as guerras púnicas, terminando por submeter todo o Oriente, onde também se encontrava a Grécia esgotada e vencida.

Os enviados do Cristo harmonizam esses terríveis movimentos no instituto das provações necessárias aos indivíduos e aos seus agrupamentos; todavia, a realidade é que Roma assumia, igualmente, as mais pesadas responsabilidades e os mais penosos débitos, diante da Justiça Divina. Suas águias vitoriosas cruzam, então, todos os mares; o Mediterrâneo é propriedade sua e o Império Romano é o Império do homem, ouvindo-se a voz diretora de um só homem para quase todas as regiões povoadas da Terra.

### **NAS VÉSPERAS DO SENHOR**

As forças do invisível, porém, não descansaram. Muitas lágrimas foram vertidas, no Alto, em vista de tão nefastos acontecimentos.

O Cristo reúne as assembléias de seus emissários. A Terra não podia perder a sua posição espiritual, depois das conquistas da sabedoria ateniense e da família romana.

É então que se movimentam as entidades angélicas do sistema, nas proximidades da Terra, adotando providências de vasta e generosa importância. A lição do Salvador deveria, agora, resplandecer para os homens, controlando-lhes a liberdade com a exemplificação perfeita do amor. Todas as providências são levadas a efeito. Escolhem-se os instrutores, os precursores imediatos, os auxiliares divinos. Uma atividade única registra-se, então, nas esferas mais próximas do planeta, e, quando reinava Augusto, na sede do governo do mundo, viu-se uma noite cheia de luzes e de estrelas maravilhosas. Harmonias divinas cantavam um hino de sublimadas esperanças no coração dos homens e da Natureza. A manjedoura é o teatro de todas as glorificações da luz e da humildade, e, enquanto alvorecia uma nova era para o globo terrestre, nunca mais se esqueceria o Natal, a "noite silenciosa, noite santa".

\*

## **2 - A VINDA DE JESUS**

### **A MANJEDOURA**

#### **Livro: A Caminho da Luz. Emmanuel.**

A manjedoura assinalava o ponto inicial da lição salvadora do Cristo, como a dizer que a humildade representa a chave de todas as virtudes.

Começava a era definitiva da maioridade espiritual da Humanidade terrestre, de vez que Jesus, com a sua exemplificação divina, entregaria o código da fraternidade e do amor a todos os corações.

Debalde os escritores materialistas de todos os tempos vulgarizaram o grande acontecimento, ironizando os altos fenômenos mediúnicos que o precederam. As figuras de Simeão, Ana, Isabel, João Batista, José, bem como a personalidade sublimada de Maria, têm sido muitas vezes objeto de observações injustas e maliciosas; mas a realidade é que somente com o concurso daqueles mensageiros da Boa Nova, portadores da contribuição de fervor, crença e vida, poderia Jesus lançar na Terra os fundamentos da verdade inabalável.

### **O CRISTO E OS ESSÊNIOS**

Muitos séculos depois da sua exemplificação incompreendida, há quem o veja entre os essênios, aprendendo as suas doutrinas, antes do seu messianismo de amor e de redenção. As próprias esferas mais próximas da Terra, que pela força das circunstâncias se acercam mais das controvérsias dos homens que do sincero aprendizado dos espíritos estudiosos e desprendidos do orbe, refletem as opiniões contraditórias da Humanidade, a respeito do Salvador de todas as criaturas.

O Mestre, porém, não obstante a elevada cultura das escolas essênias, não necessitou da sua contribuição. Desde os seus primeiros dias na Terra, mostrou-se tal qual era, com a superioridade que o planeta lhe conheceu desde os tempos longínquos do princípio.

### **CUMPRIMENTO DAS PROFECIAS DE ISRAEL**

Do seu divino apostolado nada nos compete dizer em acréscimo das tradições que a cultura evangélica apresentou em todos os séculos posteriores à sua vinda à Terra, reafirmando, todavia, que a sua lição de amor e de humildade foi única em todos os tempos da Humanidade.

Dele asseveraram os profetas de Israel, muito tempo antes da manjedoura e do calvário: - "Levantar-se-á como um arbusto verde, vivendo na ingratidão de um solo árido, onde não haverá graça nem beleza. Carregado de opróbrios e desprezado dos homens, todos lhe voltarão o rosto. Coberto de ignomínias, não merecerá consideração. É que Ele carregará o fardo pesado de nossas culpas e de nossos sofrimentos, tomando sobre si todas as nossas dores. Presumireis na sua figura um homem vergando ao peso da cólera de Deus, mas serão os nossos pecados que o cobrirão de chagas sanguinolentas e as suas feridas hão de ser a nossa redenção. Somos um imenso rebanho desgarrado, mas, para nos reunir no caminho de Deus, Ele sofrerá o peso das nossas iniquidades. Humilhado e ferido, não soltará o mais leve queixume, deixando-se conduzir como um cordeiro ao sacrifício. O seu túmulo passará como o de um malvado e a sua morte como a de um ímpio. Mas, desde o momento em que oferecer a sua vida, verá nascer uma posteridade e os interesses de Deus hão de prosperar nas suas mãos."

### **A GRANDE LIÇÃO**

Sim, o mundo era um imenso rebanho desgarrado. Cada povo fazia da religião uma nova fonte de vaidades, salientando-se que muitos cultos religiosos do Oriente caminhavam para o terreno franco da dissolução e da imoralidade; mas o Cristo vinha trazer ao mundo os fundamentos eternos da verdade e do amor. Sua palavra, mansa e generosa, reunia todos os infortunados e todos os pecadores. Escolheu os ambientes mais pobres e mais desataviados para viver a intensidade de suas lições sublimes, mostrando aos homens que a verdade dispensava o cenário suntuoso dos areópagos, dos fóruns e dos templos, para fazer-se ouvir na sua misteriosa beleza. Suas pregações, na praça pública, verificam-se a propósito dos seres mais desprotegidos e desclassificados, como a demonstrar que a sua palavra vinha reunir todas as criaturas na mesma vibração de fraternidade e na mesma estrada luminosa do amor. Combateu pacificamente todas as violências oficiais do judaísmo, renovando a Lei Antiga com a doutrina do esclarecimento, da tolerância e do perdão. Espalhou as mais claras visões da vida imortal ensinando às criaturas terrestres que existe algo superior às pátrias, às bandeiras, ao sangue e às leis humanas. Sua palavra profunda, enérgica e misericordiosa, refundiu todas as filosofias, aclarou o caminho das ciências e já teria irmanado todas as religiões da Terra, se a impiedade dos homens não fizesse valer o peso da iniquidade na balança da redenção.

### **A PALAVRA DIVINA**

Não nos compete fornecer uma nova interpretação das palavras eternas do Cristo, nos Evangelhos. Semelhante interpretação está feita por quase todas as escolas religiosas do mundo, competindo apenas às suas comunidades e aos seus adeptos a observação do ensino imortal, aplicando-a a si próprios, no mecanismo da vida de relação, de modo que se verifique a renovação geral, na sublime exemplificação, porque, se a manjedoura e a cruz constituem ensinamento inolvidável, muito mais devem representar, para nós outros, os exemplos do Divino Mestre, no seu trato com as vicissitudes da vida terrestre.

De suas lições inesquecíveis, decorrem conseqüências para todos os departamentos da existência planetária, no sentido de se renovarem os institutos sociais e políticos da Humanidade, com a transformação moral dos homens dentro de uma nova era de justiça econômica e de concórdia universal.

Pode parecer que as conquistas do verdadeiro Cristianismo sejam ainda remotas, em face das doutrinas imperialistas da atualidade, mas é preciso reconhecer que dois mil anos já dobaram sobre a palavra divina. Dois mil anos em que os homens se estraçalharam em seu nome, inventando bandeiras de separatividade e destruição. Incendiaram e trucidaram, em nome dos seus ensinos de perdão e de amor, massacrando esperanças em todos os corações. Contudo, o século que passa deve assinalar uma transformação visceral nos departamentos da vida.

A dor completará as obras generosas da verdade cristã, porque os homens repeliram o amor em suas cogitações de progresso.

### **CREPÚSCULO DE UMA CIVILIZAÇÃO**

Uma nuvem de fumo vem-se formando, há muito tempo, nos horizontes da Terra cheia de indústrias de morte e destruição. Todos os países são convocados a conferirem os valores da maturação espiritual da Humanidade, verificada no orbe há dois milênios. O progresso científico dos povos e as suas mais nobres e generosas conquistas são reclamados pelo banquete do morticínio e da ambição, e, enquanto a política do mundo se sente manietada ante os dolorosos fenômenos do século, registram-se nos espaços novas atividades de trabalho, porque a direção da Terra está nas mãos misericordiosas e augustas do Cordeiro.

### **O EXEMPLO DO CRISTO**

Sem nos referirmos, porém, aos problemas da política transitória do mundo, lembremos, ainda, que a lição do Cristo ficou para sempre na Terra, como o tesouro de todos os infortunados e de todos os desvalidos. Sua palavra construiu a fé nas almas humanas, fazendo-lhes entrever os seus gloriosos destinos. Haja necessidade e tornaremos a ver a crença e a esperança reunindo-se em novas catacumbas romanas, para reerguerem o sentido cristão da civilização da Humanidade.

É, muitas vezes, nos corações humildes e aflitos que vamos encontrar a divina palavra cantando o hino maravilhoso dos bem-aventurados.

E, para fechar este capítulo, lembrando a influência do Divino Mestre em todos os corações sofredores da Terra, recordemos o episódio do monge de Manilha, que, acusado de tramar a liberdade de sua pátria contra o jugo dos espanhóis, é condenado à morte e conduzido ao cadafalso.

No instante do suplício, soluça desesperadamente o mísero condenado - "Como, pois, será possível que eu morra assim inocente? Onde está a justiça? Que fiz eu para merecer tão horrendo suplício?"

Mas um companheiro corre ao seu encontro e murmura-lhe aos ouvidos: - "Jesus também era inocente!..."

Passa, então, pelos olhos da vítima, um clarão de misteriosa beleza. Secam-se as lágrimas e a serenidade lhe volta ao semblante macerado, e, quando o carrasco lhe pede perdão, antes de apertar o parafuso sinistro, ei-lo que responde resignado: - "Meu filho, não só te perdão como ainda te peço cumpras o teu dever."

### **3 - O Império Romano e seus desvios**

#### **OS DESVIOS ROMANOS**

Reportando-nos ainda às conquistas romanas, antes da chegada do Senhor para as primeiras florações do Cristianismo, devemos lembrar o esforço despendido pelas entidades espirituais, junto das autoridades organizadoras e conservadoras da República, no sentido de orientar-se a atividade geral para um grande movimento de fraternidade e de união de todos os povos do planeta.

Os pensadores que hoje sonham a criação dos Estados Unidos do mundo, sem os movimentos odiosos das guerras fratricidas, podem sondar os desígnios do plano invisível naquela época. A Grécia havia perscrutado, na medida do possível, todos os problemas transcendentais da vida. Nas suas lutas expiatórias, transferira as suas experiências e conhecimentos para a família romana, então apta para as grandes tarefas do Estado. À força de educação e de amor, poderia esta última unificar as bandeiras do orbe, criando um novo roteiro à evolução coletiva e estabelecendo as linhas paralelas do progresso físico e moral da Humanidade terrestre. Todos os esforços foram despendidos, nesse particular, pelos emissários do plano invisível, e a prova desse grandioso projeto de trabalho unitário é que a obra do Império Romano foi das mais primorosas, em matéria educativa, com vistas à organização das nacionalidades modernas. O próprio instinto democrático da Inglaterra e da França, bem como as suas elevadas obras de socialização, ainda representam frutos da missão educativa do Império, no seio da Humanidade.

O caminho dos romanos ficou juncado de sementes e de luzes para o porvir.

A realidade, contudo, é que, se os mensageiros do Cristo conseguiram a realização de muitos planos generosos, no seio da comunidade de então, não podiam interferir na liberdade isolada da grande maioria dos seus membros.

#### **OS ABUSOS DA AUTORIDADE E DO PODER**

Em breve, os abusos da autoridade e do poder embriagavam a cidade valorosa. Toda a sede do governo parecia invadida por uma avalanche de forças perversoras, das mais baixas esferas dos planos invisíveis.

A família romana, cujo esplendor espiritual conseguiu atravessar todas as eras, iluminando os agrupamentos da atualidade, parecia atormentada pelos mais tenazes inimigos ocultos, que, aos poucos, lhe minaram as bases mais sólidas, mergulhando-a na corrupção e no extermínio de si mesma, dada a ausência de vigilância de suas sentinelas mais avançadas. Denso nevoeiro obscurecia todas as consciências, e a sociedade alegre e honesta, rica de sentimentos enobrecedores, foi pasto de crimes humilhantes, de tragédias lúgubres e miserandos assassínios. As classes abastadas aproveitavam a plethora de poder instalando-



se no carro da opressão, que deixava atrás de si um rastro fumegante de revolta e de sangue. Os Gracos, filhos da veneranda Cornélia, são quase que os derradeiros traços de uma época caracterizada pela administração enérgica, mas equânime, cheia de honestidade, de sabedoria e de justiça.

### OS CHEFES DE ROMA

Depois de Caio, assassinado no Aventino, embora se fizesse supor um suicídio, instala-se definitivamente um regime de quase completa dissolução das grandes conquistas morais realizadas.

Sobe Mário ao poder, depois das vitórias contra Jugurta e contra os germanos, que haviam, por sua vez, invadido o território das Gálias. Mas os antagonismos sociais levam Sila ao poder, travando-se lutas cruentas, como vésperas escuras de sangrentas derrocadas. Em seguida, surgem Pompeu e a revolução de Catilina, muito conseguindo a prudência de Cícero em favor da segurança da cidade. Verifica-se, logo após, o primeiro triunvirato com a política maneirosa de Caio Júlio César, que se alia a Pompeu e a Crasso para as supremas obrigações do governo.

As citações históricas, todavia, desviariam os objetivos do nosso esforço. Nossa intenção é mostrar que o determinismo do mundo espiritual era o do amor, da solidariedade e do bem, mas os próprios homens, na esfera relativa de suas liberdades, modificaram esse determinismo superior, no curso incessante da civilização.

Os generais romanos podiam conquistar a ferro e fogo, desviando-se dos objetivos mais sagrados dos seus deveres e obrigações, levando aos outros povos, pela força das armas, os liames que somente deveriam utilizar com a sua cultura e experiência da vida; mas seus atos originaram os mais amargos frutos de provação e sofrimento para a Humanidade terrestre, e é por isso que, em sua quase totalidade, entraram no plano espiritual seguidos de perto pelas suas numerosas vítimas, entre as vozes desesperadas das mais acerbadas acusações. Muitos deles, decorridos decênios infindáveis de martírios expiatórios, podiam ser vistos sem as suas armaduras elegantes, arrastando-se como vermes ao longo das margens do Tibre, ou estendendo as mãos asquerosas, como mendigos detestados do Esquilino.

### O SÉCULO DE AUGUSTO

Terminados os triunviratos, eis que ia cumprir-se a missão do Cristo, depois de instalados os primeiros Césares do Império Romano.

A aproximação e a presença consoladora do Divino Mestre no mundo era motivo para que todos os corações experimentassem uma vida nova, ainda que ignorassem a fonte divina daquelas vibrações confortadoras. Em vista disso, o governo de Augusto decorreu em grande tranqüilidade para Roma e para o resto das sociedades organizadas do planeta. Realizam-se gigantescos esforços edificadores ou construtivos. Belos monumentos são erigidos. O espírito artístico e fi-

lantrópico de Atenas revive na pessoa de Mecenas, confidente do imperador, cuja generosidade dispensa a mais carinhosa atenção às inteligências estudiosas e superiores da época, quais Horácio e Vergílio, que assinalam, junto de outras nobres expressões intelectuais do tempo, a passagem do chamado "século de Augusto", com as suas obras numerosas.

### **TRANSIÇÃO DE UMA ÉPOCA**

Depois de Augusto, aparece à barra da História a personalidade disfarçada e cruel de Tibério, seu filho adotivo, que vê terminar a era de paz, de trabalho e concórdia, com o regresso do Cordeiro às regiões sublimadas da Luz.

É nesse reinado que a Judéia leva a efeito a tragédia do Gólgota, realizando sinistramente as mais remotas profecias.

Não obstante o seu compassivo e desvelado amor, o Divino Mestre é submetido aos martírios da cruz, por imposição do judaísmo, que lhe não compreendeu o amor e a humildade. Roma colabora no doloroso acontecimento com a indiferença fria de Pôncio Pilatos, retornando aos seus festins e aos seus prazeres, como se desconhecesse as finalidades mais nobres da vida.

Seguindo a mesma estrada escura de Tibério, Calígula inaugura um período longo de sombras, de massacres e de incêndios, de devastação e de sangue.

### **PROVAÇÕES COLETIVAS DOS JUDEUS E DOS ROMANOS**

Os seguidores humildes do Nazareno iniciam, nas regiões da Palestina, as suas predicacões e ensinamentos. Raros apóstolos sabiam da missão sublimada daquela doutrina sacrossanta, que mandava fazer o bem pelo mal e instituía o perdão aos próprios inimigos. De perto, seguem-lhes a atividade os emissários solícitos do Senhor, preparando os caminhos da revolução ideológica do Evangelho. Esses mensageiros do Alto iniciam, igualmente e de modo indireto, o esforço de auxílio ao Império nas suas dolorosas provações coletivas.

Um perfeito trabalho de seleção se verifica no ambiente espiritual das coletividades romanas. Chovem inspirações do Alto preludando as dores de Jerusalém e as amarguras da cidade imperial. Vaticínios sinistros pesam sobre todos os espíritos rebeldes e culpados, e a verdade é que, depois do cerco de Jerusalém, quando Tito destruiu a cidade, arrasando-lhe o Templo famoso e dispersando para sempre os israelitas, viu o orgulhoso vencedor mudar-se o curso das dores para a sociedade do Império, atormentada pelas tempestades de fogo e cinza que arrasaram Estábias, Herculânium e Pompéia, destruindo milhares de vidas florescentes e desequilibrando a existência romana para sempre.

### **FIM DA VAIDADE HUMANA**

O Império Romano, que poderia ter levado a efeito a fundação de um único Estado na superfície do mundo, em virtude da maravilhosa unidade a que chegou e mercê do esforço e da proteção do Alto, desapareceu num mar de ruínas, depois das suas guerras, desvios e circos cheios de feras e gladiadores.

O imenso organismo apodreceu nas chagas que lhe abriram a incúria e a impiedade dos próprios filhos e, quando não foi mais possível o paliativo da misericórdia dos espíritos abnegados e compassivos, dada a galvanização dos sentimentos gerais na mesa larga dos excessos e prazeres terrestres, a dor foi chamada a restabelecer o fundamento da verdade nas almas.

Da orgulhosa cidade dos imperadores não restaram senão pedras sobre pedras. Sob o látigo da expiação e do sofrimento, os Espíritos culpados trocaram a sua indumentária para a evolução e para o resgate no cenário infinito da vida, e, enquanto muitos deles ainda choraram nos padecimentos redentores, gemem sobre as ruínas do Coliseu de Vespasiano os ventos tristes e lamentosos da noite.

\*

## 4 - ENTRE A FÉ E A RAZÃO

### Livro: História da Filosofia. Os Pensadores

O Cristianismo poderia ter se mantido exclusivamente no terreno da fé. Ao contrário da razão, que exige provas e demonstrações, a fé basta a si mesma. Crê-se, e é o suficiente. O Cristianismo, porém, não se satisfaz com o credo. Entrou no terreno da filosofia. Mais do que isso, foi a forma que a filosofia assumiu por mais de um milênio. Em contrapartida, a fé cristã assimilou procedimentos racionais.

Esse encontro, marcado por tensões entre a fé e a razão, iniciou-se no Império Romano, que propiciava a mescla de diversos valores culturais, e prolongou-se por toda a Idade Média, quando a Igreja se tornaria preponderante.

Historicamente, o cristianismo origina-se das pregações de Jesus de Nazaré pela Judéia, então anexada ao Império Romano. Sua mensagem é simples: amar ao próximo, praticar a bondade e desprezar os valores deste mundo, pois a verdadeira morada do homem é o reino dos céus. Jesus se declarava filho de Deus, enviado ao mundo para redimir o homem dos pecados. Sua crucificação seria, nessa medida, o sacrifício do próprio Deus encarnado para salvar os homens.

Após a morte de Jesus (e sua ressurreição, de acordo com o Novo Testamento), essas idéias conquistaram inúmeros adeptos em várias regiões do Império. Nessa difusão – para a qual concorreu o infatigável trabalho dos apóstolos -, a mensagem de Jesus passou a se expressar em vários idiomas, como o grego e, mais tarde, o latim. O próprio termo “Cristo”, incorporado ao nome de Jesus, é de origem grega e significa “ungido”.

#### A filosofia, um “erro vazio”

A difusão do cristianismo trouxe, como era de esperar, um confronto entre a fé e a razão. O apóstolo Paulo (século I) é o primeiro a enfrentar essa questão. Ele estava habilitado para isso: judeu, mas cidadão romano, educou-se num ambiente imerso na cultura helenística. Por isso, não se intimidou quando, em Atenas, viu-se diante de “filósofos epicureus e estóicos”, como narra o livro Atos, do Novo Testamento: “Atenienses, tudo indica que sois de uma religiosidade sem igual (...) Encontrei inclusive um altar com a inscrição: ‘Ao deus desconhecido’. Pois bem! Justamente aqui estou para vos anunciar este Deus que adorais sem conhecer. O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe (...)”.

Mas, quando Paulo entrou no terreno cristão, os atenienses não o compreenderam. A idéia de que Deus enviara um homem para julgar o mundo, e que, como prova disso, ressuscitara esse mesmo homem entre os mortos, provocou risos. Paulo foi obrigado a retirar-se, embora o relato também afirme que ele conquistou alguns fiéis.

Outra é a atitude do apóstolo na Primeira Carta aos Coríntios. Em vez de empregar os argumentos dos adversários – como havia feito com os atenienses –, Paulo parte para o confronto direto: “Onde está o sábio? Onde o letrado? Onde o pesquisador das coisas desse mundo? Não é verdade que Deus mudou a sabedoria do mundo em falta de bom senso? (...) Pois a loucura de Deus é mais sábia que os homens (...). Anunciamos a sabedoria de Deus, misteriosa e oculta (...)”.

Por fim, quando utiliza deliberadamente a palavra “filosofia”, não deixa nenhuma margem de dúvida: “Ficai atentos, para que ninguém vos arme uma cilada com a filosofia, esse erro vazio que segue a tradição dos homens e os elementos do mundo, e não segue Cristo” (Carta aos Colossenses).

As duas atitudes de Paulo – a de converter os gregos, conciliando-se com seus valores, e a de confronto – coexistem nesse período inicial do cristianismo. De modo geral, o confronto corresponde a períodos em que os cristãos sofrem violenta perseguição, enquanto a conciliação representa os momentos em que o cristianismo é tolerado. É o que fazem os padres apologistas, que, no final do século II, enviam inúmeras apologias (defesa e justificação) do cristianismo ao imperador. Argumentam com valores greco-romanos, afirmando, por exemplo, que Heráclito e Sócrates eram cristãos antes mesmo de Cristo.

Do ponto de vista teórico, ambas as atitudes são viáveis. De um lado, a idéia cristã de Deus que se fez homem e que se deixou crucificar é um escândalo não só para as religiões pagãs, mas sobretudo para a filosofia, que havia construído a noção de um Deus abstrato, indiferente ao mundo. Para a filosofia, é absurda a idéia de um Deus que ama o homem e que se sacrifica por ele. Assim, o cristianismo só pode combater a filosofia.

Por outro lado, porém, a conciliação é possível. Pois o Evangelho Segundo São João não se inicia com a célebre frase: “No princípio era o Verbo”? E o que é o verbo senão o logos? (1. Para Heráclito, princípio supremo e unificador, representação inteligível do fogo, fonte da justiça, do ritmo e da harmonia que regem o universo. – 2. Na filosofia de Platão, o princípio ordenador entre o mundo sensível e o mundo inteligível. – 3. Na teologia cristã, o Verbo de Deus, segunda pessoa da Santíssima Trindade. – 4. Princípio normativo do discurso; o próprio discurso, a palavra. – 5. Sabedoria, razão.). Há inúmeros outros pontos em comum entre a filosofia e o cristianismo, principalmente no uso de certas palavras – ainda que fosse freqüente a adulteração de vocábulos, na tradução da Bíblia do hebraico para o grego. O esforço dos padres apologistas - muitos eram filósofos antes da conversão – dirige-se no sentido de tecer, a partir desses pontos de contato, um pensamento que acomode o cristianismo e a tradição filosófica, a fé e a razão. Ao mesmo tempo, vários filósofos também passaram a incorporar elementos bíblicos na elaboração de seu pensamento.



**Clemente de Alexandria**

O mais destacado dos padres apologistas é Clemente de Alexandria (c. 150-215), que introduz uma série de termos gregos (e, portanto, filosóficos) na linguagem cristã. Dentre eles está a palavra *gnosis* (conhecimento), que indicaria a perfeição do cristianismo.

Mas isso logo se revelou uma faca de dois gumes: a palavra *gnosis*, incorporada ao cristianismo, deu asas ao gnosticismo, uma seita secreta e esotérica. O gnosticismo logo ultrapassaria os limites do cristianismo, afirmando possuir o conhecimento dos mistérios divinos. A Igreja, cada vez mais institucionalizada, acabaria achando um meio de combater essas pretensões de um conhecimento superior, acima da fé.

### **SANTO AGOSTINHO: A FÉ REABILITA A RAZÃO**



Oficialmente, o cristianismo triunfa em 313, quando o imperador Constantino (c. 280-337), pelo edito de Milão, concede liberdade de culto aos cristãos. Na prática, porém, o cristianismo, com seus fiéis solidamente organizados sob a autoridade dos padres, dos bispos e do papa, já possuía uma instituição bastante influente: a Igreja (do grego *ekklesia*, isto é, “assembleia”).

Mas a elevação formal da Igreja de Roma a centro da cristandade acirrou também a disputa entre as interpretações divergentes da mensagem de Jesus. No plano político, esse confronto de opiniões seria resolvido no Concílio de Nicéia (325), convocado por Constantino, e em outras reuniões do gênero, em que se estabeleceu a *ortodoxia* (li-

teralmente, “opinião correta”) da doutrina cristã. Desse processo – do qual fizeram parte violências contra os considerados hereges – resultou a Igreja Católica, que em grego significa Igreja universal.

A consolidação da ortodoxia exige, no entanto, mais do que um ato de poder que a decreta. Ela também precisa ser convincente, apresentando-se não apenas como revelação mas também como resultado de raciocínios. A filosofia patrística (dos santos padres) representa, em algumas de suas vertentes, esse esforço de munir a fé de argumentos racionais. Dentre os santos padres, Santo Agostinho é quem leva mais longe a conciliação entre a fé e a razão: elabora a “filosofia cristã”, como ele a chamaria.

### O Verbo em cada um

A vida de Santo Agostinho, minuciosamente narrada por ele próprio em *Confissões*, é quase uma demonstração, na prática, de seu pensamento: experimentou o ceticismo quanto ao conhecimento, sofreu o abismo do homem em pecado, reencontrou a esperança na graça divina, conheceu a felicidade e a certeza da verdade na fé.

Agostinho nasceu em 354 em Tagaste, na província romana de Numídia, na atual Argélia. Educou-se em Cartago, onde se tornou professor de retórica. Mudou-se para Roma e, depois, para Milão. Durante esse período, mostrou grande inquietação intelectual: leu Cícero e uma versão latina de *Categorias*, de Aristóteles. Em seguida aderiu ao maniqueísmo, seita fundada pelo sábio persa Mani (c. 215-276), baseada na crença de dois princípios absolutos que regeriam o mundo: o Bem e o Mal.

Mais tarde, desiludido com os maniqueus, conheceu as concepções da Academia platônica, tomadas por um profundo ceticismo. Leu também Plotino, mas a influência decisiva veio de Santo Ambrósio (c. 340-397), bispo de Milão, que indicaria a Agostinho o caminho da fé. Por fim, converteu-se em 386.

Retirou-se para sua terra natal e escreveu obras como *Contra os Acadêmicos*, *Da Ordem* e *De Magistro*. Ordenado padre de Hipona (na atual Argélia), e, em 395, tornado bispo da cidade, passou a dedicar-se ao sacerdócio, mas não parou de escrever. *Confissões*, *Da Trindade* e *A Cidade de Deus* são desse período. Ele morreu em 430, com Hipona cercada por vândalos, um povo germano, que, junto com outros povos ditos “bárbaros”, aniquilava o Império Romano.

Os séculos IV e V, em que Agostinho vive, são uma época em que a filosofia, talvez com exceção do neoplatonismo de Plotino, perdeu a confiança na razão. Mergulhada no ceticismo, ela duvida da possibilidade do conhecimento da verdade. Cabe então a Agostinho restaurar a certeza da razão, e isso, paradoxalmente, por meio da fé. Para ele, o conhecimento da verdade é um fato, como provam as demonstrações matemáticas e lógicas, irrefutáveis. Resta então saber como tal conhecimento é possível, qual o seu aval.

O homem e seu intelecto, mutáveis e perecíveis, não podem ser os avalistas do conhecimento, pois a verdade deve ser eterna. Assim, a verdade só pode ser assegurada por algo que se coloque acima dos homens e das coisas: Deus. Se a razão, na busca de sua certeza, depara com a fé em Deus, é também a fé que permite resgatar a dignidade da razão: “Compreender para crer, crer para compreender”, escreve ele.

Agostinho situa-se na passagem do mundo greco-romano para a Idade Média, cujo valor preponderante é o cristianismo. De certo modo, ele próprio representa essa passagem: nutriu-se dos resquícios da cultura helenística para depois converter-se à fé cristã. Ao romper com o passado, introduzindo uma noção de Deus alheia à filosofia de até então, Agostinho o faz de um modo que caracteriza uma certa continuidade da tradição filosófica.

A rigor, essa continuidade é a confiança na razão, sem o que a filosofia nem sequer existiria. Ao contrário de alguns representantes da filosofia patrística – como Tertuliano (c. 155-220), célebre pela fórmula “creio porque é absurdo”, a ele atribuída –, Agostinho esforça-se por reabilitar a razão diante da fé. Ela serviria ao menos (mas não só para isso) para demonstrar a necessidade do credo.

A continuidade também se manifesta nos temas que Agostinho aborda: o universo e o princípio que o governa, a questão da possibilidade do conhecimento, a ética e a política – mas revestidos da ideologia cristã. Por exemplo, ele concorda com a Academia platônica de sua época, para a qual nada há de comum entre as coisas e as palavras que as designam, mas disso não conclui que o conhecimento só pode chegar ao provável. Traduzindo a idéia estoíca de que tudo participa do logos, que é corpóreo, Agostinho afirma que o conhecimento é dado pela presença íntima, em cada homem, do Verbo feito carne (Cristo), cuja verdade e certeza o ser humano expressa por meio das palavras.

### **As cidades, dos homens e de Deus**

Para Agostinho, Deus, como o Uno de Plotino, é o transcendente absoluto, indizível, pois nada se compara à sua divina perfeição. Por isso, sua teologia (conhecimento a respeito de Deus) é de caráter muito mais negativo do que afirmativo: “Se não podeis”, escreve, “compreender agora o que Deus é, compreendei ao menos o que Ele não é (...)”

Insondável, acima da razão humana, Deus é único, mas também três: Pai é a essência divina indizível; Filho é o Verbo e o Logos; Espírito Santo é o Amor divino que cria tudo o que existe. A Trindade assemelha-se, em parte, às três hipóstases idealizadas por Plotino: o próprio Uno, que é absolutamente transcendente; a Inteligência, que torna inteligíveis as coisas; e a Alma, que dá vida aos seres.

Feito à imagem e semelhança de Deus, o homem reproduz nele mesmo a Trindade: a existência (Pai), o conhecimento (Filho) e a vontade (Espírito Santo). A ordem do universo também é análoga à San-



tíssima Trindade e manifesta-se de vários modos, sempre em tríades. O mundo, por exemplo, constitui-se de coisas inanimadas, seres vivos e seres inteligentes, que são os homens, por sua vez dotados de corpo, alma e espírito, e assim por diante. A ordem do mundo é bela e boa, pois é criação de Deus. Isso significa que o mal propriamente não existe: é apenas o afastamento em relação a Deus, o que no homem se manifesta como pecado.

O pecado é a subversão da bela e boa ordem criada por Deus, e aparece, por exemplo, quando a alma se torna serva do corpo. O livre-arbítrio, a vontade humana, é impotente para buscar a salvação. O próprio Agostinho serve como testemunha disso, pois, como narra em *Confissões*, não conseguia fugir do pecado, e a salvação só lhe veio quando Deus assim quis. Era um eleito, predestinado pela Vontade divina. Nesse sentido, para Agostinho, a bondade e a caridade não são meios de salvação, pois tais atos são resultado da eleição divina. Nesse aspecto, o pensamento agostiniano é radicalmente contrário à tradição filosófica, que via na salvação (ou a felicidade) o resultado do esforço do homem, pela filosofia. O Deus dos filósofos não é o Deus cristão, e, se Agostinho percorre os caminhos da filosofia, é para reafirmar com maior vigor sua fé na onipotência de Deus.

A história da humanidade é a história do pecado do homem, por livre-arbítrio, e a salvação de alguns predestinados, pela graça divina. Os que pecam formam a cidade terrestre, que é o mundo dos homens. Essa cidade não é necessariamente má, mas, governada pela vontade humana, tende para o pecado e é de tempos em tempos castigada por Deus – como foi o caso, por exemplo, do Dilúvio universal.

Por outro lado, porém, em meio aos homens ergue-se aos poucos, mas de modo firme, a cidade de Deus, construída pelos predestinados. Agostinho propõe assim uma filosofia da história: a finalidade da história, que coincide com o seu fim, é a vitória definitiva da Cidade de Deus, com o retorno do Messias e o Juízo Final.

## 5 - A edificação cristã

### OS PRIMEIROS CRISTÃOS

Atingindo um período de nova compreensão concernente aos mais graves problemas da vida, a sociedade da época sentia de perto a insuficiência das escolas filosóficas conhecidas, no propósito de solucionar as suas grandes questões. A idéia de uma justiça mais perfeita para as classes oprimidas tornara-se assunto obsidente para as massas anônimas e sofredoras.

Em virtude dos seus postulados sublimes de fraternidade, a lição do Cristo representava o asilo de todos os desesperados e de todos os tristes. As multidões dos aflitos pareciam ouvir aquela misericordiosa exortação:- "Vinde a mim, vós todos que sofreis e tendes fome de justiça e eu vos aliviarei" - e da cruz chegava-lhes, ainda, o alento de uma esperança desconhecida.

A recordação dos exemplos do Mestre não se restringia aos povos da Judéia, que lhe ouviram diretamente os ensinamentos imorredouros. Numerosos centuriões e cidadãos romanos conheceram pessoalmente os fatos culminantes das pregações do Salvador. Em toda a Ásia Menor, na Grécia, na África e mesmo nas Gálias, como em Roma, falava-se dEle, da sua filosofia nova que abraçava todos os infelizes, cheia das claridades sacrossantas do reino de Deus e da sua justiça. Sua doutrina de perdão e de amor trazia nova luz aos corações e os seus seguidores destacavam-se do ambiente corrupto do tempo, pela pureza de costumes e por uma conduta retilínea e exemplar.

A princípio, as autoridades do Império não ligaram maior importância à doutrina nascente, mas os Apóstolos ensinavam que, por Jesus-Cristo, não mais poderia haver diferença entre os livres e os escravos, entre patrícios e plebeus, porque todos eram irmãos, filhos do mesmo Deus. O patriciado não podia ver com bons olhos semelhantes doutrinas. Os cristãos foram acusados de feiticeiros e heréticos, iniciando-se o martirologio com os primeiros editos de proscricção. O Estado não permitia outras associações independentes, além daquelas consideradas como cooperativas funerárias e, aproveitando essa exceção, os seguidores do Crucificado começaram os famosos movimentos das catacumbas.

### A PROPAGAÇÃO DO CRISTIANISMO

Na Judéia cresce, então, o número dos prosélitos da nova crença. O hino de esperanças da manjedoura e do calvário espalha nas almas um suave e eterno perfume. É assim que os Apóstolos, cuja tarefa o Cristo abençoara com a sua misericórdia, espalham as claridades da Boa Nova por toda a parte, repartindo o pão milagroso da fé com todos os famintos do coração.

A doutrina do Crucificado propaga-se com a rapidez do relâmpago.

Fala-se dela, tanto em Roma como nas Gálias e no norte da África. Surgem os advogados e os detratores. Os prosélitos mais eminentes buscam doutrinar, disseminando as idéias e interpretações. As primeiras igrejas surgem ao pé de cada Apóstolo, ou de cada discípulo mais destacado e estudioso.

A centralização e a unidade do Império Romano facilitaram o deslocamento dos novos missionários, que podiam levar a palavra de fé ao mais obscuro recanto do globo, sem as exigências e os obstáculos das fronteiras.

Doutrina alguma alcançara no mundo semelhante posição, em face da preferência das massas. É que o Divino Mestre selara com exemplos as palavras de suas lições imorredouras.

Maior revolucionário de todas as épocas, não empunhou outra arma além daquelas que significam amor e tolerância, educação e aclaramento. Condenou todas as hipocrisias, insurgiu-se contra todas as violências oficializadas, ensinando simultaneamente aos discípulos o amor incondicional à ordem, ao trabalho e à paz construtiva. É por essa razão que os Evangelhos constituem o livro da Humanidade, por excelência. Sua simplicidade e singeleza transparecem na tradução de todas as línguas da Terra, prendendo a alma dos homens entre as luzes do Céu, ao encanto suave de suas narrativas.

### **A REDAÇÃO DOS TEXTOS DEFINITIVOS**

Nesse tempo, quando a guerra formidável da crítica procurava minar o edifício imortal da nova doutrina, os mensageiros do Cristo presidem à redação dos textos definitivos, com vistas ao futuro, não somente junto aos Apóstolos e seus discípulos, mas igualmente junto aos núcleos das tradições. Os cristãos mais destacados trocam, entre si, cartas de alto valor doutrinário para as diversas igrejas. São mensagens de fraternidade e de amor, que a posteridade muita vez não pôde ou não quis compreender.

Muitas escolas literárias se formaram nos últimos séculos, dentro da crítica histórica, para o estudo e elucidação desses documentos. A palavra "apócrifo" generalizou-se como o espantinho de todo o mundo. Histórias numerosas foram escritas. Hipóteses incontáveis foram aventadas, mas os sábios materialistas, no estudo das idéias religiosas, não puderam sentir que a intuição está acima da razão e, ainda uma vez, falharam, em sua maioria, na exposição dos princípios e na apresentação das grandes figuras do Cristianismo.

A grandeza da doutrina não reside na circunstância de o Evangelho ser de Marcos ou de Mateus, de Lucas ou de João; está na beleza imortal que se irradia de suas lições divinas, atravessando as idades e atraindo os corações. Não há vantagem nas longas discussões quanto à autenticidade de uma carta de Inácio de Antioquia ou de Paulo de Tarso, quando o raciocínio absoluto não possui elementos para a prova concludente e necessária. A opinião geral rodopiará em torno do críti-

co mais eminente, segundo as convenções. Todavia, a autoridade literária não poderá apresentar a equação matemática do assunto. É que, portas a dentro do coração, só a essência deve prevalecer para as almas e, em se tratando das conquistas sublimadas da fé, a intuição tem de marchar à frente da razão, preludiando generosos e definitivos conhecimentos.

### **A MISSÃO DE PAULO**

No trabalho de redação dos Evangelhos, que constituem, sem dúvida, o portentoso alicerce do Cristianismo, verificavam-se, nessa época, algumas dificuldades para que se lhes desse o precioso caráter universalista.

Todos os Apóstolos do Mestre haviam saído do teatro humilde de seus gloriosos ensinamentos; mas, se esses pescadores valorosos eram elevados Espíritos em missão, precisamos considerar que eles estavam muito longe da situação de espiritualidade do Mestre, sofrendo as influências do meio a que foram conduzidos. Tão logo se verificou o regresso do Cordeiro às regiões da Luz, a comunidade cristã, de modo geral, começou a sofrer a influência do judaísmo, e quase todos os núcleos organizados, da doutrina, pretenderam guardar feição aristocrática, em face das novas igrejas e associações que se fundavam nos mais diversos pontos do mundo.

É então que Jesus resolve chamar o espírito luminoso e enérgico de Paulo de Tarso ao exercício do seu ministério. Essa deliberação foi um acontecimento dos mais significativos na história do Cristianismo. As ações e as epístolas de Paulo tornam-se poderoso elemento de universalização da nova doutrina. De cidade em cidade, de igreja em igreja, o convertido de Damasco, com o seu enorme prestígio, fala do Mestre, inflamando os corações. A princípio, estabelece-se entre ele e os demais Apóstolos uma penosa situação de incompreensibilidade, mas sua influência providencial teve por fim evitar uma aristocracia injustificável dentro da comunidade cristã, nos seus tempos inesquecíveis de simplicidade e pureza.

### **O APOCALIPSE DE JOÃO**

Alguns anos antes de terminar o primeiro século, após o advento da nova doutrina, já as forças espirituais operam uma análise da situação amargurosa do mundo, em face do porvir.

Sob a égide de Jesus, estabelecem novas linhas de progresso para a civilização, assinalando os traços iniciais dos países europeus dos tempos modernos. Roma já não representa, então, para o plano invisível, senão um foco infeccioso que é preciso neutralizar ou remover. Todas as dádivas do Alto haviam sido desprezadas pela cidade imperial, transformada num vesúvio de paixões e de esgotamentos.

O Divino Mestre chama aos Espaços o Espírito João, que ainda se encontrava preso nos liames da Terra, e o Apóstolo, atônito e aflito, lê a linguagem simbólica do invisível.

Recomenda-lhe o Senhor que entregue os seus conhecimentos ao planeta como advertência a todas as nações e a todos os povos da Terra, e o velho Apóstolo de Patmos transmite aos seus discípulos as advertências extraordinárias do Apocalipse.

Todos os fatos posteriores à existência de João estão ali previstos. É verdade que freqüentemente a descrição apostólica penetra o terreno mais obscuro; vê-se que a sua expressão humana não pôde copiar fielmente a expressão divina das suas visões de palpitante interesse para a história da Humanidade. As guerras, as nações futuras, os tormentos porvindouros, o comercialismo, as lutas ideológicas da civilização ocidental, estão ali pormenorizadamente entrevistados. E a figura mais dolorosa, ali relacionada, que ainda hoje se oferece à visão do mundo moderno, é bem aquela da igreja transviada de Roma, simbolizada na besta vestida de púrpura e embriagada com o sangue dos santos.

### **IDENTIFICAÇÃO DA BESTA APOCALÍPTICA**

Reza o Apocalipse que a besta poderia dizer grandezas e blasfêmias por 42 meses, acrescentando que o seu número era o 666 (Apoc. XIII, 5 e 18). Examinando-se a importância dos símbolos naquela época e seguindo o rumo certo das interpretações, podemos tomar cada mês como sendo de 30 anos, em vez de 30 dias, obtendo, desse modo, um período de 1260 anos comuns, justamente o período compreendido entre 610 e 1870, da nossa era, quando o Papado se consolidava, após o seu surgimento, com o imperador Focas, em 607, e o decreto da infalibilidade papal com Pio IX, em 1870, que assinalou a decadência e a ausência de autoridade do Vaticano, em face da evolução científica, filosófica e religiosa da Humanidade.

Quanto ao número 666, sem nos referirmos às interpretações com os números gregos, em seus valores, devemos recorrer aos algarismos romanos, em sua significação, por serem mais divulgados e conhecidos, explicando que é o Sumo-Pontífice da igreja romana quem usa os títulos de "VICARIVS GENERALIS DEI IN TERRIS", "VICARIVS FILII DEI" e "DVX CLERI" que significam "Vigário-Geral de Deus na Terra", "Vigário do Filho de Deus" e "Príncipe do Clero". Bastará ao estudioso um pequeno jogo de paciência, somando os algarismos romanos encontrados em cada título papal a fim de encontrar a mesma equação de 666, em cada um deles.

Vê-se, pois, que o Apocalipse de João tem singular importância para os destinos da Humanidade terrestre.

### **O ROTEIRO DE LUZ E DE AMOR**

Mas, voltemos aos nossos propósitos, cumprindo-nos reconhecer nos Evangelhos uma luz maravilhosa e divina, que o escoar incessante dos séculos só tem podido avivar e reacender. É que eles guardam a súpula de todos os compêndios de paz e de verdade para a vida dos homens, constituindo o roteiro de luz e de amor, através do qual

todas as almas podem ascender às luminosas montanhas da sabedoria dos Céus.

\*

## **6 - A evolução do Cristianismo**

### **PENOSOS COMPROMISSOS ROMANOS**

Debalde tentaram as forças espirituais o aproveitamento dos romanos na direção suprema do mundo. Todos os recursos possíveis foram prodigalizados inutilmente à cidade imperial. A canalização de consideráveis riquezas materiais, possibilitando a consolidação de um Estado único no planeta, não fora esquecida, ao lado de todas as providências que se faziam necessárias, do ponto de vista moral. Em vão, transplantara-se para Roma a extraordinária sabedoria ateniense e a colaboração de todas as experiências dos povos conquistados.

Os Espíritos encarnados não conseguiram a eliminação dos laços odiosos da vaidade e da ambição, sentindo-se traídos em suas energias mais profundas, contraindo débitos penosos, perante os tribunais da Justiça Divina.

A vinda do Cristo ao cenáculo obscuro do planeta, trazendo a mensagem luminosa da verdade e do amor, assinalara o período da maioria espiritual da Humanidade. Essa maioria implicava direitos que, por sua vez, se faziam acompanhar do agravo de responsabilidades e deveres para a solução de grandes problemas educativos do coração. Se ao homem físico rasgavam-se os mais amplos horizontes nos domínios do progresso material, os Evangelhos vinham trazer ao homem espiritual um roteiro de novas atividades, educando-o convenientemente para as suas arrojadas conquistas de ciência e de liberdade, com vistas ao porvir. O aproveitamento desse processo educativo deveria ser levado a efeito pela capital do mundo, de acordo com os desígnios do plano espiritual. Pesadas forças da Treva, porém, aliaram-se às mais fortes tendências do homem terrestre, constantemente inclinado aos liames do mal que o prendiam à Terra, adstrito aos mais grosseiros instintos de conservação, e, enquanto os Espíritos abnegados, do Alto, choram sobre os abusos de liberdade dos romanos, a cidade dos Césares embriaga-se cada vez mais no vinho do ódio e da ambição, contraindo dívidas penosas, entrelaçando os seus sentimentos com o ódio dos vencidos e dos humilhados, criando negras perspectivas para o longínquo futuro.

### **CULPAS E RESGATES DOLOROSOS DO HOMEM ESPIRITUAL**

Ao coração misericordioso de Jesus chegam as preces dolorosas de todos os operários da sua bendita semente. Seu olhar percuciente, todavia, penetrara o âmago das almas e não fora em vão que recomendara o crescimento do trigo e do joio nas mesmas leiras, somente a Ele competindo a separação, na época da ceifa.

A limitada liberdade de ação dos indivíduos e das coletividades é integralmente respeitada. Cada qual é responsável pelos seus atos, recebendo de conformidade com as suas obras.

Foi por isso que Roma teve oportunidade de realizar seus propósitos e desígnios políticos; mas a Justiça Divina acompanhou-lhe todos os passos, nos enormes desvios a que se conduziu, comprometendo para sempre o futuro do homem espiritual, que somente agora conhecerá um reajustamento nas amarguras transições do século que passa. Um laço pesado e tenebroso reuniu a cidade conquistadora aos povos que humilhara. O ódio do verdugo e dos seus inimigos fundiu-se em séculos de provações e de lutas expiatórias, para demonstrar que Jesus é o fundamento da Verdade e só o amor é a sagrada finalidade da vida. Foi por essa razão que o conquistador e os conquistados, unidos pelo ódio como calcetas algemados um ao outro nas galés da amargura, compareceram periodicamente, nos Espaços, ante a misericórdia suprema do Filho de Deus, prometendo a reparação e o resgate recíprocos, nos séculos do porvir, fundando a civilização ocidental, como abençoada oficina dos seus novos trabalhos no esforço da fraternidade e da regeneração.

A bondade do Mestre fez florescer cidades valorosas e progressistas, países cultos e fartos, onde as almas decaídas encontrassem todos os elementos de edificação e aprimoramento. O homem físico continuou a linha ascensional de sua evolução nas conquistas e descobrimentos, mas o homem transcendente, a personalidade imortal, teria saído do oceano de lodo onde se mergulhou, voluntariamente, há dois milênios?

Respondam por nós as angustiosas expectativas da hora presente.

## OS MÁRTIRES

Antes do movimento de propagação das idéias cristãs no seio da sociedade romana, já os prepostos de Jesus se preparavam para auxiliar os missionários da nova fé, conhecendo a reação dos patrícios em face dos postulados de fraternidade da nova doutrina.

As classes mais abastadas não podiam tolerar semelhantes princípios de igualdade, quais os que preconizavam as lições do Nazareno, considerados como postulados de covardia moral, incompatíveis com a orgulhosa filosofia do Império, e é assim que vemos os cristãos sofrendo os martírios da primeira perseguição, iniciada no reinado de Nero, de tão dolorosas quão terríveis lembranças. Nenhum instrumento de suplício foi esquecido na experimentação da fé e da constância daquelas almas resignadas e heróicas. O açoite, a cruz, o cavalete, as unhas de ferro, o fogo, os leões do circo, tudo foi lembrado para maior eficiência da perseguição aos seguidores do Carpinteiro de Nazaré. Pedro e Paulo entregam a vida na palma dos martírios santificadores e de Nero a Diocleciano uma nuvem pesada, de sangue e de lágrimas, envolve a alma cristã, cheia de confiança na Providência Divina. O

próprio Marco Aurélio, cuja elevada estatura espiritual recebera do Alto a missão de paralisar semelhantes desatinos, não conseguiu deter a corrente de forças trevosas, mas o sangue dos cristãos era a seiva da vida lançada às divinas sementes do Cordeiro, e os seus sacrifícios foram bem os reflexos da amorosa vibração do ensinamento do Cristo, atravessando os séculos da Terra para ser compreendido e praticado nos milênios do porvir.

### **OS APOLOGISTAS**

A doutrina cristã, todavia, encontrara nas perseguições os seus melhores recursos de propaganda e de expansão.

Seus princípios generosos encontravam guarida em todos os corações, seduzindo a consciência de todos os estudiosos de alma livre e sincera. Observa-se-lhe a influência no segundo século, em quase todos os departamentos da atividade intelectual, com largos reflexos na legislação e nos costumes. Tertuliano apresenta a sua apologia do Cristianismo, provocando admiração e respeito gerais. Clemente de Alexandria e Orígenes surgem com a sua palavra autorizada, defendendo a filosofia cristã, e com eles levanta-se um verdadeiro exército de vozes que advogam a causa da verdade e da justiça, da redenção e do amor.

### **O JEJUM E A ORAÇÃO**

Os cristãos, contudo, não tiveram de início uma visão do campo de trabalho que se lhes apresentava. Não atinaram que, se o jejum e a oração constituem uma grande virtude na soledade, mais elevada virtude representam quando levados a efeito no torvelinho das paixões desenfreadas, nas lutas regeneradoras, a fim de aproveitar aos que os contemplam. Não compreenderam imediatamente que esses preceitos evangélicos, acima de tudo, significam sacrifício pelo próximo, perseverança no esforço redentor, serenidade no trabalho ativo, que corrige e edifica simultaneamente. Retirando-se para a vida monástica, povoaram os desertos na suposição de que se redimiriam mais rapidamente para o Cordeiro.

Uma ânsia de fugir das cidades populosas fazia então vibrar todos os crentes, originando os erros da idade medieval, quando o homem supunha encontrar nos conventos as antecâmaras do Céu.

O Oriente, com os seus desertos numerosos e os seus lugares sagrados, afigura-se o caminho de todos quantos desejam fugir dos antrócos das paixões. Só a grande montanha de Nítria chegou a possuir trinta mil anacoretas, exilados do mundo e dos seus prazeres desastrosos. Entretanto, examinando essa decisão desaconselhável dos primeiros tempos, somos levados a recordar que os cristãos se haviam esquecido de que Jesus não desejava a morte do pecador.

### **CONSTANTINO**

As forças espirituais que acompanhavam e acompanham todos os movimentos do orbe, sob a égide de Jesus, procuram dispor os ali-



cerces de novos acontecimentos, que devem preparar a sociedade romana para o resgate e para a provação.

A invasão dos povos considerados bárbaros é então entrevista.

Uma forte anarquia militar dificulta a solução dos problemas de ordem coletiva, elevando e abatendo imperadores de um dia para outro. Sentindo a aproximação de grandes sucessos e antevendo a impossibilidade de manter a unidade imperial, Diocleciano organiza a Tetrarquia, ou governo de quatro soberanos, com quatro grandes capitais.

Retirando-se para Salona, exausto da tarefa governativa, ocorre a rebelião militar que aclama Augusto a Constantino, filho de Constantino Cloro, contrariando as disposições dos dois Césares, sucessores de Diocleciano e Maximiano. A luta se estabelece e Constantino vence Maxêncio às portas de Roma, penetrando a cidade, vitorioso, para ser recebido em triunfo. Junto dele, o Cristianismo ascende à tarefa do Estado, com o edito de Milão.

### **O PAPADO**

Desde a décima perseguição que o Cristianismo era considerado em Roma como doutrina morta, mas os prepostos do Mestre não descansavam, com o nobre fim de fazer valer os seus generosos princípios. A fatalidade histórica reclamava a sua colaboração nos gabinetes da política do mundo e, ainda uma vez, a indigência dos homens não compreendeu a dádiva do plano espiritual, porque, logo depois da vitória, os bispos romanos solicitavam prerrogativas injustas sobre os seus humildes companheiros de episcopado. O mesmo espírito de ambição e de imperialismo, que de longo tempo trabalhava o organismo do Império, dominou igualmente a igreja de Roma, que se arvorou em suserana e censora de todas as demais do planeta. Cooperando com o Estado, faz sentir a força das suas determinações arbitrárias. Trezentos anos lutaram os mensageiros do Cristo, procurando ampará-la no caminho do amor e da humildade, até que a deixaram enveredar pelas estradas da sombra, para o esforço de salvação e de experiência, e, tão logo a abandonaram ao penoso trabalho de aperfeiçoar-se a si mesma, eis que o imperador Focas favorece a criação do Papado, no ano de 607. A decisão imperial faculta aos bispos de Roma prerrogativas e direitos até então jamais justificados. Entronizam-se, mais uma vez, o orgulho e a ambição da cidade dos Césares. Em 610, Focas é chamado ao mundo dos invisíveis, deixando no orbe a consolidação do Papado. Dessa data em diante, ia começar um período de 1260 anos de amarguras e violências para a civilização que se fundava.

\*

## **7 - A Igreja e a invasão dos bárbaros**

### **VITÓRIAS DO CRISTIANISMO**

Constantino, no seu caminho de realizações, consegue levar a efeito a nova organização administrativa do Império, começada no governo de Diocleciano, dividindo-o em quatro Prefeituras, que foram as do Oriente, da Ilíria, da Itália e das Gálias, que, por sua vez, eram divididas em dioceses dirigidas respectivamente por prefeitos e vigários.

Com a influência do vencedor da ponte Mílvius, efetua-se o Concílio Ecumênico de Nicéia para combater o cisma de Ário, padre de Alexandria que negara a divindade do Cristo. Os primeiros dogmas católicos saem, com força de lei, desse parlamento eclesiástico de 325.

Findo o reinado de Constantino, aparecem os seus filhos, que lhe não seguem as tradições. Em seguida, Juliano, sobrinho do imperador, eleva-se ao poder tentando restaurar os deuses antigos, em detrimento da doutrina cristã, embora compreendesse a ineficácia do seu tentâmen.

Mas, por volta do ano 381, surge a figura de Teodósio, que declara o Cristianismo religião oficial do Estado, decretando, simultaneamente, a extinção dos derradeiros traços do politeísmo romano. É então que todos os povos reconhecem a grande força moral da doutrina do Crucificado, pelo advento da qual milhares de homens haviam dado a própria vida no campo do martírio e do sacrifício, vendo-se o imperador, em 390, ajoelhar-se humildemente aos pés de Ambrósio, bispo de Milão, a penitenciar-se das crueldades com que reprimira a revolta dos tessalonicenses.

### **PRIMÓRDIOS DO CATOLICISMO**

O Cristianismo, porém, já não aparecia com aquela mesma humildade de outros tempos. Suas cruzes e cálices deixavam entrever a cooperação do ouro e das pedrarias, mal lembrando a madeira tosca, da época gloriosa das virtudes apostólicas.

Seus concílios, como os de Nicéia, Constantinopla, Éfeso e Calcedônia, não eram assembléias que imitassem as reuniões plácidas e humildes da Galiléia. A união com o Estado era motivo para grandes espetáculos de riqueza e vaidade orgulhosa, em contraposição com os ensinamentos d'Aquelles que não possuía uma pedra para repousar a cabeça dolorida.

As autoridades eclesiásticas compreendem que é preciso fanatizar o povo, impondo-lhe suas idéias e suas concepções, e, longe de educarem a alma das massas na sublime lição do Nazareno, entram em acordo com a sua preferência pelas solenidades exteriores, pelo culto fácil do mundo externo, tão do gosto dos antigos romanos pouco inclinados às indagações transcendentais.

### **A IGREJA DE ROMA**

A igreja de Roma, que antes da criação oficial do Papado considerava-se a eleita de Jesus, ao arvorar-se em detentora das ordenações de Pedro, não perdia ensejos de firmar a sua injustificável prima-

zia junto às suas congêneres de Antioquia, de Alexandria e dos demais grandes centros da época. Herdando os costumes romanos e suas disposições multisseculares, procurou um acordo com as doutrinas consideradas pagãs, pela posteridade, modificando as tradições puramente cristãs, adaptando textos, improvisando novidades injustificáveis e organizando, finalmente, o Catolicismo sobre os escombros da doutrina deturpada. Os bispos de Roma, abusando do fácil entendimento com as autoridades políticas do Estado, impunham suas inovações arbitrárias, contrariando as sublimes finalidades do ensinamento d'Aquele que preconizara a humildade e o amor como os grandes caminhos da redenção.

É assim que aparecem novos dogmas, novas modalidades doutrinárias, o culto dos ídolos nas igrejas, as espetaculosas festas do culto externo, copiados quase todos os costumes da Roma anticristã.

### **A DESTRUIÇÃO DO IMPÉRIO**

A fraqueza e a impenitência dos homens não lhes deixou compreender que o Cristianismo fora chamado à tarefa do governo tão somente para educar o sentimento dos governantes, preparando-os para levar o esclarecimento e a fraternidade aos outros povos da Terra, então considerados bárbaros pela cultura do Império.

Não obstante todos os esforços em contrário, dos mensageiros de Jesus, Bonifácio III cria o Papado em 607, contrapondo-se a todas as disposições de humildade que deveriam reger a vida da Igreja. As forças do mal, aliadas à incúria e vaidade dos homens, haviam obtido um triunfo relativo e transitório.

Os gênios do Espaço, todavia, à claridade soberana da misericórdia do Senhor, reúnem-se no Infinito, adotando providências novas, concernentes ao progresso dos homens.

Todos os recursos haviam sido prodigalizados a Roma, a fim de que as suas expressões políticas e intelectuais se estendessem pelo orbe, abrangendo todas as gentes no mesmo amplexo de amor e de unidade; sua alma coletiva, no entanto, havia deturpado todas as possibilidades sagradas de edificação e renegado todos os grandes ensinamentos. Advertências penosas não lhe faltaram do Alto, como nos acontecimentos inesquecíveis e dolorosos do Vesúvio, nas cidades da Campânia. Séculos de luta e de ensinamento se haviam escoado, sem que a alma do Império se compenetrasse dos seus deveres necessários.

É então que Jesus determina a transformação do Império organizado e poderoso. Suas águias orgulhosas haviam singrado todos os mares, o Mediterrâneo era propriedade sua, todos os povos se lhe curvavam para a homenagem e para a obediência, mas uma força invisível arrancou-lhe todos os diademas, tirou-lhe as energias e lhe reduziu as glórias a um punhado de cinzas.

Até hoje, o espírito que investiga o passado inquire o motivo desses sinistros arrasamentos; mas a verdade é que todos os fundamentos da Terra residem em Jesus-Cristo.

### **A INVASÃO DOS BÁRBAROS**

Essas determinações do Cristo, verificadas após o reinado de Constantino, foram seguidas das primeiras grandes invasões com os visigodos que, fugindo dos hunos, transpõem o Danúbio e estabelecem-se no oriente do Império, penetrando depois na Grécia e na Itália, espalhando flagelos e devastações. Debalde surgem as vitórias de Estilicão, porque, em 410, atingem elas as portas de Roma, que fica entregue ao saque e às mais duras humilhações.

Em 405, é Radagásio que parte à frente de duzentos mil soldados, em demanda da cidade imperial, sendo vencido, porém roubando as mais fortes economias romanas.

As provas expiatórias do Império prosseguem numa avalanche de dores amargas. Aparecem as correntes bárbaras dos alanos, dos vândalos, dos suevos, dos burgúndios. Em 450, os hunos comandados por Átila atacam as Gálias, perseguindo populações pacíficas e indefesas. A unidade imperial perde a sua tradição, para sempre. Com as suas vitórias, funda Clóvis a monarquia dos francos. Os bretões, oprimidos pela invasão e privados do auxílio dos exércitos romanos, apelam para os saxônios que povoavam o sul da Jutlândia, organizando-se posteriormente a Heptarquia Anglo-Saxônia.

O que Roma deveria fazer com a educação e o amparo perseverantes, aqueles povos rudes e fortes vinham reclamar por si mesmos.

A grande cidade dos Césares poderia ter evitado a catástrofe do desmembramento, se levasse a sua cultura a todos os corações, em vez de haver estacionado tantos séculos à mesa farta dos prazeres e das continuadas libações.

### **RAZÕES DA IDADE MÉDIA**

A queda do Império Romano determinara no mundo extraordinárias modificações. Muitas almas heróicas e valorosas, que se haviam purificado nas lutas depuradoras, não obstante o ambiente pantanoso dos vícios e das paixões desenfreadas, ascenderam definitivamente a planos espirituais mais elevados, apenas voltando às atmosferas do planeta para o cumprimento de enobrecedoras e santificantes missões.

A desorganização geral com os movimentos revolucionários dos outros povos do globo terrestre, que embalde esperavam o socorro moral do governo dos imperadores, originara um longo estacionamento nos processos evolutivos. É aí, nessa época de transições que agora atinge as suas culminâncias, que vamos encontrar as razões da Idade Média, ou o período escuro da história da Humanidade. Só esse ascendente místico da civilização pôde explicar o porquê das organizações feudais, depois de tão grandes conquistas da mentalidade humana, nos

grandes problemas da unidade e da centralização política do mundo. É que um novo ciclo de civilização começava sob a amorosa proteção do Divino Mestre, e as últimas expressões espirituais do grande Império retiravam-se para o silêncio dos santuários e dos retiros espirituais, para chorar na solidão dos conventos, sobre o cadáver da grande civilização que não soubera prover ao seu glorioso destino.

### **MESTRES DO AMOR E DA VIRTUDE**

Almas sublimadas e corajosas reencarnam, então, sob a égide de Jesus e para a grande tarefa de orientar as forças políticas da igreja romana, agora organizada à maneira das construções efêmeras do mundo. O Papado era a obra do orgulho e da iniquidade; mas o Cristo não desampara os mais infelizes e os mais desgraçados, e foi assim que surgiram, no seio mesmo da Igreja, alguns mestres do amor e da virtude, ensinando o caminho claro da evolução aos povos invasores, trazendo-os ao pensamento cristão e destinando-os aos tempos luminosos do porvir.

\*

**SÉTIMA PARTE**

**A IDADE MEDIEVAL**

**O IMPÉRIO BIZANTINO. O CRISTIANISMO. O  
ISLAMISMO. O FEUDALISMO. A INQUISIÇÃO.**

## **1 - A idade medieval (Emmanuel)**

### **OS MENSAGEIROS DE JESUS**

Em todo o século VI, de conformidade com as deliberações efetuadas no plano invisível, aparecem grandes vultos de sabedoria e bondade, contrastando a vaidade orgulhosa dos bispos católicos, que em vez de herdarem os tesouros de humildade e amor do Crucificado, reclamaram para si a vida suntuosa, as honrarias e prerrogativas dos imperadores. Os chefes eclesiásticos, guindados à mais alta preponderância política, não se lembravam da pobreza e da simplicidade apostólicas, nem das palavras do Messias, que afirmara não ser o seu reino ainda deste mundo.

Todavia, nesse pantanal de ambições floresciam, igualmente, os lírios da misericórdia de Jesus, em sublimadas realizações de sacrifício e bondade. Espíritos heróicos e missionários, cuja maioria não se incorporou aos nomes da galeria histórica terrestre, exerceram a função de novos sacerdotes da idéia sagrada do Cristianismo, conservando-lhe o fogo divino para as futuras gerações do planeta. Subordinados, embora, à disciplina da Igreja romana, eles ouviam, no ádito do coração, a palavra eterna e suave do Divino Jardineiro e sabiam, por isso, que a sua missão era a da renúncia, do sacrifício e da humildade. Roma podia negociar os títulos eclesiásticos com a política do mundo e estabelecer a simonia nos templos sagrados, esquecendo os mais severos compromissos; eles, porém, nas suas túnicas rotas, atravessariam o mundo alentando a palavra das promessas evangélicas, edificariam pousos de silêncio e de misericórdia, onde guardassem as tradições escritas da cultura sagrada, para os dias do porvir.

Desses exércitos de abnegados que se organizaram com Jesus e por Jesus, no seio da Igreja, somos levados a destacar os missionários beneditinos, cujo esforço amoroso e paciente conduziu grande número de coletividades dos povos considerados bárbaros, principalmente os germanos, para o seio generoso das idéias do Cristianismo.

### **O IMPÉRIO BIZANTINO**

Depois da morte do imperador Teodósio, eis que o mundo conhecido se reparte em dois impérios - o do Ocidente e o do Oriente - divididos entre os seus dois filhos, Honório e Arcádio. Com o assalto dos hérulos, em 476, desaparece o império ocidental e com ele, para sempre, os resquícios da integridade do Império Romano, instalando-se depois, em 493, o reino ostrogodo na Itália, tendo Ravena por capital.

Constantinopla é então a sucessora legítima da grande cidade imperial. O império bizantino era o depositário da legislação e dos costumes romanos. Um poderoso sopro de latinidade vitaliza as suas instituições. Debalde, porém, as expressões romanas buscam um refúgio nas outras terras, com o objetivo de uma perpetuação. Homens energéticos, como Justiniano, não conseguem salvá-las. Forças ocultas e

poderosas estavam incumbidas de sua visceral renovação, e, não obstante sua resistência milenar, o império bizantino, herdeiro dos Césares, ia cair exânime, em 1453, ao assalto de Maomet II.

### **O ISLAMISMO**

Antes da fundação do Papado, em 607, as forças espirituais se viram compelidas a um grande esforço no combate contra as sombras que ameaçavam todas as consciências. Muitos emissários do Alto tomam corpo entre as falanges católicas no intuito de regenerar os costumes da Igreja. Embalde, porém, tentam operar o retorno de Roma aos braços do Cristo, conseguindo apenas desenvolver o máximo de seus esforços no penoso trabalho de arquivar experiências para as gerações vindouras.

Numerosos Espíritos reencarnam com as mais altas delegações do plano invisível. Entre esses missionários, veio aquele que se chamou Maomet, ao nascer em Meca no ano 570. Filho da tribo dos Co-raixitas, sua missão era reunir todas as tribos árabes sob a luz dos ensinamentos cristãos, de modo a organizar-se na Ásia um movimento forte de restauração do Evangelho do Cristo, em oposição aos abusos romanos, nos ambientes da Europa. Maomet, contudo, pobre e humilde no começo de sua vida, que deveria ser de sacrifício e exemplificação, torna-se rico após o casamento com Khadidja e não resiste ao assédio dos Espíritos da Sombra, traindo nobres obrigações espirituais com as suas fraquezas. Dotado de grandes faculdades mediúnicas inerentes ao desempenho dos seus compromissos, muitas vezes foi aconselhado por seus mentores do Alto, nos grandes lances da sua existência, mas não conseguiu triunfar das inferioridades humanas. É por essa razão que o missionário do Islã deixa entrever, nos seus ensinamentos, flagrantes contradições. A par do perfume cristão que se evola de muitas das suas lições, há um espírito belicoso, de violência e de imposição; junto da doutrina fatalista encerrada no Alcorão, existe a doutrina da responsabilidade individual, divisando-se através de tudo isso uma imaginação superexcitada pelas forças do bem e do mal, num cérebro transviado do seu verdadeiro caminho. Por essa razão o Islamismo, que poderia representar um grande movimento de restauração do ensino de Jesus, corrigindo os desvios do Papado nascente, assinalou mais uma vitória das Trevas contra a Luz e cujas raízes era necessário extirpar.

### **AS GUERRAS DO ISLÃ**

Maomet, nas recordações do dever que o trazia à Terra, lembrando os trabalhos que lhe competiam na Ásia, a fim de regenerar a Igreja para Jesus, vulgarizou a palavra "infiel", entre as várias famílias do seu povo, designando assim os árabes que lhe eram insubmissos, quando a expressão se aplicava, perfeitamente, aos sacerdotes transviados do Cristianismo. Com o seu regresso ao plano espiritual, toda a Arábia estava submetida à sua doutrina, pela força da espada; e, todavia, os seus continuadores não se deram por satisfeitos com semelhantes conquistas. Iniciaram no exterior as guerras santas", subjugando



toda a África setentrional, no fim do século VII. Nos primeiros anos do século imediato, atravessaram o estreito de Gibraltar, estabelecendo-se na Espanha, em vista da escassa resistência dos visigodos atormentados pela separação, e somente não seguiram caminho além dos Pirineus porque o plano espiritual assinalara um limite às suas operações, encaminhando Carlos Martel para as vitórias de 732.

### **CARLOS MAGNO**

É depois dessa época que Jesus permite a reencarnação de um dos mais nobres imperadores romanos, ansioso de auxiliar o espírito europeu na sua amargurada decadência. Essa entidade renasceu, então, sob o nome de Carlos Magno, o verdadeiro reorganizador dos elementos dispersos para a fundação do mundo ocidental. Quase analfabeto, criou as mais vastas tradições de energia e de bondade, com a superioridade que lhe caracterizava o espírito equilibrado e altamente evoluído. Num reinado de 46 anos consecutivos, Carlos Magno intensificou a cultura, corrigiu defeitos administrativos que imperavam entre os povos desorganizados da Europa, deixando as mais belas perspectivas para a latinidade.

Sabe Jesus quanto de lágrimas lhe custou o cumprimento de uma tarefa dessa natureza, cujo desempenho exigia as mais altas qualidades de cérebro e coração. Mas, antecipando as doces comoções que o aguardavam no plano espiritual, numerosos amigos invisíveis, que com ele haviam caminhado na Roma do direito e do dever, cercam-lhe a personalidade na noite do Natal do ano 800, quando o seu pensamento em prece se elevava a Jesus, na basílica de São Pedro. Uma onda de vibrações harmoniosas invade o ambiente suntuoso, pouco propício às demonstrações da verdadeira espiritualidade. Leão III, o papa reinante, sente-se tocado de incompreensível arrebatamento espiritual, e, aproximando-se do grande batalhador do bem, cinge-lhe a fronte com uma coroa de ouro, enquanto a multidão designa-o, em vozes comovidas e entusiásticas, como "imperador dos romanos".

Carlos Magno sente que aquela cidade era também dele. Parece-lhe voltar ao passado longínquo, contemplando a Roma do pretérito, cheia de dignidade e de virtude. Seu coração derrama lágrimas, como Jeremias sobre a Jerusalém das suas dores, agradecendo a Jesus os favores divinos.

Decorridos alguns anos sobre esse acontecimento, o grande imperador busca de novo as claridades do Além, para reconhecer que o seu esforço caía sobre as almas qual uma bênção, mas o império por ele organizado teria escassa duração.

### **O FEUDALISMO**

Depois das nobres conquistas atenienses em matéria de política administrativa, depois das grandes jornadas do direito romano à face do mundo, custa-se a entender o porquê do feudalismo, que se esten-

deu pela Europa, desde o século VIII até o século XII, figurando-se ao estudioso da História um como retrocesso de toda a civilização.

Toda a unidade política desaparece nesses tempos de luzidas lembranças para a Humanidade. A propriedade individual jamais alcançou tamanha importância e nunca a servidão moral ganhou tão forte impulso. Com semelhante regime, as lutas fratricidas tiveram campo largo no território europeu, disputando-se uma hegemonia que jamais chegava na equação dos movimentos bélicos. Somente as poucas qualidades cristãs da Igreja Católica conseguiram atenuar o caráter nefasto dessa situação, instituindo-se as chamadas "tréguas de Deus", obrigando os guerreiros ao repouso em determinados dias da semana, com o objetivo de comemorar as passagens da vida de Jesus-Cristo e defendendo-se a paz com a periódica cessação das hostilidades.

### **RAZÕES DO FEUDALISMO**

Esse regime, todavia, é facilmente explicável.

A missão de Carlos Magno houvera sido organizada pelo plano invisível como uma das mais vastas tentativas de reorganização do império do Ocidente, mas, observando-se a inutilidade do tentame, em virtude do endurecimento da maioria dos corações, as autoridades espirituais, sob a égide do Cristo, renovaram os processos educativos do mundo europeu, então no início da civilização atual, chamando todos os homens para a vida do campo, a fim de aprenderem melhor, no trato da terra e no contacto da Natureza. Só o feudalismo podia realizar essa obra, e as suas normas, embora grosseiras, foram aproveitadas na escola penosa das aquisições espirituais, onde a reflexão e a sensibilidade iam surgir para a construção do edifício milenar da civilização do Ocidente.

\*

## **2 - Os abusos do poder religioso**

### **FASES DA IGREJA CATÓLICA**

Apesar dos numerosos desvios da Igreja romana, que esquecera os princípios cristãos tão logo que chamada aos gabinetes da política do mundo, nunca o Catolicismo foi de todo abandonado pelas potências do bem, no mundo espiritual. Advertências inúmeras lhe foram enviadas em todos os tempos da sua vida histórica, pela misericórdia do Cristo, condoído da impiedade de quantos, sob o seu nome, manchavam o altar dos templos.

Enquanto esteve subordinada aos imperadores de Constantinopla, a instituição católica trabalhou para libertar-se de semelhante tutela, procurando a mais ampla independência espiritual, somente conseguida depois do papa Estêvão II, em 756, com a organização do chamado Patrimônio de São Pedro. A esse tempo, os vários soberanos da época dispunham da Igreja de acordo com os seus caprichos pessoais, conferindo dignidades eclesiásticas às consciências mais apo-

drecidas. A sede do Catolicismo se transformara em vasto mercado de títulos nobiliárquicos de toda a espécie. Até depois do século X, semelhante situação de descalabro moral marchava para a frente, num crescendo espantoso. Os Apóstolos do Divino Mestre, nas claridades do Infinito, deploram semelhantes espetáculos de indigência espiritual e promovem a reencarnação de numerosos auxiliares da tarefa remissora, nas hostes da regra de São Bento. Estes missionários da verdade e do bem operam a restauração do mosteiro de Cluny, de onde saíam pensamentos novos e energias regeneradoras.

### **GREGÓRIO VII**

Foi nesse movimento de restauração que Hildebrando, conhecido como Gregório VII, ouvindo as inspirações que lhe desciam ao coração, do plano invisível, preparou-se para a missão que o esperava no Vaticano. Sua figura é das mais importantes do século XI, pela fé e pela sinceridade que lhe caracterizaram as atitudes. Eleito papa, após a desencarnação de Alexandre II, reconheceu que as primeiras providências que lhe competiam eram as do combate ao simonismo no seio da instituição católica e as do restabelecimento da autoridade da Igreja, que ele desejou sinceramente reconduzir ao seio do Cristianismo, embora as lutas sustentadas contra Henrique IV façam parecer o contrário. Convocando um concílio em Roma, no ano de 1074, procurou reprimir a enormidade de tantos abusos referentes ao mercado dos sacramentos e às honras eclesiásticas. Filipe I e Henrique IV prometem amparo e auxílio às decisões do pontífice, no sentido de regenerar a organização da Igreja. Henrique IV, porém, prestigiado pelos bispos culpados de simonia, fugiu ao cumprimento da promessa e, depois de exortado por Gregório VII, tenta depô-lo, reunindo em Worms um sínodo de sacerdotes transviados. O papa excomunga o príncipe rebelado, ocorrendo então os célebres acontecimentos de Canossa. A luta ainda não havia terminado, quando Gregório VII se desprende do mundo em 1085, deixando, porém, o caminho preparado para a Concordata de Worms, que se realizaria em 1122 com Henrique V, com a independência da Igreja e a regeneração aproximada de sua disciplina.

### **AS ADVERTÊNCIAS DE JESUS**

Instalada nas suas imensas riquezas e dispondo de todo o poder e autoridade, a Igreja poucas vezes compreendeu a tarefa de amor, que competia à sua missão educativa.

Habituada a mandar sem restrições, muitas vezes recebeu as advertências de Jesus à conta de heresias condenáveis, que era preciso combater e profligar.

As exortações do Alto não se faziam sentir tão-somente no seio das ordens religiosas, onde penitentes humildes proporcionavam aos seus orgulhosos superiores eclesiásticos as mais santas lições da piedade cristã. Também na sociedade civil as sementes de luz deixavam entrever os mais esperançosos rebentos de compreensão e de sa-

bedoria, acerca do Evangelho e dos exemplos do Cristo. Neste caso está Pedro de Vaux, que, embora sendo um homem de negócios, em Lião, desligou-se de todos os laços que o prendiam às riquezas humanas, despojando-se de todos os bens em favor dos pobres e necessitados, comovido com a leitura da exemplificação de Jesus no seu Evangelho de amor e redenção. Esse homem extraordinário, a quem fora cometida a missão de instrumento da vontade do Senhor, mandou traduzir os livros sagrados para leitura pública e, junto de outros companheiros que passaram à História com o nome de valdenses, iniciou amplo movimento de pregações evangélicas, à maneira dos tempos apostólicos. Os "Pobres de Lião" foram excomungados, primeiramente pelo arcebispo da cidade e mais tarde, em 1185, pelo pontífice do Vaticano. A Igreja não poderia tolerar outra doutrina que não a sua, feita de orgulho e mal disfarçada ambição. Qualquer lembrança verdadeira e sincera, do seu divino Fundador, era tomada como heregia abominável e suscetível das mais severas punições. A verdade, porém, é que, se os valdenses foram caluniados pelas forças católicas, suas pregações e apelos nunca mais desapareceram do mundo desde o século XI, porque, com vários nomes, as suas organizações subsistiram na Europa até à Reforma, não obstante os guantes de ferro da Inquisição.

### FRANCISCO DE ASSIS

Os apelos do Alto continuaram a solicitar a atenção da Igreja romana em todas as direções. As chamadas "heresias" brotavam por toda parte onde houvesse consciências livres e corações sinceros, mas as autoridades do Catolicismo nunca se mostraram dispostas a receber semelhantes exortações.

Havia terminado, em 1229, a guerra contra os hereges, cujos embates atravessaram o espaço de vinte anos, quando alguns chefes da Igreja consideraram a oportunidade da fundação do tribunal da penitência, cujos projetos de há muito preocupavam o pensamento do Vaticano.

Mascarar-se-ia o cometimento com o pretexto da necessidade de unificação religiosa, mas a realidade é que a instituição desejava dilatar o seu vasto domínio sobre as consciências.

Todavia, se a Inquisição preocupou longamente as autoridades da Igreja, antes da sua fundação, o negro projeto preocupava igualmente o Espaço, onde se aprestaram providências e medidas de renovação educativa. Por isso, um dos maiores apóstolos de Jesus desceu à carne com o nome de Francisco de Assis. Seu grande e luminoso espírito resplandeceu próximo de Roma, nas regiões da Úmbria desolada. Sua atividade reformista verificou-se sem os atritos próprios da palavra, porque o seu sacerdócio foi o exemplo na pobreza e na mais absoluta humildade. A Igreja, todavia, não entendeu que a lição lhe dizia respeito e, ainda uma vez, não aceitou as dádivas de Jesus.

## OS FRANCISCANOS

O esforço poderoso do missionário, todavia, se não conseguiu mudar a corrente de ambições dos papas romanos, deixou traços fulgurantes da sua passagem pelo planeta.

Seu exemplo de simplicidade e de amor, de singeleza e de fé, contagiou numerosas criaturas, que se entregaram ao santo mister de regenerar almas para Jesus.

A ordem dos Franciscanos chegou a congregar mais de duzentos mil missionários e seguidores do grande inspirado. Eles repeliam qualquer auxílio pecuniário, para aceitar tão-somente os alimentos mais pobres e mais grosseiros, e o característico que mais os destacava das outras comunidades religiosas era o seu alheamento dos mosteiros. Em vez de repousarem à sombra dos claustros, na tranqüilidade e na meditação, esses espíritos abnegados reconheciam que a melhor oração, para Deus, é a do trabalho construtivo, no aperfeiçoamento do mundo e dos corações.

## A INQUISIÇÃO

Muito pouco valeram as lições do bem, diante do mal triunfante, porque em 1231 o Tribunal da Inquisição estava consolidado com Gregório IX. Esse instituto, ironicamente, nesse tempo não condenava os supostos culpados diretamente à morte - pena benéfica e consoladora em face dos martírios infligidos aos que lhe caíssem nos calabouços -, mas podia aplicar todos os suplícios imagináveis.

A repressão das "heresias" foi o pretexto de sua consolidação na Europa, tornando-se o flagelo e a desdita do mundo inteiro.

Longo período de sombras invadiu os departamentos da atividade humana. A penumbra dos templos era teatro de cenas amargas e sacrílegas. Crimes tenebrosos foram perpetrados ao pé dos altares, em nome dAquele que é amor, perdão e misericórdia. A instituição sinistra da Igreja ia cobrir a estrada evolutiva do homem com um sudário de trevas espessas.

## A OBRA DO PAPADO

Há quem tente justificar esses longos séculos de sombra pelos hábitos e concepções daquele tempo. Mas, a verdade é que o progresso das criaturas poderia dispensar esse mecanismo de crimes monstruosos.

Por isso, nos débitos romanos pesam essas responsabilidades tão tremendas quão dolorosas.

A Inquisição foi obra direta do papado, e cada personalidade, como cada instituição, tem o seu processo de contas na Justiça Divina. Eis por que não podemos justificar a existência desse tribunal espantoso, cuja ação criminoso e perversa entrou a evolução da Humanidade por mais de seis longos séculos.

### 3 - A FILOSOFIA NA IDADE MÉDIA

#### UMA NOVA ERA SE ANUNCIA

##### Livro: História da Filosofia. Os Pensadores

“A VOZ FICA-ME na garganta e os soluços interrompem-me ao ditar estas palavras. Foi conquistada a cidade que conquistou o universo.” Assim São Jerônimo (c. 347-420) anuncia a invasão e a pilhagem de Roma, em 410 pelos visigodos comandados por Alarico. Antes mesmo desse golpe, as fronteiras do Império eram cada vez mais violadas por levadas de migrações de vários povos – as chamadas “invasões bárbaras” -, ao mesmo tempo que, internamente, a economia e a política entravam em crescente desorganização. Rotas comerciais eram abandonadas, as cidades perdiam a população para o campo, as províncias rebelavam-se.

Nesse cenário, a divisão do Império em Ocidente e Oriente, tantas vezes realizada e depois desfeita, tornou-se definitiva. Enquanto o Império sobreviveu, no Oriente, até 1453, quando Constantinopla caiu sob o domínio turco, o Ocidente transformou-se em um mosaico de pequenos reinos ditos “bárbaros”, que iam assimilando em suas tradições alguns dos valores romanos, principalmente o cristianismo. Começava a Idade Média.

#### O nascimento da escolástica

A Idade Média é caracterizada como uma era de obscurantismo pela época seguinte, que, arrogante, se autodenominaria Renascimento. O próprio termo “Idade Média” já traz embutida essa carga de desprezo: indica que o período, que se estendeu por cerca de mil anos, não passa de um intervalo entre o esplendor do mundo greco-romano e seu “renascimento” posterior. Não que essa imagem tenebrosa não contenha certa verdade. Afinal, na Idade Média grassam grandes epidemias (como a Peste Negra), guerras incessantes, retração da economia, da técnica e da vida urbana, e um profundo sentimento de medo (o temor da morte era o menor deles).

É impossível, porém, ignorar as realizações culturais dessa época. A própria Igreja, quase sempre acusada como a principal culpada pelo retrocesso da cultura, é também responsável pela conservação de quase tudo o que se preservou do pensamento clássico greco-romano. Num mundo em que o cenário predominante é o campo, e a agricultura praticada ao nível da subsistência, os mosteiros – esses refúgios rurais onde os religiosos, longe da vida mundana, buscavam a purificação da alma – representam a sobrevivência da cultura. Ali, os monges, animados pelo ideal de *ora et labora* (“reza e trabalha”) de São Bento (c. 480-547), não só se dedicam à religião e à organização do trabalho rural como também à cópia, à compilação, à tradução para o latim e ao comentário de textos da Antiguidade.

Mas a Idade Média tampouco é simplesmente a preservação dos valores antigos, à espera de “renascimento” futuro. Para além do mundo cristianizado, floresce nas regiões árabes e islâmicas um vigoroso pensamento filosófico e científico. É principalmente por meio dos filósofos árabes que muito do aristotelismo chega ao pensamento medieval do Ocidente. Além disso, as realizações científicas e técnicas do Islã – matemática, astronomia, medicina ou engenharia – já prenunciavam os estudos sobre os quais o Renascimento reivindicaria a exclusividade.

No Ocidente cristão, a acumulação gradativa de cópias, traduções e comentários de textos antigos vai criando bases para a formação de um pensamento original. É a escolástica, que ganha corpo sobretudo nas universidades e irá fornecer alguns dos temas que nutririam o próprio Renascimento.

O desenvolvimento da escolástica vale-se, além da Igreja e a sua imposição da unificação da fé cristã, do emprego do latim, tornado universal, embora restrito a pequenos círculos de letrados. As mais diversas regiões do mundo cristão passam a se comunicar, e um representante desse intercâmbio é o monge britânico Alcuíno (c. 730-804).



**Alcuíno**

Procedente da cidade britânica de York, Alcuíno chega à França a chamado do rei Carlos Magno, fundador do Império Carolíngio. Sua missão: organizar o sistema educacional do Império. Para isso, ele funda escolas – sempre ligadas às instituições católicas – e unifica o conteúdo do ensino, que compreende, à maneira romana, as sete artes liberais (isto é, dignas de um homem livre): gramática, retórica e dialética (o *trivium*), e geometria, aritmética, astronomia e música (o *quadrivium*). Nenhuma dessas artes, porém, justifica-se por si mesma: elas estão a serviço da ciência das ciências, isto é, a teologia.

Na fase em que a escolástica lança suas bases institucionais, a teologia, seguindo o pensamento de Agostinho, é bastante marcada pelo platonismo. João Escoto Erígena é o principal representante dessa tendência teológica.



### João Escoto Erígena

Nascido em Erin (daí Erígena), na Irlanda, João Escoto (c. 810-877) chega à França por volta de 840. Para ele, como para Agostinho, a teologia expressa-se melhor por negações, por aquilo que Deus não é. Isso, no entanto, não o impede, em *Da Divisão da Natureza*, de deduzir logicamente uma seqüência hierarquizada dos seres (ou “naturezas”, como as denomina): primeiro, a natureza que cria e não é criada (Deus como Princípio); depois, a que é criada e que cria (o Verbo, correspondente às idéias de Platão); em seguida, a que é criada e que não cria (o mundo sensível); e, por fim, a que não cria e não é criada (Deus, considerado finalidade última). O princípio e o fim estão, assim, interligados por uma cadeia de seres, que começa em Deus e nele termina. Tal sucessão seria a história, cuja finalidade, através dos tempos, é a de ser reabsorvida pelo Princípio que a iniciou: Deus.

#### O nome da rosa

##### (a “querela dos universais”)

A preocupação da escolástica com as palavras é enorme. Se a verdade está contida na Bíblia, é preciso saber lê-la, distinguindo o que pode ser entendido no sentido literal do que é apenas simbólico. Por isso, a escolástica apresenta-se primeiro como estudo da linguagem (de que trata o *trivium*), para depois examinar a realidade das coisas (o *quadrivium*).

Entre as palavras e as coisas, no entanto, que relação pode haver? O “nome da rosa” – expressão que daria título ao célebre romance de Umberto Eco – coloca o dilema dessa questão. A rosa, símbolo de perfeição, é também um nome que sobrevive à morte da própria flor; a palavra fala até de coisas inexistentes. Qual, então, a relação entre o nome e a coisa, a linguagem e a realidade? Esse problema, que seria conhecido como a “questão ou querela dos universais”, é insistentemente discutido na Idade Média e, ultrapassando os níveis da gramática e da lógica, torna-se tema da metafísica e da teologia.

A questão tem origem numa tradução latina de *Isagoge*, obra de Porfírio, em que esse discípulo de Plotino comenta a lógica de Aristóteles. “Não tentarei”, escreve Porfírio, “enunciar se os gêneros e as espécies existem por si mesmos ou na pura inteligência, nem, no caso de subsistirem, se são corpóreos ou incorpóreos, nem se existem separados dos objetos sensíveis ou nestes objetos, formando parte dos mesmos.” Diante disso, os medievais tomam duas posições básicas, cada uma comportando uma série de variantes.

O nominalismo, defendido, por exemplo, por Roscelin de Compiègne (c. 1050-1120) considera os universais – termos que designam idéias gerais como “homem” e “animal” – meras palavras sem existência real. Eles não passariam de resultantes da abstração que o intelecto faz a partir da percepção de coisas individuais (este homem, este animal).



A isso se opõe o realismo, que sustenta a existência dos universais. Essa existência pode ser considerada, à maneira de Platão, como anterior e separada em relação às coisas, ou então, como presente nas coisas e delas inseparável, de modo semelhante à noção aristotélica de forma.

### **Santo Anselmo e Abelardo**



#### **Santo Anselmo**

Um dos principais representantes do realismo é Santo Anselmo (1033-1109), arcebispo de Cantuária (na atual Inglaterra). Seu realismo concentra-se na demonstração racional da existência de Deus: a palavra “Deus” indica um ser perfeito, o maior de todos; mas, se Deus não existisse, seria preciso supor algo que fosse ainda maior e que tivesse existência real, pois existir é uma das perfeições; então a palavra “Deus” só pode indicar um ser realmente existente. Se, desse modo, Anselmo demonstra logicamente a existência de Deus, isso, porém, não significa que para ele a razão se sobreponha à fé. Antes, ao contrário, é porque a fé fornece a verdade divina que se torna possível o uso sem equívoco da razão.



#### **Abelardo e Heloísa**

Uma solução intermediária é sustentada por Pedro Abelardo (1079-1142), célebre por sua paixão por Heloísa, que tanto escandalizou a época. Para ele, os universais só existem no intelecto, mas, ao mesmo tempo, mantêm relação com as coisas particulares na medida em que lhes dão significado. Desse modo, é como significado que os universais subsistem às coisas. Abelardo formula tais considerações – que dariam uma nova direção às investigações lógicas – sem as vincular às questões teológicas. Por outro lado, porém, fornece à teologia um modelo de argumentação que marcaria toda a escolástica: um método que confronta duas opiniões contraditórias a respeito de cada questão, para, desse confronto, extrair uma solução satisfatória.



#### 4 - ABELARDO

(1079-1142)

##### Livro: Os Filósofos. J. Herculano Pires

A partir de Sócrates, já não podemos dizer, ao tratar do mundo da Filosofia, que no princípio era o verbo. Porque o verbo está presente em todos os momentos. De Sócrates a Aristóteles, o pensamento gira em torno de palavras, provocando redemoinhos profundos, que nos levam aos mistérios da substância. A seguir, na fragmentação filosófica do Helenismo, o verbo, como vimos na canônica de Epicuro, é refúgio e consolação.

Na batalha final entre o pensamento grego e a dogmática religiosa oriental, o verbo domina o mundo com Plotino, desde as *razões seminais* até o esplendor do *Nous*. Mas é com Porfírio que ele se converte em desafio ao novo mundo que se elaborará longamente no correr de toda a Idade Média. E Abelardo, nove séculos mais tarde, levantará a luva lançada pelo neoplatonismo, para, em nome do verbo e através dele, afinal, configurar o edifício sincrético do novo pensamento, fundido na efervescência do caldeirão medieval.

Não se pode, evidentemente, ter a pretensão de sintetizar em Abelardo o drama filosófico-teológico da Idade Média. Mas é evidente que se pode tomar a figura de Abelardo como centro desse drama, para através dela oferecer aos leitores uma idéia geral, uma visão de conjunto, esbatida em seus contornos e imprecisa nos traços essenciais, mas sugestiva no contexto, da lenta e profunda ebulição mental do Medievalismo. Esse quadro justificará, por certo, a tese de Dilthey, de que mais do que a luta entre a razão e a fé, a Idade Média desenvolveu em suas entranhas o processo histórico de fusão das contribuições gregas, romanas e judeu-cristãs, para a preparação da consciência metafísica do nosso tempo.

Abelardo é assim a figura que nos permite passar da era helenística aos tempos modernos, num vôo reto do pensamento através de um milênio da História. Sua lógica, como acentua Gilson, é arrancada da metafísica dominante para se libertar em seu próprio terreno de ação, como ciência autônoma; sua teologia é uma revolta contra o marasmo e a conveniência dos meios eclesiásticos submissos; sua ética, uma colocação racional do problema da responsabilidade espiritual no plano da ação; sua dialética, ao mesmo tempo uma preparação da escolástica e um aríete lançado contra a fortaleza do autoritarismo e do dogmatismo irracionais.

Abelardo é o *homem* que se ergue contra o *clérigo*, o espírito que se opõe ao convencionalismo, a razão que fustiga o dogma. Seus defeitos são muitos, mas suas virtudes são dinâmicas e eficientes. Ele funda o humanismo medieval e antecipa a Renascença.

Os dois grandes momentos filosóficos da Idade Média são o século V, em que Agostinho retoma em termos cristãos a filosofia platônica, e o século XIII, em que Tomás de Aquino afinal realiza, com a *Suma Teológica*, apoiado fortemente no Aristotelismo, a desejada síntese dos princípios cristãos e do pensamento grego. Mas depois de Agostinho devemos assinalar o Renascimento Carolíngio, no século VIII, que é o primeiro despertar dos remanescentes da cultura greco-romana no mundo bárbaro, na corte de Carlos Magno.

Destaca-se, no fundo de trevas da época, a figura luminosa de Alcuíno, que sonha estabelecer em Paris uma nova Atenas, mais brilhante que a do passado, porque iluminada pelos sete dons do Espírito Santo. E no tempo de Abelardo, essa pré-renascença que foi o Renascimento do século XII, quando, segundo Paul Vignaux: “Paris parecerá uma nova Atenas”.

Teríamos de lembrar, ainda, no século VIII, a figura de João Escoto Erígena, esse neoplatônico irlandês, que reconstrói o mundo das idéias a seu modo, embora incorrendo em várias heresias que, graças ao obscurantismo geral, passaram despercebidas.

O século XII, portanto, tem o seu precedente no Renascimento Carolíngio. Abelardo, de certa maneira, é uma conseqüência de Agostinho e Erígena. A compacta obscuridade medieval não era nem podia ser tão compacta como em geral se pensa. O domínio bárbaro sufocou a civilização greco-romana, mas podemos dizer que as *razões seminais* da Civilização, esparsas no subsolo europeu, acabaram por se mover em direção ao *Nous*, abrindo clareiras luminosas nas trevas. Além disso, a verdade é que houve, ao longo de todo o período medieval, uma incessante transmissão da cultura greco-romana, de uma fase para outra, graças aos centros culturais que se conservaram nas penínsulas itálica e ibérica, e particularmente na Irlanda, que chegou mesmo a se transformar, segundo expressões da época, num “ninho de filósofos”.

A luta pelo poder, entre a Igreja e o Império, favorece o desenvolvimento cultural do século XII. Veja-se o caso das Universidades, centros de liberdade de pensamento, protegidos por ambos os poderes, que disputavam o prestígio advindo de seu florescimento. Essa disputa permitiu a autonomia universitária.

O desenvolvimento comercial das regiões italianas do Norte, na zona costeira, fazia surgir ali o gérmen perigoso do livre-pensamento. As Cruzadas romperam definitivamente o velho arcabouço feudal e abriram as rotas do Oriente. É nesse ambiente, assim renovado, em que sopram ventos novos, arejando as consciências, que Abelardo irrompe, irrequieto e brilhante, cheio de audácia e vaidade, para centralizar na sua figura as tendências de uma nova era.

## A CONQUISTA DO MUNDO

Abelardo nasceu perto de Nantes, em 1079, no Castelo de Palais, filho do cavaleiro bretão Béranger. Descendia, pois, de uma linhagem nobre e devia ingressar no serviço das armas. Mas Abelardo recusou-se a isso. Preferiu seguir o caminho das Letras, que no tempo só era possível através da carreira eclesiástica.

Estudou primeiro em Laon, com Anselmo, e depois, seguiu para Paris, onde se fez aluno de Guilherme de Champeaux. Brigou com o mestre e os condiscípulos, e apesar de muito moço, abriu uma escola em Melun. Fez grande sucesso e transferiu-se para Corbeil, mais próximo da capital, mas a doença o impediu de continuar ensinando. Retirou-se para a sua terra, e poucos anos depois reaparecia em Paris, inscrevendo-se novamente como aluno de Champeaux, para um curso de retórica.

Essa nova temporada em Paris vai ser decisiva para a sua carreira. Abelardo começa por divergir novamente do seu mestre. Era a época da famosa querela dos universais, e Champeaux defendia a posição realista. Abelardo o enfrentou e o constrangeu a abandonar o Realismo. A derrota de Champeaux foi a ruína do mestre, mas foi também o início da glória do discípulo. Abelardo vê abrir-se aos seus pés o caminho que tanto desejava trilhar: o da conquista do mundo. É jovem, inteligente, senhor de uma terrível dialética, de uma oratória brilhante, belo como um Apolo. As mulheres o admiram e os homens o temem.

Gilson traça um quadro guerreiro das atividades dialéticas de Abelardo: "... ele mesmo se nos apresenta como um verdadeiro guerreiro, que ataca os mestres, captura os seus auditórios, arrasta-os como uma espécie de despojo, estabelece o cerco das escolas e das cadeiras que ambiciona ocupar; resta sempre em Abelardo qualquer coisa do espírito militar de sua família, e é por um verdadeiro boletim de guerra que ele termina a narração de sua luta com Guilherme de Champeaux".

Depois da derrota de Champeaux, Abelardo sonha com novas vitórias. Seu coração de guerreiro anseia por outras batalhas, que lhe tragam novos louros. O mundo está a seus pés, e é preciso conquistá-lo. Conta-se que tentou fazer o mesmo com Anselmo, mas o teólogo ilustre de Laon não se deixou vencer. Abelardo instala-se então em Paris, cercado de admiração, respeito e temor, e põe-se a ensinar Teologia e Filosofia.

Está ligado à Igreja pelo noviciado e espera realizar uma atordoante carreira eclesiástica. Instalou sua escola no alto da colina em que hoje se ergue o Templo de Santa Genoveva, e esse foi, como diz Lamartine: "... o Monte Aventino de uma multidão de discípulos, que deixavam as escolas antigas para irem ouvir a palavra jovem e audaciosa de Abelardo".

É ainda Lamartine quem nos dá uma imagem viva e colorida de Abelardo nessa época: “Tinha então trinta e oito anos. Reinava pela eloquência no espírito dos jovens, pela beleza no olhar das mulheres, pelas poesias líricas nos corações femininos; reinava ainda por suas melodias, cantadas por todas as bocas. Imaginemos em um só homem, reunidos, o primeiro orador, o primeiro filósofo, o primeiro poeta, o primeiro músico de sua época; Antínoo, Cícero, Petrarca, Schubert – numa mesma celebridade viva e moça, e teremos uma idéia da popularidade de Abelardo nesse período de sua vida”.

Não é pois de admirar que o Cônego Fulbert, da Catedral de Notre-Dame, homem de haveres e de prestígio, se entusiasmasse por esse gênio e procurasse conquistá-lo para esposo de sua filha ou sobrinha Heloísa, de dezoito anos, que também já se celebrizara em Paris por sua beleza e sua inteligência. Abelardo passou a residir na casa do cônego e tornou-se professor de Heloísa.

A acreditarmos no romantismo de Lamartine, todas as belezas e excelências da terra e do céu se reuniam naquele jovem casal que abrihantava a casa do velho Fulbert. Heloísa era a mais bela das jovens, Abelardo o mais belo dos homens; ambos inteligentes e cultos, voltados para os esplendores da Cultura. Um par de deuses gregos que baixara em Paris, a nova Atenas, para maravilhar os mortais.

Mas o coração de Abelardo, como o do poeta do soneto célebre, balançava entre dois amores: Heloísa e a glória. A paixão carnal não lhe permitiu refletir muito e fê-lo escolher a jovem com certa precipitação. Casou-se secretamente com ela. Mas recusou-se a tornar público o ato. Temia que a notícia de sua queda, aos pés de uma jovem beleza humana, mesmo sendo a suprema beleza da França, abalasse o seu prestígio de filósofo. Um filósofo que se prezasse não devia entregar-se a Cupido.

Diante disso, o velho Fulbert se enfureceu, e com razão. Heloísa compreendia e aprovava os escrúpulos de Abelardo e não queria sacrificá-lo. Mas seu tio, ou pai, como diziam muitos, estava ferido na sua dignidade e no seu orgulho. Fora traído pelo jovem em quem depositava suas maiores esperanças. Proibiu-lhe a entrada em casa, mas Heloísa e Abelardo passaram a encontrar-se às escondidas, o que mais o humilhou e enfureceu.

Orgulho contra orgulho, vaidade contra vaidade, ao que levaria isso? Apenas Heloísa não abrigava essas negras paixões em seu coração. Amava Abelardo e se sacrificava por ele. Estava disposta a sacrificar-se a vida inteira, contentando-se em ver o seu deus triunfar sobre o mundo. Mas Paris encheu-se da notícia: Abelardo se rendera aos encantos de Heloísa. Os adversários do filósofo não vacilaram em acusá-lo de fraqueza. Era um novo Sansão, que sacrificara sua força a uma nova Dalila.

Vencido pelo amor, Abelardo não teria mais o fogo da eloquência que até então o caracterizara. Heloísa reagiu como mulher: sa-

crificando-se. Espalhou que não estava casada, que apenas admirava e amava Abelardo. Mas o sacrifício de Heloísa implicava também o do velho Fulbert, que não estava disposto a aceitá-lo, e as coisas se complicaram.

Abelardo cometeu então nova imprudência. Raptou Heloísa e levou-a para Argenteuil, internando-a num monastério, onde ela tomou o véu de noviça, sem pronunciar, entretanto, o voto irrevogável. Por outro lado, investiu-se também das ordens monásticas. O episódio amoroso estava assim encerrado, sua vaidade satisfeita, e ele pôde voltar gloriosamente à cátedra e aos púlpitos, como um novo vencedor.

Seus inimigos tremeram diante do furor de suas invectivas, e sua popularidade cresceu. Mas o velho Fulbert não aceitava a mancha que o jovem ardente lançara sobre ele. Uma noite, as portas do quarto de Abelardo foram abertas por mãos misteriosas. Consta que o próprio Fulbert guiava a malta de assaltantes, que surpreenderam o filósofo dormindo e o castraram.

Encerrou-se assim a fase da conquista do mundo. Abelardo, ultrajado e humilhado, pagara bem caro a sua imprudência, a sua enorme vaidade e a sua atitude covarde para com Heloísa. Mas ainda assim não se entregou de todo. Restava-lhe um revide. Ordenou a Heloísa que fizesse o voto irrevogável, para separá-la definitivamente de Fulbert. E ele também o fez, no mesmo dia.

Dali por diante, entretanto, Abelardo não teve descanso. Percorreu o mundo, de monastério em monastério, perseguido por seus inimigos. Teve de socorrer Heloísa e suas companheiras, certa vez expulsas do convento, que fora tomado por outra ordem religiosa. Por duas vezes foi condenado: um pelo Concílio de Soissons, em 1121, e outra, por denúncia de São Bernardo, pelo Concílio de Sens, em 1141. Teve de fugir e foi recebido carinhosamente por Pedro, o Venerável, no Priorado de São Marcelo, em Cluny, onde morreu na primavera de 1142.

Foi inumado no Convento de Paraclete, tendo Heloísa marcado o seu lugar ao lado do corpo do marido. Não obstante, ela ainda viveu por mais vinte e dois anos, só falecendo em 1164. No Cemitério de Père Lachaise, em Paris, existe um suposto túmulo de Abelardo e Heloísa.

Em 1616 foram publicadas em Paris, pela primeira vez, redigidas em latim, as célebres cartas trocadas entre ambos. Schneider, erudito alemão, entende que não se trata de uma troca de correspondência, mas de um trabalho de Abelardo. Bertrand Russel comenta: “Não tenho competência para julgar da exatidão dessa hipótese, mas não vejo nada no caráter de Abelardo que a torne absurda”. A verdade é que essas cartas encerram toda a emoção do terrível drama, e serviram para inspirar a Rousseau a sua *Julie ou La Nouvelle Héloïse*.

## SIC ET NON

Abelardo surgiu como um deus, e seu fim foi o de um pobre mortal perseguido pelos homens e pelos fados. Não obstante, marcou a fogo o seu nome no século, que, à maneira do XVIII, com Voltaire, devia chamar-se o Século de Abelardo. Como assinala Gilson, a obra do filósofo é de natureza dupla: teológica e filosófica. O que não é de estranhar, pois na Idade Média, como se sabe, a Filosofia estava subordinada à Teologia, era a sua serva. Em geral, os filósofos eram teólogos, e estes, filósofos, de tal maneira, que muitas vezes não sabemos como distingui-los.

Um dos livros de Abelardo que provocou grande interesse na época, e ainda hoje tem a sua importância histórica é o *Sic et Non* (*Sim e Não*), pois exerceu enorme influência sobre o pensamento escolástico, e seu método, diz Gilson, “passou inteiramente para a *Suma Teológica* de São Tomás de Aquino”. Trata-se de uma coletânea de opiniões contraditórias das Escrituras e dos Pais da Igreja sobre numerosas questões. Abelardo não resolve as contradições, deixando o assunto a critério do leitor. Até hoje, ensaístas e historiadores mostram incompreensão diante desse texto, reprovando a sua forma. Outros compreendem a intenção do autor, e outros exageram ou procuram explicá-la de diversas maneiras. Abelardo continua, assim, a ser objeto de controvérsia.

Há os que pensam, e isso nos parece mais certo, que Abelardo quis mostrar o absurdo do princípio de autoridade eclesiástica e escriturística, dominante no tempo. Gilson entende que Abelardo quis apenas mostrar que “não se deve utilizar arbitrariamente as autoridades em matéria de Teologia”. Acrescenta que não há razão para se pensar que ele quisesse arruinar o princípio de autoridade, pois ele mesmo declara expressamente que desejava apenas propor algumas questões aos leitores, excitando-lhes a imaginação para resolvê-las. Mas é evidente que Abelardo não atiraria uma bomba como essa, em plena Idade Média, sem camuflá-la. Gilson faz vistas gordas sobre o temperamento e a posição de Abelardo, pois é claro que deve enxergar um pouco mais do que demonstra.

Os chamados “mestres de sentenças” seguiram na esteira de Abelardo, mas, ao que parece, sem a sua intenção combativa, sem a sua tática militar. Pedro Lombardo, Gilberto Porretano, Pierre de Poitiers, os três que completavam, com Abelardo, “os quatro labirintos de França”, aproveitaram o seu método dialético, mas acrescentaram soluções que amenizavam o efeito destruidor do *Sic et Non*. As *Sentenças* de Lombardo tornaram-se manual escolástico e contribuíram grandemente para a elaboração das *Sumas* do século XIII, como acentua Ruggiero. Mas a dialética de Abelardo não é a do *Sic et Non*, onde apenas encontramos uma das provas da sua extraordinária habilidade de estrategista do pensamento. Não fosse ele o que era, e não tivesse o próprio Gilson nos advertido quanto ao seu gênio militar, herdado da

linhagem de cavaleiros, poderíamos também nos enganar quanto aos objetivos desse livro.

Acresce que Abelardo não aceitava a infalibilidade dos doutores e dos teólogos. Embora fiel ao princípio medieval de submissão da Filosofia à Teologia, punha limites a esta. As Escrituras, ele as considerava infalíveis, pois do contrário estaria bem arrumado. Mas nem por isso deixou de incluir no *Sic et Non* suas “contradições aparentes”. Fora das Escrituras, dizia, até mesmo os apóstolos e os Pais da Igreja podiam ter errado. Por outro lado, tirar ao *Sic et Non* o seu sentido evidentemente revolucionário, seria converter Abelardo a uma angeli-tude que ele nunca possuiu, e ao mesmo tempo negar à sua obra o valor de reação ao meio, que é uma das suas mais altas características.

### O DESAFIO DE PORFÍRIO

A dialética de Abelardo está em seus escritos de Lógica e de Filosofia, e particularmente em seu livro específico, *Dialética*. A firmeza de sua exposição, a maneira clara e precisa de colocar os problemas, e a habilidade com que os conduz à solução, mostram o motivo de seu espantoso sucesso pessoal em Paris. Mas é na questão dos universais que vamos ver a sua extraordinária segurança, numa época de intrincados debates sobre a matéria.

O desafio de Porfírio, a que atrás nos referimos, ficara no ar. Fizera Porfírio as seguintes perguntas: Os universais existem na realidade ou somente no pensamento? Se existem realmente, são corpóreos ou incorpóreos? São separados das coisas sensíveis, ou ligados a elas? Pois bem, a essas três questões, Abelardo começa, num gesto bem típico de espadachim ou cavaleiro medieval, por acrescentar outra: Os gêneros e as espécies terão alguma significação para o pensamento, se os indivíduos que os constituem deixarem de existir?

Essas questões agitavam a Idade Média, e realmente tinham grande importância, como já vimos a partir de Sócrates. Naquela época, a importância do assunto crescia, em virtude de suas implicações teológicas. A resposta à primeira pergunta de Porfírio decide o problema. Mas as controvérsias eram infundáveis.

O Realismo, defendido por Champeaux, até que Abelardo o obrigou a recuar, sustentava a realidade dos universais fora das coisas. O Nominalismo tomava duas direções: uma, chamada Nominalismo Extremo, para a qual os universais não eram mais do que nomes, e outra, chamada Conceptualismo, segundo a qual os universais não eram mais do que conceitos. Abelardo enfrenta o problema afirmando que os universais não são mais do que o sentido dos nomes, a significação das palavras, o seu conteúdo. Não há universais no sentido platônico, como o queriam os realistas, nem simples nomes, como pretendiam os nominalistas. Abelardo, como se vê, é conceptualista. E nessa posição, o que é mais curioso, sem perceber, e sem que os seus contemporâneos também o tivessem percebido, ele simplesmente volta a Aristóteles. Mas volta à sua maneira e por suas próprias deduções.



Com essa solução, Abelardo se encontra em condições de responder às três perguntas de Porfírio e à que ele mesmo acrescentou, e que se tornou clássica, como as anteriores. Suas respostas são as seguintes: 1ª) Os universais existem no pensamento, mas designam coisas reais. 2ª) Os universais são corpóreos enquanto nomes, palavras, mas não quanto ao sentido. 3ª) Os universais existem de duas maneiras: ligados às coisas sensíveis, quando a elas se referem, e fora do sensível, quando se referem a coisas ou seres não-sensíveis, como Deus e a alma. 4ª) Os Universais cessarão de existir, como nomes que indicam indivíduos, se estes deixarem de existir, mas subsistirão como significados, pois mesmo que não haja mais rosas, poderemos dizer: não existe rosa.

Não se pode negar a firmeza e clareza com que Abelardo conduziu a controvérsia dos universais a uma solução geral. Gilson, que analisou profundamente os passos que conduzem às conclusões acima, oferece-nos esse esquema das respostas de Abelardo, e adverte que, na resposta à terceira questão, o filósofo quis conciliar Platão e Aristóteles. Isso porque, segundo Aristóteles, as formas só existem no sensível, e para Platão, as formas conservariam sua natureza, mesmo que não estivessem mais ao alcance dos nossos sentidos. Ainda neste passo o senso estratégico de Abelardo se revela, pelo menos num gesto de galanteria cavalheiresca. Ele responde a Porfírio com Platão e Aristóteles, e à maneira de Jesus no caso da moeda, dando a cada qual o que lhe pertence.

### VÍCIO E PECADO

A ética de Abelardo, considerada por Ruggiero “a parte mais viva da sua filosofia”, começa também por uma distinção lógica e por um jogo dialético. No seu tratado *Scito Teipsum (Conhece-te a Ti Mesmo)*, ele estabelece a distinção entre vício e pecado, mostrando que o vício é uma inclinação para o Mal e o pecado a aceitação dessa inclinação. Assim sendo, resta-nos a possibilidade de lutar contra o Mal, de reagir contra os vícios, evitando os pecados. Por outro lado, o pecado é negativo, pertence ao Não-Ser. O pecado, pois, não tem substância, e basta o nosso consentimento para que ele se realize.

Essa dialética do pecado concorda com o ensino evangélico sobre o adultério: “Aquele que olha para uma mulher, cobiçando-a, já no seu coração adulterou com ela”. Basta a intenção, para produzir o pecado, que ocorre na alma e não no mundo exterior. Os efeitos exteriores do pecado são sem interesse na economia divina, pois podemos suportar esses efeitos sem a intenção pecaminosa, caso em que não haverá pecado. Daí a grande responsabilidade do cristão perante a sua própria consciência: se consentir no vício, na inclinação para o Mal, estará tendendo para o Não-Ser, opondo-se a Deus e contrariando a Vontade Divina; mas, em sentido contrário, se negar consentimento ao Mal, estará agindo no sentido do Bem, tendendo para o Ser, obedecendo a Deus.

Surge, porém, uma séria dificuldade. Como saber qual é a intenção boa, a que realmente corresponde à Vontade Divina? Abelardo se lembra dos que combatiam o Cristianismo sacrificando os cristãos. Eles também não faziam isso com boa intenção, ou seja, na intenção de servir a Deus ou aos deuses? Analisando fundamente o problema, conclui que é a intenção que vale, pois a sede do pecado é a alma. Cada criatura é um mundo em que a consciência legisla, com liberdade de ação. Mas a liberdade é relativa ao conhecimento de cada um. Aquele que não conhece o Evangelho não pode legislar de acordo com as leis do Senhor. E voltamos assim a outro ponto evangélico: aquele em que Jesus respondeu aos seus interpelantes que, *ao dizerem que sabiam*, davam realidade ao pecado. Tudo está em saber, pois como pode alguém pecar contra o que ignora?

O problema do vício e do pecado leva Abelardo a conjecturar sobre um problema de fé que é de grande importância para a compreensão do fato da Revelação. Que aconteceria aos pagãos, que não conheceram o Evangelho e não puderam cumprir a vontade de Deus? Estariam todos condenados? Abelardo conclui, como um universalista em pleno humanismo francês da Renascença, que Deus concedeu a cada povo e a cada época os seus meios de conhecer a verdade. Assim, para os judeus enviou profetas e para os gregos, filósofos. Uns e outros revelaram as verdades sublimes e indicaram o caminho a seguir.

### A NOVA TEOLOGIA

Quando deixamos o problema ético, para encarar o teológico, verificamos que mais uma vez o Professor de Lógica da Idade Média, como chamaram a Abelardo, coloca o assunto em termos lógicos. E ao colocá-lo assim, desde logo assume uma atitude revolucionária. Paul Vignaux assinala que, até o momento em que apareceu a *Teologia* de Abelardo, o sentido dessa palavra era muito diverso do que lhe deu o filósofo. Entretanto, esse novo sentido é o que permanecerá no futuro, e o que ainda hoje conhecemos.

Entre os latinos, e particularmente os poetas, a palavra *teologia* queria dizer simplesmente doutrinas pagãs referentes aos deuses. Não se tratava, pois, segundo essa observação de Vignaux, de estudo dos problemas referentes à divindade, mas de sistemas mitológicos mais ou menos estruturados. Em geral: exposição de opiniões e de crenças. Para os medievais, teologia é a leitura sagrada, que mais tarde resulta nas *sentenças*, esses germens de que nascerá a Escolástica. Mas quando Abelardo propõe o seu estudo teológico, a palavra *teologia* assume o seu pleno conteúdo e adquire a dignidade suprema: é uma *sacrae eruditionis summa*, uma suma do saber sagrado, com diz Vignaux.

Mais uma vez Abelardo voltará a tratar de palavras, de conceitos, de significados. É quando pensa nos conflitos das interpretações, nas contradições dos textos, que ele mesmo soube pôr em evidência no *Sic et Non*. Então Abelardo acredita que se pudéssemos estabelecer as diferenças de significado das mesmas palavras em autores diversos,

muitas contradições deixariam de perturbar-nos. Isso se aplica também ao tempo. Abelardo enfrenta, em pleno mar teológico, um problema de semântica. Mas é evidente que, no trato das palavras, ele vai realmente colocando os problemas fundamentais que procura resolver, e que são os problemas do seu tempo.

Condenaram-no por haver tentado explicar racionalmente a Trindade, e por haver encontrado semelhanças da concepção cristã do deus-trino nos sistemas pagãos. Sua explicação da Trindade foi considerada herética. Mas Gilson o defende, afirmando que apesar de confundir Filosofia e Teologia, Abelardo se mantinha fiel aos princípios da fé cristã. É interessante vermos a enumeração de certos princípios que Abelardo devia seguir, para não cair em heresia e condenação. Gilson os enumera: a autoridade é superior à razão; a dialética tem por utilidade principal o esclarecimento das verdades da fé e a refutação dos infiéis, e, por fim, a salvação da alma provém das Santas Escrituras e não dos livros dos filósofos.

O mérito de Abelardo está precisamente em nunca haver obedecido cegamente a esses princípios medievais. Sua rebeldia a esse fideísmo obscurantista, que por duas vezes lhe acarretou a condenação dos Concílios e a amarga perspectiva da submissão ou da fuga, mostram claramente a sua posição. Aceitando a supremacia da fé, Abelardo nada mais fazia do que sujeitar-se ao inevitável. Mas suas tentativas de explicar pela razão até mesmo o dogma supremo da Trindade é uma prova de que a sua inteligência poderosa aceitava essas condições com relutância profunda.

Numa carta a Heloísa, faz Abelardo esta confissão que ficou célebre: “Não quero ser filósofo contradizendo São Paulo, nem ser um Aristóteles para me separar do Cristo, porque não há outro nome sob o céu, pelo qual eu me possa salvar. A pedra sobre a qual fundei a minha consciência é aquela sobre a qual o Cristo fundou a sua Igreja”. Essas palavras são interpretadas por uma adesão plena ao princípio de submissão da Filosofia à Teologia. Mas quando sabemos de sua vida e suas lutas, compreendemos que não devem ser bem assim. Porque há uma distância enorme entre não querer contradizer São Paulo e separar-se do Cristo, e não querer contradizer os dogmas com a indagação filosófica.

Aliás, Abelardo não vacilou em fazê-lo. Sua fé no Cristo parece indiscutível, sua crença em Deus, e mesmo na Trindade, não oferece pontos duvidosos. Mas sua sujeição aos princípios opressivos do Medievalismo é contraditada por suas numerosas tentativas de romper o cerco e proclamar o seu direito de pensar com liberdade. É nesse sentido que Abelardo, embora centralizando em sua figura e em sua vida o drama do pensamento medieval, representa também um avanço sobre o futuro. Depois de Abelardo, só restava aos séculos seguintes, do XIII ao XIV, a expectativa da Renascença. Porque a Escolástica ainda iria formular a sua síntese final, mas Abelardo já indicara, por seus an-

seios incontidos e seus rasgos geniais, os caminhos da superação teológica.

É exatamente no século seguinte, no XIII, que a Escolástica vai alcançar o seu máximo esplendor. Mas o clarão poderoso será como um relâmpago, trazendo em si mesmo os elementos do seu declínio. Figuras como o Papa Inocêncio III brilharão no cenário político, e seu pupilo, o Imperador Frederico II, da Alemanha, marcarão época na História. Francisco de Assis surgirá como uma nova mensagem de santidade e pureza, mas seu sucessor Elias será a contrafação do seu trabalho e do seu espírito. As lutas da Igreja contra os hereges tornam-se extremamente violentas, assinaladas por terríveis massacres em nome de Cristo. Em 1233, o Papa Gregório IX funda a Inquisição. E é nesse ambiente de tremendas contradições, em que trevas e luzes se misturam, que Tomás de Aquino realizará afinal a sua síntese, fazendo de sua obra o delta gigantesco de todas as confluências dos séculos anteriores.

Nessa obra, que os papas Leão XIII e Pio XI consagrarão como doutrina da Igreja, vemos estabelecida a relação subordinativa da Filosofia à Teologia. A distinção entre razão e fé implica o problema de esclarecimento da fé pela razão, que Abelardo procurara agitar tantas vezes. Por isso, o problema da filosofia tomista, colocado por São Tomás de Aquino, é exatamente o da distinção e do acordo entre elas. A distinção é fácil: a Filosofia, operando na razão, permanecerá no campo da luz natural; a Teologia fundada na revelação, sob a autoridade de Deus, conterà artigos de fé, que devem ser aceitos, *mesmo contra a razão*.

Fácil compreendermos a posição da Filosofia nesse acordo. Seu papel é o de “serva da Teologia”. Ela deve esclarecer racionalmente os princípios da fé, para ajudar a Teologia, mas nunca deverá esquecer as suas limitações de luz natural, nascida da Terra. Quando se tratar dos grandes princípios da fé, a Filosofia só poderá tratá-los para chegar às mesmas conclusões já estabelecidas pela Revelação. Porque a verdade é uma só, e a verdade indicada pela fé, revelada por Deus, não pode ser contraditada pela frágil luz da razão humana. Como vemos, Abelardo, qual um rato na ratoeira, havia tentado, um século antes, romper uma prisão que muitos outros trabalhavam para fortificar. Mas seu sucessor não se fará tardar. Dois séculos mais, e ele surgirá na arena.

\*

## 5 - A RICA CULTURA ISLÂMICA

### Livro: História da Filosofia. Os Pensadores

Para os povos árabes, o Islã – que significa “submissão à vontade divina” – é muito mais do que uma religião. É o que lhes dá identidade cultural e o que, durante muito tempo, lhes proporcionou unidade política. Segundo o Corão, livro sagrado do islamismo, a origem do Islã está na missão que Mohammed (Maomé, c. 570-632) teria recebido do anjo Gabriel: a de propagar a vontade de Alá, o único Deus verdadeiro e criador de todas as coisas.

A partir daí, Maomé assume a condição de Profeta e inicia sua pregação, que também é uma campanha militar: em torno da fé ele unifica as tribos e os clãs em que se dividiam os árabes. Sofre perseguições que o obrigam a exilar-se – a Hégira -, mas contra-ataca, subjulgando aqueles que não aceitam o Islã. Instala-se em Medina e, dali, inicia uma série de ofensivas contra Meca, a principal cidade árabe, que capitula definitivamente em 630.

Maomé morre dois anos depois de sua entrada triunfal em Meca. Seus sucessores – denominados califas (vigários do Profeta) – levam adiante sua obra, construindo um vasto império que, no século X, abrangia a Espanha e o norte da África, estendendo-se, a leste, até a região do rio Indo. Essa expansão, no entanto, não se fez sem divergências internas. Dentro do islamismo surgiram seitas dissidentes, como a dos xiitas. Além disso, rivalidades de todo tipo provocaram o surgimento de vários Estados árabes independentes.

### O valioso conhecimento árabe

Apesar de motivados à conquista pelo ideal do jihad (guerra santa), os muçulmanos (praticantes do Islã) foram tolerantes com os povos que dominaram. Admitiram outras religiões, com exceção das que cultuavam ídolos, e se abriram para as mais variadas influências culturais, principalmente do pensamento grego e helenístico. Num primeiro momento, isso significou traduzir para o árabe diversas obras escritas em grego e siríaco, principalmente as de filosofia, matemática e medicina. Mas os estudiosos árabes não se limitaram a isso. Logo passaram a reelaborar o conteúdo dessas obras e a realizar suas próprias investigações, de que resultaria um pensamento de alcance universal.

Na matemática, por exemplo, a limitação dos gregos – que praticamente só conheciam a geometria – foi superada pelo desenvolvimento da álgebra (palavra de origem árabe) por Al-Kharezme (c. 780-850). Foi também por seu intermédio que o Ocidente conheceu os algarismos arábicos. Além disso, é aos árabes que se devem o desenvolvimento da trigonometria, a noção de algoritmo, a invenção do número zero e muitas outras realizações.

Física, astronomia, química (palavra que tem a mesma raiz árabe do termo “alquimia”), medicina, biologia, geografia, geologia, his-

tória: não houve área do conhecimento que os árabes não tivessem investigado, antecipando muitas das descobertas que o Ocidente, séculos depois, iria reivindicar como suas.

### **O saber como obrigação**

“A busca do saber, da ciência, é obrigação de todo muçulmano, homem ou mulher.” As palavras do Profeta, ao deixar claro que o desenvolvimento do conhecimento por meios racionais aproxima o homem da sabedoria divina, acabam incentivando a explosão científica do islã, fase que se estende, aproximadamente, do século X até o final do XII, sob o califado da dinastia dos abácidas.

Os sábios muçulmanos encontram no pensamento de Aristóteles um instrumento poderoso. Mas a difusão do aristotelismo no mundo islâmico faz-se de modo curioso. Os árabes traduzem o conjunto do *Corpus Aristotelecum* e a este agregam, como se fosse do mesmo autor, parte de *Enéades* de Plotino, bem como textos do neoplatônico Proclo (c. 410-485). Por isso, elaboram uma concepção que mescla o aristotelismo e o neoplatonismo, em que o Uno concebido por Plotino é identificado, não sem problemas, a Alá. Resta então investigar a relação entre a Inteligência (a segunda hipóstase do Uno), de um lado, e as coisas e o homem, de outro. Nessa questão, o aristotelismo fornece a chave.

Al-Kindi (século IX) é o primeiro a formular esse problema: como o intelecto humano pode apreender a essência das coisas, se pelos sentidos só é possível conhecer que elas existem? A solução encontra-se na Inteligência, sempre em ato que transcenda o intelecto humano e que torna possível o conhecimento, fornecendo ao intelecto humano as essências (ou formas) e fazendo-o passar da potência ao ato.

A distinção entre a Inteligência agente, sempre em ato, e o intelecto humano é retomada por Al-Farabi (872-950). Para ele, há uma hierarquia de várias Inteligências agentes: a primeira emana de Deus, a segunda, da primeira, e assim sucessivamente. A última situa-se na esfera lunar, e dela provêm as formas que tornam as coisas inteligíveis ao intelecto humano e que lhes dão existência.

Mas, se a Inteligência agente leva as coisas a ser o que são, fazendo-as passar da potência ao ato, elas podem adquirir ou perder a existência; esta não é necessária às coisas, isto é, não faz parte da sua essência, mas é apenas contingente. Por isso, a existência das coisas depende de uma causa, aquela em que a essência e a existência coincidem: Deus.



### Avicena, médico e filósofo

Todos esses temas estão presentes no pensamento de Ibn Sina (980-1073), que no Ocidente ficaria conhecido como Avicena. Nasceu nas proximidades de Bukhara, e morreu perto de Hamadã (no atual Irã), seu nome é associado à medicina, terreno que exerceria uma notável influência. Descreveu a anatomia do olho humano e o funcionamento das válvulas do coração; analisou uma série de doenças, como a varíola, o sarampo e o diabetes; formulou a hipótese de que certas moléstias eram causadas por pequenos organismos presentes na água e na atmosfera; elaborou vários procedimentos de diagnóstico. Sua obra *Cânon* seria leitura obrigatória em qualquer ensino de medicina na Europa por muitos séculos. Além disso, Avicena, como outros sábios muçulmanos de seu tempo, foi também matemático, astrônomo, físico, zoólogo, geólogo, musicólogo e assim por diante, abrangendo todas as áreas do conhecimento.

No campo filosófico, Avicena, como Al-Farabi, concebe uma série hierarquizada de Inteligências agentes, das quais a última dá a forma à matéria, fazendo com que as coisas sejam o que são, e ao intelecto humano, tornando possível o conhecimento. Também concorda com Al-Farabi quanto à distinção entre a essência e a existência, mas acrescenta a essa questão algumas precisões.

Segundo Avicena, há dois modos do ser. Em primeiro lugar, há o ser necessário, isto é, aquele que por sua essência não pode não existir. Nele, a existência e a essência são idênticas. Há, em segundo lugar, o ser possível, que se desdobra em dois: o ser possível por essência é aquele que não pode existir porque a existência lhe é causada, enquanto o ser puramente possível é o que pode vir a existir contanto que a existência lhe seja causada. Na linguagem aristotélica, o ser necessário é o ato puro; o ser possível necessário é a potência que se torna ato, mediante uma causa; e o ser puramente possível, apenas potência. Daí se conclui que o ser necessário é o único que existe por si, sem nenhuma causa, sendo ele próprio a causa de tudo o que existe: é Deus, o único e eterno criador.

\*



### **Averróis e o direito à existência**

No século VIII, na Andaluzia (Espanha muçulmana), surge um califado independente, com sede em Córdoba. Era um sintoma de desagregação do Império Islâmico, que se aceleraria a partir do século IX. O califado de Córdoba, no entanto, prosperou, tornando-se logo o principal centro cultural do mundo islâmico, contando com uma importante universidade e várias bibliotecas. Córdoba foi assim a porta pela qual a ciência e a filosofia árabes ingressaram no Ocidente. Ali nasceu Ibn Ruchd (1126-1198), mais conhecido como Averróis, cujo pensamento e influência de certo modo simbolizam a passagem do Oriente ao Ocidente.

Enquanto os filósofos árabes do Oriente produzem, não sem originalidade, uma mescla do aristotelismo e do neoplatonismo, Averróis – que também foi cádi (juiz) e médico – esforça-se em restaurar fielmente o pensamento do fundador do Liceu. Escreve numerosos comentários sobre a obra de Aristóteles, o que lhe valeria o título de O Comentador.

Mas Averróis também retoma alguns aspectos do pensamento de Avicena e de outros pensadores árabes. Como eles, estabelece uma sucessão de Inteligências, que são atos puros, motores imóveis e causas do movimento em cada esfera do universo. Cada um desses motores é, a um só tempo, conhecimento e conteúdos desse conhecimento, os quais constituem as formas ou as essências das coisas.

Se essas formas provêm da Inteligência, é apenas no sentido de que esta é a causa que faz a matéria passar da potência ao ato, e que torna inteligíveis as coisas sensíveis assim formadas pela atualização da matéria. Isso significa, a rigor, que as formas não têm existência separada: os universais só existem nos individuais e só se destacam como resultado da abstração feita pelo intelecto.

Se, assim, a forma (ou a essência) é própria às coisas individuais existentes, não há sentido em separar a essência e a existência. A coisa é, porque existe: para Averróis, as coisas do mundo sensível, inclusive o homem, têm pleno direito à existência.





## 6 - SANTO TOMÁS DE AQUINO: (1225-1274)

### UM CAMINHO ATÉ DEUS -

#### Livro: História da Filosofia. Os Pensadores

Quando a obra de Aristóteles chega ao Ocidente, trazida pelos árabes, a Igreja não esconde seu desagrado. Ao universo letrado e cristão da Idade Média apresenta-se uma concepção divergente e sólida da teologia elaborada até então. Evidentemente, a Igreja apressa-se a condenar trechos dos textos aristotélicos. No âmbito universitário, entretanto, a acolhida é boa.

O desenvolvimento das universidades acompanha o crescimento das cidades medievais. Nestas, a camada ascendente de mercadores e artesãos agrupa-se em corporações de ofício para defender os interesses de cada profissão. As universidades seguem o mesmo modelo: mestres e estudantes cuidam da administração, cuja autonomia é assegurada por uma hábil política que neutraliza as interferências do poder local, temporal ou eclesiástico. Isso se faz por meio de direitos especiais conseguidos diretamente do papa, que por essa época instituiu também a Inquisição, para reprimir as doutrinas tidas como “heréticas”.

Instrumento dessa política do papado, que a todo custo quer assegurar supremacia diante dos poderes locais, as universidades representam a liberdade de pensamento. E, por isso mesmo, também se tornam objeto de suspeitas. Entre liberdade e desconfiança, a universidade que mais retira forças dessa ambigüidade é a de Paris, cuja figura central é a de Santo Tomás.

#### Absoluta e eterna perfeição

Quem analisa as provas da existência de Deus elaboradas por Santo Tomás de Aquino tem a impressão de estar diante de um pensador extremamente racionalista. Ledo engano. Ele é, acima de tudo, teólogo e religioso, para quem a filosofia deve servir à fé. Não no sentido de auxiliá-la, mas de submeter-se a ela. Para Tomás, quando a fé e a razão entram em desacordo, é sempre esta que se equivoca. A Igreja soube reconhecer essa intransigente defesa: em 1323, Tomás de Aquino foi canonizado e, no século XIX, seu pensamento assumiu a condição de doutrina oficial do catolicismo.

Para ele, não há conflito entre fé e razão – a tal ponto que lhe é possível demonstrar a existência de Deus. Recusa a solução apressada de Santo Anselmo, para quem Deus, sendo perfeito, deveria ter como um de seus atributos perfeitos o da existência. Segundo Tomás de A-

quino, definir Deus como ser perfeito ainda não implica sua existência. A definição é uma idéia, e nada garante que uma idéia possa existir na realidade.

O ponto de partida, então, é o mundo sensível, percebido pelos sentidos. Estes indicam que o mundo é dotado de movimento. Mas, segundo Aristóteles, nada se move por si. A causa do movimento deve ser causada e, se não se quiser estender a série das causas ao infinito (o que não explicaria o movimento presente), é preciso admitir uma causa absolutamente imóvel e primeira: Deus. O mesmo raciocínio vale para a causa em geral. As coisas são ou causa ou efeito de outras, não sendo possível ser causa e efeito ao mesmo tempo. Deve haver, então, ou uma sucessão infinita de causas – o que é absurdo –, ou uma causa absolutamente primeira e não causada.

Os dados dos sentidos também mostram que as coisas existem e perecem. Isso significa que a existência não lhes é necessária, essencial, mas apenas uma possibilidade contingente. Por isso, a existência depende de uma causa, exatamente aquela que tenha a existência como essência, uma existência necessária.

Além disso, o mundo apresenta uma série de seres menos ou mais perfeitos e que são comparados entre si de maneira relativa. Mas como saber o que é mais perfeito do que outro se não houver um padrão a partir do qual se possa medir os graus de perfeição? A hierarquia das coisas relativas depende então de um ser que seja a medida absoluta e eterna da perfeição.

Por fim, essa hierarquia apresenta-se como uma ordem, em que cada ser cumpre sua finalidade: os seres vivos reproduzem-se constantemente, e os corpos sempre buscam o seu lugar natural, mesmo que disso não tenham conhecimento. Se a finalidade de cada ser é assim atingida, mesmo que inconscientemente, deve haver uma Inteligência que conheça e organize o mundo de acordo com sua finalidade.

Desse modo, a razão, por vários meios, atinge o conhecimento da existência de Deus. A razão que demonstra e a fé que revela estão, por isso, de acordo, sem que entre elas haja contradição. Ambas são modos diferentes pelos quais se manifesta a mesma e única Verdade.

### **Uma vida dedicada ao ensino**

Pertencente a uma família nobre da cidade italiana de Aquino, Tomás nasceu em 1225. Estudou na Universidade de Nápoles e, em 1243, ingressou na Ordem dos Dominicanos (Ordem dos Pregadores, também conhecida por Ordem dos Dominicanos ou Ordem Dominicana, é uma ordem religiosa católica que tem como objetivo a pregação da mensagem de Jesus Cristo e a conversão ao cristianismo. Foi fundada em Toulouse, França, no ano de 1216 por São Domingos de Gusmão, sacerdote castelhano – atual Espanha – o qual era originário de Caleruega. Os dominicanos não são monges, mas sim religiosos: realizavam voto de pobreza, castidade e obediência. Vivem em comunidade, que se designam por conventos e não como abadias ou mosteiros. Os seus conventos são tradicionalmente junto das cidades. Durante a Idade Média, foram os principais colaboradores junto aos tribunais da chamada Santa Inquisição, perquirindo suas vítimas e apon-

tando os culpados pela prática de heresia contra a doutrina católica romana). No mesmo ano, tornou-se aluno na Universidade de Paris, onde os estudos de ciência natural e de teologia avançavam sob a influência do aristotelismo, introduzido por Santo Alberto Magno (c.1206-1280). Anos depois, Tomás de Aquino prosseguiu os estudos na cidade alemã de Colônia e, em 1259, como professor em Paris, obteve o título de doutor em teologia. Passou então a lecionar em várias cidades italianas, depois novamente em Paris e, finalmente, em Nápoles. Morreu no convento dos cistercienses (beneditinos) de Fossanova, em 1274.

A vasta obra de Tomás de Aquino é o resultado dessa vida dedicada ao ensino. Muitos de seus textos são comentários de livros da Bíblia, dos santos padres, de Aristóteles e outros autores. Há também breves tratados sobre assuntos específicos, como *O Ente e a Essência* e *Questões Discutidas sobre a Verdade*. Por fim, as duas Sumas: a *Súmula contra os Gentios* é um manual de teologia destinado a converter os muçulmanos, e a *Suma Teológica*, embora inacabada, sintetiza o pensamento tomista.

Em todas essas obras predomina a intenção de polêmica contra aqueles que, no entender de Santo Tomás, fazem mau uso da razão, seja extrapolando-lhe a competência, seja diminuindo seu valor. Em ambos os casos, a fé é a prejudicada: a razão que se excede torna-se indiscreta e invade o terreno exclusivo da fé, que são os mistérios divinos; e a razão desconfiada de si recusa-se a tornar acessível a fé aos não-crentes, considerando impossível a demonstração da existência de Deus.

Para Tomás de Aquino, há um domínio comum à razão e à fé. É preciso demarcar com precisão esse território, para impedir que a razão o ultrapasse e para que ela possa se desenvolver plenamente dentro desses limites. Tal domínio é o do ser, que é em primeiro lugar a realidade do mundo sensível. A razão pode conhecê-la, como o prova Aristóteles.

### **O homem, dono de seus atos**

Tomás de Aquino concorda com Aristóteles, segundo o qual o conhecimento racional provém inicialmente dos sentidos. Da sensação, o intelecto abstrai a individualidade das coisas, depurando-lhe a matéria. O resultado são as formas.

Para explicar a realização dessa operação, Tomás de Aquino, retomando a versão árabe do aristotelismo, distingue dois tipos de intelecto. O *intelecto possível* recebe dos sentidos as imagens das formas, que ainda se encontram como potência. Sua passagem ao ato supõe uma causa: é o *intelecto agente*, responsável pelo conhecimento efetivo das formas, atualizando o que no intelecto possível só existia como potência.

A distinção desses dois intelectos não obedece apenas ao estilo de Aristóteles. Na realidade, ela é necessária do ponto de vista teológi-

co. Se só Deus é ato puro, o intelecto humano, para não se equiparar a ele, não pode ser somente ato, mas também a imperfeição da potência.

O mesmo motivo teológico está na base de uma sutil discussão sobre se o intelecto agente é o mesmo em todos os homens. Para Avicena, cada homem tem o intelecto possível na alma, mas o intelecto agente (ou Inteligência) lhe é transcendente. Averróis – ou a interpretação que dele fazem seus numerosos adeptos – vai além: tanto um intelecto como outro são únicos e estão separados da alma humana.

Santo Tomás, no entanto, não pode aceitar isso. Cada homem deve possuir um intelecto agente e um intelecto possível, que constituem a sua alma individual, a forma de seu corpo. Essa noção é necessária, pois só por ela se justifica o dogma cristão da imortalidade da alma de cada indivíduo. Além disso, só a individualidade da alma faz conceber o homem como dono de seus próprios atos, isto é, o único responsável pelo pecado. Sem essa responsabilidade individual, não haveria a moral e muito menos a religião.

Embora tenha aceitado diversos aspectos do pensamento de Averróis, Santo Tomás dele diverge em questões que possam comprometer a doutrina cristã. Nesse sentido, torna-se crucial o tema do intelecto não separado do homem e da individualidade da alma.

\*

## 7 - A ESCOLÁSTICA CHEGA AO FIM

### Livro: *Historia da Filosofia. Os Pensadores*

É com Santo Tomás que a Escolástica conhece o apogeu. As universidades fervilham com discussões acaloradas. Mas esse quadro, que à primeira vista pode parecer animador, dá-se exatamente em meio às crises que levariam ao fim da Idade Média.

O Sacro Império Romano-Germânico está praticamente destruído. Por toda parte, as cidades organizam-se de maneira autônoma. As monarquias, como a França e a Inglaterra, passam a constituir Estados nacionais centralizados. Os constantes conflitos entre o imperador e o papado, que se organiza como um verdadeiro Estado monárquico supranacional, também enfraquecem o Império.

O papado, na verdade, começa a disputar a hegemonia com os monarcas. Em 1309, sob a intervenção do rei da França, a sede do papado é transferida de Roma à cidade francesa de Avignon, e lá permanece até 1377. A isso logo se segue o cisma do Ocidente, isto é, o surgimento de dois papas, um em Roma e outro em Avignon, aos quais se somaria um terceiro. A reunificação só ocorre no Concílio de Constança (1414-1418), mas, dessa vez, o papa vê seus poderes reduzidos frente ao colégio dos bispos. A cristandade desagrega-se, e a Igreja deixa de ser a autoridade incontestável.

Esses conflitos manifestam-se também nas universidades, onde ingressam, sob a autorização do papa, as chamadas ordens mendican-

tes, isto é, os franciscanos e os dominicanos. A Ordem dos Franciscanos desenvolveu-se no século XIII, mesmo a contragosto de seu fundador, São Francisco de Assis (1182-1228), para quem a Igreja deveria retomar a simplicidade e a humildade dos tempos iniciais. Na mesma época, surge a Ordem dos Dominicanos, fundada por São Domingos (c. 1170-1221) com o objetivo de defender a ortodoxia contra as heresias.

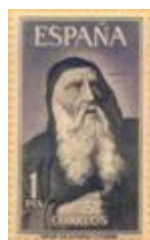
O ingresso dessas ordens nas universidades representa a retomada de controle pelo papado, a fim de salvaguardar a ortodoxia contra os “dialéticos”. É nesse sentido que devem ser entendidos os ataques de Santo Tomás, um dominicano, aos averroístas. Mas o aristotelismo de Santo Tomás também é suspeito, e a ele se opõe o franciscano São Boaventura, que igualmente combate os mestres “dialéticos”.

### **Boaventura e Lúlio: diferenças**



#### **São Boaventura (franciscano: 1221-1274)**

Para São Boaventura (1221-1274), os dominicanos e o próprio Santo Tomás estão entre os “dialéticos”, que se dedicam primeiro à especulação e só depois à devoção. O aristotelismo é considerado causa dessa especulação, contra a qual se levanta a tradição neoplatônica, na versão de Santo Agostinho. Segundo São Boaventura, a filosofia e a razão só se justificam como busca do “itinerário da alma até Deus” – expressão que dá título a uma de suas principais obras. Nessa busca, a meta é dada de antemão pela iluminação divina, que é a fé. À razão compete apenas buscar no mundo sensível (isto é, o mundo das criaturas de Deus) vestígios, imagens, sinais ou signos das Idéias perfeitas, que são o próprio conhecimento de Deus. Não se trata de conhecer o que as coisas são, mas apenas o que elas significam e representam, como imagem e semelhança dessa imensa sabedoria divina.



#### **Raimundo Lúlio (c.1233-1315)**

Também franciscano, o catalão Raimundo Lúlio (c. 1233-1315) percorre outro caminho. Cristão numa terra conquistada pelos árabes, quer converter os muçulmanos. Por isso, não lhe basta reafirmar a ver-

dade da fé, mas demonstrá-la por meios racionais. É preciso, então, que os raciocínios sejam coerentes e ordenados logicamente. Para isso, ele chega a inventar uma espécie de máquina para fornecer mecanicamente todas as combinações possíveis entre as diversas noções da fé cristã. Apesar desse esforço, Lúlio morreria martirizado pelos muçulmanos.

### A ciência de Grosseteste e Roger Bacon



**Robert Grosseteste (c. 1170-1253)**

Na Inglaterra, os franciscanos, afastados geográfica e historicamente das discussões no continente europeu, tomam direções ousadas. Em Oxford, principal centro universitário inglês, o franciscano Robert Grosseteste (c.1170-1253), levando ao pé da letra a noção de Luz divina, passa a realizar investigações científicas sobre a óptica. Além disso, estende suas pesquisas a toda a natureza, aplicando a matemática nesses estudos, em vez de deduções lógicas a partir de autores consagrados.



**Roger Bacon (1214-1294)**

Também em Oxford surge pela primeira vez a expressão *scientia experimentalis* (ciência experimental). Seu formulador é Roger Bacon (1214-1294), discípulo de Grosseteste e igualmente franciscano, para quem as provas da experiência constituem a melhor forma de conhecimento – motivo pelo qual é considerado precursor da ciência moderna. Mas, para Bacon, assim como para sua época, “experimental” indica muito menos os fenômenos observados do que o seu significado oculto, que se pode apreender a partir da observação. Nesse sentido, Bacon, apesar das inúmeras pesquisas nas áreas de física, astronomia, geografia e outras, não é um cientista no sentido moderno da palavra, mas, antes, alquimista e astrólogo. Condenado à prisão por essas práticas, ele, no entanto, não as considera incompatíveis com a fé. Ao contrário, a *scientia experimentalis* apenas complementa, na esfera dos segredos das coisas materiais, os segredos das coisas espirituais revelados pela iluminação divina.

\*

### A fé de Scot e Ockham



#### John Duns Scot - ou Scotus (1266-1308)

Se Roger Bacon, no final do século XIII, aposta na correspondência entre a razão e a fé, no século XIV a desconfiança dos teólogos em relação à razão é cada vez maior. Dessa desconfiança partilham, cada um a seu modo, John Duns Scot e Guilherme de Ockham.

Duns Scot (ou Scotus, isto é, escocês) nasceu por volta de 1266 e morreu em 1308. Franciscano, foi professor em Oxford e Paris, e o título a ele atribuído de Doctor Subtilis (Doutor Sutil) já indica a dificuldade de seu pensamento. Para ele, a filosofia, e mais propriamente a metafísica, tratam do ser enquanto ser. Isso significa que a metafísica não pode ter como ponto de partida as coisas do mundo sensível, para depois abstraí-las. Caso contrário, cai-se no mesmo equívoco do aristotelismo de Santo Tomás, que, partindo dos dados dos sentidos, demonstrou a existência de Deus. Desse modo, Deus ficaria reduzido a mera causa primeira do mundo físico.

Considerar o ser como ser equivale a deduzir as propriedades que lhe são intrínsecas, sem nenhum recurso aos sentidos. Nessa análise, Duns Scot chega a uma série de pares dos modos do ser, que constituem a sua essência: finito e infinito, possível e necessário, e assim por diante. Examinando detidamente cada uma dessas propriedades, Duns Scot demonstra uma série de atributos de Deus – perfeição, inteligência, infinitude, causa primeira e final de todas as criaturas -, entre os quais a sua própria existência.

Ele, no entanto, não considera essa uma demonstração no sentido rigoroso da palavra. Acredita que demonstrar é deduzir da causa o efeito, isto é, partir de Deus para o ser, e não o que a filosofia é capaz de fazer, partindo do efeito (ser) para chegar à causa (Deus). Além disso, essa “falsa” demonstração só se refere a Deus enquanto ser, não a Deus enquanto Deus. Isso significa que uma série de atributos que o cristianismo associa a Deus, como a providência e a misericórdia, é inacessível à razão, é indemonstrável. Do mesmo modo, é insondável a vontade divina, que, por um ato absolutamente livre, criou o mundo. Para Duns Scot, a supremacia dessa vontade é total. Deus não criou o mundo de maneira ordenada; se a ordem existe no mundo, é porque Deus o criou; Deus não fez as coisas boas e justas, mas elas são boas e justas porque são criaturas de Deus.

Por tudo isso, qualquer demonstração da existência de Deus e de seus atributos é relativa e, no limite, vã. Nessa medida, é ilusória a tentativa de construir a teologia como ciência. Para Duns Scot, a teologia apenas estabelece as normas de conduta do fiel, e a razão deve abandonar a presunção de desvendar os mistérios de Deus, que são objeto da fé.



### **Guilherme de Ockham (c. 1300-1350). Nominalismo**

À mesma conclusão, embora por outras vias, chega Guilherme de Ockham (c. 1300-1350), também franciscano de Oxford, cuja teoria nominalista seria reiteradamente condenada. Para ele, os universais não têm existência real, não passando de signos (ou significações) que só adquirem sentido na relação que as palavras estabelecem entre si numa proposição. Nessa medida, os signos referem-se às coisas, mas só na qualidade de seus substitutos. Mas o que garante que, nessa substituição, os signos ainda falem sobre as coisas? Nada, a não ser a mera suposição. As ciências supõem essa relação entre os signos e as coisas, quando, na realidade, apenas investigam por meio dos signos o que estes significam.

Por isso, o conhecimento racional, embora se desenvolva dentro de rigorosos procedimentos lógicos, não tem acesso à realidade das coisas. Isso se aplica ainda mais à questão da existência de Deus. Afirmar, por exemplo, que todas as coisas se movem por uma causa e que por isso é necessário que haja uma causa primeira, é provável, mas de modo algum evidente. Por que certos seres não poderiam se mover por si? E por que não poderia haver uma série infinita de causas do movimento, em vez de uma causa primeira?

Desse modo, Ockham mostra que a verdade revelada, muito mais que a realidade das coisas do mundo sensível, é absolutamente inacessível à razão. Rebaixando o conhecimento racional, ele pretende reafirmar a supremacia radical da fé sobre a razão.

Mas tanto em Ockham como em Duns Scot a glorificação da fé em detrimento da razão é ambígua. Enquanto a supremacia da fé é afirmada dogmaticamente, sem provas a não ser as que a própria fé revela, demonstra-se com todo o rigor da razão a impossibilidade de a filosofia alcançar a verdade. A força desses argumentos contra a razão é tal que mais parece denunciar a fragilidade da fé cristã.

Além disso, separadas tão radicalmente da fé, a razão e a filosofia libertam-se da condição de servas da teologia, que, por sua vez, orgulhosamente se retira do posto de ciência das ciências. A escolásti-



ca e o pensamento medieval chegam ao limite. A razão, com suas debilidades ou não, volta novamente a caminhar por sua conta e risco.

\*



## IBN KHALDUN

(1332 – 1406)

### Livro: Os Filósofos. J. Herculano Pires

Encontramos mais facilmente o nome de Ibn Khaldun entre os historiadores e os precursores da Sociologia, do que entre os filósofos. Nossos compêndios de História da Filosofia referem-se quase sempre à filosofia árabe medieval, estudando os pensadores que vão do século IX ao XII, e que exerceram influência direta no meio europeu. Khaldun não está nesse caso. Pertence ao século XIV e quase exclusivamente ao mundo árabe. Só recentemente foi descoberto pelos ocidentais, embora sua influência na cultura árabe seja das maiores.

Mas já é tempo de se procurar reparar a injustiça que se tem feito à sua figura e à sua obra. Khaldun não foi simplesmente um historiador e um precursor da Sociologia, apesar de que esses títulos bastariam para a glória do seu nome. Foi precursor da Filosofia da História. E foi, historicamente, um filósofo, medieval.

Claude Cahen, num capítulo a seu cargo, da *História Geral das Civilizações*, direção de Maurice Crouzet, refere-se a Khaldun em termos que bem mostram o seu valor excepcional: "... a obra de Ibn Khaldun é atualmente considerada um dos píncaros do pensamento medieval, ultrapassando mesmo, sob vários aspectos, a força intelectual de um Tomás de Aquino". Recentemente, os estudiosos José Khoury e Angelina Bierrenbach Khoury, empreenderam a grandiosa tarefa de verter para a nossa língua a obra fundamental de Khaldun, com o título de *Os Prolegômenos ou Filosofia Social*.

Em três alentados volumes, essa obra representará, em sua primeira tradução brasileira, direta do árabe, notável contribuição para o nosso patrimônio cultural. Em francês, houve uma tradução de Khaldun, feita por De Slane, e que o Prof. Gabrielli, da Universidade de Roma, especialista em literatura árabe, acha que deve ser revista. O Barão Carra de Vaux exclama, diante da obra de Khaldun: "Nunca espírito algum teve concepção mais nítida do que pode ser a Filosofia da História".

Encontramos na obra do casal Khoury uma relação dos trabalhos de Khaldun, feita por vizir Liçan ud-Din Ibn Al-Khatib, que revela as incursões do filósofo por vários ramos da Filosofia. Infelizmente, são obras que se perderam. Mas vejamos do que tratavam: Comentário do *Burda*, de Al-Bosire, poema célebre em louvor de Maomé; *Talkhis*, ou *Epítome da Muhassal*, suma teológica do imame Fkhr ud-Din Al-

Razi; *Matemática*, tratado; e, por fim um *Comentário* ao poema do vizir Ibn Al-Khatib, em verso técnico (rajaz), contendo uma exposição dos princípios fundamentais da jurisprudência.

É pena que não tenhamos essas obras, sobretudo as referentes a Averróis, de tamanho interesse na filosofia medieval européia, e o tratado de Lógica. De qualquer maneira, a referência serve para mostrar a extensão do pensamento de Ibn Khaldun, não obstante seus prolegômenos à História dos Berberes sejam suficientes para lhe dar uma posição excepcional no pensamento árabe medieval.

Conhecemos a importância dos árabes na filosofia ocidental. A Europa medieval disputava sobre os gregos, e particularmente sobre Aristóteles, dispondo apenas de textos fragmentários da sua lógica. Platão, cuja inspiração dominava, era conhecido através do Neoplatonismo. Foram os árabes que revelaram os gregos à Europa, não só através dos textos mais completos, como também de seus minuciosos comentadores.

A Espanha islamizada foi o centro poderoso dessa transmissão cultural. Basta lembrar o colégio de tradutores do Arcebispo de Toledo, onde Cremona, Hispano, Gundisalvi e outros se empenhavam na versão de obras aristotélicas do Árabe. Na Sicília, por outro lado, Frederico II mantinha Miguel Scot e outros tradutores a serviço da versão de obras gregas e árabes para o Latim. A partir do século XII, e por todo o século XIII, esse trabalho se acelera, impregnando o Ocidente com a filosofia clássica helênica e sua interpretação árabe. Os fatos históricos que originaram esse surto são a invasão moura e as Cruzadas.

Os árabes, aliás, se apresentaram à Europa numa posição de indiscutível superioridade cultural. Haviam desenvolvido sua filosofia no correr de três séculos, do IX ao XII, na mesma linha histórica do Ocidente, ou seja, na base da fusão da filosofia grega com a Religião. Enquanto a Patrística se empenhava em harmonizar o Platonismo com o Cristianismo, os árabes especulavam sobre o Corão, utilizando a lógica grega. Mas, como dispunham de textos gregos muito mais abundantes, e se encontravam num período de expansão territorial, em contato com várias culturas, não sofrendo portanto o enclausuramento do medievalismo europeu, libertaram-se mais rapidamente da influência confessional. Não obstante o dogmatismo islâmico não fosse menor que o cristão, os árabes, de mente arejada pelo trato com o vasto mundo, encaminharam-se mais facilmente para a liberdade filosófica. Assim, apareceram na Europa, segundo se costuma dizer, como os verdadeiros professores de Filosofia do mundo ocidental.

Que isso, porém, não fira a suscetibilidade dos que tanto se orgulham da supremacia da cultura ocidental, e particularmente da forma cristã de civilização. No fundo, a invasão moura e as Cruzadas não foram mais do que formas um tanto rudes, mas eficientes, de restabelecimento de laços familiares entre Ocidente e Oriente. Mouros e cris-

tãos são primos espirituais, e até mesmo consangüíneos. Espiritualmente, descendem daquilo que Toynbee define como a fusão de uma onda grega de Cultura com uma onda siríaca. São filhos de Atenas e Jerusalém.

Da cidade de Davi (Davi fez de Jerusalém o centro político e religioso do seu reinado ao construir seu palácio no mais alto dos montes em Jerusalém - Sião, a cidade de Davi) hauriram a seiva teológica, que reelaboraram nos *Evangelhos* e no Corão, enquanto os judeus faziam o mesmo no Talmude (O Talmude é uma compilação, que data de 499 d.C., de leis e tradições judaicas, consistindo-se em 63 (sessenta e três) tratados de assuntos legais, éticos e históricos). Da cidade de Péricles hauriram o *pneuma* grego, esse sopro do espírito que tão intimamente se fundiu, nuns e noutros, com a *ruach* hebraica (Ruach: na Bíblia hebraica (Velho Testamento), o termo hebraico Ruach Hakodesh é usado muitas vezes, ele é traduzido literalmente como Espírito Santo), para a formação das almas cristãs e islâmicas. Pelo sangue, irmanam-se através das linhagens pós-diluvianas de Sem e Jafé (Gênesis – Cap. 10.1 – Filhos de Noé: Sem, Cam e Jafé). Não é pois de admirar que nesse episódio familiar da Idade Média os judeus também participem do auxílio dos árabes às obscuras populações feudais, ajudando a versão das obras gregas.

Aliás, o encontro da filosofia árabe com a européia, como já foi assinalado, causou ao mesmo tempo a surpresa das novidades e o sabor dos reencontros. Se os árabes traziam de novo a atitude islâmica, traziam também de comum os fundamentos greco-cristãos de sua formação espiritual, e particularmente a herança neoplatônica aristotelizada.

Através da Espanha, Alfarabi, Avicena e Algazel lançaram os primeiros e poderosos impactos no pensamento europeu. Avicena, ou Ibna Sinah, exerceu prontamente um fascínio extraordinário sobre o pensamento cristão do século XII, a ponto de se falar de um avicenisimo latino nos fins dessa centúria. A cosmogonia de Avicena parece ter sido, como assinala Gilson, o principal motivo desse grande sucesso. Mas depois dele surge Averróis ou Ibn Roschd, nascido em Córdoba em 1126, que marca um momento de plena libertação filosófica do pensamento árabe, com relação ao conteúdo religioso. Ao contrário de Avicena, Averróis encara Aristóteles como o filósofo por excelência, ou a própria Razão encarnada. Sua doutrina exerce um fascínio mais duradouro que a de Avicena, e Siger de Brabant, professor da Universidade de Paris, torna-se no século XIII o representante máximo do Averroísmo latino.

Averróis conserva o seu prestígio até fins do século XIV, e sua posição filosófica anti-religiosa, negando inclusive a imortalidade da alma, embora sem negar a transcendência da inteligência, emanação da Razão Suprema, que por isso mesmo não pertence à alma individual perecível, terá profundas repercussões futuras. Não obstante se reconheça que os árabes influíram mais sobre os empiristas da Renascença

através de sua Física, sua Medicina e sua Astronomia, é inegável que o Averroísmo teve também a sua parte na rebelião baconiana.

Mas ao lado dos árabes, além dos tradutores judeus, aparecem também os seus filósofos: Avicbron ou Ibn Geribol, no século XI, e Moisés Maimonide, médico e teólogo do século XII. Ambos neoplatônicos, filiados ao sistema emanatista (Panteísmo emanatista. Esta concepção é a de Plotino, segundo a qual Deus, ou o Uno primitivo, gera necessariamente, em virtude de sua própria natureza, todos os seres do universo. Todo o universo emana (ou sai), pois, de Deus e não é mais do que uma espécie de explicação de Deus. Este panteísmo absorve Deus no mundo) que já dominava entre árabes e cristãos, como herança da era helenística. Essas influências árabes e judaicas ameaçaram o dogma judeu-cristão da criação do mundo, principalmente com a doutrina plotínica da processão. Era pois inevitável um conflito entre a filosofia árabe-judaica e a teologia cristã, conflito aliás já definido com relação à substância neoplatônica daquela Filosofia.

Nos começos do século XIII, logo após a constituição oficial da Universidade de Paris, a influência árabe-judaica se acentua, mas alguns anos mais tarde Alberto Magno e São Boaventura dão o alarme contra a sua natureza herética. A Escolástica se defendia, assim, dos germens revolucionários do Oriente, mas a corrente averroísta, com Siger de Brabant à frente, assegura a continuidade de sua influência, que prepara surdamente o advento do racionalismo cartesiano e do empirismo baconiano.

Cumprida a sua missão civilizadora na Europa, em auxílio aos filhos de Jafé, os árabes, filhos de Sem, vão agora socorrer os seus irmãos da África, os filhos de Cam. Expulsos da Espanha, sobreviventes da destruição do Reino de Granada, os árabes e os judeus levaram ao Magrebe (O Magrebe, identificado geralmente com a parte ocidental da África do Norte, engloba a região deste continente a norte do deserto do Saara) a sua profunda ação civilizadora. O último dos grandes escritos muçulmanos de Granada é Lisan ad-Din, mas a literatura árabe, como informa Claude Cahen, continuará brilhando no Magrebe, através de dois historiadores: Ibn Batuta, o Marco Pólo árabe, natural de Tanger, e Ibn Khaldun, o filósofo da História, predecessor de Saint-Simon e Augusto Comte, natural de Tunes. Não fosse a desumanidade escravagista dos europeus, estabelecendo o tráfico negro no continente que se erguia ao impulso da cultura árabe e a África de hoje nos apresentaria um panorama cultural bem superior ao atual.

### **O ETERNO E O PERECÍVEL**

Ibn Khaldun pertence a uma linhagem árabe que, segundo suas próprias informações, provém da tribo árabe de Iaman, no Hadramut. Através de seu longínquo antepassado Uail Ibn Hojr, que fora companheiro do Profeta, gozava da bênção de Alá. Os Banu Khaldun, descendentes de Uail, constituíram em Sevilha a linhagem direta de que nasceu o filósofo. O episódio da bênção merece ser reproduzido. Servimo-nos da excelente tradução do casal Khoury. Conta Khaldun, baseado no relato do historiador Ibn Abdal-Barr:

*Uail foi prestar sua homenagem ao Profeta, e este, tendo estendido no chão a sua capa, fê-lo sentar em cima dela e disse: Grande Deus! derramai vossas bênçãos sobre Uail e sobre seus filhos e os filhos dos seus filhos até o dia da ressurreição.*

Ibn Khaldun revela profundo apego à cosmogonia islâmica. Não figura, pois, entre os filósofos árabes da última fase, que fizeram a separação dos elementos místicos e racionais, característica do Averroísmo. Não obstante, sua posição parece tipicamente neoplatônica, e portanto emanatista. Poderíamos assim ligá-lo à linhagem de Avicena. Vejamos o seu prefácio dos *Prolegômenos* – sempre na tradução do casal Houry -, num emocionante apelo e louvor ao Altíssimo:

*Em nome de Alá misericordioso e clemente.*

*Eis o que diz Adb-ur-Ruhman Ibn Khaldun, nativo de Hadramut, pobre servidor de Alá, que pede misericórdia a seu Senhor, que já de antemão o cumulou de benefícios. Que Deus Altíssimo lhe dê amparo e sucesso.*

*Louvores a Deus, a quem pertencem a glória e poderio e que tem em suas mãos os reis e os impérios, e que se reveste de nomes magníficos e atributos excelsos! Ser onisciente para quem nada é oculto do que revela a palavra ou sussura o silêncio! Ser todopoderoso, a Ele nada resiste e nada escapa, tanto nos céus como na terra. Foi Ele que da terra nos formou, soprando-nos a vida, como foi Ele que no-la entregou para fazê-la crescer, formando raças e gerações, e nos permite que encontremos nela com facilidade a própria subsistência e o quinhão de cada dia!*

*Contidos, como fomos, primeiro no seio materno, ou encerrados, depois, em moradias e habitações, à Sua bondade devemos o sustento e a vida! E, enquanto a existência de todos os seres é, dia a dia, votada ao desgaste, e as instituições humanas têm um termo inexorável fixado no livro do Destino, o Eterno goza de permanência e estabilidade!*

Apesar de seu apego à cosmogonia islâmica, de que dá longas descrições nos *Prolegômenos*, para explicar os fundamentos metafísicos da sociedade humana, vê-se que os elementos gregos estão presentes nessa concepção enunciada no trecho que reproduzimos. Khaldun oferece também uma psicologia curiosa, em que os elementos religiosos se misturam com elementos aristotélicos, denunciando sua filiação à fase de conciliação da razão e da fé, no Islamismo. Há um contraste permanente de Idealismo e Positivismo no seu espírito. Contraste sem dúvida curioso, mas que é comum a todos os que, no ambiente místico do Medievalismo, tentavam alcançar o conhecimento positivo.

Este contraste se apresenta, por exemplo, muito claro nas razões metafísicas da vida social, que acabam se transformando em razões puramente físicas. Khaldun explica que Deus criou o Homem e “lhe deu uma forma que não pode subsistir sem alimento”. A intenção

de Deus é fazer que o Homem procure o alimento, e por isso lhe deu também “um impulso inato” e o dotou de capacidade para essa busca. Mas o Homem sozinho não pode utilizar-se eficientemente dessa capacidade, porque a preparação do alimento exige o concurso de outros.

Khaldun lembra ainda a necessidade de defesa. Deus dotou alguns animais de muito maior força que o Homem, mas deu a este a inteligência, que lhe permite vencê-los. Entretanto, os homens todos possuem a mesma capacidade de agressão e defesa. Assim, as lutas entre eles são inevitáveis, determinando necessariamente o agrupamento humano. Além da inteligência, Deus dotou o Homem de mãos. Estas, submetidas à inteligência, funcionam de maneira a substituírem no Homem os membros dados aos animais. “Assim – diz Khaldun -, temos as lanças, que substituem os chifres e servem para atacar; as espadas, que, como as garras, servem para ferir; temos escudos, para prestarem o serviço que, nos animais, prestam as peles duras e grossas, sem falar de outros objetos cuja enumeração pode ver-se no livro de Galeno, *Sobre o Uso dos Membros*”.

A conclusão é a de Aristóteles: o Homem é um animal político. Mas Khaldun não diz assim, preferindo dizer: *O Homem é, por natureza, cidadão*. Os tradutores acham que essa é a forma de Khaldun chegar à raiz etimológica de *político*, ou seja, a *pólis*. E realmente é, porque ele mesmo se incumbe de levar o leitor à raiz da palavra, para depois confrontá-la com o termo árabe *umran*, que exprime os vários fatos sociais de agrupamento humano, desde a Sociedade até o Estado e a própria Civilização.

Vê-se que Khaldun procede por dedução aristotélica: desce da vontade divina para as necessidades humanas. E uma vez provado ou demonstrado que o Homem tem de viver em sociedade, por motivos que são ao mesmo tempo divinos e humanos, prova Khaldun a necessidade da *Ciência de Umran*, ou seja, de uma ciência do social. E como o social, ou o *umran*, é um fenômeno sensível, embora remotamente determinado pelo inteligível, conclui que essa ciência deve ser rigorosamente objetiva.

Uma demonstração evidente da objetividade aplicada por Khaldun está no problema religioso da profecia. Tentemos explicá-lo. Os homens reunidos em sociedade precisam de uma entidade controladora, de um “moderador”. Porque o Homem, “como animal, é inclinado por natureza à hostilidade e à violência”. O moderador precisa ter mão firme, força e autoridade, para controlar o *umran*. Alguns filósofos entendem que o mesmo acontece entre alguns animais, como os gafanhotos e as abelhas. Mas é necessário compreender que entre os animais tudo se passa em consequência “de sua organização primitiva e da direção divina”. Não se trata, pois, de produto da reflexão. Porque, segundo o Corão: “Alá deu a todos os seres uma natureza especial, e em seguida os dirigiu”. Como se vê, o Deus de Khaldun é o muçulmano e não qualquer dos deuses da filosofia grega. É o mesmo

Deus dos cristãos, que provém da concepção judaica: um deus atuante, participante, atento a todas as coisas e a todos os fatos, ouvindo tanto a palavra quanto o silêncio dos homens.

Mas depois de estabelecer a diferença entre os animais e os homens, Khaldun lembra que os filósofos exageraram, ao dizer que a profecia é uma qualidade inerente ao Homem, e que o “moderador” social deve ser um profeta, que todos o aceitem na plenitude da sua autoridade divina. Isso é simplesmente absurdo, e não há nenhuma prova real de tal coisa. Tanto assim, diz Khaldun, que os pagãos, mais numerosos que os homens que vivem sob a revelação, “tiveram dinastias, deixaram monumentos de sua potência, e, com mais razão, existiram”. Não sendo guiados pela profecia, entretanto não ficaram ao léu. Porque as funções de profeta se limitam à prescrição de leis, e “um concurso eficaz, uma direção certa, somente se encontram em Alá”. A conclusão, como sempre, é do Corão. E assim se vê que pode existir *umran* sem profecia. O que vale dizer que pode existir sociedade sem religião revelada, sem a intervenção de Deus por meio de seus enviados.

Esta é uma conclusão que pode mesmo parecer anti-religiosa, ou pelo menos contrária à eficácia da intervenção divina no meio social. O confronto com os animais chega a dar a impressão de que o Homem, em certo estado da vida social, pode ficar desprovido da providência que dirige àqueles e da orientação profética. Mas não é assim. Khaldun apenas demonstra, de maneira científica, pela observação, e o prova pelo exemplo histórico, que o Homem desprovido da graça da profecia também se dirige pela vontade de Alá. Mas a vontade de Alá não tira à sua análise o sabor científico, a natureza objetiva. Por mais que se interesse pela Religião, e por maior que seja a sua fé em Alá, o filósofo sabe ver as coisas como elas são, e não como deviam ser ou como ele mesmo queria que fossem.

Este, a nosso ver, é um dos momentos mais importantes do pensamento de Khaldun, em que ele coloca o problema sociológico, numa antecipação simplesmente vertiginosa quanto aos criadores da Sociologia, fora do âmbito nebuloso das cogitações teológicas. Sua posição é também saborosamente semelhante à de Descartes: deixar a profecia para os que são “mais do que homens”, e tratar de ver como vivem os que são “simplesmente homens”. Para isso, ele não precisou negar a Divindade, e nem mesmo a sua intervenção no mundo. Não fosse a evidência do religiosismo de Khaldun, poderíamos dizer que ele aplicou aqui um dos golpes de florete do filósofo-espada-chim do Cristianismo.

Vemos assim que o contraste que assinalamos, entre Idealismo e Positivismo, se resolve pela simples aplicação do bom senso. E ainda aqui há uma antecipação curiosa da posição de Descartes. O Eterno permanece na sua imobilidade eleática, enquanto embaixo o perecível se desgasta, as coisas passam sem cessar, na fluidez do fogo heracliti-



ano. O inteligível e o sensível de Platão se apresentam como as substâncias cartesianas, cada qual em seu plano. Mas Khaldun estabelece, através do conceito islâmico da graça, que é o mesmo conceito cristão, o meio pelo qual as substâncias se conjugam. Porque: “Alá é quem ajuda os homens por sua graça”, e quando se trata dos outros seres: Alá lhes deu uma natureza especial e os dirige. A graça e o poder de Alá resolvem todas as coisas. Mas sempre depois que Khaldun, paciente e habilmente, encontrou a solução, que está sempre no bom senso.

### ESTÁGIOS DA VIDA SOCIAL

O objetivo da História, para Khaldun, não é o simples relato de ocorrências e fatos, mas: “fazer-nos compreender o estado social do Homem, isto é, a Civilização, e explicar-nos os fenômenos que estão ligados naturalmente a ela...” Este é outro dos pontos importantes do seu pensamento, que o colocam muito acima da sua época. Magnino, em sua *História da Sociologia*, admira-se de Khaldun haver comprovado a influência do meio físico no desenvolvimento social, com observações que recordam Montesquieu, mas não pretende afirmar que ele seja um precursor da Sociologia. Acrescenta que também Vitruvius e Hipócrates se ocuparam dessas questões, através de “vagas intuições”.

Mas o que encontramos em Khaldun não são apenas intuições, e muito menos vagas. São constatações, comprovadas com exemplos, decorrentes de suas longas observações das sociedades da época. A verdade é que Khaldun, como diz Cahen, é o primeiro escritor que se propõe a encarar a sociedade como o sociólogo moderno, através de estudo científico e não de simples considerações morais e normativas.

O estudo da sociedade magrebina (Magrebino: do Magreb – conjunto dos países do NO da África (Argélia, Líbia, Marrocos, Mauritânia e Tunísia), situados entre o Mediterrâneo e o Saara) vai lhe proporcionar uma visão interessante dos estágios da vida social e dos motivos objetivos que os determinam. Mas Khaldun não se contenta em elaborar uma nova ciência, da qual, aliás, se jacta com a alegria de uma criança que descobriu um novo brinquedo. Porque o seu tempo está cheio de histórias e historiadores, e ele sabe que, para construir num terreno inseguro, em que tantas invenções são aceitas, é preciso primeiro limpar o terreno. É o que ele se põe a fazer, com a sua curiosa teoria da mentira. Através dela, mostrará como a mentira se infiltra na História, e conseqüentemente como se deve evitar que isso aconteça.

Primeiro, Khaldun aponta “o apego dos homens a certas opiniões e a certas doutrinas”, apego que não permite a serenidade de espírito, e, portanto a imparcialidade e a objetividade. A seguir, adverte contra a confiança ingênua nos relatos dos informantes. Depois, a falta de conhecimento dos objetivos dos “atores dos grandes acontecimentos”; a facilidade com que o Homem se considera na posse da verdade; a ignorância das relações existentes entre os acontecimentos e as circunstâncias; a tendência à bajulação dos personagens ilustres e impor-

tantes; e, por fim a ignorância da natureza dos fenômenos “que nascem da Civilização”.

Neste ponto, que é sumamente importante, como se vê, Khaldun esclarece, com uma precisão que antecede até mesmo Durkheim: “Tudo o que acontece, seja espontaneamente, seja por efeito de uma influência exterior, possui um caráter próprio, tanto na sua essência quanto nas circunstâncias que o acompanham”.

Dissemos que Khaldun se jacta com alegria infantil da sua descoberta, e vimos que tem razões para isso. Vejamos agora, através de suas próprias palavras, na tradução do casal Khoury, como ele coloca o problema da sua nova ciência: “É uma Ciência Nova e *sui-generis*, porque tem um objeto próprio, que é a Organização Social e a Civilização, e porque trata ordenadamente de muitas questões que servem de explicação para a sucessão dos fenômenos que se produzem no organismo social e que são devidos à mesma essência da sociedade. Tal é o caráter de todas as ciências, tanto as que se apóiam sobre a autoridade, como as que se fundam sobre a razão”.

Os tradutores advertem que a tradução literal da última frase seria: “quer impostas, quer intelectuais”. Note-se a precisão com que ele expõe a sua descoberta, definindo-lhe o objeto, a necessidade de método apropriado ou tratamento ordenado dos problemas, para a consecução de um objetivo determinado. Além disso, sua observação quanto à especificidade (exclusivo de uma coisa ou espécie) dos fenômenos sociais é uma antecipação genial.

O leitor pouco familiarizado com os problemas sociológicos poderia supor que estamos exagerando. Mas os que conhecem o assunto sabem que a noção de especificidade em Sociologia só apareceu nitidamente com Durkheim. Antes disso, mesmo em Comte, vemos a Sociologia influenciada e envolvida por conceitos estranhos à sua natureza, apesar de se atribuir geralmente a Saint-Simon o conceito de autonomia da nova ciência. Durkheim foi mais longe, atribuindo a descoberta da especificidade aos enciclopedistas. Cuvillier adverte, entretanto, que a concepção dominante até Saint-Simon é de inspiração biológica.

Somente o médico Buchez, apesar de médico, vai perceber que o social difere do individual e por isso não pode ser tratado de maneira idêntica: o social se refere à espécie. Comte tem o mérito de haver colocado o problema da autonomia da Ciência Social, mas primeiro a confundiu com a Física e depois não conseguiu ultrapassar a meia-libertação de Buchez, pois, como bem acentua Cuvillier, a concepção comteana é ainda biológica, no plano da espécie. A seguir, temos noções psicológicas, como a de Gabriel Tarde, e assim por diante. O assunto é pacífico e só nos referimos a ele para mostrar a importância da concepção de Khaldun. Se a sua obra tivesse sido conhecida na Europa em seu tempo, como foram as dos demais filósofos árabes medievais,

a Sociologia não teria sido, como assinalou Comte, a última ciência a se formar.

Aliás, Khaldun esmiúça o problema, deixando bem clara a necessidade de se considerar a sua descoberta, a sua Ciência Nova, que para ele é a própria História, um problema específico e uma ciência autônoma. Começa esclarecendo que ela nada tem de comum com a Retórica ou a Lógica, nem com a administração. E após enumerar vários exemplos curiosos de falta de compreensão do fato social em si, com velada ironia, conclui: “Devido somente à graça divina é que adquirimos estes conhecimentos, e não os devemos nem aos ensinamentos de Aristóteles, nem às lições de nenhum Mubadan”.

Pode dizer-se que Khaldun confunde História e Sociologia, mas não se pode negar a relação entre ambas. E é o próprio Khaldun quem responde a essa objeção, quando afirma: “A Ciência que nos ocupa não oferece vantagem senão para a ciência da História, como já se observou, e não obstante a nobreza dos assuntos que apresenta à meditação e ao estudo, as questões relativas à sua essência e circunstâncias próprias, é forçoso confessar que os resultados positivos do Novo Sistema oferecem somente fraco atrativo, por se limitarem à simples verificação dos informes. Esta é talvez a razão de terem deixado os sábios de cuidar deste assunto”.

Mais uma vez deparamos aí com a ironia de Khaldun, pois é evidente que a sua Nova Ciência não se reduz apenas à verificação dos informes, uma vez que ele mesmo propõe o estudo acurado, rigoroso e objetivo, das circunstâncias, do meio, das condições históricas, e assim por diante. Mas é evidente que o problema da especificidade ficou bem claro. A História trata do social e dele decorre; logo, a Ciência Nova do social a ela se aplica e deve ser aplicada.

Durkheim escreveu na *Revue Philosophique* de dezembro de 1897: “Consideramos fecunda esta idéia de que a vida social deve ser explicada, não pela concepção que dela fazem os que dela participam, mas pelas causas profundas que escapam à consciência, e pensamos também que essas causas devem ser procuradas principalmente na maneira por que se agrupam os indivíduos associados. Parece-nos mesmo que é sob essa condição, e somente sob ela, que a História pode tornar-se uma ciência e a Sociologia, por conseguinte, existir”. Não vemos aqui a mesma posição de Khaldun, e quase que a sua mesma linguagem? Mas não nos esqueçamos de que Durkheim estava então lutando, em 1897, para convencer seus opositores dessa verdade, que Ibn Khaldun já havia proclamado no século XIV!

Tratemos agora do problema dos estágios da vida social, segundo a classificação que nos oferece Khaldun. O Estado Social, como ele o chama, apresenta dois aspectos: a vida nômade e a vida sedentária, ou “em morada fixa”. A primeira se passa nas planícies e nas montanhas; a segunda, nas capitais, nas cidades, nas aldeias ou burgos. “Em todas estas circunstâncias – adverte – o Estado Social sofre modi-

ficações essenciais, nascidas da mesma reunião dos indivíduos em sociedade”. A seguir, Khaldun desenvolve a sua tese em sucessivos capítulos do Livro II, numa colocação marxista dos problemas da evolução social. Começa notando que as diferenças entre os povos, quanto aos seus usos e instituições, decorrem da produção, ou “do modo como cada um deles costuma prover a sua subsistência”, ou ainda “na aquisição dos meios de viver”. A seguir, esclarece que os homens começam por procurar o necessário, mas depois passam a satisfazer “certas necessidades fictícias, para em seguida desfrutarem uma vida em abundância”.

A evolução da sociedade resulta do aumento contínuo da produção graças à combinação melhor dos esforços mútuos dos homens, o que equivale evidentemente à divisão do trabalho. As roupas, os objetos, os alimentos, as casas, tudo melhora. Estas chegam a se transformar em castelos cercados de muralhas, “com pátios adornados de charizes e águas murmurantes”. A divisão do trabalho aparece mais nítida neste trecho: “Entre eles, uns exercem um ofício para viver, outros se ocupam de comércio, e pelos grandes lucros que dele retiram, passam à riqueza e ao bem-estar”. Isso nas cidades. Nos campos, os homens vivem livres da preocupação de pobreza. Os estados citadino e camponês são naturais e necessários.

Verificamos assim que Ibn Khaldun leva um tropeção inesperado, e cai fora da realidade. Seu objetivismo desaparece, quando encara a evolução social como a produção de riquezas para todos, na cidade e no campo. Seu mundo real se converte na utopia platônica.

Mas logo no capítulo seguinte o filósofo revela a sua candura. De fato, houve um momento de sonho. No entusiasmo do Homem que deseja o bem da Humanidade, ele se esqueceu da corrupção dos cidadãos através do luxo. Então volta atrás para demonstrar que os cidadãos se tornam maus, pervertidos e poltrões, enquanto a vida no campo conserva a pureza da alma e desenvolve a coragem. Isso porque “as coisas que os homens criam dão-lhes novas faculdades, uma segunda natureza, que substitui a natureza inata”. A seguir, demonstra que a sujeição às autoridades enfraquece os cidadãos, enquanto o espírito de clã, que une os homens pelos liames de sangue, “ou coisa semelhante”, estimula a solidariedade e o devotamento. Khaldun chega ainda a examinar um problema que recentemente foi objeto de estudos especializados na Organização das Nações Unidas: o da pureza racial. E conclui quase da mesma maneira que os *experts* das Nações Unidas, ou seja: a pureza das raças desapareceu com a mistura dos povos. Entretanto, Khaldun admite a pureza racial dos árabes que vivem nos desertos, porque: “Nenhum indivíduo pertencente a outra raça deseja compartilhar a sua sorte e sujeitar-se à semelhante vida”.

Em tudo isso, notamos uma mescla de ingenuidade e de observação. Mas não resta dúvida que mesmo na ingenuidade o filósofo mantém o seu cuidado de observador. Não foi capaz de ver, por exem-

plo, que ao enriquecimento dos cidadãos, principalmente pela exploração comercial, que ele bem acentuou, acarreta o empobrecimento das populações rurais. Nem viu, também, a existência de classes desfavorecidas nas próprias cidades. Mas a sua fé pode ter sido responsável por isso, uma vez que Alá tudo sabe e tudo guia, e denunciar injustiças sociais podia ser heresia.

Por outro lado, sua análise das condições sociais tinha apenas o objetivo da verificação da estrutura, que certamente o seu espírito aceitava como um dado positivo, ou como uma “coisa”, para usarmos a expressão de Durkheim. Ou ainda porque a sua própria vida de estadista, de homem de posição, não lhe permitia perceber a injustiça das diversidades sociais.

Mas o que importa em Ibn Khaldun é a sua extraordinária antecipação de pontos essenciais da ciência social, a sua capacidade de enxergar e proclamar, numa época em que a História era ainda uma simples arte, quase sempre de adulação, a necessidade de transformá-la numa ciência positiva, destinada a auxiliar o desenvolvimento social e a solução dos problemas sociais.

O que oferecemos aqui é apenas um apanhado de aspectos de sua obra imensa, uma pequena mostra do seu poderoso espírito, que ao mesmo tempo revela a penetração do gênio, a candura das criaturas simples e a ironia das inteligências lúcidas. Não nos esqueçamos, porém, de que sua *História dos Berberes* é um vasto panorama da cultura islâmica, incluindo o Império do Magrebe e as fundações imperiais dos árabes no Egito e na Espanha.

Também a sua *História dos Árabes* se desenvolve em perspectivas universalistas, abrangendo os nabateus, os assírios, os persas, os israelitas, os coptas, os gregos, os turcos e os romanos. Ibn Khaldun é um mundo desconhecido. Dos fins da Idade Média, do Magrebe distante e obscuro, ele ergue a cabeça sobre o século XX como um gênio telúrico, que ao mesmo tempo visualiza o futuro e, à maneira de Demócrito, ou talvez de Voltaire, sorri das tolices humanas.

A vida de Khaldun não é menos empolgante do que a sua obra. Cheia de lances grandiosos e fatos surpreendentes, parece mais um dos contos das *Mil e Uma Noites*, do que uma biografia. Não, porém, que os biógrafos exagerassem, mas porque assim estava escrito no Livro do Destino, e porque ele foi, de fato, um personagem do mundo de Xarazada.

Participou de cortes esplendentes, exerceu as altas funções de *cádi maliquita* no Cairo, viajou por terras e mares do Oriente e do Ocidente, estudou com os mais respeitáveis doutores e sábios do Islão, contemplou o mundo e observou os homens, vivendo o seu tempo e superando-o, como uma águia que se ergue sobre os últimos cumes da montanha em que tem o ninho, para lançar o seu olhar penetrante além das distâncias. Engrandecemos a Idade Média e o pensamento medie-

val, ao incluirmos este árabe, embora de maneira canhestra, entre os seus grandes filósofos.

\*

## **AS CRUZADAS E O FIM DA IDADE MÉDIA**

### **AS PRIMEIRAS CRUZADAS**

#### **Livro: A Caminho da Luz. Emmanuel**

Reportando-nos ao século XI, as Cruzadas nos merecem especial referência, dados os seus movimentos, característicos da época.

Desde Constantino que os lugares santos da Palestina haviam adquirido considerável importância para a Europa ocidental. Milhares de peregrinos visitavam anualmente a paisagem triste de Jerusalém, identificando os caminhos da Paixão de Jesus, ou os traços da vida dos Apóstolos. Enquanto dominavam na região os árabes de Bagdá ou do Egito, as correntes do turismo católico podiam buscar, sem receio, as paragens sagradas; mas a Jerusalém do século XI havia caído sob o poder dos turcos, que não mais toleraram a presença dos cristãos, expulsando-os dali com a máxima crueldade.

Semelhantes medidas provocam os protestos de todo o mundo católico do Ocidente e, no fim do referido século, preparam-se as primeiras cruzadas em busca da vitória contra o infiel. A primeira expedição que saiu dos centros mais civilizados, sob o comando de Pedro, o Eremita, não chegou a ausentar-se da Europa, dispersada que foi pelos búlgaros e húngaros. Todavia, em 1096, Godofredo de Bouillon com seus irmãos e Tancredo de Siracusa e outros chefes, depois de se reunirem em Constantinopla, demandaram Nicéia, com um exército de 500.000 homens. Depois da presa de Nicéia, apoderaram-se de Antioquia, penetrando em Jerusalém com a palma do triunfo. Ali quiseram presentear Godofredo de Bouillon com a coroa de rei, mas o duque da Baixa Lorena parecia rever o vulto luminoso do Senhor do Mundo, cuja fronte fora aureolada com a coroa de espinhos, e considerou sacrilégio o colocarem-lhe nas mãos um cetro de ouro, quando o Cristo tivera, tão-somente, nas mãos augustas e compassivas, uma cana ignominiosa. Depois de muita relutância, aceitou apenas o título de "defensor do Santo Sepulcro", organizando-se logo em seguida as ordens religiosas de caráter exclusivamente militar, como a dos Templários e a dos Hospitalários.

Os turcos, porém, não descansaram. Depois de muitas lutas, apossaram-se de Edessa, obrigando o papa Eugênio III a providenciar a segunda Cruzada, que, chefiada por Luís VII da França e Conrado III da Alemanha, teve os mais desastrosos efeitos.

### **FIM DAS CRUZADAS**

Em fins do século XII Jerusalém cai em poder de Saladino. Os príncipes cristãos do Ocidente preparam-se para a terceira Cruzada, assinalando-se as vitórias de S. João d'Acre. As lutas no Oriente sucederam-se anos a fio como furacões periódicos e devastadores. A Palestina possuía, até então, os seus recantos maravilhosos de verdura abundante. A Galiléia era um vasto jardim, cheio de perfume e de flores. Mas tantos foram os embates dos exércitos inimigos, tantas as lu-

tas de extermínio e de ambição, que a própria Natureza pareceu maldizer para sempre os lugares que mereciam o amor e o carinho dos homens.

As últimas Cruzadas foram dirigidas por Luís IX, o rei santo de França que, depois da tomada de Damietta, caiu em poder dos inimigos, pagando fabuloso resgate e vindo a desprender-se da vida terrestre em 1270, defronte de Túnis, vitimado pela peste.

Os mensageiros de Jesus, que de todos os acontecimentos sabem extrair os fatores da evolução humana para o bem, buscam aproveitar a utilidade desses acontecimentos dolorosos. Foi por essa razão que as Cruzadas, não obstante o seu caráter anticristão, fizeram-se acompanhar de alguns benefícios de ordem econômica e social para todos os povos. Na Europa a sua influência foi regeneradora, enfraquecendo a tirania dos senhores feudais e renovando a solução dos problemas da propriedade, conjurando muitas lutas isoladas. Além disso, os seus movimentos intensificaram, sobremaneira, as relações do Ocidente com o Oriente, apenas paralisadas mais tarde, em vista da ferocidade dos turcos e dos invasores mongóis.

### **O ESFORÇO DOS EMISSÁRIOS DO CRISTO**

No Infinito, reúnem-se os emissários do Divino Mestre, em assembléias numerosas, sob a égide do seu pensamento misericordioso, organizando novos trabalhos para a evolução geral de todos os povos do planeta. Lamentam a inabilidade de muitos missionários do bem e do amor, que, partindo dos Espaços, saturados dos melhores e mais santos propósitos, experimentam no orbe a traição das próprias forças, influenciados pela imperfeição rude do meio a que foram conduzidos. Muitos deles se deixavam deslumbrar pelas riquezas efêmeras, mergulhando no oceano das vaidades dominadoras, estacionando nos caminhos evolutivos, e outros, como Luís IX, de França, excediam-se no poder e na autoridade, cometendo atos de quase selvajaria, cumprindo os seus sagrados deveres espirituais com poucos benefícios e amplos prejuízos gerais para as criaturas.

Mas, compelidas pelas leis do amor que regem o Universo, essas entidades compassivas jamais negaram do Alto o seu desvelado concurso a favor do progresso dos povos, procurando aperfeiçoar as almas e guiando os missionários do Cristo através dos mais espinhosos caminhos.

### **POBREZA INTELECTUAL**

No século XIII estava definitivamente instalado o governo real, desaparecendo as mais fortes expressões do feudalismo. Cada região européia tratava de concatenar todos os elementos precisos à organização de sua unidade política, mas a verdade é que os meios escassos de instrução não permitiam uma existência intelectual mais avançada.

Os Estados que se levantavam, organizavam as suas construções à sombra da Igreja, que tinha interesse em não dilatar os domínios



da educação individual, receosa de interpretações que não fossem propriamente dela. Os pergaminhos custavam verdadeiras fortunas e o livro era dificilmente encontrado. Até o século XII as escolas estavam circunscritas ao ambiente dos mosteiros, onde muitos padres se ocupavam de avivar a letra dos manuscritos mais antigos, produzindo outros para a posteridade. A Ciência, cuja linha ascensional guarda o seu ponto de princípio na curiosidade ou na dúvida, bem como a Filosofia, que se constitui das mais altas indagações espirituais, estavam totalmente escravizadas à Teologia, então senhora absoluta de todas as atividades do homem, com poderes de vida e morte sobre as criaturas, considerando-se os direitos absurdos do Tribunal da Inquisição, depois do século XIII, quando, sob a inspiração do Alto, já se haviam fundado universidades importantes como as de Paris e de Bolonha, que serviram de modelo às de Oxford, Coimbra e Salamanca.

### **RENASCIMENTO**

A esse tempo opera-se um verdadeiro renascimento na vida intelectual dos povos mais evolidos do mundo europeu. A universidade se constituía de quatro faculdades - Teologia, Medicina, Direito e Artes - reunindo milhares de inteligências ávidas de ensino, que seriam os grandes elementos de preparação do porvir. Rogério Bacon, franciscano inglês, notável por seus estudos e iniciativas, é um dos pontos culminantes dessa renascença espiritual. A Igreja, contudo, proibindo o exame e a livre opinião, prejudicou esse surto evolutivo, máxime no capítulo da Medicina, que, desprezando a observação atenta de todos os fatos, se entregou à magia, com sérios prejuízos para as coletividades. Favorecida pela necessidade dos panoramas imponentes do culto externo da religião e pela fortuna particular, a Arquitetura foi a mais cultivada de todas as artes, em vista das grandes e numerosas construções então em voga. Com a influência indireta dos Guias espirituais dos vários agrupamentos de povos, consolidam-se as expressões lingüísticas de cada país, formando-se as grandes tradições literárias de cada região.

### **TRANSMIGRAÇÃO DE POVOS**

É então que inúmeros mensageiros de Jesus, sob a sua orientação, iniciam largo trabalho de associação dos Espíritos, de acordo com as tendências e afinidades, a fim de formarem as nações do futuro, com a sua personalidade coletiva. A cada uma dessas nacionalidades seria cometida determinada missão no concerto dos povos futuros, segundo as determinações sábias do Cristo, erguendo-se as bases de um mundo novo, depois de tantos e tão continuados desastres da fraqueza humana. Constroem-se os alicerces dos grandes países como a Inglaterra, que, em 1258, organiza os Estatutos de Oxford, limitando os poderes de Henrique III, e em 1265 erige a Câmara dos Comuns, onde a burguesia e as classes menos favorecidas têm a palavra com a Câmara dos Lordes. A Itália prepara-se para a sua missão de latinidade. A Alemanha se organiza. A Península Ibérica é imensa oficina de trabalho

e a França ensaia os passos definitivos para a sabedoria e para a beleza.

A atuação do mundo espiritual proporciona à história humana a perfeita caracterização da alma coletiva dos povos. Como os indivíduos, as coletividades também voltam ao mundo pelo caminho da reencarnação. É assim que vamos encontrar antigos fenícios na Espanha e em Portugal, entregando-se de novo às suas predileções pelo mar. Na antiga Lutécia, que se transformou na famosa Paris do Ocidente, vamos achar a alma ateniense nas suas elevadas indagações filosóficas e científicas, abrindo caminhos claros ao direito dos homens e dos povos. Andemos mais um pouco e acharemos na Prússia o espírito belicoso de Esparta, cuja educação defeituosa e transviada construiu o espírito detestável do pangermanismo na Alemanha da atualidade. Atravessemos a Mancha e deparar-se-nos-á na Grã-Bretanha a edilidade romana, com a sua educação e a sua prudência, retomando de novo as rédeas perdidas do Império Romano, para beneficiar as almas que aguardaram, por tantos séculos, a sua proteção e o seu auxílio.

### **FIM DA IDADE MEDIEVAL**

Do plano invisível e em todos os tempos, os Espíritos abnegados acompanharam a Humanidade em seus dias de martírio e glorificação, lutando sempre pela paz e pelo bem de todas as criaturas.

Referindo-nos, de escantilhão, à nobre figura de Joana d'Arc, que cumpriu elevada missão adstrita aos princípios de justiça e de fraternidade na Terra, e às guerras dolorosas que assinalaram o fim da idade medieval, registramos aqui, que, com as conquistas tenebrosas de Gêngis Khan e de Tamerlão e com a queda de Constantinopla, em 1453, que ficou para sempre em poder dos turcos, verificava-se o término da época medieval. Uma nova era despontava para a Humanidade terrestre, com a assistência contínua do Cristo, cujos olhos misericordiosos acompanham a evolução dos homens, lá dos arcanos do Infinito.

\*

## BIBLIOGRAFIA

1 - EMMANUEL (Espírito). A Caminho da Luz. Psicografia de Francisco Cândido Xavier. Editora FEB-RJ. 20ª. Edição, 1994.

O Consolador. Psicografia de Francisco Cândido Xavier. Editora FEB-RJ. 19ª. Edição. 1998.

2 - KARDEC, Allan. Revista Espírita, 1860 e 1863. Tradução de Júlio Abreu Filho. Editora Edicel-SP.

O Evangelho Segundo o Espiritismo. Tradução de J. Herculano Pires. Edições FEESP, 15ª. Edição, 2001.

Obras Póstumas. Tradução de João Teixeira de Paula. Editora LAKE-SP, 12ª. Edição, 1998.

3 - OS PENSADORES. História da Filosofia. Organizado e redigido por Bernadette Siqueira Abrão. Ed. Nova Cultural- SP. 1999.

4 - PIRES, José Herculano. Os Filósofos. Edições FEESP, 1ª. Edição, 2000.

5 - QUEIROZ, José Fleurí. A Educação Como Direito e Dever. Editora Mundo Jurídico, Leme-SP, 2003.

Código de Direito Natural Espírita. Editora Mundo Jurídico. Leme-SP, 2006.

Suicídio É Ou Não É Crime? Editora Mundo Jurídico. Leme-SP, 2007.

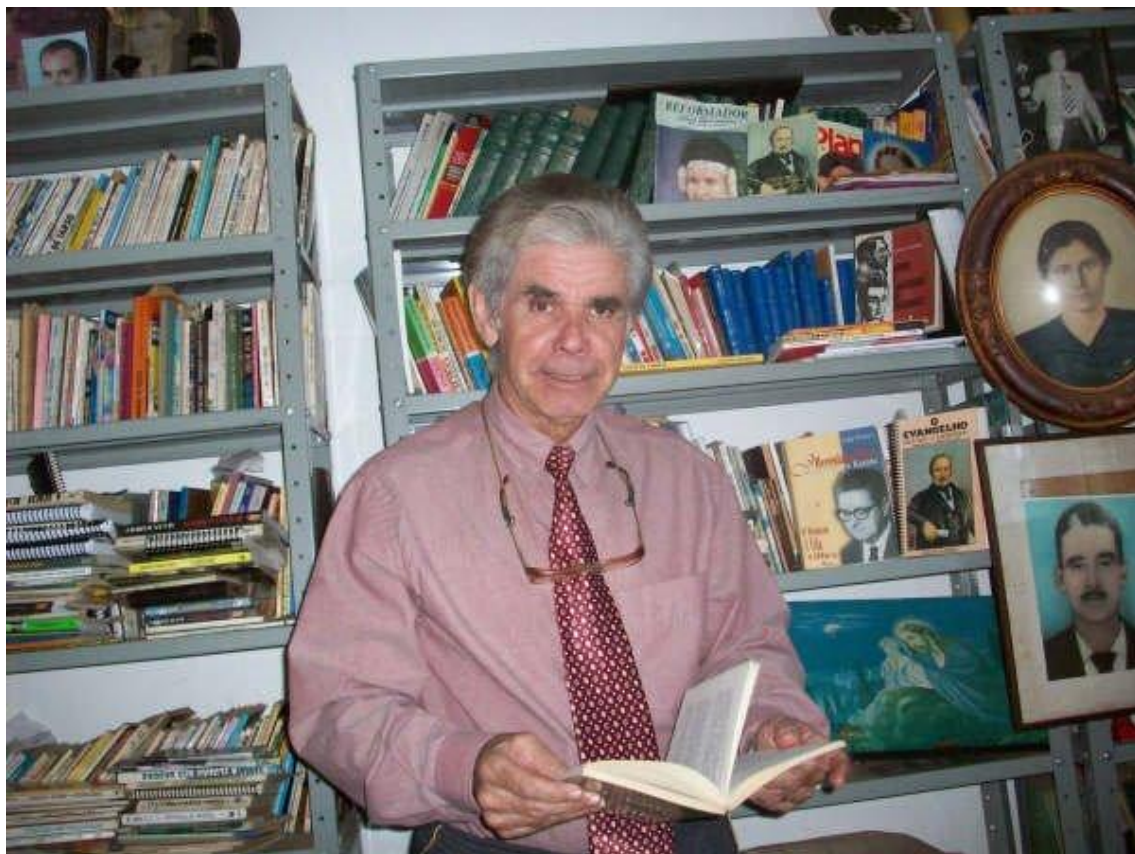
Ciência Médica e Medicina Espírita. Editora Mundo Jurídico. Leme-SP, 2009.

Pena de Duração Indeterminada. Editora Mundo Jurídico. Leme-SP, 2009.

6 - QUEIROZ, Allan Francisco. Suicídio É Ou Não É Crime. Editora Mundo Jurídico, Leme-SP, 2007.

7 - RIZZINI, Carlos Toledo. Educação Para o Terceiro Milênio. Edições Edicel, DF, Vol. I, 8ª. edição, 1990.

8 - SÃO MARCOS, Manoel Pelicas. Noções de História da Filosofia. Edições FEESP, 1ª. Edição, 1993.



## **JOSÉ FLEURÍ QUEIROZ**

### **BIOGRAFIA**

#### **PRIMEIRA DOBRA DO LIVRO**

Na qualidade de Mestre em Filosofia do Direito e do Estado (PUC-SP, 1998), Pós-graduado em Direito Penal – Especialização – (FMU-SP, 1996), Advogado Criminalista, Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil (aposentado, 1991), espírita atuante desde 1975 (de 1975 a 1990, junto à Federação Espírita do Estado de São Paulo, na capital paulista), dirigente do Liceu Allan Kardec (ainda embrião) e do Centro Espírita ‘Sinhaninha’, ambos em Buri-SP, e tendo já lançado os seguintes livros: 1) A Educação Como Direito e Dever à Luz da Filosofia e do Direito Natural (Dissertação de Mestrado – 2.003); 2) Código de Direito Natural Espírita (2.006); 3) Suicídio É Ou Não É Crime? (2.007); 4) Ciência Médica e Medicina Espírita – Mediunidade Curadora (2.009); 5) Pena de Duração Indeterminada (2.009), todos pela mesma Editora Mundo Jurídico, Leme-SP, colocamo-nos sob o dever peremptório de dar prosseguimento à divulgação da maravilhosa Doutrina Espírita, através dos expoentes já fartamente mencionados, que sublimaram a figura incomparável de ALLAN KARDEC, cuja obra, tendo por fundamento os ensinamentos de JESUS CRISTO, jamais será superada.

## FACE EXTERNA DA CAPA TRASEIRA

Relembramos, aqui, a nossa proposta de elaboração de quatro volumes, com o título acima, conciliando, na medida do possível, a Filosofia Espírita e a Filosofia Geral, procurando demonstrar a superioridade, a atualidade e perpetuidade da primeira. Para esse fim, estamos recorrendo, principalmente, às obras de J. Herculano Pires (O Filósofo para o Século XXI) e de Emmanuel (psicografadas por Francisco Cândido Xavier), comprovando que a Doutrina Espírita, elaborada por ALLAN KARDEC, é “A FILOSOFIA”.

Como já afirmado no Volume I – Existencialismo e Interexistencialismo -, esta iniciativa é dirigida, preliminarmente, ao meio acadêmico em geral, ou seja, Faculdades de Filosofia, Direito e congêneres, onde detectamos a necessidade de um novo dinamismo no conteúdo programático das matérias escolares de suas responsabilidades. Por extensão, pretendemos lembrar ao leitor espírita a figura extraordinária de J. Herculano Pires que porfiou bravamente pela pureza doutrinária do Espiritismo, enfatizando seu caráter filosófico, como atestam seus inúmeros livros, principalmente os que foram escritos após ter galgado o título de Mestre em Filosofia, pela Universidade de São Paulo (USP).

Nosso primeiro volume (Existencialismo e Interexistencialismo) demonstrou a parcial identidade da Filosofia Existencial Contemporânea com a Filosofia Espírita, sendo que esta não só corrige aquela, quando necessário, como, também, a extrapola demonstrando e comprovando as relações interexistenciais, isto é, entre os Planos Físico e Espiritual.

Este trabalho parte do início da História da Filosofia, com Tales de Mileto chegando até Ibn Khaldun, sendo intercalados textos de vários autores e, dentre eles, como já dito, de J. Herculano Pires, Emmanuel e Allan Kardec. Tendo por alvo principal a divulgação da Filosofia Espírita, não tecemos nenhum comentário, deixando esse mister para os autênticos escritores e filósofos do futuro.

Pretendemos, nos demais volumes, III e IV, manter o mesmo critério, seguindo a cronologia Histórica da Filosofia: Moderna e Contemporânea.

Na qualidade de Mestre em Filosofia do Direito e do Estado (PUC-SP, 1998), Pós-graduado em Direito Penal – Especialização – (FMU-SP, 1996), Advogado Criminalista, Auditor Fiscal da Receita Federal do Brasil (aposentado, 1991), espírita atuante desde 1975 (de 1975 a 1990, junto à Federação Espírita do Estado de São Paulo, na capital paulista), dirigente do Liceu Allan Kardec (ainda embrião) e do Centro Espírita ‘Sinhaninha’, ambos em Buri-SP, e tendo já lançado os seguintes livros: 1) A Educação Como Direito e Dever à Luz da Filosofia e do Direito Natural (Dissertação de Mestrado – 2.003); 2) Código de Direito Natural Espírita (2.006); 3) Suicídio É Ou Não É Crime? (2.007); 4) Ciência Médica e Medicina Espírita – Mediunidade Curadora (2.009); 5) Pena de Duração Indeterminada (2.009), todos pela mesma Editora Mundo Jurídico, Leme-SP, colocamo-nos sob o dever peremptório de dar prosseguimento à divulgação da maravilhosa Doutrina Espírita, através dos expoentes já fartamente mencionados, que sublimaram a figura incomparável de ALLAN KARDEC, cuja obra, tendo por fundamento os ensinamentos de JESUS CRISTO, jamais será superada.

Buri, 16 de Outubro de 2.009.

José Fleurí Queiroz.

\*

### Dados biográficos do autor

José Fleurí Queiroz, nascido na cidade de Buri-SP, aos 16/10/1941 é Auditor Fiscal do Tesouro Nacional, aposentado em 1991; bacharel em Ciências Contábeis e Atuariais pela Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo – Fundação Álvares Penteado (1966); bacharel em Direito pela Faculdade FKB, de Itapetininga (1973). Pós-graduado em Direito Penal – lato sensu -, pela FMU-SP – Faculdades Metropolitanas Unidas – (1996); Mestre em Filosofia do Direito e do Estado – scric-

to sensu -, pela PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica – (1998). Advogado criminalista e professor universitário, a partir de 1998, nas cadeiras de Direito Penal, Instituições de Direito Público e Privado, Filosofia Geral, Filosofia do Direito e do Estado, Filosofia e Ética Profissional, nas Faculdades de Direito de Itapetininga-SP (FKB) e de Administração de Itapeva-SP (FAIT).

